500 Anos de Brasil

na Biblioteca Nacional

500 Anos de Brasil
na Biblioteca Nacional

apresenta

500 Anos de Brasil

Patrocínio

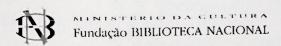
Realização

Colaboração

na Biblioteca Nacional

Catálogo da Exposição em comemoração aos 500 Anos do Brasil e aos 190 anos da Biblioteca Nacional – 13 de dezembro de 2000 a 20 de abril de 2001.

Organização e curadoria de Paulo Roberto Pereira

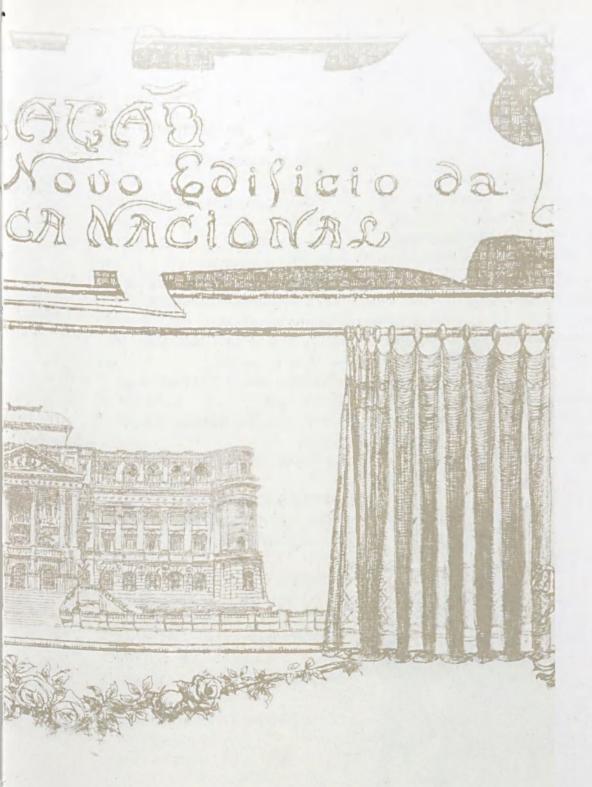
MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

Rio de Janeiro, dezembro de 2000

Biblioteca Nacional (Brasil)
500 anos de Brasil na Biblioteca Nacional / organização Paulo Roberto Pereira – Rio de Janeiro : Fundação Biblioteca Nacional, 2000.
144 p. : il. ; 25 cm.

Catálogo da exposição realizada na Fundação Biblioteca Nacional, em comemoração aos 500 anos do Brasil e aos 190 anos da Biblioteca Nacional, de 13 de dezembro de 2000 a 20 abril de 2001.
ISBN 85-333-0120-0 (broch.)

1. Biblioteca Nacional (Brasil) – Exposições. 2. Brasil – Exposições.
I. Pereira, Paulo Roberto, 1946 – II. Título.

CDD 016.981

e nove de Outubro de mil novecentos e dez, achando-s
cio que o Governo Federal mandou construir para
ional do Rio de Janeiro e em que esta já se acha i

O Brasil tem orgulho da Biblioteca Nacional. Ela é, sem dúvida, uma das mais importantes instituições culturais do país. Seu esplêndido acervo (...) é uma inestimável concentração de livros, jornais, revistas, manuscritos, precioso documentário de nossa história e de nossa cultura. Quem a conhece por dentro sabe avaliar a grandeza da instituição (...), um órgão público brasileiro dos mais prestantes e respeitáveis, por isso gozando de posto alto no juízo dos estudiosos e pesquisadores.

AFRÂNIO COUTINHO

Prefácio

Francisco Weffort

Ministro de Estado da Cultura

Com o projeto *500 Anos de Brasil na Biblioteca Nacional*, essa instituição, a mais antiga entidade vinculada ao Ministério da Cultura, que agora completa 190 anos de existência, traz uma contribuição inestimável às comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil. A exposição fechará com chave de ouro a programação do Ministério da Cultura para o evento, mas o catálogo e o livro que a acompanham ficarão como referências indispensáveis para todos os que desejarem conhecer o Brasil a partir das obras que compõem o seu acervo.

Situada desde 1910 no belo prédio de estilo eclético em plena Cinelândia, no centro do Rio de Janeiro, a Biblioteca Nacional é ao mesmo tempo muito e pouco conhecida pelos brasileiros. Muitos passam por ela, frequentam suas salas de consulta, têm conhecimento das raridades existentes em seu acervo, mas poucos avaliam a diversidade e a riqueza de suas coleções. E talvez nenhum de nós sequer suspeitasse das possibilidades que esse acervo oferece para se conhecer o Brasil.

Este catálogo vem portanto cumprir um duplo objetivo: revelar aos brasileiros a importância da brasiliana guardada em sua biblioteca nacional, facilitando, ao mesmo tempo, a consulta a suas obras mais significativas. Nesse sentido, a idealização do evento foi extremamente feliz: ao optar por uma proposta abrangente o bastante para incluir, ao lado do recorte histórico, temas como a mulher, a comunicação impressa, as ciências, as artes e a paixão, apresenta o Brasil a partir da cultura que aqui se produziu desde a chegada dos portugueses, recorrendo para isso à diversidade de documentos disponíveis, sem a preocupação de hierarquizar sua importância. Edições raras de obras seiscentistas podem ser tão reveladoras quanto desenhos de viajantes, partituras, fotos e recortes de jornais recentes, desde que contribuam para ampliar o conhecimento do modo como foram sendo construídas representações da terra, dos habitantes, dos costumes, das criações científicas e artísticas, e do processo histórico de formação da nação.

O papel dos consultores, todos altamente qualificados, foi fundamental no sentido de resguardar essa abertura para a diversidade e a complexidade de olhares a que temos acesso a partir desse conjunto de referências. Além da seleção criteriosa das obras, contribuem com um texto, no início de cada portal, em que apresentam com notável poder de síntese o pano de fundo necessário para que possamos compreender as condições de produção daquele conjunto de documentos e de cada um em particular.

Este projeto está em perfeita sintonia com a orientação adotada pelo Ministério da Cultura na programação que organizou para as comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil. A opção foi de investir em trabalhos menos

visíveis em seus efeitos imediatos, mas que possam trazer uma contribuição definitiva para o conhecimento do país. Esse tipo de trabalho só pode ser realizado por meio de pesquisa paciente e contínua, de longa duração, que demanda o esforço e a determinação de inúmeros especialistas, instituições e patrocinadores, o que fica evidenciado no processo de realização do projeto *500 Anos de Brasil na Biblioteca Nacional*.

Por tudo o que fizeram e ainda se propõem a fazer, merecem os nossos sinceros agradecimentos todos os que colaboraram nessa empreitada: o Presidente da Biblioteca Nacional, professor Eduardo Portella, que, como pesquisador e estudioso da cultura brasileira, soube compreender a importância deste projeto e dar todo apoio à sua realização; os funcionários da instituição, que mesmo longe de contarem com as condições ideais de trabalho, não mediram esforços para prestar sua inestimável colaboração para o sucesso do evento; os consultores, especialistas do mais alto nível, e as instituições a que pertencem, pela qualidade de suas contribuições e pela disposição em atuarem num projeto de iniciativa do poder público que tem como objetivo o interesse de toda a sociedade brasileira; a Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional, SABIN, sempre atuante para cooperar na viabilização dos projetos da instituição; e, finalmente, o curador e organizador do projeto, que alia à competência acadêmica dedicação e entusiasmo, ingredientes indispensáveis para conduzir um trabalho tão ambicioso.

Para finalizar, não poderia deixar de ressaltar uma característica dessa proposta que, como Ministro da Cultura do Brasil, me é especialmente cara. Considero que este projeto é exemplar no sentido de mostrar, aos brasileiros e aos estrangeiros, que nossas instituições culturais guardam verdadeiros tesouros, ainda pouco explorados, e que é possível, mesmo com poucos recursos, realizar projetos da mais alta qualidade, desde que se possa contar com o empenho dos funcionários, uma curadoria competente e uma rede de parceiros disposta a trabalhar em conjunto. São realizações como essa, motivada por duas datas importantes na agenda do país, que mostram o quanto caminhamos nesses quinhentos anos no sentido de produzir, conhecer e valorizar nossa cultura.

STADEN, Hans. *Warhftige be scheribung eyner landschafft deer wilden nacketen grimmigen menschenfressserleuthen in der newen welt America gelegen.*

A Cidade do Livro e seus arredores

EDUARDO PORTELLA

O Brasil e a Biblioteca Nacional decidiram festejar, de comum acordo e no mesmo ano em curso, dois aniversários afins. O primeiro fez 500 anos, e a segunda está completando os seus 190 bem vividos. Os dois registros têm algo de familiar. O Brasil nasceu da civilização escrita, em tempo controvertido, todo entrecortado pelos ventos elísios do renascimento, da reforma, do maneirismo, da contra-reforma, do barroco. Vinham a ser correntes de ar que oxigenavam, e não raro sufocavam a respiração. A mais certeira dessas correntes mudou a rota da nau do capitão-mor Pedro Álvares Cabral. Aí, quando o Brasil foi achado, Pêro Vaz de Caminha, o escrivão da frota, lavrou, com a sua *Carta*, a certidão de nascimento da terra nova. É bom que se diga, conforme o astrolábio da gente lusitana, que o oceano tinha os pés na terra. Desde esses primeiros dias, ou essas primeiras letras, estabeleceu-se uma sólida cumplicidade entre o mar, a terra, e a escrita.

Muitos anos depois, uma outra embarcação portuguesa, desta vez sob os auspícios do príncipe D. João, trouxe-nos a que seria a nossa Biblioteca Nacional. Parecia nômade a princípio; mudava de endereço sem maiores constrangimentos. Até que se instalou neste edifício sede, confluente e eclético, paradoxalmente monumental e acolhedor.

Hoje a nossa Biblioteca expõe, na seleção cuidadosa que o seu acervo autoriza, o percurso nacional em forma de livros, manuscritos, fotografias, partituras, imagens diversas. Talvez seja uma história mais literária que política ou, se preferirem, tão literária quanto política. Mas remetida para adiante.

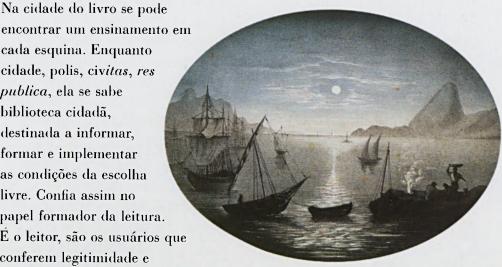
Nenhum imobilismo bloqueia a sua caminhada. A nossa Biblioteca não vive apenas de recordações, nem, nesta hipótese, escravizada pela memória parasitária das coisas ou dos signos extraviados na poeira dos tempos. Ela se nutre de vontades jamais enfraquecidas e da calorosa arqueologia do futuro, mistura história e vida cotidiana, como herdeira e agente do nosso patrimônio cultural.

Ao que tudo indica o mundo da biblioteca consegue ser a uma só vez transparente e cifrado, misterioso e evidente. Guarda tesouros desconhecidos e, em cada página do livro que se abre, nos oferece a lição previsível ou imprevisível, e nos aponta caminhos a serem percorridos. Mais do que apontar caminhos, o livro nos conduz, nos leva a continentes até então desconhecidos. Conviver com o livro significa predispor-se e habilitar-se para a invenção.

A nossa Biblioteca guarda relíquias, sem que as esconda. Somos um serviço público, um espaço cidadão. As suas duas dimensões constitutivas andam juntas: preservar e propiciar, proteger e facilitar. Por isso, agora mais do que nunca, recorremos às ciências da informatização para ampliar a recepção e atender a necessidades coletivas. Já não há lugar para bibliotecas sedentárias, porque imobilizadas, e artesanais, porque indiferentes às conquistas tecnológicas — essas redes que tornam ainda mais públicos os saberes impressos e digitalizados.

Ler, interpretar e traduzir sempre foram tarefas correlatas; sempre trabalharam em regime de escrupulosa parceria. Por elas passa, ou é convocado, o interminável cortejo mítico que vem de Babel, da Alexandria, até chegar ao coração de Buenos Aires, e encontrar-se, em algum canto da sua Biblioteca, com o enigmático diretor, o inventor de linguagens, Jorge Luis Borges. Babel foi o mais engenhoso compêndio de tradução que nos foi possível escrever. Babel, a maldição do isolamento e o lugar do reconhecimento do outro. Esta tensão fundadora desde cedo conferiu força vital e, como se não bastasse, desenhou imprevisíveis cartografias para a aventura humana. É justo falar de uma Babel proscrita? Certamente não. Ou de uma Alexandria neste minuto incendiada pela digitalização? Menos ainda. Uma nos ensinou a desvelar, mesmo que ou até porque perigosamente, os ruídos da convivência. A outra porque nos fez atravessar o labirinto, em meio a chamas mortíferas, e alcançar o saber carregado de vida.

A biblioteca é a cidade do livro que, guiada pela leitura, nos prepara para decifrar a peripécia humana. É uma cidade antiga e nova — simultaneamente sacralizada e secularizada. Pelas suas artérias e pelos seus arredores transitam sonhos não de todo desfeitos, por vezes reembalados e, apesar do desvario generalizado, teimosamente confiantes. Os livros se cruzam nos armazéns, nas estantes, nas prateleiras, como as pessoas se entreolham nas ruas e nos corredores. Há entre eles e elas um intercâmbio afetuoso, não raro silencioso, de saberes e de prazeres. Na cidade do livro se pode encontrar um ensinamento em cada esquina. Enquanto cidade, polis, civ*itas*, *res publica*, ela se sabe biblioteca cidadã, destinada a informar, formar e implementar as condições da escolha livre. Confia assim no papel formador da leitura. É o leitor, são os usuários que conferem legitimidade e conseqüência às bibliotecas. Do mesmo modo a comunidade intelectual e científica acolhendo e transmitindo as novas exigências da pesquisa. A jovem senhora de 190 anos não tem nada contra o novo. Pelo contrário. Chega mesmo a supor, a afirmar, que o novo é o renovado. E que sem a renovação, a Biblioteca, a cidade do livro e seus arredores, perderiam todo o seu fascínio.

SISSON, Sebastião Augusto. *Album do Rio de Janeiro moderno.*

A semente, a árvore e o fruto da brasiliana

Paulo Roberto Pereira

Curador da exposição

Em que medida 500 anos depois das caravelas portuguesas terem encontrado um porto seguro, num local paradisíaco abaixo do Equador, se pode avaliar o legado de civilização construído pelo povo multirracial que aqui se formou? Essa é a questão que se deparou a Fundação Biblioteca Nacional com o projeto acalentado de exibir parte dos seus tesouros bibliográficos e iconográficos, que moldaram a face do Brasil no transcorrer de meio milênio, visando a integrar suas atividades nas comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil e dos 190 anos de criação da principal instituição da guarda da memória nacional.

Realizar o vasto evento em torno da brasiliana da Biblioteca Nacional foi, sem dúvida, um desafio que a excepcional equipe de funcionários da Fundação Biblioteca Nacional soube enfrentar, associando-se a um "Colégio de Consultores", formado por cerca de quarenta dos mais importantes estudiosos da cultura brasileira, pertencentes às mais representativas instituições acadêmicas, científicas e culturais do Brasil, como a UFRJ, a FBN, a UFF, a ABL, a UERJ, o IHGB, a PUC/RJ, o Instituto Osvaldo Cruz (Manguinhos), o CPDOC/FGV, a FAPERJ, a USP, a UnB.

Essa exposição bibliográfica e iconográfica, enfocando meio milênio de produção documental de e sobre o Brasil, com algumas peças mais relevantes do precioso acervo da Biblioteca Nacional, tem o intuito de revelar ao nosso país o que de mais representativo da cultura brasileira, do Período Colonial à Época Contemporânea, se encontra sob sua guarda. Juntamente com essa mostra se apresenta o *Catálogo da Exposição da Brasiliana da Biblioteca Nacional*, que já nasce como obra singular, tendo como modelo o *Catálogo da Exposição de História do Brasil*, que Ramiz Galvão e seus colaboradores publicaram em 1881. Não se propôs fazer um levantamento exaustivo de toda brasiliana existente no acervo da nossa principal Biblioteca, mas expor peças que marcaram a trajetória da civilização brasileira nos últimos 500 anos. Para isso foi fundamental a colaboração do "Colégio de Consultores" na seleção e comentário sobre as peças escolhidas, formando um conjunto de módulos que abrangem as principais manifestações da cultura brasileira. Colocou-se na entrada de cada módulo temático um portal, que é uma síntese do assunto que compõe o conjunto estudado sobre o Brasil. Além disso, cada peça traz sua descrição catalográfica e uma legenda explicativa, facilitando a pesquisa, o que torna o *Catálogo da Brasiliana* um instrumento de trabalho imprescindível para quem deseja conhecer algumas das obras fundamentais da civilização brasileira. Mas não é só isso. A Curadoria do evento, com o apoio

da Direção da Fundação Biblioteca Nacional, idealizou o livro *Brasiliana da Biblioteca Nacional – Guia das fontes sobre o Brasil*, que complementará o *Catálogo da Brasiliana*.

Este livro, com cerca de quarenta capítulos, acompanhado de um expressivo conjunto de imagens que complementam os textos, foi escrito pelos componentes do "Colégio de Consultores", e será lançado, em abril de 2001, no encerramento da exposição e das comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil. A finalidade dessa obra é diferente, mas complementar ao *Catálogo da Brasiliana da Exposição*, pois conterá um conjunto de ensaios que resultaram da pesquisa realizada no acervo, visando a oferecer um maior conhecimento sobre a brasiliana nela existente. Portanto, trata-se de obras complementares que se integram com intuito de dar maior visibilidade sobre a preservação do acervo a refletir a trajetória da principal civilização do extremo ocidente nos trópicos.

A *Exposição da Brasiliana da Biblioteca Nacional* traz a público algumas de suas principais coleções, como o acervo iconográfico, com destaque para os conjuntos cartográfico e fotográfico, os desenhos dos artistas viajantes do século XIX. As principais obras que procuram interpretar e explicar o Brasil também estão presentes juntamente com os preciosos cimélios da literatura de viagens, do século XVI ao XX, em edições únicas que fazem a alegria dos bibliófilos. Todo o legado da vida colonial brasileira está representado: das instituições religiosas à presença de franceses, espanhóis, holandeses, dos quais a Biblioteca Nacional possui peças de extraordinário valor documental. Deu-se grande ênfase ao Brasil do século XIX, período rico em transformações que vai da chegada do Príncipe Regente ao advento da República. A criação da Biblioteca Nacional e o aparecimento da tipografia vieram mudar o panorama mental do Brasil refletido nas preciosas peças agora exibidas, como jornais, revistas e manuscritos, que relatam o percurso de algumas figuras fundadoras da unidade nacional e da conquista da cidadania. Entre tantos originais preciosos merecem referência o da Abolição da Escravatura e o do Hino Nacional Brasileiro; além, é claro, de manuscritos autógrafos de alguns dos principais artistas do nosso país nas artes plásticas, na literatura, na música. Sem esquecer a contribuição dos brasileiros para a ciência e, ao mesmo tempo, contextualizando aquilo que nos singulariza ante outras culturas através da música popular, do carnaval e do futebol, nessa afeição generosa e cordial. Mas esse componente do caráter nacional não impediu que o brasileiro questionasse a caminhada histórica do seu país desde as inconfidências coloniais. Daí o destaque dado à utopia republicana e sua luta pela modernização do país que vem sendo refeita no transcorrer do século XX, conforme se pode constatar com a "Era Vargas" e os "Anos JK". Portanto, cada peça dessa brasiliana tem um pouco do Brasil dos sonhos de tantas gerações. Buscou-se enfatizar a contribuição do negro e da mulher brasileiros nesse anseio de um país do futuro que não esteja tão distante para os nossos filhos e netos. E, como era natural, por tudo o que a Cidade do Rio de Janeiro representa para o Brasil, dedicou-se um olhar estrangeiro com espírito de brasilidade à Cidade Maravilhosa.

Dizia Ramiz Galvão, em 1881, que a "Exposição de História do Brasil", feita pela Biblioteca

Nacional, era a execução do pensamento patriótico do barão Homem de Mello. Não tem sido outra a nossa intenção. Agora que entregamos ao público brasileiro o fruto do trabalho gigantesco que foi idealizar e preparar a exposição, o catálogo e o livro a ela pertencentes, sentimos ter cumprido com a missão que nos foi outorgada. Já que não se pode esquecer de que este é um dos principais eventos realizados pela Biblioteca Nacional neste século.

Gostaríamos de fazer um agradecimento especial ao Presidente da Fundação Biblioteca Nacional, Professor Eduardo Portella, que nos entregou a curadoria deste Evento e em nós depositou confiança. Não podemos deixar de ressaltar o apoio constante que tivemos dos seus diretores – Célia Ribeiro Zaher, Cilon Silvestre de Barros, Elmer Corrêa Barbosa, Suely Dias – que, juntamente com a chefe-de-gabinete Graça Coutinho de Góes, foram incansáveis nas suas diversas etapas, colaborando para que chegássemos ao porto ansiado. Igualmente contraímos uma dívida de gratidão para com a Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional/SABIN na pessoa do seu presidente Paulo Marcondes Ferraz pelo constante incentivo. Aos componentes do “Colégio de Consultores”, intelectuais brasileiros que aceitaram participar de um projeto que parecia uma aventura em torno do Brasil, nunca será demais ressaltar a generosa dedicação com que se envolveram nele. Naturalmente que sem a colaboração eficiente e sempre prestimosa do excelente corpo de funcionários da Fundação Biblioteca Nacional não poderíamos transformar em realidade o sonho que nos acompanha na crença do futuro do nosso país. Mas sei que, onde quer que estejam Maria do Carmo e Juvenal Alves Pereira, certamente saberão entender por que carregamos no fundo da alma a utopia de mostrar o Brasil aos brasileiros.

OUSELEY, William Gore. *Views in South America from Original Drawings Made in Brazil, the River Plate, the Parana*

Sob o Signo do Éden Tropical

I Brasil dos Viajantes

Viajantes do Século XVI

Paulo Roberto Pereira

As narrativas de viagens ao Brasil quinhentista encerram o ciclo de procura da *ilha Brazil*, pois, "Ho Brazil", em celta, quer dizer Terra da Felicidade, que fora pressentida, na lenda e cartografia antigas. A primeira visão da Terra de Santa Cruz surge com Pero Vaz de Caminha, Mestre João Faras e o Piloto Anônimo. A seguir é Binot Paulmier de Gonneville que descreve esse encontro paradisíaco. No entanto, é pela mão de Américo Vespúcio que as gentes brancas e nuas, bondosas e pacíficas, foram apresentadas aos europeus curiosos de relatos fantásticos.

O retrato edênico inicialmente traçado foi sendo substituído pelas narrativas de Pero de Magalhães de Gândavo, Gabriel Soares de Sousa, Manuel da Nóbrega, Fernão Cardim, José de Anchieta André Thevet, Hans Staden, Jean de Léry, Ulrich Schmidel, Anthony Knivet, nascidas da convivência na Terra do Brasil. Então o Novo Mundo emblematizado em Terra da Promissão viraria Terra dos Canibais.

Esse conjunto de relatos quinhentistas, semente do Brasil contemporâneo, revelador desse encontro com o outro através da linguagem simbólica do maravilhoso, deve sua plena divulgação, logo no início do século XVI, à primeira coletânea moderna de viagens *Paesi nuovamente retrovati e Novo Mondo da Alberico Vesputio Florentino intitulato*, organizada por Fracanzano da Montalboddo, 1507, que serviu de modelo às coleções de viagens que surgiram a partir daí, como a de Giovanni Battista Ramusio, de 1550-1559.

A imagem do Brasil, construída pelos viajantes do século XVI entre o edênico e o selvagem, tornou o indígena o elemento fundador do processo de formação da identidade nacional. É, pois, a partir dos depoimentos de Hans Staden e de André Thevet, publicados em 1557, na Alemanha e na França, com numerosas vinhetas e gravuras, que o homem do Novo Mundo se tornou objeto de conhecimento generalizado.

Assim, o Brasil surge, dentro do imaginário da Renascença, como uma idéia ou invenção da busca das ilhas paradisíacas posta em circulação pelas utopias do Humanismo de Erasmo, Morus, Bacon e Montaigne, que entrelaça o mito da terra da promissão com o Éden e o Eldorado.

1. Carta de Pero Vaz de Caminha.
1.1 In: CASAL, Padre Manuel Aires de. *Corografia brasílica*, ou relação histórico-geográfica do reino do Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1817, págs. 12-34.

1.2 In: DENIS, Ferdinand. Lettre de Pedro Vas de Caminha, sur la découverte du Brésil. In: *Journal des voyages*. Paris: Verneur, 1821, págs. 157/189.

São as duas primeiras edições da Carta de Caminha, em português e em francês. Principal documento sobre a estada da frota de Pedro Álvares Cabral na Terra de Santa Cruz, também conhecida como a certidão de descobrimento do Brasil porque contém dia, mês, ano e até as horas em que a região foi avistada e dela se tomou posse.

2. Carta de Mestre João Faras.
In: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Revista Trimestral de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: I843, tomo V, nº 19, págs. 342-344.

Primeira edição da Carta de Mestre João, dirigida ao rei d. Manuel, escrita na atual baía Cabrália, onde realizou os primeiros estudos astronômicos no Brasil, ao identificar, pela primeira vez, a Constelação do Cruzeiro do Sul.

3. Relato do Piloto Anônimo. In: MONTALBODDO, Fracanzano da. "De la navigatione de Lisbona a Callichut, de lengua Portogallese in italiana." *Paesi noaumente retrouati et Novo Mondo da Alberico Vesputio Florentino intitulato*. [1507]. O texto se encontra nas folhas 58 (r) a 77 (v), capítulos LXII a LXXXIII, livros 2º e 3º.

Nesta antologia italiana foi impressa pela primeira vez a notícia do descobrimento do Brasil escrita por um dos integrantes da armada de Cabral. O relato saiu anônimo e em dialeto italiano, mas o autor é português e, provavelmente, o escrivão João de Sá.

4. SOUSA, Pero Lopes de. *Diario da navegação da armada que foi á Terra do Brazil em 1530 sob a capitania-mor de Martim Affonso de Souza*. Lisboa: 1839, in-8.º.

Primeira edição do Diário que relata o início da colonização do Brasil pela frota comandada por Martim Afonso de Sousa. Este roteiro, escrito por Pero Lopes de Sousa, irmão mais novo do comandante da armada, descreve a viagem pela costa brasileira, a fundação da primeira vila no Brasil, São Vicente, em 1532, o contacto com degredados e a expulsão de franceses.

5. SOUSA, Gabriel Soares de.
Tratado descriptivo do Brazil em 1587. Edição por Francisco Adolpho de Varnhagen. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1851.

Primeira edição integral da obra mais completa e importante sobre o Brasil no século XVI. Não se conhece o original, mas circulou através de várias cópias anônimas até que Varnhagen publicasse o texto completo na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

6. GONNEVILLE, Binot Paulmier de. *Campagne du navire l'Espoir de Honfleur. 1503-1505*. Relation authentique du voyage du Capitaine de Gonneville ès Nouvelles Terres des Indes. Publiée intégralement pour la première fois avec une introduction et des éclaircissements par M. d'Avezac. Paris: Challamel , 1869. In 8.º, 115 p.

Primeira edição do mais antigo documento francês sobre o Brasil. A viagem de Gonneville a Santa Catarina relata o primeiro encontro de franceses com índios americanos, precursor das narrativas de Thevet, Léry, Abbeville e D'Evreux.

7

7. STADEN, Hans. *Warhftige be scheribung eyner landschafft deer wilden nacketen grimmigen menschenfressserleuthen in der newen welt America gelegen*. Getrucftzu Marpurg: 1557. [89]f.: il., [1]f. de estampa dobrada; 18cm. (4to).

Primeira edição da Verdadeira história, *primeiro livro europeu sobre o Brasil, juntamente com o de André Thevet,* Les singularitez de la France Antartique, *ambos publicados em 1557. O relato realista das* Duas viagens ao Brasil, *de Hans Staden, é dos mais preciosos sobre os momentos iniciais da colonização, que estimulou o aparecimento de uma falsa edição na mesma época. A Biblioteca Nacional possui as duas publicações alemães do século XVI.*

8. SCHMIDEL, Ulrich. *Newe welt: das ist warhafftige beschreibunge aller schonen historien von erfindung viler unbekanten konigreichen, landschafften insulen unnd stedten .... Franckfurts*: 1567. 1v. 9[6], 110,59,[1]f.; [4],exlii, [1]f.); 33cm. (fol.).

Primeira edição do relato do aventureiro alemão que percorreu a bacia do Rio da Prata e o Grande Chaco, entre 1534-1554. As aventuras de Schmidel no Novo Mundo, *entre o Brasil, Paraguai, Peru, Bolívia e Argentina, é um testemunho direto e valioso dessa região no século XVI.*

9. KNIVET, Anthony. *The admirable adventures and strange fortunes of master Anthony Knivet, which went with master Thomas Cavendish in his second voyage to the south sea 1591*. London: Pauls Church-yard at the figne of the Rofe,1625.

Primeira edição das experiências em terras brasileiras de Anthony Knivet, participante da segunda expedição do corsário inglês Cavendish. A Vária fortuna e os estranhos fados *desse aventureiro, prisioneiro de Salvador Correia de Sá na última década do século XVI, traduz as contradições existentes na colônia brasileira.*

Viagens e História Natural dos Séculos XVII e XVIII

Ronald Raminelli

No acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro encontram-se valiosas edições dedicadas às narrativas de viagem que nos permitem estudar os deslocamentos, as estratégicas das potências européias e os projetos de colonização da América Portuguesa entre os séculos XVII e XVIII.

As viagens pelo Brasil deram origem a inventários destinados a conhecer a geografia, o povoamento e os reinos da natureza. Identificamos três tipos de viagem. As *viagens exploradoras* destinavam-se a percorrer um território pouco conhecido. Essas jornadas foram empreendidas por holandeses, franceses e ingleses, interessados nos territórios sob controle lusitano. Essas viagens antecederam, por vezes, aos ataques e conquistas do Maranhão, das cidades de Salvador, Olinda e Rio de Janeiro. As *viagens administrativas* eram planejadas e financiadas pelo governo metropolitano e colonial. Interessava à Coroa portuguesa demarcar rotas, delimitar fronteiras e avaliar potencialidades econômicas do território. Comandadas por administradores, elas buscavam consolidar a posse sobre o território percorrido. As *viagens científicas* eram comandadas por naturalistas e pretendiam coletar espécies dos reinos da natureza. Na época, o Brasil seria completamente desconhecido dos sábios europeus, caso não houvesse os escritos de Piso e Margraff, autores da primeira história natural do Brasil. Alguns expedições percorreram o nosso território no século XVIII, jornadas comandadas, sobretudo, por naturalistas luso-brasileiros.

Memoria

11

9

1. ACUÑA, Padre Cristoval de. Descubrimiento dei gran rio Amazonas. 1639. Madrid: Imprenta dei Reyno, 1641.

Pedro Teixeira comandou uma importante viagem pelo rio Amazonas. O diário foi escrito pelo jesuíta Acuna, fornecendo detalhes preciosos sobre o grande rio. Desde então, os portugueses iniciaram processo de ocupação da vasta bacia amazônica.

2. LA CONDAMINE, Charles Marie de. Relation abregée d'un voyage fait dans l'interieur de l'Amerique Méridionale. Paris, Veuve Pissot, 1745.

O naturalista francês Charles la Condamine percorreu o rio Amazonas no início do século XVIII. Suas observações foram fundamentais para as análises realizadas pelo grande naturalista francês Buffon, sobretudo em relação aos índios americanos.

3. PAGAN, Comte de. Relation historique et geographique de la Grand Rivière des Amazones dans l'Amérique. Paris, Chez Cardin Besogne, 1656.

O engenheiro militar François Pagan publicou, em 1656, o relato sobre viagem ao rio Amazonas, atendo-se ao comprimento do rio, localização em latitude e longitude, o clima e as nações indígenas.

4. SAMPAIO, Francisco Xavier Ribeiro. *Diario da viagem que em visita, e correição das povoações da Capitania de S. José do Rio Negro fez o ouvidor, e intendente geral da mesma... no anno de 1774 e 1775.* Lisboa: Na Typografia da Academia, 1825.

O ouvidor intendente geral Francisco Xavier Ribeiro Sampaio percorreu a capitania de São José do Rio Negro, entre 1774 e 1775. No diário, abordou aspectos dos costumes indígenas, fauna e flora.

5. VELLOSO, Frei José Mariano da Conceição. Flora fluminensis – documentos. Guanabara: Ministério da Justiça; Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1961.

No Rio de Janeiro, frei José Mariano da Conceição Veloso realizou viagens filosóficas e coletou espécies para o Real Museu de História Natural em Lisboa e para a elaboração da Flora fluminensis, *obra que seria publicada somente depois de sua morte.*

6. FREZIER, Amédée François. Relation de Voyage de la Mer du Sud. Paris: Geoffroy Nyon, 1717.

O engenheiro militar Frézier, por volta de 1714, descreveu sobre o relevo acidentado de Salvador, retratando a cidade em uma dupla perspectiva: uma vista panorâmica e uma planta baixa. Tece ainda curiosas observações sobre o cotidiano da cidade.

7. FROGER, François. Relation d'une voyage... Amsterdam, L'Honoré et Chatelain, 1715. OR 51,2,6

O livro de Froger possui uma elegante gravura de Salvador, concebida entre 1695 e 1698. Na imagem, a "Ville Capitale du Bresil" é vista a partir do mar, localizando prédios e fortalezas por meio de legendas.

8. ALMEIDA, Francisco José Lacerda e. Diários da viagem que fez o Doutor. Astrônomo Francisco José Lacerda.

O paulista Francisco José de Lacerda e Almeida, formado em matemática na Universidade de Coimbra, percorreu estradas fluviais entre Belém e São Paulo com a incumbência de demarcar os limites fronteiriços com as colônias castelhanas.

9. FERREIRA, Alexandre Rodrigues. Descrição do peixe Pirarucu.

O naturalista baiano Alexandre Rodrigues Ferreira formou-se em Coimbra. Depois empreendeu a Viagem filosófica, *que percorreu a Amazônia entre 1783 e 1792. Durante a viagem, descreveu a agricultura, a fauna e a flora. Ele é considerado um dos maiores naturalistas luso-brasileiros.*

10. PUDSEY, Cuthbert. Diário de residência no Brasil de 1629 a 1640.

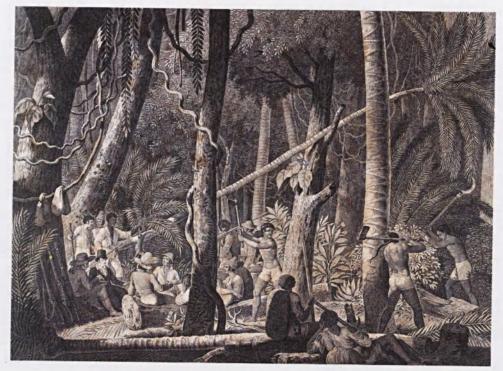
O inglês Cuthbert Pudsey esteve em Pernambuco durante o domínio holandês, entre 1629 e 1640. Este manuscrito ainda inédito é composto de 71 páginas e descreve os índios, os portugueses e as campanhas holandesas no Nordeste.

11. Prospecto da Cidade de S. Maria de Belém do Grã-Pará, 1784.

Este prospecto faz parte do acervo da Viagem filosófica *de Alexandre Rodrigues Ferrreira, que percorreu a Amazônia entre 1783 e 1792. A cidade de Belém foi o ponto de partida da expedição, antes de penetrar pelos rios amazônicos.*

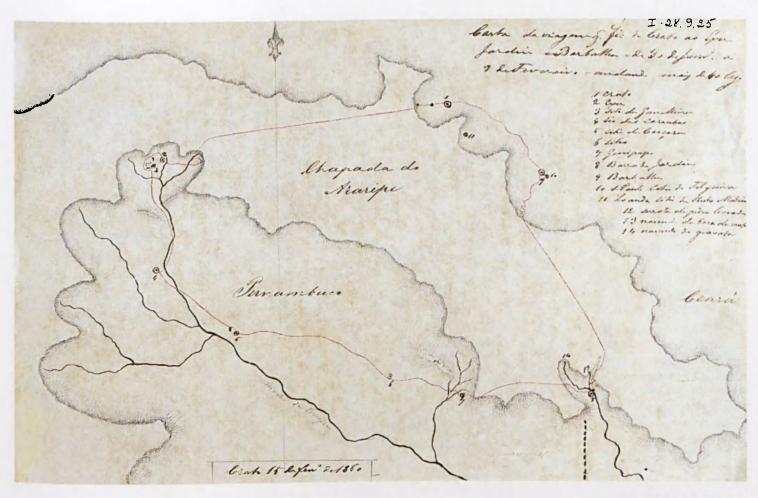
12. Plantas da expedição ao Pará.

Contando com recursos precários, a Viagem filosófica *era composta de um naturalista, um jardineiro botânico, e dois riscadores (desenhistas): José Codina e José Joaquim Freire. Codina realizou dezenas de desenhos da fauna e da flora amazônicas.*

Viajantes e Naturalistas do Século XIX

Lorelai Kury

MAXIMILIAM ALEXANDER PHILIP, Prinz Von Wied-Neuwied (1782-1867). *Reise nach brasilien in der jarhen 1815 bis 1817* ... Frankfurt: E. H. Brönner, 1820-1821.

O viajante do século XIX – o naturalista em particular – parece ter encarnado o observador exemplar do Brasil. Portador de um olhar civilizador dirigido aos trópicos e capaz de classificar e hierarquizar o que vê, o naturalista estrangeiro inspirou parte da elite local em sua tarefa de forjar uma identidade para a Nação. Nas artes, na literatura e na história não é difícil perceber a presença do ponto de vista do naturalista.

A história natural foi uma espécie de guia a orientar as idas e vindas dos viajantes pelo território brasileiro. Seu objeto consistia na descrição dos fenômenos naturais e de suas inter-relações. Esse campo de saber incluía também a antropologia, definida como sendo a descrição dos costumes dos diferentes povos e da constituição física das "raças" humanas.

FREIRE ALEMÃO, Francisco. *Carta da viagem que fiz do Crato ao Exu.* Jardim e Barbalha. Crato: 15 fev. 1860 (nanquim).

No século XIX, os viajantes-naturalistas buscavam descrever a realidade de forma global, seguindo a tradição romântica, cujo paradigma são as viagens de Humboldt. Para grande parte dos viajantes que vieram ao Brasil, naturalistas ou não, compreender o país significava buscar a unidade subjacente à aparente diversidade dos animais, vegetais, minerais e populações que encontravam. Assim, um relato de viagem podia incluir considerações sobre a biogeografia, climas, topografia, presença de animais, agricultura, doenças reinantes, costumes dos habitantes, instituições administrativas etc. Desse modo, a história natural não pode ser entendida como uma especialidade desvinculada dos demais campos de conhecimento. História, filosofia, estética e antropologia concorrem para dar coerência à totalidade dos fenômenos observados.

1. CHORIS, Louis de. *Vues et paysages des régions equinoxiales, pouvant servir de suite au voyage* pitoresque autour du monde. Paris: *s.d. [1822] île de ste. Catherine* – gravura.

O Brasil – principalmente o Rio de *Janeiro e Santa Catarina – era passagem obrigatória dos navios que faziam a volta ao mundo. Darwin,* Castelnau, *Chamisso etc. deixaram registros importantes de sua estada aqui.* O pintor Choris *(1795-1828) fez parte da viagem de circunavegação comandada pelo russo Kotzebue.*

2. ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von Eschwege, Baron, 1777-1855. *Pluto Brasiliensis*. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, s/d.

Nascido no Grão-Ducado de Hesse, engenheiro, Eschwege veio para o Brasil em 1810, a convite de d. João, como diretor do Real Gabinete Mineralógico. Dedicou-se a pesquisar as riquezas minerais, principalmente da região de Minas Gerais. Foi pioneiro na produção industrial de ferro.

3. FREIRE ALEMÃO, Francisco. Carta da viagem que fiz do Crato ao Exu. Jardim e Barbalha. Crato: 15 fev. 1860 (nanquim).

Botânico do Museu Nacional, Francisco Freire Alemão participou, junto com Gonçalves Dias e Guilherme Capanema, da primeira grande expedição brasileira, a Comissão Científica de Exploração, realizada entre 1859 e 1861, que teve por objetivo estudar a natureza e os costumes do Ceará.

4. MARTIUS, Karl Friedrid Philip von. *Flora brasiliensis*. Stuttgartiae et Tubingae: Sumptibus, J. G. Cottae, 1829.

5

Spix e Martius fizeram parte da comitiva de d. Leopoldina. Com o falecimento de Spix, Martius publicou o relato de viagem e divulgou o material coletado no Brasil. Este último estudou tanto as paisagens brasileiras quanto a morfologia vegetal. Dedicou-se também à antropologia e à história.

5. MAXIMILIAM ALEXANDER PHILIP, Prinz Von Wied-Neuwied (1782-1867). *Reise nach brasilien in der jarhen 1815 bis 1817* ... Frankfurt: E. H. Brönner, 1820-1821.

O príncipe de Wied-Neuwied, naturalista, viajou por conta própria sob o pseudônimo de Max von Braunsberg. Teve como companheiros no Brasil os naturalistas Sellow e Freyreiss. Realizou desenhos e aquarelas que serviram de base para as gravuras publicadas em seu diário de viagem.

6. RIEDEL, Ludwig. Manuscrito. *Diário de viagem.*

Ludwig Riedel participou da expedição comandada pelo barão de Langsdorf, diplomata a serviço da Rússia. Estabeleceu-se no Brasil como diretor da Seção de Botânica do Museu Nacional. Esse manuscrito, referente à viagem que fez da Bahia ao Rio de Janeiro, foi redigido em alemão e em francês.

7. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Flora brasiliae meridionalis*. Paris: A. Belin, 1825-1833, 3 v.

O francês Auguste de Saint-Hilaire foi um importante botânico. Os resultados de sua viagem ao Brasil ajudaram a consolidar sua carreira. Além da narrativa de suas viagens, escreveu sobre as plantas medicinais brasileiras. Até hoje sua Flora brasiliae meridionalis *é consulta obrigatória para os botânicos.*

8. SILVA, José Bonifácio de Andrada e & ANDRADA, Martim Francisco Ribeiro de. *Viagem mineralógica na Provincia de São Paulo*. In: BOUBÉE, Nereo. *Geologia*

FLORA
BRASILIENSIS
SEU
ENUMERATIO PLANTARUM
IN
BRASILIA
TAM SUA SPONTE QUAM ACCEDENTE CULTURA
PROVENIENTIUM,
QUAS
IN ITINERE AUSPICIIS
MAXIMILIANI JOSEPHI I. BAVARIAE REGIS
ANNIS 1817 — 1820 PERACTO
COLLEGIT, PARTIM DESCRIPSIT;
ALIAS A
MAXIMILIANO SEREN. PRINCIPE WIDENSI,
SELLOVIO ALIISQUE ADVECTAS ADDIDIT,
COMMUNIBUS AMICORUM PROPRIISQUE STUDIIS SECUNDUM METHODUM
NATURALEM DISPOSITAS ET ILLUSTRATAS EDIDIT
C. F. PH. DE MARTIUS.

VOL. II. PARS PRIOR.
GRAMINEAE, A NEESIO AB ESENBECK
EXPOSITAE.

STUTTGARTIAE ET TUBINGAE,
SUMPTIBUS J. G. COTTAE.
1829.

4

elementar aplicada à agricultura e indústria, com hum diccionario dos termos geologicos, ou manual de geologia. Rio de Janeiro: Tipographia Nacional, 1846.

José Bonifácio de Andrada e Silva iniciou sua carreira como mineralogista, viajando pela Europa, onde estudou com os melhores naturalistas da época. Publicou artigos científicos em revistas européias. No Brasil, viajou por São Paulo com o intuito de conhecer as riquezas minerais da região.

9. DESCOURTILZ. Ornithologie brésilienne. Rio de Janeiro: Rensburg, 1852.

Jean-Théodore Descourtilz (?-1855) foi um dos diversos naturalistas estrangeiros a se estabelecer no Brasil. Especializou-se em iconografia ornitológica, gênero muito em voga na época. Outros grandes ilustradores de pássaros do século XIX foram, por exemplo, Gould, Swainson e Audubon.

10. GRAHAM, Maria. Helicônia. [Prancha]. 1824.

Esposa de oficial da Marinha inglesa, Maria Graham tornou-se amiga da imperatriz Leopoldina e foi, por breve período, preceptora de d. Maria da Glória. Escritora culta, conhecia história, história natural, desenhava e pintava. Criticava os costumes da corte de Pedro I.

11. BIARD, Fr. A. Deux Années au Brésil. Paris: L. Hachette, 1862.

Pintor francês. Seu relato de viagem, *ilustrado por ele, é extremamente irônico. Dá ênfase ao aspecto pitoresco dos costumes e às situações desagradáveis e ameaçadoras de sua aventura tropical, tais como a presença de animais ferozes e as instituições que julgava bárbaras, como a escravidão.*

12. POHL, J. B. E. *Plantarum brasiliae icones et descriptiones.* Vincobonae: A. Strauss, 1827-1831. 2 vols.

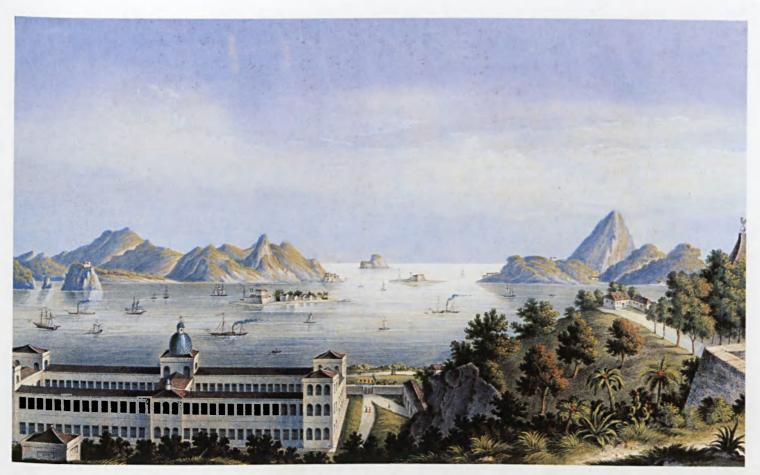
Johann Emmanuel Pohl (1782-1834) fez parte da comitiva d. Leopoldina, junto com Spix, Martius, Mikân, Raddi e Schott, que chegou ao Brasil em 1817. Era especialista em botânica e geologia. Dirigiu o Museu Brasileiro de Viena até sua morte.

O Brasil Visto pelos Artistas Viajantes Oitocentistas

Vera Beatriz Siqueira

ENDER, Thomas. *Interior da residência (quarto de dormir) do Barão von Huguel no Rio de Janeiro.*

Fechado até o início do século XIX à curiosidade dos artistas europeus, o Brasil tornou-se assunto de muitos deles a partir de então. Profissionais e amadores vinham buscar em terras tropicais não apenas novos motivos artísticos, como também uma nova visualidade, capaz de desafiar a tradicional unidade do discurso das belas-artes.

Por aqui encontram alguns problemas a serem enfrentados pela linguagem da pintura: uma estrutura visual inédita, uma natureza inextricável e uma sociedade desprovida de civismo. Diante desse Mundo Novo, cada artista desenvolve a sua estratégia própria de decifração de signos. Uns optam por abordá-lo pelas margens, buscando assuntos que apenas acrescentem ao tradicional repertório temático europeu alguns cenários diversos, ou ações

curiosas e tipos exóticos. Outros ancoram-se na prática taxinômica e organizam verdadeiros glossários de gentes, costumes e paisagens. Há também os que pressentem a necessidade de adaptar antigos esquemas plásticos, ou quando muito usá-los com certa parcimônia. E ainda há os que decidem compartilhar com esse mundo diverso a sua característica inabordável, e nos apresentam obras que arcam com a impossibilidade da conversão do novo ao velho.

Embora extremamente convencionada, a narrativa pictórica desses viajantes não pode ser tomada como simples registro desse Brasil quase desconhecido. Documentam, certamente, a vida brasileira do século XIX, mas só por documentar, antes, as mais variadas atitudes diante desse Mundo Novo, da aversão ao encanto, do espanto à fria descrição da diferença.

Grünwedel, C. *Baíe de Rio de Janeiro prise du Morro do Castello.* Litografia colorida e guache.

Rugendas, Johann Moritz. *Escravo tatuado*

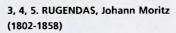
3

4

1. LE CLERCQ, Joannus Henrikus Willen (atrib.).
Aspectos do Brasil. Vistas do Rio de Janeiro e interior do país, c.1845.
21 aquarelas montadas em álbum

Holandês, de quem não se possui maiores informações, esteve no Brasil em 1844 e 1845. Produziu um conjunto curioso e raro de imagens sobre a viagem ao interior do país, marcadas pelo estranhamento diante da realidade brasileira.

2. DEBRET, Jean-Baptiste (1768-1848).
Negro feiticeiro
aquarela, 1828

Integrante da Missão Artística Francesa, que chega ao Rio em 1816, Debret vive no país por 15 anos. A longa convivência com a realidade brasileira permite-lhe um contato mais estreito com as peculiaridades da sociabilidade local, que aparece nas suas inúmeras aquarelas de tipos populares (negros, vendedores ambulantes, tropeiros etc).

3, 4, 5. RUGENDAS, Johann Moritz (1802-1858)
Aldeia. s/d., bico-de-pena,
18,5x26 cm

Uma moldura com 4 imagens
Escrava
grafite, imagem
Escravo de frente
grafite, imagem
Escravo de perfil
grafite, imagem
Escravo tatuado
grafite, imagem
Vista do Rio de Janeiro
grafite,

Vindo ao país como desenhista da missão científica de Langsdorff, Rugendas acaba por se dedicar ao registro de costumes locais, nos quais pode-se notar o traço classificatório da arte botânica, a detalhar os tipos humanos, as espécies vegetais e sua relação na paisagem.

6. COURCY, Ernest, visconde de.
Six semaines aux mines d'or du Brésil...
Paris, 1889.
33 desenhos a lápis.

Nobre francês e artista amador, visconde de Courcy publicou em 1889 suas memórias de viagem às minas de ouro brasileiras, que logo se tornou obra rara. Os desenhos que fez no Brasil mostram a influência da modernidade fin de siècle *parisiense, com traços ágeis e sem detalhes descritivos.*

7, 8, ENDER, Thomas (1793-1875)
Aspecto tirado a bordo da fragata Áustria em sua viagem para o Rio de Janeiro em 9/4/1817, vendo-se entre outros passageiros Spix e Martius. 1817.
Aquarela

Interior da residência (quarto de dormir) do Barão von Huguel no Rio de Janeiro.
Aquarela, 1817.

Exímio aquarelista, Thomas Ender realiza centenas de obras em que se repetem as mesmas vistas ou figuras. Essa repetição forma uma impressionante coleção, seja pela cultura da superfície pictórica, seja pelo esforço obsessivo de registrar a inédita paisagem brasileira.

9. BURCHELL, William John (1782?-1863)
Rio de Janeiro. *11/11/1825*
grafite e aquarela

Desenhista e botânico inglês, Burchell dedica-se em sua viagem ao Brasil à formação de um herbário e ao registro de cenas locais. Em seus desenhos nota-se como o artista articula a vastidão da paisagem tropical com a minuciosa atenção descritiva, através de um traço lírico e sutilmente melancólico.

10,11, 12. RIGHINI Léon (? -1884)
Entrada da fazenda Conceição, à margem do rio Itapicuru – Maranhão, Brasil, 1866
desenho a grafite

Vista de Belém do Para, 1868
Grafite

Vista de Belém do Para, 1872
Grafite

Artista italiano, Righini chega ao Recife, em 1856, como cenógrafo da companhia de ópera de José Ramonda. Sua obra mostra paisagens de Pernambuco, Maranhão e, sobretudo, de Belém do Pará, marcadas pela destreza em articular áreas de luz e sombra, equilibrando detalhes descritivos e visão panorâmica da paisagem.

13. SCHMIDT, R.
Panorama do Recife, 1826-1832
desenho aquarelado

No século XIX difundiu-se o gosto pelos panoramas urbanos, geralmente apreciados em espaços circulares. A articulação dos vários pontos de vista exigia do artista a correção ótica das deformações exigidas pela visão alongada e horizontal. No Panorama do Recife, *Schmidt coordena o próximo e o distante por meio do sombreamento do primeiro plano e da forte iluminação da ilha mais ao fundo.*

14. I. P. G. SMITH (1835); Emma Juliana SMITH (1861); M. BIFFIN (1847); Fanny M. VOASE (1865); J. E. R. VOASE (1863). Artistas amadores ingleses.

Álbum de vistas do Brasil (Pará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Petrópolis) e da ilha de Tenerife.
C. 1835-1863. 154 aquarelas e desenhos, montados em álbum.

14

Iniciado por I. P. G. Smith, continuado por sua filha Emma e, mais tarde, por Fanny e E. Voase, este álbum apresenta registros variados de viagens realizadas por artistas amadores britânicos. Realizadas em períodos e locais diferentes, as imagens apontam o interesse generalizado, no século XIX europeu, pelas viagens a paises distantes.

Viajantes Estrangeiros no Século XX

Guillermo Giucci, Beatriz Jaguaribe
e Karl Erik Schollhammer

Não chegava o viajante estrangeiro ao Brasil nas primeiras décadas do século XX em busca de antiguidades, museus ou lugares sagrados. Tampouco necessitava preparar-se com antecedência, lendo a literatura normativa. Em seus escritos o prazer deriva menos da identificação dos lugares que do descobrimento: os viajantes admiram a natureza tropical, a mistura das raças, o ritmo da modernização. Os textos dos viajantes funcionam freqüentemente como guias de viagem. São textos de informação turística, que se caracterizam por um relato impessoal e que completam a informação com ilustrações, mapas e estatísticas. Outros textos pretendem divulgar uma imagem positiva do Brasil. Nessas memórias de viagem é significativa a ênfase na representação da vida cotidiana, com a descrição de hábitos, habitações, comidas e roupas. As duas grandes guerras, entretanto, transformaram o teor da viagem aos locais que, embora periféricos, estavam atrelados aos acontecimentos bélicos que estilhaçavam a Europa. Nesse cenário de guerra mundial, a América Latina assume uma nova feição: o refúgio. O fim da guerra não desestimulou o interesse pelo Brasil. Mas a queixa sobre a perda da "cor local" ou da "autenticidade" dos lugares é uma constante nos relatos dos viajantes do pós-exótico. O viajante do pós-exótico espera encontrar no Brasil reminiscências de uma inocência natural. Ao decepcionar-se no encontro com um mundo pervertido pelo lixo de sua própria cultura, é levado a uma crítica severa. O viajante, na época do turismo de massa, tenta restaurar as qualidades de aventura. Surge o "antiturista", que persegue a viagem individual e avalia seu sucesso em termos do improviso e dos contatos espontâneos.

1. BASTIDE, Roger. *Brésil, terre des contrasts.* Paris: Hachette, 1957.

Roger Bastide (1889-1974) chegou ao Brasil em 1939. Foi professor de sociologia da Universidade de São Paulo. Permaneceu no país até 1954. Sua extensa obra representa um marco na fundação da sociologia nacional e abrange diversos títulos – entre livros, ensaios e resenhas –sobre a sociedade e a cultura brasileira.

2. Bell, Alured Gray. *The Beautiful Rio de Janeiro.* London: William Heinemann, 1914.

Viajante inglês que se interessou pela América do Sul, mais especificamente, pela cidade do Rio de Janeiro. O livro é um registro importante para a construção de um retrato pitoresco do Rio de Janeiro do começo do século. Bell é muito citado nos estudos sobre o Rio de Janeiro desta época. Trata-se, fundamentalmente, de um texto de divulgação das maravilhas da capital do Brasil.

3. BISHOP, Elizabeth. *Brazil. Time-Life.* México: Offset, 1962.

Durante os quase 20 anos em que esteve no Brasil, a poetisa norte-americana Elizabeth Bishop (1911-1979) escreveu numerosos poemas dedicados ao país e ao tema da viagem. O livro de viagem, Brazil, *reúne reportagens realizadas para a revista* Time-Life.

4. Clemenceau, Georges. *Notes de voyage: dans l'Amérique du Sud.* Paris: Unesco, 1991.

Importante político e jornalista francês, cuja atuação foi fundamental para a vitória dos aliados na Primeira Guerra. Foi também um dos articuladores do Tratado de Versalhes que deu fim à Segunda Guerra. Clemenceau esteve no Brasil em 1910, após uma viagem à Argentina.

5. Gibson, Hugh. *Rio.* New York: Doubleday, Doran & Co., 1937.

Entre 1933 e 1937, o norte-americano Hugh Gibson foi embaixador dos Estados Unidos no Brasil. Ao final deste período, publicou nos Estados Unidos um livro de impressões sobre a capital brasileira: Rio. Trata-se de um relato detalhado e rico em descrições do Rio de Janeiro. Gibson conhecia a cidade com profundidade e curiosidade pouco freqüentes neste tipo de obra.

6. Girondo, Oliverio. *Veinte poemas para ser leidos en el tranvía.* In: *Obra.* Buenos Aires: Losada, 1966.

Poeta argentino de vanguarda que esteve no Rio de Janeiro em 1920. Pertenceu ao grupo Martin Fierro. Escreveu, em 1924, o manifesto de propagação nacional da revista Martín Fierro. *Em seus poemas, há elementos dadaístas e surrealistas. Obras:* Veinte poemas para ser leídos en el tranvía, Espantapájaros, Interlunio, En la masmédula.

7. PASSOS, John dos. *Brasil on the Move.* New York: Paragon House, 1991 (1963).

Conhecido romancista norte-americano. Famoso pela trilogia anticapitalista USA. *Visitou o país várias vezes, entre 1948 e 1968, como repórter da revista* Life. *deixou um testemunho entusiasta, mas também crítico, de um período otimista do Brasil.*

8. KIPLING, Rudyard. *Brazilian Sketches.*A presença de Kipling no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 1977

Primeiro inglês a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura. Escritor, poeta e jornalista, se colocou a serviço da mística do imperialismo inglês numa série de romances que têm por cenário a Índia. Esteve no Brasil em 1927.

9. LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes tropiques.* Paris: Plon, 1955.

Trata-se, provavelmente, do livro de viagem mais conhecido do Brasil moderno. O antropólogo francês, membro da missão universitária francesa, foi professor da USP entre 1935 e 1938. Tristes trópicos *é um relato de suas reflexões sobre as expedições que realizou no país (Mato Grosso e Amazonas).*

10. ZWEIG, Stefan. *Brasil, país do futuro.* Rio de Janeiro: Guanabara, 1941.

Polêmica obra de um dos maiores autores de língua alemã do período entreguerra. A visão positiva presente em Brasil, país do futuro *foi contestada dramaticamente por sua morte trágica. Atordoado pelos acontecimentos políticos da época, Zweig suicidou-se em 1942, quando se encontrava exilado no Brasil.*

II A Igreja no Brasil Colonial

A Companhia de Jesus

Luiz Felipe Baêta Neves

Maria Cristina Gioseffi

A história da Companhia de Jesus se confunde com a própria História do Brasil. Ela aqui se instala desde o século XVI e aqui permanece — salvo interrupção (1759-1841) alheia à sua vontade — até nossos dias.

Falando dos inacianos, é sempre preferível pensar em ação, em construção. Assim, procuraram eles agir sobre este mundo novo buscando construir um novo solo divino, uma terra cristã que se integrasse aos povos já conquistados pela fé.

O movimento característico desta Ordem se volta para o conhecimento da realidade social e cultural da colônia e para a edificação da palavra de Cristo, contrária a hereges e pagãos.

Esta missão combativa e penosa parecia não conhecer limites; está presente, no período colonial, em pontos tão distantes quanto a Amazônia e o Rio da Prata. E não somente em duros combates contra a natureza "estranha e adversa" ou contra a ganância de "cristãos pervertidos", mas no cuidado com o ensino — e outras práticas de perpetuação cultural — como bem o demonstram os livros que aqui escreveram e que aqui propagaram em suas livrarias (bibliotecas) e em seus colégios.

A Biblioteca Nacional possui significativo acervo relativo à extensa e complexa atuação jesuítica no Brasil-Colônia. Tal acervo é constituído por obras raras, manuscritos e iconografia — de que agora se exibem exemplos significativos —, além de livros e outros documentos de alcance geral.

COPIA DE LAS
Cartas que los Padres y hermanos de la Com-
pañia de IESVS que andan en el Iapon
eſcriuieron a los de la miſma Compañia
de la India, y Europa, deſde el año
de M.D.XLVIII. que
comeҫaron, haſta el paſſado
De LXIII.

Traſladadas de Portogues en Caſtellano.
Y con licencia impreſſas.

En Coimbra.
Por Iuan de Barrera, y Iuan Aluarez.
M.D.LXV.

11

1. *Cartas jesuiticas.* 1549-1568. Original. Manuscrito. 226 f.
São cerca de 70 cartas. Anchieta, Nóbrega, Blásquez, Luís de Gran são alguns dos principais missivistas. Estão hoje todas publicadas. Nº 7 do *Catálogo de cimélios*. Nº 58 do *Catálogo de pergaminhos iluminados*. Nº 9.112 do CEHB.

São cartas que foram escritas do Brasil pelos missionários, dirigidas à Casa de São Roque de Lisboa, residência dos jesuítas, e logo passadas para o livro de registro.

2. VIEIRA, Antônio. *Advertencias para alguns cazos que podem succeder acerca do cativeiro dos Indios do Maranhão.* Caza do Pará 29 de Septembro de 1655.

Neste manuscrito Vieira escreve ao rei fazendo conhecer o desrespeito às suas determinações acerca do cativeiro dos índios. Vieira adverte que as injustiças cometidas aos índios constituem os grandes empecilhos para a conversão dos gentios.

3. ANCHIETA, pe. José de. *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil.* Coimbra: Antônio de Mariz, 1595.

Esta obra impressa por Antônio de Mariz é reconhecidamente a primeira cartilha brasileira. Neste livro Anchieta estrutura gramaticalmente a língua tupi, indicando formas de pronúncia, ortografia, tempos verbais, acentuação etc. A obra possui encadernação em couro gravada em dourado.

4. ANTONIL, André João (João Antônio Andreoni). *Cultura e Opulência do Brazil por suas drogas e minas,* (...) Lisboa: na Officina Real Deslandiana, 1711.

Este famoso livro de Antonil, quase tornado inacessível pela perseguição colonial, guarda grandes méritos pela abundância e riqueza das informações que contém. Esta obra preciosa constitui um importante repositário sobre a vida econômica do Brasil em princípios do século XVIII.

5. CARDIM, Fernão. *Tratados da Terra e gente do Brasil.* Rio de Janeiro: J. Leite e Cia., 1925.

Esta obra precursora da nossa história retrata, pela narrativa de Cardim, o imaginário missionário relativo às terras e gentes do Brasil primitivo. Suas observações minuciosas destacam a visão culta desse homem que se revela geógrafo (descrevendo a terra), etnógrafo (retratando os indígenas e suas práticas), zoólogo (examinando a fauna) e botânico (descobrindo a flora da terra desconhecida).

6. LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil.* Lisboa: Portugália/Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938, t. 1.

Obra histórica de referência para aqueles que desejam estudar a trajetória da Companhia de Jesus no Brasil. De acordo com o autor, as fontes principais desta obra são as próprias cartas, relações e documentos dos atores históricos da Companhia.

7. MONTOYA, pe. Antônio Ruiz de. *Manuscrito guarani da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, sobre a primitiva catechese dos indios das missões.* Rio de Janeiro: typ. G. Leuzinger e Filhos, 1879, v. VI.

Esta obra que se oferece aos pesquisadores é um estudo sistemático sobre a "Língua Geral do Brasil". A obra divide-se em três partes. A primeira contém a descrição das obras impressas sobre a língua. A segunda reúne as noções gramaticais, vocabulário e fragmentos da língua, que estão dispersas em várias coleções, obras de viajantes e outros autores. Na terceira parte, encontra-se a resenha dos manuscritos relativos à língua.

8. VASCONCELOS, Simão de. *Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil.* Rio de Janeiro: João Ingnácio da Silva, 1864.

A obra narra o primeiro período da empreitada jesuítica no Brasil. O autor descreve a vida dos missionários embalados pelos preceitos da oração e do trabalho, sem se assombrarem com os perigos da "terra inóspita".

9. VIEIRA, Antônio. *Copia de huma carta para el rey N. Senhor sobre as missões do Seara, do Maranhão, do Pará & do Grande Rio das Almasonas.....* Lisboa, na Officina de Henrique Valente de Oliveira, 1660.

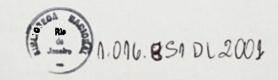
Na carta, Vieira relata ao rei o sucesso destas missões, cujos frutos se expressam pela grande conversão de "almas inocentes" pelo batismo. O padre ressalta a consagração do rei e o milagre da providência divina nesta nação onde inocentes estão "naturalmente" inclinados para a salvação.

10. LEITE, Serafim. S.I.,. (Intr. e notas). *Cartas jesuíticas (De Nóbrega a Vieira).* São Paulo: Nacional, 1940.
Cartas dispostas cronologicamente pelo autor, onde cada padre de Nóbrega a Vieira, "do primeiro estadista missionário ao primeiro escritor do Brasil", enuncia um pouco da história dessa terra, em uma seqüência de memória, história e conquista espiritual.

11. *Cópia de vnas cartas de algunos padres y hermanos dela Compania de Jesus que escrivieron dela India, lapon, y Brasil a los padres y hermanos dela misma compania / en Portugal transladadas de portugueses en castellano* ...[S.l.]: Por Ioan Aluarez, 13 deziember [sic] 1555.[33]f.; 31cm. (4to)

Narrativas dos jesuítas que estiveram nestes reinos sobre o "princípio, o sucesso e a bondade da cristandade daquelas partes". Além das narrativas sobre os costumes, idolatrias e gentes daqueles reinos.

12. DANIEL, Padre João. *Tesouro descoberto no rio Amazonas.* Manuscrito original.

Obra que apresenta em 6 partes os "Tesouros do Rio Amazonas": a descrição geográfica, os habitantes, a fertilidade e riqueza, as lavouras e modo de benefício da terra, método mais útil para a agricultura e método utilíssimo para sua navegação. Além de curiosidades sobre o "Grande Rio".

Irmandades e Ordens Religiosas

Riolando Azzi

Estabelecidas no Brasil a partir das últimas décadas do século XVI, as antigas Ordens dos beneditinos, franciscanos, carmelitas e mercedários, de fundação medieval, deram uma contribuição significativa para a vida religiosa, cultural e social da colônia brasileira. Deve-se ainda assinalar a sucessiva presença dos capuchinhos e dos padres do Oratório. Merece também uma referência a fundação de conventos femininos de clarissas e carmelitas, bem como a atuação expressiva das ordens terceiras do Carmo e de São Francisco da Penitência.

Sob o aspecto religioso, os membros dessas ordens exerceram importante papel supletivo aos encargos paroquiais confiados ao clero diocesano, sobretudo em termos de atendimento às populações interioranas e sertanejas. Tiveram também destacada atuação na esfera missionária, em termos de conversão e catequese das tribos indígenas.

Sob o aspecto social, os conventos masculinos e femininos tornaram-se espaços significativos para a conservação e promoção social de muitas famílias luso-brasileiras, com dificuldades de obter cargos condignos para seus filhos, ou casamento oportuno para suas filhas.

Sob o aspecto cultural, deve-se assinalar a participação dessas ordens religiosas no movimento iluminista, tendo diversos religiosos uma participação expressiva no desenvolvimento científico do país. Essa nova perspectiva cultural abriu espaço para uma presença mais ativa nas lutas pela independência do país.

Não se deve olvidar, por fim, a contribuição dessas ordens para a cultura popular, sobretudo através da difusão de algumas devoções e determinadas expressões de culto.

TRIUNFO
EUCHARISTICO,
EXEMPLAR DA CHRISTANDADE LUSITANA
DIVINISSIMO
SACRAMENTO
DA SENHORA DO PILAR
EM
VILLA RICA,
CORTE DA CAPITANIA DAS MINAS.
DEDICADO Á SOBERANA SENHORA
DO ROSARIO
PELOS IRMÃOS PRETOS DA SUA IRMANDADE,
Por SIMAM FERREIRA MACHADO
LISBOA OCCIDENTAL
NA OFFICINA DA MUSICA, DEBAIXO DA PROTECÇAÕ

2

1. *Constituições primeiras do arcebispado da Bahia.* Coimbra: No Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1720.

As Constituições primeiras do arcebispado da Bahia, publicadas em 1707, constituem a primeira legislação eclesiástica do Brasil, regulamentando a situação das ordens e irmandades religiosas.

2. O triunfo Eucarístico. Lisboa Occidental: Na Officina de Musica, 1734.

Obra fundamental para conhecer a vida católica em Minas Gerais no século XVIII. Embora tenha sido proibida a presença de religiosos, lá estiveram as Ordens Terceiras.

3. NANTES, Martinho de. *Relação sincera e suscinta do Pe. Martinho de Nantes, pregador capuchinho, missionário apostólico no Brasil.* Paris: Quimper, chés Jean Perier, imprimeur du Roy, du Clergé du Collége, 1707.

A obra descreve as atividades do Pe. Martinho de Nantes, missionário capuchinho na região do rio São Francisco durante o século XVII.

4. MADRE DE DEUS, Gaspar da. *Memórias para a história da capitania de São Vicente.* Lisboa: Typographia da Academia, 1797.

O beneditino Gaspar da Madre de Deus foi importante historiador. Nas Memórias para a história da capitania de São Vicente *há um apêndice sobre a fundação das Ordens Religiosas na colônia.*

Ordem beneditina:
5. *Traslado de doação da igreja de Nossa Senhora da Graça feita a este convento de São Bento por Catarina Alves Paraguaçu,* e das terras circunvizinhas, e o mais que nela constará, a qual doação foi feita na era de 1586 (16 de julho)

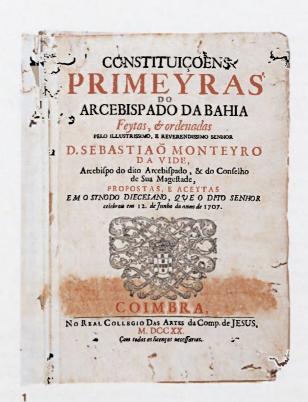
Traslado de doação da igreja de Nossa Senhora da Graça, construída por Catarina Paraguaçu, esposa de Caramuru, para os beneditinos, a fim de exercerem o culto litúrgico.

Franciscanos:
6. JABOATÃO, Antônio de Santa Maria. *Novo orbe seráfico brasílico, ou crônica dos Frades Menores da província do Brasil.* Lisboa: 1761, 2 v.

Novo orbe seráfico brasilico, *de frei Antônio Jaboatão. Obra fundamental para a história dos franciscanos no período colonial, publicada em 1761; 2 volumes.*

Carmelitas:
7. *Traslado das chartas de sesmarias, escripturas de vendas, de doação de destrato, entrega e obrigação, antes de posse e &, de terras da capitania do Rio de Janeiro, principalmente concernente os religiosos do Convento do Carmo,* 1566-1748.
Anais da Biblioteca Nacional, volume LVII, 1935, p. 187-400.
(B. N.) 9381.

Traslado das cartas de sesmarias, escrituras de vendas e doações referentes ao Convento do Carmo do Rio de Janeiro. Em razão de sucessivas doações recebidas, os carmelitas tornaram-se proprietários de muitos bens.

Capuchinhos
8. *Petição dirigida ao vice-rei do estado dr. Fernando José de Portugal, depois marquês de Aguiar, por frei Tomás de Castelo, missionário capuchinho,* com o fim de aldear os índios coroados do Distrito de S. Fidelis da Provincia do Rio de Janeiro. 1801.

CONSTITUIÇOENS PRIMEYRAS DO ARCEBISPADO DA BAHIA
Feytas, & ordenadas
PELO ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR
D. SEBASTIAÕ MONTEYRO DA VIDE,
Arcebispo do dito Arcebispado, & do Conselho de Sua Magestade,
PROPOSTAS, E ACEYTAS
EM O SYNODO DIECESANO, QUE O DITO SENHOR celebrou em 12. de Junho do anno de 1707.
COIMBRA,
No Real Collegio Das Artes da Comp. de JESUS,
M. DCCXX.
Com todas as licenças necessarias.

1

Petição do capuchinho frei Tomás de Castelo para aldear os índios coroados. Durante o período colonial, os capuchinhos franceses e italianos dedicaram-se sobretudo às atividades missionárias.

Mercedários:
9. *Noticia da fundação deste Convento de N. S. das Mercês desta cidade de Santa Maria de Belém do Pará,* aonde se inclui o descobrimento do Rio Amazonas, e outras noticias mais das fundações das aldeias do Rio Negro pelos primeiros religiosos da Congregação, extraído tudo o que se pode alcançar dos documentos que se acham no archivo deste convento. Ano de 1789.

Notícia da fundação do convento das mercês em Belém do Pará. Vindos do Peru, os frades mercedários ingressaram no norte do Brasil em 1639, na época em que o reino português estava anexado á Coroa espanhola.

Oratorianos:
10. *Estatutos da Congregação do Oratório de São Felipe Neri em Pernambuco.*

Fundados no século XVII no Brasil colônia, os padres do Oratório se expandiram na Região Nordeste, com casas em Pernambuco e na Bahia.

A Inquisição e o Cristão-novo

Ronaldo Vainfas

A Inquisição esteve presente na história do Brasil desde o nosso primeiro século. Insinuou-se nos anos 1540 contra o donatário de Porto Seguro, Pero do Campo Tourinho, acusado de numerosas blasfêmias, e depois com o francês conhecido como Jean Cointa, o senhor de Bolés, nos anos 1560. Mas foi no final do século XVI, em plena União Ibérica (1580-1640), que o Santo Ofício português enviou sua primeira visitação ao nordeste brasílico, confiada a Heitor Furtado de Mendoça. Heitor Furtado percorreu a Bahia, Pernambuco e boa parte do Nordeste em busca, sobretudo, de cristãos-novos suspeitos de judaizar em segredo. Outras visitações foram depois enviadas ao Brasil e montou-se uma estrutura inquisitorial apoiada nas vistas diocesanas e na rede de comissários e familiares espalhados pela América Portuguesa entre o século XVII e o início do XIX. Os cristãos-novos foram sempre as vítimas prediletas do Tribunal, mas muitos outros foram perseguidos: bígamos, sodomitas, feiticeiros, blasfemos e mais indivíduos suspeitos de heresia.

Não há, pois, exagero em dizer que a história do Brasil colonial teve na ação inquisitorial um de seus capítulos mais importantes e trágicos.

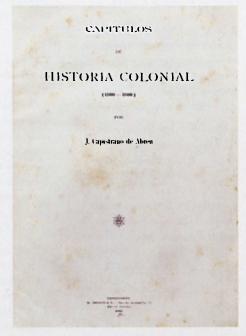
CAPITULOS

DE

HISTORIA COLONIAL

(1500 — 1800)

POR

J. Capistrano de Abreu

Capistrano de Abreu preocupou-se com a colônia portuguesa da América estudando as confissões e denunciações do Santo Ofício no Brasil.

1. Primeira visitação do Santo Oficio às partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça. *Confissões da Bahia – 1591–1592.* São Paulo: Paulo Prado, 1922.

A chegada do visitador do Santo Ofício à Bahia, em 1591, inaugurou a atuação mais sistemática da Inquisição no Brasil, instaurando, entre os colonos, um pânico generalizado.

2. Primeira visitação do Santo Oficio às partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça. *Denunciações da Bahia – 1591–1593.* Introdução de Capistrano de Abreu. S.Paulo: Paulo Prado, 1925.

Movidos pelo medo do Santo Ofício, os colonos da Bahia atenderam à convocatória inquisitorial, entre 1591 e 1593, denunciando-se uns aos outros por presumidos erros de fé.

3. Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça. *Denunciações de Pernambuco*, 1593-1595. Introdução de Rodolfo Garcia. S.Paulo: P.Prado, 1929.

Pernambuco era a capitania onde mais havia cristãos-novos no final do século XVI. Dentre eles, o célebre Bento Teixeira e a lendária Branca Dias, ela já falecida, ambos acusados de heresia na Mesa da Visitação.

4. Primeira visitação do Santo Oficio às partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça. *Confissões de Pernambuco*. Organização de J.A.Gonsalves de Mello. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970.

Apavorados com a chegada do visitador, os moradores de Pernambuco confessaram de tudo: desde a prática do criptojudaísmo às intimidades eróticas heterossexuais ou sodomíticas, matéria de que o Santo Ofício passou a cuidar no século XVI.

5. Livro da visitação do Santo Oficio da Inquisição ao estado do Grão-Pará, 1763-1769. Apresentação de J.R. do Amaral Lapa. Petrópolis, Vozes, 1978.

Devemos ao saudoso historiador Amaral Lapa a descoberta da tardia visitação ao Grão-Pará, já no período pombalino. Nela os cristãos-novos não mais aparecem no rol das vítimas inquisitoriais. Mas é documento rico sobre como estava o mundo indígena da Amazônia após a expulsão dos jesuítas.

6. Segunda visitação do Santo Ofício às partes do Brasil pelo licenciado Marcos Teixeira. *Denunciações da Bahia, 1618-1621*. Introdução de Rodolfo Garcia.

A segunda visitação do Santo Ofício se restringiu à Bahia, no inicio do século XVII. A preocupação essencial dos inquisidores continuava sendo o presumido criptojudaísmo dos cristãos-novos, acrescida do medo de que eles auxiliassem os calvinistas holandeses numa possível invasão do Brasil.

7. Segunda Visitação do Santo Oficio às partes do Brasil pelo licenciado Marcos Teixeira. *Confissões e ratificações da Bahia, 1618-1620*. Introdução de Eduardo d'Oliveira França e Sônia Siqueira. *Anais* do Museu Paulista, tomo XVII.

Rastreando heresias e suspeitando de cumplicidades judaico-holandesas na Bahia, a segunda visitação resultou, porém, em poucos processos. Mas os holandeses invadiriam mesmo a Bahia em 1624, poucos anos depois da visitação.

8. *Sentença que se deu no Santo Oficio de Portugal ao Padre Manuel Lopes de Carvalho, natural da cidade da Bahia*, sacerdote do hábito de São Pedro, que saiu relaxado em carne, no auto público da fé que se celebrou na Igreja de S. Domingos dessa cidade de Lisboa Ocidental, novembro de 1726. Cópia do século XVIII.

Padre secular e admirador de Vieira, Padre Manuel desafiou os inquisidores, chegando a dizer que ele mesmo podia ser o Messias. Numa das últimas sessões de interrogatório, disse que a Inquisição era "um tribunal de ladrões" e tentou o suicídio. Morreu queimado em auto-de-fé, em 1726.

9. Resposta que o Pe. Antônio Vieira, estando nos cárceres do Santo Ofício, oferece aos senhores inquisidores sobre as censuras das suas propozições e em defesa do livro intitulado *Quinto Império do Mundo e da apologia do Clavis prophetarum de Regno Christi*.

O maior jesuíta do Brasil era defensor dos cristãos-novos, além de adepto do sebastianismo. Prognosticou a ressurreição de d.João IV, morto em 1656, como cabeça de Portugal, o V Império do Mundo.

10. *Razões que apresentaram a El Rei D.João IV em favor dos cristãos novos* para lhes ser perdoado a confiscação de seus bens, sendo sentenciados pelo Santo Ofício, e o que para isso oferecemos a S.M. em 1649

Influenciado por Antônio Vieira, d. João IV executou política em vários aspectos favorável aos cristãos-novos portugueses, contrariando os interesses da Inquisição.

11. *Carta de Capistrano de Abreu a João Lúcio de Azevedo tratando das confissões e das denunciações do Santo Ofício no Brasil*, 1925, 2 páginas

Capistrano de Abreu foi um dos pioneiros na descoberta de fontes inquisitoriais portuguesas relacionadas ao Brasil. Manteve forte diálogo como o historiador português João Lúcio de Azevedo, estudioso dos cristãos-novos e do sebastianismo.

III A Presença Estrangeira no Brasil Colonial

A França Antártica, a França Equinocial e os Corsários Franceses do Século XVIII

Paulo Knauss

Franceses e portugueses na disputa colonial

Franceses e portugueses foram rivais na colonização da América. Os navegantes da França foram os agentes mais importantes da defesa da liberdade dos mares. Desse modo, contestaram a pretensão ibérica de exclusividade dos mares, expressa no Tratado de Tordesilhas de 1494. A partir disso, o quadro internacional da disputa colonial constituiu-se em um dos pilares do desenvolvimento do colonialismo.

No contexto da disputa dos mares, os franceses estabeleceram a colônia da *França Antártica*, na baía de Guanabara, em meados do século XVI, com base na permuta de produtos com os nativos da terra. A vitória na batalha de 1560 representou um dos maiores sucessos militares dos portugueses no século XVI. No Maranhão, no início do século XVII, o empreendimento da *França Equinocial*, amparada pela colaboração espiritual dos frades capuchinhos, antecipava o período das companhias monopolistas coloniais. No início do século XVIII, o fracasso da expedição de Duclerc de ataque à cidade do Rio de Janeiro, seguida pelo sucesso da tomada da cidade em 1711, sob o comando de Duguay-Trouin, representa o período do corso baseado no saque e no butim. Finalmente, os Tratados de Paz de Utrecht encerrariam a era da disputa de terras, demarcando as fronteiras continentais dos impérios coloniais.

O medo dos franceses serviu como justificativa para que o domínio colonial português na América se afirmasse com base no aparato militar e na submissão forçada dos nativos da terra. Além disso, a disputa colonial serviu para legitimar os mecanismos de controle social da vida dos colonos, recorrendo à perseguição religiosa através da Inquisição.

3

1. DENIS, Ferdinand. *Une fête bresilienne celebrée à Rouen en 1550.* Paris, J. Technes, 1850.

A celebração da entrada do rei francês Henrique II na cidade de Rouen incluiu a participação de nativos da terra do Brasil. No Renascimento, as idéias acerca da vida natural serviram ao debate da condição humana.

A França Antártica

2. LÉRY, Jean de. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil. /s.l./,* pour Antoine Chuppin, 1578.

Além de ser uma crônica da empresa colonial francesa na região da baía de Guanabara, esta obra tornou-se um documento do relativismo cultural, aproximando culturalmente europeus e indígenas, sendo um marco da defesa da bondade natural dos nativos da terra do Brasil.

3. THEVET, André. *Les singularitez de la France Antartique.* A Paris: chez les heritiers de Maurice de La Porte, au Clous Bruneau, à Lènfeigne S. Calude, 1557.

O autor tornou-se o cosmógrafo do rei francês, sendo responsável pelos conhecimentos oficiais da geografia na França. Consagrou-se pela sua imagem negativa dos nativos do Brasil, associando-os com a força bruta e a maldade.

4. GAFFAREL, Paul. *Histoire du Brésil français au XVIe. siècle.* Paris: Maisonneuve, 1878. [apêndice com cartas de N.Villegagnon e N. Barré]

A primeira obra da historiografia sobre a empresa colonial francesa na baía de Guanabara. Seu apêndice documental é importante para os pesquisadores, destacando-se a correspondência do comandante Villegagnon.

5. HEULHARD, Arthur. *Villegagnon, roi d'Amérique; un homme de mer au XVIe. siècle.* Paris: Ernest Leroux, 1897.

Mais importante biografia sobre Nicolas Durand de Villegagnon, comandante da empresa francesa na baía de Guanabara do século XVI, e que narra seus grandes feitos militares e a perseguição que sofreu por parte dos protestantes.

6. *Processo de João de Bolès e justificação requerida pelo mesmo* [cópia] – [*Anais da Biblioteca Nacional*, 1904. nº 25. p.215-308].

Trata da história do protestante francês que, depois de abandonar a França Antártica, se passou para o lado dos nativos da terra, e depois para o lado dos portugueses e terminou enredado nas teias da Inquisição lusitana.

A França Equinocial

7. D'ABBEVILLE, Claude. *Histoire de la Mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan et terres circonvoisines.* Paris: Imprimerie de François Huby, 1614. Il.

Essa obra é uma crônica da empresa colonial francesa no Maranhão do inicio do século XVII e que ao expor a defesa da conversão dos nativos, termina fornecendo um quadro valioso da vida da gente da terra.

8. D'EVREUX, Yves. *Voyage dans le Nord du Brésil fait durant les années 1613 et 1614*; préface et édité par Ferdinand Denis. Paris et Leipzig, A. Franck, 1864. [trata-se de uma edição da obra de Yves d'Evreux. *Suitte de l'Histoire des choses plus memorables advenus en Maragnan, ès années 1613 & 1614, Second Traité.* Paris, Imprimerie de François Huby, 1615.]

Edição do século XIX da crônica da tentativa de colonização francesa do Maranhão, de cujo original do século XVI só existem dois exemplares no mundo.

As empresas de Du Clerc e Du Guay-Trouin

9.1. DU CLERC. *Narração do Assalto que os franceses fizeram ao Rio de Janeiro governados por Du Clerc, e a victoria que delles alcançou o Governador da Cidade Francisco de Castro Moraes no anno de 1710.*

Relato do fracasso militar francês de atacar o Rio de Janeiro, fazendo vários franceses prisioneiros dos portugueses, e provocando o assassinato de seu comandante, o que serviu de pretexto para novo ataque francês à cidade.

9.2. DU GUAY-TROUIN, René. *Mémoires de Monsieur Du Guay-Trouin...* Amsterdam, chez Pierre Mortier, 1730. (A obra tem ilustrações de embarcações, mas destaca-se o frontispíciode Du Guay-Trouin.)

Trata-se do testemunho do corsário francês de suas empresas, contendo famosas ilustrações que apresentam os barcos e a estratégia da ação de tomada no Rio de Janeiro, o mais importante dos seus feitos militares.

9.3. DE LAGRANGE, Louis Chancel. *A tomada do Rio de Janeiro em 1711 por Du Guay-Trouin.* Rio de Janeiro: Dep. Imprensa Nacional, 1967.

Documento encontrado na Espanha que é um dos mais importantes relatos dos acontecimentos da tomada do Rio de Janeiro, que resultou no pagamento de um resgate pesado para os habitantes da cidade.

9.4. *Relation de Ice qui s'est passé pendant la compagne de Rio de Janeiro, faite par l'Escadre des Vaisseaux du Roy, commandée par le Sieur Du Guay-Trouin*, Paris, le 22 Février de 1712. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1899. V. XX-1898. P. 232-240; existe indicação no v. 102, ref. 653, p. 105.

Importante relato francês sobre os fatos ocorridos durante o saque do Rio de Janeiro promovido pelos corsários franceses, em busca das riquezas da cidade devido ao grande movimento do porto e ao ouro das Minas Gerais.

9.5. *Documentos relativos aos ataques franceses ao Rio de Janeiro em 1710-1711*. ... Originais e cópias. 69. Doc. 114p.

Nesse códice acompanha-se pela documentação entre as autoridades coloniais os ataques corsários dos franceses ao Rio de Janeiro, evidenciando a certeza e o medo permantente da invasão da cidade por corsários franceses.

Brasil e Espanha: do Descobrimento ao Governo dos Felipes, Rumo às Novas Fronteiras Sul-americanas

Roseli Santaella Stella

7

Quando se trata de abordar os laços entre o Brasil e a Espanha, há que se considerar o conjunto de transcendentes circunstâncias originadas na raia de largada da expansão ultramarina pela disputa das ilhas Afortunadas entre os Reinos Ibéricos. Pelo Tratado de Alcaçovas, em 1479, as Canárias ficariam unidas à Castela, enquanto os desconhecidos territórios e rotas marítimas situadas ao sul delas seriam de Portugal. Tal pacto desdobrou-se no Tratado de Tordesilhas, em 1494, quando o Brasil recebeu a sua primitiva configuração na "genética" do Novo Mundo. Desse acordo não pactuaram os demais "filhos de Adão", contra os quais ainda pesavam os ensaios promovidos por ambas as coroas visando unir a península para triunfar no cenário europeu e mediterrâneo.

Tais ensaios materializaram-se com o reconhecimento de Felipe II como rei de Portugal, em 1581, representando a posse do espólio deixado por d. Manuel, seu avô materno, ao legítimo herdeiro da Coroa lusa. Portugal e suas colônias foram inseridas no sistema de governo polissinodal, através do qual a Espanha gerenciava os destinos do seu vasto território, tendo o Brasil papel de destaque no conjunto americano e no contexto econômico euro-africano.

A emergente Colônia situada no flanco Atlântico representava o escudo natural para frear as investidas inimigas sobre as ricas possessões de Castela no Novo Mundo. No entanto, o mesmo escudo movia-se contra tais territórios, desde a zona platina até a amazônica, cujo avanço seria freado face aos vários tratados de limites que alteraram o perfil das atuais nações sul-americanas.

a) Do descobrimento ao governo dos Felipes
1. PINZÓN, Vicente Yanez. Inquirição de testemunhas que foram com Vicente Yanes Pinzon e descobriram a ponta de Santa Cruz e Santo Agostinho. Cópia literal das perguntas sexta e sétima.

Esta capitulação concedida por Fernando e Isabel é o primeiro contrato para o governo do Brasil. Resultou da expedição de Pinzón que descobriu terras situadas no atual Ceará, em janeiro de 1500, quando se desconhecia que pertenciam a Portugal pelo Tratado de 1494.

2. VACA, Alvar Nunez Cabeza de. *La relación y comentarios del governador Alvar Nuñez Cabeza de Vaca*, de lo acaescido en las dos jornadas que hizo a las Indias. Valladolid, 1555.

A obra de Cabeça de Vaca constitui um dos primeiros relatos de viagem no Brasil, reconstituindo a expedição iniciada em Santa Catarina em 1541, rumo ao Paraguai, contendo a primeira descrição sobre a hidrografia e relevo da região do Pantanal. A Biblioteca Nacional possui um dos raros exemplares impressos em Valladolid, em 1555, dessa que é a obra mais antiga sobre a Flórida e o Rio da Prata.

3. APIANO, Pedro. *"Libro dela Cosmographia de Pedro Apiano*, el qual trata la descripción del mundo...". Envers: en Casa de Gregório Bontio, 1548.

Esta Cosmografia traduzida para o castelhano em 1548, ainda que apresente notícias incompletas sobre o Brasil, destaca-se por ter sido elaborada antes de 1524, ano em que veio à luz a primeira edição escrita em latim e quando eram raras as vagas impressões a respeito desta parte do Novo Mundo.

b) O Brasil sob o governo espanhol: 1580-1640
4. Capitanias del govierno del Brasil. Descrição anônima, em espanhol, início do séc. XVII.

Nas raras descrições do gênero, esse manuscrito é pouco conhecido. No acervo da Biblioteca Nacional destaca-se por conter curiosos registros em castelhano, a respeito da divisão administrativa do Brasil sob o governo da Espanha.

5. MORENO, Diogo de Campos. *Jornada do Maranhão por ordem de S. Majestade feita Felipe III no ano de 1614, por Diogo de Campos Moreno.*

A empresa de Campos Moreno visava reconhecer o norte do Brasil para salvaguardar por vias indiretas as riquezas do Alto Peru, principalmente, ao alcance dos franceses estabelecidos em São Luís entre 1612 e 1615. Agregando-se a outros relatos semelhantes depositados na Biblioteca Nacional é peça fundamental para o exame da contribuição filipina no processo de ocupação do extremo norte do Brasil.

6. OLIVEIRA, Diego Luis de. *Provision del Virrey del Brasil D.ª Diego Luis de Oliveira en que manda hacer información de los danos que los Portugueses hacian en las Reducciones de Índios*, fecha en 4 deciembre de 1629. original

Estando sob o mesmo cetro, ainda que se tentassem coibir as investidas desferidas desde o Brasil às reduções indígenas, segundo documentam vários manuscritos da Biblioteca Nacional, era impossível deter o oportunista avanço português sobre o território espanhol durante os sessenta anos de governo filipino no Brasil.

7. ALBERNAZ, João Teixeira. *Planta da Restituição da Bahia*. Século XVII. original

Albernaz foi além da representação do sistema de ataque conjunto que restaurou Salvador dos holandeses em 1625. Sua planta é um raro documento da cidade ao tempo dos Felipes, com suas igrejas, o palácio de governo, as fortificações, o colégio e a olaria dos jesuítas, suas hortas, praças, ruas, casarios e as antigas portas que davam acesso à cidade.

8. MARTINEZ, Francisco. *Relacion de la vitoria que alcanzaron las armas Catolicas en la Baia de Todos os Santos, contra Olandeses, que fueron a sitiar aquella Plaça...* Impressa com licença do Real Consejo de Castilla, em Madrid: 1638.

Este exemplar da Biblioteca Nacional destaca-se por ter sido impresso em Madri, com a autorização dos Conselhos de Castela e de Estado de Portugal e no mesmo ano em que a relação foi apresentada. Tais particularidades conferem outro valor a obra, pois indicam a campanha espanhola para promover as ações de Felipe IV em defesa do Brasil, face aos indícios de rejeição lusa ao domínio da Espanha.

9. COELHO, Duarte Albuquerque. *Memorias Diarias de la guerra del Brasil por discurso de neve anos...* Impresso em Madri, por Diego Dias de la Carrera, 1654.

As memórias oferecidas a Felipe IV foram impressas em Madri, em 1654, após a restauração de Portugal. Mais que um mero relato de guerra, esta rara publicação revela o papel do Brasil como instrumento da relutância espanhola no processo de reconhecimento da independência lusa, concluído em 1668.

10. MELHOR, Marqueses de Castelo. *Códice da Coleção Marqueses de Castelo Melhor.*

Dentre as várias coleções da Biblioteca Nacional esta é a mais significativa para o exame da gestão filipina no Brasil. É formada por documentação original, na maior parte inexistente em Portugal e na Espanha. Além de guardar manuscritos ou impressos que testemunham o empenho dos marqueses de Castelo Melhor para recolher documentos em prol da restauração portuguesa, encerra muitos outros de particular interesse para a Espanha a partir do final dos Reis Católicos.

11. MASCARENHAS, Fernando, conde da Torre. *Relação do subcesso que tewe no Brazil a Armada que S. Magde. Mandou a cargo de Dom Fernando Maz Conde da Torre no anno de 1638 eloqo q chegou aquelle estado pollos principios do anno de 639.* [S.l., não antes de jan. 1639]. 7 p. mss. Original.

Ao lado dos demais registros manuscritos, impressos e iconográficos que integram o conjunto da brasiliana na Biblioteca Nacional, este relato sobre a armada combinada para restaurar o nordeste forma o mais completo acervo sobre a resistência luso-espanhola contra a presença holandesa no Brasil.

c) A expansão geográfica do Brasil na Bacia do Prata
12. Disposiciones del Gobernador de Buenos Aires contra los portugueses que estan en la Colonia. 1680 original

Não há episódio mais trágico em nossa história militar do que o dessa colônia. *As palavras de Américo Jacobina Lacombe encerram a importância desse manuscrito sobre a reação espanhola frente ao antigo e persistente propósito luso de estender o sul do Brasil até o estuário do Prata.*

13. *Manifesto legal, cosmografico, y histórico, en defesa dei derecho de la Magestad Catolica del muy Soberano rey de las Españas Don Carlos Segundo* .... para decision de la propriedad de las demarcaciones de la America, y sobre la situacion de la nueva Colonia do Sacramento.... (Madrid 1682 ?) original

Este raro manifesto traz as conclusões do Congresso celebrado em Badajós em 1682, para discutir os limites americanos e a situação da Colônia de Sacramento. A Biblioteca Nacional guarda o mais completo conjunto documental sobre o processo que durou cem anos para fixar as fronteiras sul-americanas.

14. *Relación de lo sucedio en a expusion de los Portugueses que pretendiendo invadir las Provincias del Rio de la Prata, Paraguay etc. se poblaron en frente de las Islas de S. Gabriel ... 1680.* original

O conjunto documental sobre a fundação de Sacramento desvenda os interesses econômicos portugueses no rio da Prata: continuar participando do comércio com Buenos Aires, tantas vezes permitido pela Espanha durante a união das coroas.

d) Do Tratado de Madri ao de Santo Ildefonso

15. *Respuestas a la memoria que presentó en 15 de Enero de 1776 el Exmo Senor. Don Francisco Inoncencio de Sousa Coutiño" ... relativa á la negociacion entablada para tratar del arreglo y señalamiento de Limites de las Possessiones Españolas y Portuguesas en América Meridional.*

Este manuscrito é peça fundamental para reconstituir o árduo trabalho diplomático realizado entre a Espanha e Portugal para solucionar os efeitos das lutas travadas nos campos sul-americanos. Após quase cem anos da fundação de Sacramento, a disputa havia-se estendido a São Pedro do Rio Grande, Porto dos Casais, mais tarde Santa Catarina, e aos Sete Povos das Missões.

16. *Memoria geográfica de los viaje practicados desde Buenos Aires hasta el Salto Grande del Parana por las primeras y segundas partidas de la demarcacion de limites en la América meridional, en conformidad del tratado preliminar de 1777...*

O Tratado de Madri, por si só, não conseguiu definir a posse dos territórios no sul do continente americano. A fundação da Colônia de Sacramento mudou dez vezes de domínio. A expansão gerou vários tratados: o Tratado Provisional (1681), de Utrecht (1715), de Madri (1750), do Pardo (1761), de Paris (1763) e de Santo Ildefonso (1777), cuja divisão dos domínios foi conferida pelo geógrafo Oyárvide, também piloto da Real Armada da Espanha. Chegavam ao fim difíceis negociações que aperfeiçoaram o trato diplomático entre as ex-províncias espanholas, Portugal, Espanha e Brasil, cujas relações remontam à fase dos descobrimentos.

2

17. Cartas topograficas do Continente do Sul e parte meridional da America Portugueza com as Batalhas que o Illmo. E Exmo. Conde de Bobadella ganhou aos indios das Missoens do Paraguay. [S.l., 1775]. 23 mapas aquarelados. Coleção Morgado de Mateus.

Na Biblioteca Nacional encontram-se os vinte e três mapas aquarelados que integram estas cartas topográficas. Uma das estampas representa a Vila de Santos, ponto estratégico das incursões organizadas rumo às missões jesuíticas em território da Espanha e que foram destruídas nas disputas entre portugueses e espanhóis pela posse da região.

O Brasil Holandês

Heloísa Meireles Gesteira

Redenen/
VVaeromme de vvest-
Indische Compagnie dient te trachten het
Landt van BRASILIA den Co-
ninck van Spangien te ontmach-
tigen, en dat ten eersten.
Wesende een ghedeelte der Propositie
ghedaen door Ian Andries Moerbeeck, aen zijn Vor-
stelijcke Ghenade Mauritio Prince van Orange/etc.
ende eenighe andere Heeren Ghecommitteerden van
de Hooghe ende Groot-moghende Heeren de Staten
Generael der Vereenichde Nederlanden/in 's Graven
Haghe den 4. 5. ende 6. April / Anno 1623.

t'AMSTERDAM,
By Cornelis Lodewijcksz. vander Plasse Boeck-verkooper op de
hoeck vande Beurs/ inden Italiaenschen Bybel/ Anno 1624.

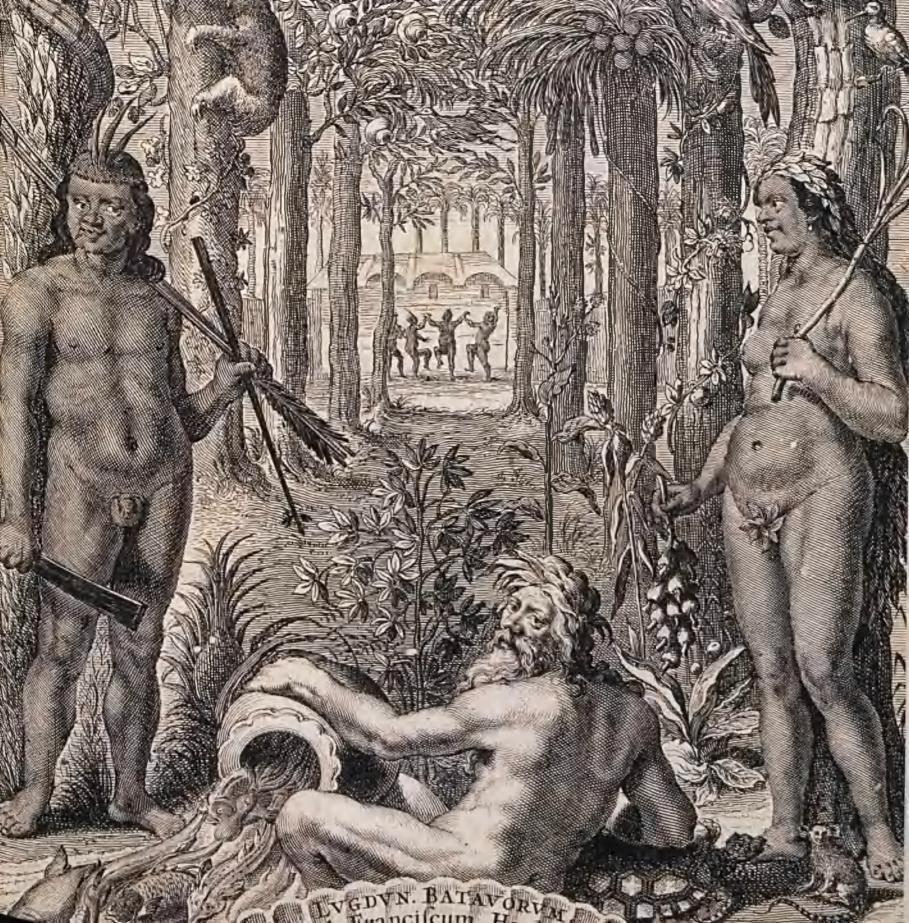
3

Desde o início do século XVII os holandeses faziam incursões à costa americana. Dessas viagens resultaram descrições dos vários lugares visitados. A fundação da Companhia das Índias, em 1621, aumentou ainda mais a curiosidade sobre o continente americano.

O Brasil aparece com destaque nos escritos neerlandeses. Folhetos, mapas e roteiros deixam transparecer os motivos que direcionaram os colonizadores batavos para a região dominada pelos portugueses, mais precisamente as Capitanias da Bahia e Pernambuco. O interesse no comércio do açúcar e a guerra contra o império espanhol figuram entre as principais justificativas para o ataque. O açúcar brasileiro, tirado do rei de Espanha, seria mais uma fonte para suprir os gastos da guerra contra o avanço espanhol em direção aos Países Baixos. A Biblioteca Nacional possui uma mostra significativa deste material.

É curioso notar que a coleta de informações sobre o Brasil não se limitou às estratégias militares e à produção açucareira. Em 1624, mesmo ano da malograda tentativa de ocupar a Cidade de São Salvador, foi publicado nos Países Baixos o *Reys boeck van het rijk Brasilien, Rio de la Plata ende Magalhaes, daer in te sien is de gheleghentheyt van hare landen ende steden haren* (*Diário de viagem e descrição das riquezas do Brasil, Rio da Prata e Magalhães, onde se registra a situação dos países e cidades, bem como dos usos e costumes*). Este folheto, hoje guardado pela Biblioteca Nacional, é fonte preciosa para estudos históricos e etnográficos.

Entre os anos de 1637/644, período do governo do conde João Maurício de Nassau-Siegen, esteve no Brasil a primeira missão propriamente científica. Uma das marcas da administração nassoviana foi a construção da Cidade Maurícia (*Mauritstadt*) para sede do governo batavo no Brasil. Dentro dos limites da cidade, mais precisamente ao redor do palácio *Vrijburg*, residência do conde, existiu um jardim que reunia espécies da fauna e da flora do Brasil e de outras regiões dominadas pelos neerlandeses. O jardim atesta para o interesse na realização de estudos minuciosos sobre a natureza americana, o que pode ser comprovado pelo belíssimo livro *Historia Naturalis Brasiliae* (1648), de Guilherme Piso e Jorge Marcgrave. Este momento do Brasil holandês foi registrado dentro do estilo literário do século XVII por Gaspar Barléus no seu *Rerum per octenium in Brasilia*, de 1647.

LVGDVN. BATAVORVM
Franciſcum H

1. CALADO, Manuel. *O Valeroso Lucideno e triunpho da liberdade*: primeira parte. Lisboa: 1648.

Calado pertenceu a Ordem dos Padres de São Paulo e foi defensor da retomada do trono português pela Casa de Bragança. Viveu no Recife durante o governo do conde João Maurício de Nassau-Siegen. Escreveu este livro em homenagem a João Fernandes Vieira, herói da expulsão dos neerlandeses do nordeste. Esta obra é de grande valor para observar a situação dos portugueses que permaneceram na região dominada pelos batavos.

2. LAET, Johannes. *Beschrijvinghe van West-Indien*. (Novo Mundo, sua descrição). Tot Leyden, bij Elzeviers, 1630.

Johannes de Laet, diretor da Companhia das Índias Ocidentais pela câmara de Amsterdam. Foi nesta obra que pela primeira vez este intelectual de renome das Províncias Unidas fez referência ao Brasil, que ocupa parte significativa do texto. É uma referência importante para os estudos da natureza, da geografia, da história e dos costumes dos povos americanos. Laet é também autor da História ou Anais da privilegiada Companhia das Índias Ocidentais, desde a sua fundação até o ano de 1636, *uma das principais fontes para o estudo dos primeiros anos do dominio batavo na América.*

3. MOERBEECK, Jan Andries *Redenen Vvaeromme de West-Indische Compagnie dient te trachtgen het Landt van Brasilia den Coninck van Spangien te ontmachtgen*. (Razões por que a Companhia das Índias Ocidentais deve tomar as terras do Brasil do rei de Espanha). T'Amsterdam, C. Lodewijsksz, 1624.

Panfleto publicado a partir de um discurso feito por Moerbeeck, aos Estados-Gerais dos Países Baixos Unidos, em defesa da expansão neerlandesa para o Atlântico. Neste texto encontram-se as razões políticas e econômicas que sustentam a investida da Companhia das Índias Ocidentais contra Pernambuco e Bahia.

4. NIEUHOF, Johan. *Gedenkwaerdige zee em lantreizen door de voornaemste landschappen van West en Oostindien*. (Memorável viagem marítima e terrestre às Índias Ocidentais e Orientais). T'Amsterdam, 1682.

Soldado da Companhia, esteve no Brasil de 1640 até 1649. Os assuntos deste livro são variados, desde a administração de Nassau até os motivos da revolta dos portugueses contra o governo neerlandês.

5. PISO, Willem & MARCGRAVIUS, Georgius. *Historia naturalis Brasiliae*. (História Natural do Brasil). Lud., Elzevirium, 1648.

Este livro foi resultado dos trabalhos da primeira missão propriamente cientifica ao Brasil. Além das informações sobra a fauna, a flora e os habitantes naturais da terra, esta obra apresenta um estudo importante das doenças tropicais e os tratamentos então conhecidos. Este livro permaneceu até o século XIX como uma das principais referências para os estudos de história natural do Brasil.

5

6. Reys boeck van het rijk Brasilien, Rio de la Plata ende Magalhaes, daer in te sien is de gheleghentheyt van hare landen ende steden haren... (Diário de viagem das riquezas do Brasil, Rio da Prata e Magalhães, onde se registra a situação dos países e cidades, bem como dos usos e costumes). Canin, 1624.

Contemporâneo ao ataque à cidade de Salvador, este panfleto descreve a costa do continente americano desde Magalhães até o Maranhão, realçando as principais cidades, portos e fortificações. As gravuras que acompanham o texto são de grande valor para as observações históricas e etnográficas.

7. BARLAEUS, lGaspar, *Rerum per octenium in Brasilia* (História dos feitos recentemente praticados no Brasil durante oito anos). Amsterdam: Ex typographeio Ioannis Blaev, 1647.

Ilustre humanista e poeta que escrevia na língua latina, Barlaeus recebeu das mãos do conde João Mauricio de Nassau-Siegen o material necessário para escrever este livro enaltecendo os feitos do conde durante o seu governo no Brasil. Além dos mapas das capitanias conquistadas pelos neerlandeses desenhados por Jorge Marcgrave, esta obra reúne belíssimos quadros feitos por Frans Post.

8. BLAEU, Willem Janszoon, *Novus Brasiliae typus*, Amsterdam.

Nesta carta podem ser vistas cenas da vida indígena, como um ritual de canibalismo e animais que representam a natureza americana.

9. BLAEU, Joan *Brasilia generis nobilitate armorum et lettterarum scientia prestantmo.*

Situada em Amsterdam, a oficina Blaeu transformou-se no principal centro da edição cartográfica durante o século XVII. Nesta carta, a costa brasileira aparece toda demarcada. Como instrumento político importante, os mapas são mais um mecanismo de tentativa de tomar posse do território.

10. T'Neemen van de suyker prysen inde Bay de Todos los Santos, 1629. (Tomada e apreensão de um carregamento de açúcar na Bahia de Todos os Santos).

Os mapas também contam uma história. A Bahia de Todos os Santos aparece como palco das guerras entre os espanhóis e os neerlandeses.

ARTYKELEN,

Van 't overgaen van

NIEUW-NEDERLANDT.

Op den 27. Augusti, Oude-Stijl, Anno 1664.

SYmon Gilde van Rarop, Schipper op 't Schip de Gideon, komende van de Menates, of Nieuw-Amsterdam in NIEUW NEDERLANDT, rapporteert dat NIEUW-NEDERLANDT, met accoort, sonder eenighe tegenweer, den 8. Septemb Nieuwe-Stijl, aen de Engelsen is overgegeven, op Conditien als volght:

I.

WY staen toe dat de Staten Generael/ ofte de West-Indische Compagnie sullen behouden/ ofte vryelijck besitten/ alle de Bouweryen en Huysen (uytgesondert die in de Forten souden mogen staen) en dat het haer vergunt word/ om binnen ses maenden alle sodanige Wapenen en Ammonitie van oorlogh haer toebehoorende/ te vervoeren/ ofte voor de selve betaelt te worden.

II.

Alle publijcque Huysen/ sullen blijven/ tot dat ghebruyck daer toe sy nu gebruyckt worden.

III.

[illegible]der een sal zijn een Vry-Borger/ en behouden hare Landeryen/ Huysen/ Goede[illegible] Schepen/ waer die oock souden mogen zijn in dese Contreyen/ ende na sijn welgevallen daer over disponeren.

IV.

Indien eenigh Inwoonder voornemens waer om selfs te vertrecken/ hy sal genieten een jaer en ses weecken/ om hem selven/ Vrouw/ Kinderen/ Dienaers en goederen transporteren/ en hier van sijne Landeryen te disponeren.

V.

Indien dat eenige Hooge ofte publijcque Ministers van sins souden mogen zijn naer Engelant te vertrecken/ sy sullen Vracht-vry over gevoert werden/ in sijn Majesteyts Fregatten/ als de selve derwaerts sullen varen.

VI.

Oock wert een yegelijck toegestaen/ om vryelijck uyt Nederlant herwaerts te komen/ om in dese gewesten te planten/ ende dat de Duytse Schepen vry hier mogen [illegible]men/ ende de Duytsen vry wederkeeren/ ofte met haer eygen Schepen allerley [illegible]pmanschappen naer Huys senden.

VII.

Alle Schepen uyt Hollandt ofte elders komende/ sullen met haer byhebbende goederen hier ontfangen worden/ en van hier versonden worden/ als voor desen voor onse [illegible]nkomste/ ende dat voor ses achter een volgende Maenden.

VIII.

De Duytsen alhier sullen behouden/ ende ghenieten vryheydt van conscientie in [G]odsdienst ende Kerckelijcke Discipline.

IX.

Geen Duytschman ofte Duytschmans Schip/ sal hier in eenige gelegentheydt [illegible] worden ten Oorloge/ tegens hoedanige Natie het oock soude zijn.

X.

Geen Manathans Man ofte Inwoonder sal eenige inquartieringe opgeleyt worden/ ten zy behoorlijcke satisfactie en betalinge door haer Officiers daer voor gedaen [illegible]/ en [illegible] in dese gelegentheydt/ by aldien in het Fort alle de Soldaten met kon[illegible] logeren/ soo sullen de Burgemeesters ghehouden zijn/ door haer Officieren eenige Huysen/ tot dien eynde te beschicken.

XI.

De Duytsen sullen (aengaende haer erffenisse) behouden haer eygen gewoonten.

XII.

Alle publijcque Geschriften en bewijsen (betreffende de Erffenisse van yemant/ ofte [ke]rckelijcke Regeeringe/ Diaconie ofte Weez-kamer) sullen sorghvuldiglyk bewaert [wo]rden/ van de gene/ onder welcke sy berustende zijn/ ende sulcke Geschriften/ die de [S]taten Generael zijn competerende/ sullen t'eeniger tyt haer toegesonden werden.

XIII.

worden/ dat hy is een vry Borger van dese Placts/ als oock vryheyt gegeven worden om te negotieren.

XV.

Alle subalterne Borgers/ Officiers/ en Magistraten sullen/ indien 't haer gelieft/ continueren in hare plaetse/ tot den gewoonelijcken tijdt/ in welcke de Nieuwe Electie gedaen wordt/ als dan sullender nieuwe gekoren werden door haer selven/ met dese conditie, dat de nieuwe gekooren Magistraten sullen moeten doen den Eet van getrouwigheyt aen sijn Majesteyt van Engelandt/ eer dat sy haer Officie aenvaerden.

XVI.

By aldien het sal blijcken datter eenige publijcke onkosten zijn gedaen/ en een middel beraemt/ om dese onkosten te betalen/ het is geaccoordeert/ dat dit middel sal standt grypen/ ter tijdt toe dat dese onkosten sullen voldaen zijn.

XVII.

Alle voor-gemaeckte Contracten/ Schulden en Weer-schulden/ binnen dese Provintien yemandt raeckende/ sullen volgens de Duytsche wyse gevordert worden.

XVIII.

By aldien het kan blijcken/ dat de West-Indische Compagnie van Amsterdam aen yemandt hier eenige somme gelds schuldigh is/ het is geaccoordeert/ dat de recognitie van de Schepen en andere schuldige inkomsten der Schepen naer Nederlandt varende/ sullen ses Maenden langer continueren.

XIX.

De Militaire Officieren en Soldaten sullen uyttrecken met volle geweer/ vliegende Vaendel/ en slaende Trommel/ ende indien yemandt der selver soude willen blijven om te planten/ haer sal vergunt en aengewesen werden/ vyftig Ackers Landts; en indien yemandt van haer soude willen dienen als een Dienaer/ sy sullen vrylyk gecontinueert worden/ ende daer nae Vrye-Borgers zijn.

XX.

Soo wanneer de Koningh van Groot-Brittannien/ ende de Staten der Vereenigde Nederlanden accorderen/ dat dese Plaets en Provintie/ weder in handen van de Heeren Staten sal gelevert werden/ wanneer sijn Majesteyt sulcks sal beveelen/ het sal op staende voet over-gelevert werden.

XXI.

De Stadt op de Manathans sal vermogen haer Gedeputeerdens te verkiesen/ ende dese Gedeputeerden sullen hare vrye stemmen hebben in alle publijcque Besongies/ soo wel als andere Gedeputeerden.

XXII.

Welcke eenige Huysen mochten hebben in de Fortresse Orangie/ sullen vermogen/ soo sy willen/ de Fortificatie slechten/ en behouden ofte besitten hare Huysen/ gelijck een yegelyck doet daer geen Fort en is.

XXIII.

Indiender yemandt van de Soldaten soude willen vertrecken naer Hollandt/ ende indien de West-Indische Compagnie van Amsterdam/ ofte eenige prive Persoon alhier haer selven soude willen transporteren/ soo sullen sy krygen een vry Paspoort van Colonel Richard Nicolls gedeputeerde Gouverneur onder sijn Koninckl ijcke Hoogheyt/ en van andere Gecommitteerdens/ om die Schepen te beschermen die sodanige Soldaten overvaeren/ de goederen daer in zynde voor wegh-genomen te worden/ ofte tegens eenige vyandtlijcke actie/ welcke soude mogen van sijn Majesteyts Schepen ofte Onderdanen/ aengedaen werden.

XXIV.

Dat de Copie van des Konings Patent/ aen sijn Koninckl ijcke Hoogheyt/ en de Co[illegible]

Acta
do Lançamento da Pedra Fundamental do novo edificio da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro

Aos quinze dias do mez de Agosto do anno de mil novecentos e cinco, presentes S. Ex.ª o Sr. Presidente da Republica Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, o Sr. Ministro da Justiça e Negocios Interiores Dr. José Joaquim Seabra, altas autoridades, membros do Congresso Nacional e outros convidados procedeu-se á ceremonia do lançamento da pedra fundamental do edificio que para installação definitiva da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro o Governo da Republica fará construir na Avenida Central, segundo o projecto organisado pelo Sr. General Francisco Marcellino de Sousa Aguiar, incumbido da construcção.

Para registrar o acontecimento mandou o Sr. Ministro da Justiça e Negocios Interiores lavrar a presente acta em duas vias, uma que se destina a ser conservada na Secção de Manuscriptos da Bibliotheca Nacional e outra que juntamente com os jornaes do dia, moedas correntes e um exemplar em cobre da medalha commemorativa do facto será encerrada na cavidade da pedra fundamental.

Unidade Nacional e Abolição

IV A Transição: de Colônia à Corte

D. João VI no Brasil

Ismênia de Lima Martins

Personagem central de capítulos da maior importância para a História do Brasil, d. João VI não tem sido objeto considerável da historiografia brasileira contemporânea. O estudo clássico de Oliveira Lima, publicado pela primeira vez em 1908, mereceu uma segunda edição apenas em 1944. Resguardado todo mérito desta obra, de tão grande fôlego, restam muitas questões colocadas por revisões recentes da historiografia sobre o antigo sistema colonial, a dinâmica interna da colônia e a transição para a independência. Se existe uma concordância de todos os autores, que se basearam no depoimento daqueles que o conheceram de perto, com relação à sua bondade e afabilidade, todo resto é controvérsia. Para uns era inteiramente despreparado para governar, e covarde; para outros tinha uma visão de estadista. Teria sido o agente fundamental de uma inteligente manobra política que vibrara forte golpe à hegemonia napoleônica, e que resguardara a Coroa Portuguesa das humilhações sofridas por outras monarquias européias. Além disso, garantira a integridade do território ultramarino português, mantendo-se na plenitude de seus direitos, com a trasladação da Côrte. As transformações políticas e econômicas ocorridas no Brasil de então, onde as marcas dos grilhões coloniais eram muito visíveis, prepararam o terreno para a emancipação política. A coleção de manuscritos da Biblioteca Nacional pode, sem dúvida alguma, colaborar na produção de novos conhecimentos, sobretudo com respeito aos esforços do monarca na propulsão de novas atividades manufatureiras e comerciais, como também sobre suas intervenções na administração e na adequação urbana do Rio de janeiro às novas necessidades ditadas pela condição de sede do Reino Unido.

BERTICHEN, Pedro Godofredo.
O Brasil pitoresco e monumental.
A Praça do Comércio.

MANUSCRITOS RELATIVOS AO PRÍNCIPE REGENTE E REI DE PORTUGAL D. JOÃO VI (1767-1826)

1. Carta de d. João príncipe regente, estabelecendo na cidade do Rio de Janeiro uma Academia Real Militar, dando-lhe os respectivos estatutos e criando uma junta militar para dirigi-la. Rio de Janeiro, 21 dez. 1810. Cópia. 78p. Seguem-se: "Estatutos da Escola Militar. 1845", "Regulamento interno. 1848", "Fórmula do diploma de Bacharel" e um projeto de novos estatutos para a Escola Militar.

A transferência da sede do reino e a instalação da corte para o Rio de Janeiro exigiram a promoção de uma série de iniciativas visando à criação de equipamentos sociais necessários à boa administração e à segurança do reino. Tal foi o caso da Academia Real Militar.

2. Representação dos chineses domiciliados no Rio de Janeiro e seu distrito pedindo a S. M. nomeasse a seu compatriota Domingos Manuel Antônio para servir-lhes de intérprete. Rio de Janeiro, 6/set/1819.
2 doc originais 3p. formatos diversos assinaturas em caracteres chineses e latinos

D. João VI preocupou-se com alternativas ao trabalho escravo africano. Além da introdução de colonos suiços em Nova Friburgo, facilitou a instalação de súditos de outras partes do reino, como os chineses.

3. Carta Régia ao príncipe regente D. João, dirigida a Pedro Maria Xavier de Ataide e Melo, governador de Minas Gerais, ordenando que forme um corpo de soldados pedestres para lutar contra os índios botocudos. Rio de Janeiro, 13/maio/1808
Impresso. 8 p.
A carta tem anotações manuscritas à margem. Col. Martins

Os botocudos incluíam-se entre os selvagens bravios vítimas de guerras de extermínios. Neste aspecto o governo de d. João VI não trouxe alterações registráveis.

4. Carta de d. João, príncipe regente, ao conde da Ponte, admitindo nas alfândegas do Brasil toda e qualquer mercadoria estrangeira, ao mesmo tempo que permitia a exportação de produtos da terra à exceção do pau-brasil, para os países que se conservaram em paz com a Coroa Portuguesa. Bahia, 28/01/1808
Original, com a assinatura do Príncipe Regente. 2 fls.
Conhecida geralmente como "Carta de abertura dos portos"

Ainda na Bahia d. João, abriu os portos do Brasil às Nações Amigas, pondo fim ao exclusivo comercial ditado pelo pacto colonial, que vigorava há três séculos e atingindo o bloqueio decretado pela França à Inglaterra.

5. Ofício da Câmara Municipal de Paranaguá a S.A.R. lembrando a representação que fizera em 6 de julho de 1811 pedindo para a sua comarca um governador distinto do de São Paulo, constituindo-a em nova província e declarando esperar, com esta disposição, restabelecer-se do estado decadente em que se encontra. Paranaguá (1812).
Acompanham representação das autoridades de Paranaguá ao Senado solicitando levar ao conhecimento de S.A.R. com a respectiva informação o ofício da Câmara Municipal da citada vila e certidão passada por Luís Ignácio de Oliveira Cercal relativa à entrada da farinha de mandioca na referida localidade.

A presença do rei no Rio de Janeiro estimulou o caráter reivindicatório de certos grupos locais ou regionais que se sentiam preteridos em relação a outros.

6.1 "Documentos relativos à Revolução de Pernambuco, Alagoas, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte de 1817." Pernambuco, 1812/1818.
254 doc. originais e cópias. 680p. formatos diversos.
Valiosa coleção contendo avultado número de documentos e papéis pertencentes ao processo ou devassa original contra os revoltosos de 1817. São citados os seguintes nomes: d. João VI, José Pereira de Lima Gondim, Antônio Ferreira de Albuquerque Melo, João Francisco Fernandes, Francisco Xavier Monteiro de Franca, Francisco de Assis Pereira da Rocha e outros.

6.2 "Documentos relativos à revolução de Pernambuco, Alagoas, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte de 1817." Pernambuco, 1817/1818.
216 doc. originais e cópias. 845p. formatos diversos.
Valiosa coleção contendo avultado número de documentos e papéis pertencentes na sua quase totalidade ao processo ou devassa original contra os insurgentes de 1817. São mencionados os nomes de: José Luís da Rocha, Francisco de Paula de Albuquerque Maranhão, Bernardo Luís Ferreira Portugal, Antônio Joaquim de Melo, José Mariano de Albuquerque, José de Barros Falcão, Francisco Xavier Monteiro de Franca, João VI, Alexandre Dias de Carvalho, o conde da Barca e outros.

6.3 "Petição do frei Joaquim do Amor Divino Rabelo e Caneca e de frei José Maria do Sacramento Braine S.M.d. João VI suplicando que 'sejão soltos sem mais delongas, declarando deverem ser incluídos no mencionado Decreto de 6 de fevereiro de 1818." S.l. n.d.
Inclusa: "Defeza dos Padres Fr. Joaquim d Amor Divino e Fr. José Maria do Sacramento Braine."

Aos descontentamentos ligados à crise da economia açucareira vão-se juntando: o ideário da Revolução Francesa, o modelo da Independência dos Estados Unidos, os ônus da tributação e sobretudo os efeitos de uma grande seca que criaram um clima favorável para chamada Revolução Pernambucana de 1817. Apesar da ampliada configuração social do movimento, o mesmo foi facilmente reprimido. Os condenados foram anistiados, por decreto, na ocasião da aclamação de D. João VI, com exceção dos freis Joaquim d'Amor Divino – Frei Caneca, e o frei José Maria do Sacramento que solicitam a inclusão de seus nomes naquele decreto.

7. Decreto de 22 de abril de 1821, pelo qual d. João VI nomeia seu filho, d. Pedro de Alcântara para regente, e seu lugar-tenente no Brasil, tendo incluso as instruções a que se refere o decreto. Rio de Janeiro, 22 de abril de 1821.

Retornando a Portugal sob a pressão das cortes de Lisboa d. João VI nomeou para regente, em seu lugar-tenente no Brasil, o herdeiro da Coroa Portuguesa, seu filho d. Pedro de Alcântara.

8.1. D. João VI, rei de Portugal (1767-1826) – aclamação Oficio do governador da capitania de São Paulo, conde da Palma, ao marquês de Aguiar com a afirmação de que será grandemente festejado nesta capitania o dia 6 de abril, quando haverá a cerimônia da aclamação de S. M. D. João VI. São Paulo, 10/jan/1817. Original. 2 p. Nº 169 Cat Mss São Paulo

8.2 D. João VI, rei de Portugal (1767-1826) – aclamação Discurso na Felicíssima Aclamação de Augustíssimo Senhor D. João Sexto Rei Fidelíssimo do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Recitado na presença do limo e Exmo Senhor Fernando Delgado Freire de Castilho, governador e capitão general da Capitania de Goiás, assistindo todas as autoridades e nobreza na sala do docel de Vila Boa a 6 de abril de 1817.
Original ? sem nome de autor. 6 f. n-num. 1.Castilho, Fernando Delgado Freire de. 2.Goiás (Capitania) – Discurso. I.Título
Nº 6.894 do CEHB
Nº 1.070 do extrato

Vigésimo sétimo rei de Portugal, d. João VI foi o único monarca europeu aclamado na América. As grandes festividades do Rio de Janeiro destacaram-se mas em todas as províncias, sob diferentes formas, ocorreram manifestações comemorativas.

9. Retorno de d. JoãoVI a Portugal:
9.1 D. João VI, rei de Portugal (1767-1826). Carta anônima dirigida a d. João VI, mostrando-lhe os inconvenientes do seu regresso ao reino. S.l. s.d. Original. 5p.
Carta anônima e sem data
Col. Aug. de Lima

9.2 D. João VI, rei de Portugal (1767-1826) Proposta autografada sobre o regresso da corte para Portugal e providências convenientes para prevenir a revolução e tomar a iniciativa na reforma política. Pelo conselheiro Silvestre Pinheiro Ferreira. Original com a assign. Autogr. Do auctor. In-fol. 3ff.
Nº 6.705 do Cat. Exp. De Hist. Do Brasil
Nº 999 do extrato

9.3 D. João VI, rei de Portugal (1767-1826) Representações dirigidas a d. João VI, pedindo a sua permanência no Brasil, pela Câmara Municipal da Corte, Negociantes Proprietários, Corporação dos Ourívеis e Habitantes do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, março/1821
8 docs. originais. 61p. formatos diversos.

O retorno de d. João VI a Portugal provocou intenso debate. Aos conselheiros políticos opunham-se vários seguimentos da sociedade local que temiam a perda das vantagens decorrentes da condição de sede do reino.

10. Manuel de Oliveira Lima. D. João VI no Brasil (1809-1821). Rio de Janeiro: *Jornal do Comércio*, 1908. Estudo clássico e fundamental sobre d. João VI no Brasil, em três volumes. Publicado pela primeira vez em 1908 somente reeditado em 1945 na coleção "Documentos Brasileiros" pela Editora José Olympio e, recentemente pela Topbooks Editora, 1996.

11. Memorável aclamação do senhor D. João VI. Litogravura atribuída a Hyppolite Taunay.

Documentação Política, 1808 a 1840

José Murilo de Carvalho, Lúcia Maria Bastos P. Neves
e Marcello Basile

Os anos que vão de 1808 a 1840 constituem um período crucial para a constituição do Brasil como país e para a definição de uma nação brasileira. Com a chegada da Corte Real portuguesa, o Brasil tornara-se a sede da monarquia, reduzido Portugal a simples colônia. Operava-se desse modo a inversão colonial, fato único na história moderna. A presença de d. João acompanhado de todo o aparato governamental demonstrou na prática que o país podia governar-se a si mesmo. Daí em diante, a decisão a ser tomada não era mais sobre se haveria independência e sim sobre *como* seria a independência, em união ou em divórcio com a metrópole.

O comportamento das Cortes de Lisboa forçaram a segunda opção. Proclamada a independência em 1822, foi necessário construir o novo império, a começar por três tarefas inadiáveis: a negociação do reconhecimento internacional do país, a manutenção da unidade territorial país em torno do governo do Rio de Janeiro e a organização política nacional. Essas foram as tarefas de que se ocupou o Primeiro Reinado.

A rivalidade entre brasileiros e naturais de Portugal acirrou-se à medida que d. Pedro I cada vez mais se aproximava da antiga metrópole, envolvido nas vicissitudes da guerra civil que privara sua filha do direito ao trono português. Para agravar a situação, a relutância do imperador para cumprir os rituais e as exigências do sistema representativo de governo conduziu à sua abdicação, em 1831, encarada pelos contemporâneos como o início de nossa existência nacional.

O governo do país por si mesmo, levado a efeito pelas regências então, revelou-se difícil e conturbado. Rebeliões e revoltas pipocaram por todo o país, algumas lideradas por grupos de elite, outras pela população tanto urbana como rural, outras ainda por escravos. O interesse das elites prevaleceu, no entanto, com o golpe da maioridade de 1840, que colocou d. Pedro II no trono, inaugurando o Segundo Reinado. Estava estruturado o Império do Brasil com base na unidade nacional, na centralização política e na preservação do trabalho escravo. Restava, contudo, definir a nova nação e criar os cidadãos.

1. *Sentinella da Liberdade na Guarita de Pernambuco.* Recife: Typographia Cavalcante e Cia. 23/4 a 19/11/1823. (Periódico redigido por Cipriano Barata de Almeida.)

Primeiro e mais famoso jornal do principal representante do liberalismo radical no período, Cipriano José Barata de Almeida, conhecido pela conduta revolucionária e combativa aos governos de Pedro I e regencial.

2. *Aurora Fluminense:* Jornal Politico e Litterario. Rio de Janeiro: várias tipografias, 21/12/1827 a 30/7/1839. (Periódico de linha liberal moderado redigido por Evaristo Ferreira da Veiga.)

Redigido por Evaristo Ferreira da Veiga, foi o mais importante periódico de linha liberal moderada, *crítico do governo de d. Pedro I e defensor da Regência.*

3. *Nova Luz Brasileira.* Rio de Janeiro: várias tipografias, 9/12/1829 a 13/10/1831. (Periódico de linha liberal exaltado, redigido por Ezequiel Corrêa dos Santos, com a colaboração de João Baptista de Queiroz.)

Principal periódico liberal exaltado *da corte, defensor de reformas políticas e sociais radicais, tendo Ezequiel Corrêa dos Santos como redator, com a colaboração de João Baptista de Queiroz.*

4. *O Chronista*. Rio de Janeiro: 23/5/1836 a 2/4/1839. (Periódico conservador redigido por Justiniano José da Rocha, Josino do Nascimento Silva e Firmino Rodrigues da Silva.)

A.P.D.G. *O Príncipe Regente D. João e o beija-mão real no Palácio de São Cristóvão.*

Jornal redigido pelo mais conhecido publicista do Partido Conservador, Justiniano José da Rocha, em parceria com Josino do Nascimento Silva e Firmino Rodrigues da Silva.

5. *Os Pedreiros-livres e os Illuminados*, que mais propriamente se deverião denominar os Tenebrosos, de cujas Seitas se tem formado a pestilencial Irmandade, a que hoje se chama Jacobinismo. Panfleto antinapoleônico de Vicente José Ferreira Cardoso da Costa. Reimpresso no Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1809. 36 p.

Exemplo do ciclo de panfletos antinapoleônicos produzidos no Brasil e em Portugal, sobretudo entre 1809 e 1811, de autoria de Vicente José Ferreira Cardoso da Costa.

6. *Breve noticia sobre a revolução do memoravel dia 7 de abril de 1831.* Por Julio Cezar Muzzi. Rio de Janeiro: Seignot-Plancher, 1831 (2ª ed.).
8 p. (Panfleto em celebração à abdicação de d. Pedro I.)

Uma das centenas de panfletos que circularam no Brasil e em Portugal na época da Independência, é considerada a primeira representação feita por mulheres, que pediam por seus maridos portugueses ameaçados de serem expulsos das terras brasileiras.

7. *Requerimento, rasão e Justiça.* Representação dirigida a D. Pedro I de mulheres do Brasil. Rio de Janeiro: Imp. Nacional, 1823. 1 f.

Panfleto de Julio Cezar Muzzi, dos muitos que celebraram a abdicação de d. Pedro I, saudando a instauração da Regência como o advento de uma nova era para a nacionalidade brasileira.

8. *Representação á Assemblea Geral Constituinte e Legislativa do Imperio do Brasil, sobre a Escravatura.* Por José Bonifácio de Andrada e Silva. Paris: Typ. de Firmin Didot, 1825. 40 p.

Obra clássica de José Bonifácio de Andrada e Silva, que estabeleceu os principais argumentos do pensamento emancipacionista brasileiro.

9. Carta aos *Senhores Eleitores da Provincia de Minas Geraes.* Por Bernardo Pereira de Vasconcellos. S. João d'El -Rei: Typographia do Astro de Minas, 1828. 208 p.

Primeira prestação de contas feita por um político brasileiro (o deputado Bernardo Pereira de Vasconcellos) aos seus eleitores assinala as dificuldades em se colocar em prática os princípios liberais de governo, frente aos resíduos absolutistas vigentes no Primeiro Reinado.

10. *Constituição Politica do Imperio do Brasil.* Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1824 (ed. oficial).

Primeira Constituição brasileira, elaborada por um Conselho de Estado e outorgada por d. Pedro I, após a dissolução da Assembléia Constituinte, consagrava os princípios liberais, apesar de se calar sobre a questão da escravidão e de estabelecer o dispositivo conservador do Poder Moderador.

11. *Abdicação de Sua Magestade o Senhor Dom Pedro 1º,* em favor de seo filho ... Dom Pedro d'Alcantara. Rio de Janeiro: Seignot-Plancher, 7/4/1831. 1 p.

Carta de abdicação, dita voluntária, de d. Pedro I, em favor de seu filho d. Pedro de Alcântara.

12. *Proclamação Diregida pela Reunião dos Representantes da Nação aos Brasileiros.* Assinada por Luiz Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque. Rio de Janeiro: Typographia de T. B. Hunt e C., 1831. 1 p.

Proclamação oficial assinada por Luiz Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque, comunicando a instalação da Regência Trina Provisória, em decorrência da abdicação de Pedro I e devido à menoridade do novo imperador.

DEBRET, Jean-Baptiste. *Aclamação de D. Pedro I no Paço Imperial*

13. *A Liberdade das Republicas.* Obra do deputado Montezuma (Francisco Gê Acaiaba de Montezuma). Rio de Janeiro: Typ. do Diario de N. L. Vianna, 1834. VI + 374 pp.

Obra do deputado Montezuma (Francisco Gê Acaiaba de Montezuma), possivelmente a primeira a discutir detidamente, refutando-o, o regime republicano de governo.

14. *Explicações Breves e Singellas sobre o que he Federação.* Opusculo dividido em 7 capítulos, e oferecido aos Brasileiros em Geral por Hum seu Amigo. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1831. 41 p.

Provavelmente a primeira obra específica, publicada no Brasil, sobre a questão do Federalismo, tratado aqui de maneira critica.

15. *Preciso dos sucessos que tiverão lugar em Pernambuco desde a faustissima e gloriozissima Revolução operada felizmente na Praça do Recife aos 6 do correspondente mes de Março em que o generozo esforço de nossos bravos Patriotas exterminou daquela parte do Brasil o monstro infernal da Tirania Real.* 1817. Impresso. Manifesto revolucionário da junta do Governo Provisório de Pernambuco que, em 1817, ali instaurou o primeiro governo republicano do Brasil.

Manifesto revolucionário da junta do Governo Provisório de Pernambuco que, em 1817, ali instaurou o primeiro governo republicano do Brasil.

16. *A Campainha e o Cujo.* Litogravura número 1, de Victor Larée.

Da Real Biblioteca à Biblioteca Nacional

Ana Virgínia Pinheiro

Como, quando e por onde "começa" uma biblioteca nacional? Que livros constituíram o ponto de partida para a formação e o desenvolvimento da Biblioteca Nacional brasileira? Quem foram os bibliotecários que garantiram à sua geração – e à nossa – a leitura dos livros? Que biblioteca é esta, que, perpetuada e enobrecida pela mão do leitor, denuncia o fazer literário e científico e tem a dimensão de monumento nacional?

Revelar a Biblioteca Nacional brasileira pressupõe a sua consideração como documento de um processo intelectual, de múltiplas realidades vividas e registradas. A Biblioteca, formada pela soma de outras bibliotecas, é a expressão metafórica de síntese do mundo, onde cada um de seus itens é segmento de outra biblioteca, secreta e simbólica. O desvelar de seu conteúdo, forma e volume, a partir de cada letra ou imagem "descoberta" e lida, tem a marca do extraordinário e reconhece-lhe o caráter de biblioteca arquetípica, de todos os livros – essenciais e desejados.

Ler a Biblioteca Nacional, mesmo sob grande cautela, não garante a investigação serenamente desapaixonada, porque a Biblioteca é labiríntica e nela reside toda a ambivalência do saber – o sagrado e o profano, o exato e o reticente, o singular e o plural, o que é e o que não é, o visível e o invisível, as trevas e a luz. Nesta perspectiva, a Biblioteca Nacional brasileira é arrebatadora, o espaço lúdico do pensamento, o lugar de resgate de uma memória nacional de, pelo menos, 500 anos e, por conseguinte, da arquitetura de sua infinitude.

Histoire
DE LA MISSION
DES PERES CAPVCINS
en l'Isle de Maragnan et
terres circonuoysines
où
est traicte des sin-
gularitez admirables et des
Moeurs merueilleuses des Indiens
habitans de ce païs
Par
le R. P. Claude d'Abbeville
Predicateur Capucin.
A PARIS
1614.

Regulamento da Biblioteca Nacional

Ao lado:
Ata de inauguração da Biblioteca Nacional

Inauguração do Novo Edificio da Bibliotheca Nacional

Aos vinte e nove de Outubro de mil novecentos e dez, achando-se presentes no edificio que o Governo Federal mandou construir para a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro e em que esta já se acha installada, S. Ex. o Sr. Presidente da Republica Dr. Nilo Peçanha, o Sr. Ministro da Justiça e Negocios Interiores Dr. Esmeraldino Olympio de Torres Bandeira, membros do Congresso Nacional, altas autoridades, outros convidados, o Director do estabelecimento Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva e respectivos funccionarios, foi pelo Sr. Presidente da Republica inaugurado o edificio, do que se lavrou a presente acta.

1a. *Catálogo da Exposição de História do Brasil*, realizada na Biblioteca Nacional... a 2 de dezembro de 1881. Organizado na administração de B. F. Ramiz Galvão. Rio de Janeiro, 2 v. + 1 supl.

O Catálogo da Exposição de História do Brasil *(CEHB), idealizado pelo barão Homem de Melo e publicado em 1881, pelo então diretor da Biblioteca Nacional, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, é o "mais amadurecido exemplo de bibliografia histórica no Brasil" (José Honório Rodrigues, 1969) e "a mais completa bibliografia brasileira até hoje publicada" (Lygia Cunha, 1990).*

1b. Galvão, Benjamin Franklin Ramiz. Convite para a cerimônia de inauguração da Exposição de História do Brasil, que se-realizará com assistencia de SS. MM. II. No dia 2 de Dezembro proximo, ás 11 horas da manhan, no edificio da Bibliotheca Nacional à rua do Passeio nº 48. Rio de Janeiro, 25 nov. 1881. 1 f

Convite para a cerimônia de inauguração da Exposição de História do Brasil, prevista para as 11 horas de 2 de dezembro de 1881, no edifício da Biblioteca Nacional, na Rua do Passeio, nº 48, com a presença do imperador.

2. *Estatutos da Real Bibliotheca*: mandados ordenar por Sua Magestade. Rio de Janeiro: na Regia Typographia, 1821. [8] f. impresso, com 32 parágrafos.

Os Estatutos da Real Bibliotheca, *mandados ordenar por . João VI e publicados em 1821, rezava em seus parágrafos 23 e 24, que a Biblioteca funcionaria todos os dias não feriados, abrindo de 9 a 13h e de 16h30min até antes de anoitecer, porque não se permitiria luz artificial "para a gente de fora estudar ou consultar". Para o cumprimento desse expediente, os empregados estariam presentes, pontualmente, às 4h da manhã e às 16h até o anoitecer, garantindo que, um pouco antes do encerramento, os leitores seriam alertados, para que os livros fossem guardados e a janelas, fechadas.*

3. *Regulamento da Biblioteca Nacional*... Rio de Janeiro, 1911.

O Regulamento da Biblioteca Nacional, *aprovado por decreto do presidente da República Hermes da Fonseca, em 11 de julho de 1911, além de formalizar as competências e o funcionamento da Biblioteca, em todos os dias não feriados, regulamenta o primeiro Curso de Biblioteconomia do Brasil e terceiro do mundo, como parte de sua estrutura orgânica, objetivando formar profissionais aptos a abranger "todo o objecto de uma seção, inclusive a parte administrativa e practica dos diversos serviços". O curso desligou-se da estrutura da Biblioteca e é, hoje, oferecido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade do Rio de Janeiro (UNI-RIO).*

4. *Anais da Biblioteca Nacional* [do Rio de Janeiro]. Rio de Janeiro, 1876 - v. 1.

Os Anais da Biblioteca Nacional, *periódico iniciado sob a direção de Benjamin Franklin Ramiz Galvão, em 1876, objetivam a "divulgação de documentos preciosos, que até então jazeram desconhecidos" (Teixeira de Melo, 1885) e, segundo decreto de março de 1876, a publicação de "manuscriptos interessantes (...) e trabalhos bibliographicos de merecimento, compostos pelos empregados da repartição, ou por individuos extranhos a ella".*

5. *Boletim bibliográfico*, 1918- v. 1. Continuou como "Bibliografia brasileira", a partir de 1983.

O Boletim bibliográfico *surgiu na administração de Manuel Cicero Peregrino da Silva, em 1886, com o fim de registrar a entrada e divulgar todas as monografias e periódicos publicados no Brasil e depositados na Biblioteca Nacional (Depósito Legal, Decreto nº 1.825/1907). Publicado sob o título* Bibliografia brasileira, *desde 1983, é corrente e circula em papel, em CD-ROM e é disponibilizado na página da Biblioteca (http://www.bn.br).*

6. *Documentos históricos*. Rio de Janeiro, 1928-1955; 1999 - v. 1-110; 111.

A coleção Documentos históricos, *iniciada em 1928, pelo Arquivo Nacional, e continuada pela Biblioteca Nacional, na administração Mário Behring, destinava-se à publicação de textos considerados relevantes para a história colonial e nacional, disponíveis em original ou cópia na Divisão de Manuscritos; foi interrompida em 1955 e retomada em 1999.*

7. *Periódicos brasileiros em microformas*: catálogo coletivo, 1984. Rio de Janeiro : Biblioteca Nacional, 1985. Cumulativo. 503 p.

Esta edição dos Periódicos brasileiros em microformas, *de 1984, arrola 2.700 títulos disponíveis em 42 instituições brasileiras, em 13.000 rolos, através do Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros, coordenado pela Biblioteca, constituindo-se numa das mais importantes fontes de informação sobre o patrimônio hemerográfico do país. A maior contribuição do plano está em atribuir à Biblioteca Nacional a condição de possuidora "da mais completa coleção de jornais brasileiros", em fascículos originais e em microfilme, a partir do levantamento de títulos disponíveis em todo o Brasil e da conseqüente microfilmagem daqueles que a Biblioteca não possui ou daqueles fascículos que complementam coleções. O plano, atualmente, dispõe de 6.500 títulos, de 56 instituições, em 25.000 rolos.*

8. JOÃO, príncipe regente de Portugal, 1799-1816. *Decreto que manda accommodar no lugar das catacumbas da Ordem Terceira do Carmo (...) a Real Bibliotheca* e o Gabinete dos instrumento de phisica e mathematica. [Rio de Janeiro], 29 de outubro de 1810. 1 f. ms. f/v. Cópia.

Esta única versão do decreto que manda estender as instalações da Real Bibliotheca ao "lugar das catacumbas da Ordem Terceira do Carmo, em 29 de outubro de 1810, consagra a data de sua assinatura como a da efetiva fundação da Biblioteca, no Brasil.

9. PEDRO I, imperador do Brasil. *"Ordem para que estabeleça residencia no sotão da Biblioteca Imperial,* o padre Felisberto Antonio Pereira Delgado, Ajudante da Biblioteca, de modo que (...) não só esteja habilitado e pronto para cumprir a todo momento as Ordens, que lhe forem dirigidas (...); mas para a conservar aberta e franca em todos os domingos, Dias santos ou Feriados, que Sua Magestade Imperial se Dignar alli dirigir-Se". Palácio do Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1822. Assinada por José Bonifácio de Andrada e Silva. 1 f. ms. Original.

Esta ordem, assinada por José Bonifácio de Andrada e *Silva, determinando o ajudante da Biblioteca estabelecesse residência no sótão do prédio da primeira sede da Biblioteca Nacional, na Ordem Terceira do Carmo, de modo que esteja sempre pronto para atender a qualquer ordem ou quando "Sua*

Magestade Imperial se Dignar alli dirigir-Se", ressalta que excepcionalmente a Biblioteca poderia ser aberta à consulta nos feriados ou dias santos.

10. ***Ata de lançamento da pedra fundamental da Biblioteca Nacional.*** Rio de janeiro, 15 ago. 1905. 3 f. Original. 48,5x36cm. Traz as assinaturas do presidente Rodrigues Alves e de ministros do governo.

A Ata de lançamento da pedra fundamental *da sede da Biblioteca Nacional, de 15 de agosto de 1905, na atual Avenida Rio Branco, registra as assinaturas do presidente da República Rodrigues Alves, do ministro da Justiça e Negócios Interiores J. J. Seabra, de membros do Congresso Nacional, do prefeito Pereira Passos e do engenheiro responsável Francisco de Sousa Aguiar. A Ata informa que uma segunda via do texto, acrescida de jornais do dia, de moedas correntes e de um exemplar em cobre da medalha comemorativa, foi encerrada na cavidade da pedra fundamental.*

11. ***Ata de inauguração da Biblioteca Nacional.*** 29 out. 1910. 3 f. mss. Original 61,5x44,5 cm. Arquivo Histórico da BN.

A Ata de inauguração da Biblioteca Nacional*, de 29 de outubro de 1910, inclui 110 assinaturas, destacando-se a do presidente da República Nilo Peçanha, do ministro da Justiça e Negócios Interiores Esmeraldino Olympio Torres Bandeira, de membros do Congresso Nacional, do diretor da Biblioteca Manuel Cícero Peregrino da Silva, de funcionários e convidados.*

12. Fichas de Registro de leitores da Biblioteca Nacional (século XX). Folhas avulsas.

Fichas de registro e de identificação de alguns dos leitores inscritos na Biblioteca Nacional, nas décadas de 1960 e 1970: Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho, Carlos Drummond de Andrade, João Ferreira Gomes (Jota Efegê), Oduvaldo Vianna (filho), Paulo Rónai, Sebastião Bernardes de Souza Prata (Grande Otelo) e Theotonio Vilela Brandão.

13. Estatística de consulta da Seção de Impressos e da atual Divisão de Obras Gerais da Biblioteca Nacional, no mês de setembro, respectivamente, de 1940 e de 2000.

Estatística de consulta na Seção de Impressos, em setembro 1940, e da mesma seção, agora denominada Divisão de Obras Gerais, em setembro 2000. As estatísticas eram publicadas, no início do século XX, e uma delas chegou a motivar Lima Barreto, em sua crônica "A Biblioteca", publicada no *Correio da Noite*, em 13 jan. 1915: *A estatística dos seus leitores é sempre provocadora de interrogações. Por exemplo: hoje, diz a notícia, que treze pessoas consultaram obras de ocultismo. Quem serão elas? (...) O guarani foi procurado por duas pessoas. (...) É de causar aborrecimento aos velhos patriotas, que só duas pessoas procurassem ler obras na lingua que, no entender dêles, é a dos verdadeiros brasileiros. Decididamente êste pais está perdido...*

Sendo de absoluta necessidade que dentro da Bibliotheca Imperial e Publica desta Corte habite alguns dos Empregados, que não só esteja habilitado e prompto para cumprir a todo o momento as ordens, que lhe forem dirigidas, relativas á mesma Bibliotheca; mas para a conservar aberta e franca em todos os Domingos, Dias Santos ou Feriados, que Sua Magestade Imperial Se Dignar alli dirigir-Se: Manda o Mesmo Augusto Senhor pela Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio que o Padre Feliberto Antonio Pereira Delgado, Ajudante da referida Bibliotheca, estabelleça a sua residencia no Sotão pertencente ao mesmo edificio; ficando responsavel [illegible] cumprimento das obrigações acima mencionadas. Palacio do Rio de Janeiro em 22. de Novembro de 1822.

José Bonifacio de Andrada e Silva.

9

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

REGISTRO DE LEITOR N.º 14963

NOME (em letra de imprensa) SEBASTIÃO BERNARDES DE SOUZA PRATA

FILIAÇÃO Francisco Bernardes Prata
e Maria Abadia de Souza

PROFISSÃO Funcionário Público
LOCAL DE TRABALHO

DATA NASCIMENTO 18/10/915
ESTADO CIVIL casado

NACIONALIDADE Brasileira

NATURALIDADE Minas Gerais - Uberlandia

IDENTIDADE

ENDEREÇO (inclusive o telefone)

Assinatura do Concorrente

12

V O Brasil Imperial de D. Pedro II e o Século XIX

Lília Moritz Schwarcz

Difícil falar do século XIX no Brasil, sem pensar na figura de d. Pedro II. Desde os primeiros momentos de seu reinado — que colocou em cena o teatro político da *Maioridade*, e a pouca idade do monarca brasileiro, até os anos finais, afirmou-se um vínculo forte entre o governante e seu Império. Por isso mesmo, na construção do Estado, a imagem do imperador viu-se amarrada à representação da própria nação. É assim que o cálculo político se utiliza também da "imaginação" e da representação popular para garantir sua própria legitimidade. Nesse processo, é o soberano que aparece em questão: é o fiel da balança, aquele que se impõe diante do jogo político imediato, e surge idealizado diante de seus súditos, como se, em si próprio, simbolizasse a nacionalidade.

Além disso, o próprio Império, enquanto saída política, parecia isolado, já que permanecia cercado por repúblicas de todos os lados. Por outro lado, não havia como negar que o Segundo Reinado oscilava entre dois pesados pêndulos: de um lado a representação de uma realeza civilizada, iluminada por sua origem Bragança, Bourbon e Habsburgo; de outro, a relevância econômica do tráfico de escravos e desse tipo de mão-de-obra que se espalhava por todo o território. Dessa maneira, e diante de tantas ambivalências, o próprio processo de emancipação nacional, ficava marcado pelas vicissitudes da afirmação de uma monarquia nos trópicos, e reiterava a representação do rei, como expressão integral do poder. Enredado por tantas contradições, o Império foi pródigo na criação de práticas e discursos que primaram por gerar um tipo de memória mas, paradoxalmente, obscureceram o trabalho cativo ao mesmo tempo em que naturalizaram a política, tendo como ícone dileto o próprio monarca.

SENADO.

1840. — A.

A Assembléa Geral Legislativa Decreta

Artigo Unico. O Senhor D. Pedro Segundo, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, he Declarado Maior desde já.

Paço do Senado 13 de Maio de 1840. — Antonio Francisco de Paula e Hollanda Cavalcanti d'Albuquerque. — José Martiniano d'Alencar. — Francisco de Paula Cavalcanti d'Albuquerque. — José Bento Leite Ferreira de Mello. — Antonio Pedro da Costa Ferreira. — Manoel Ignacio de Mello e Sousa.

B.

A Assembléa Geral Legislativa Decreta.

Artigo Unico. Logo que o Senhor D. Pedro Segundo for Declarado Maior Nomeará hum Conselho, que se denominará Conselho Privado da Corôa, composto de dez Membros, que terão os mesmos Ordenados, que tinhão os antigos Conselheiros de Estado.

Paço do Senado 13 de Maio de 1840. — Antonio Francisco de Paula e Hollanda Cavalcanti d'Albuquerque. — Francisco de de Paula Cavalcanti d'Albuquerque. — José Bento Leite Ferreira de Mello. — Antonio Pedro da Costa Ferreira. — José Martiniano d'Alencar. — Manoel Ignacio de Mello e Sousa.

Rio de Janeiro. Na Typographia Nacional. 1840.

2

1. BASTOS, Aureliano Cândido Tavares, 1839-1875. *Cartas do solitário*; estudos sobre Reforma administrativa, Ensino religioso, Africanos livres, Tráfico de escravos, Liberdade de capotagem. Abertura do amazonas, Communicações com os Estados Unidos, etc. 2 ed. Rio de Janeiro [Typ. da Atualidade] 1863. 359 p.

O famoso político do Império discorre, alguns anos antes da Guerra do Paraguai e quando todo ambiente parecia tranquilo, sobre temas candentes do momento: a reforma do Estado, a questão da educação e, sobretudo, o problema da mão-de-obra escrava ainda predominante em todo o Segundo Reinado.

2. BRASIL. Congresso. Senado. 1840. *Proclamação declarando a maioridade do imperador Pedro II*, dada no Paço da Assembléia Geral, 23 de julho de 1840. Rio de Janeiro: Typ. da Assoc. do Despertador, 1840. 1 f.

Documento fundamental para a compreensão do golpe que deu a D. Pedro, com 14 anos, a chefia e responsabilidade pela condução desse imenso Império.

3. MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. *A Confederação dos Tamoyos*. Rio de Janeiro: Typ. Paula Brito, 1856.

Diretamente financiado pelo Império, esse romance representou uma espécie de modelo da literatura romântica indianista oficial e foi aguardado como o grande documento épico de validação desse reinado nas Américas. Nele, índios selvagens e depois catequisados "reconhecem" a primazia do regime ocidental e sua posição de vítimas privilegiadas: aqueles que se sacrificam para que vingue a nação.

4. ***Oração de acção de graças pela elevação de S. M. I. o senhor D. Pedro 2° ao pleno exercicio de seus direitos magestáticos.*** Panfleto de Januário da Cunha Barbosa. Rio de Janeiro: Typ. do Diario de N. L. Vianna, 1840. 13 p.

Nesse documento estabelecem-se direitos e deveres do novo monarca que se transformava em um símbolo, um ícone ideal para a garantir a unidade desse Império de proporções continentais.

b) Exposições Gerais da Academia Imperial e Escola Nacional de Belas-Artes

5. Catálogos originais das Exposições: 1841,1843, 1845 e 1846.

A partir dos anos cinqüenta a Academia Imperial de Belas-Artes fica responsável por dar ao Império uma imagem oficial. Em suas exposições começavam a despontar grandes nomes de uma arte acadêmica local aonde o tema do indigenismo dialogava com a literatura da época.

c) Sobre a Guerra do Paraguai

6. BRASIL. Exército. *Campanha do Paraguay*: diário do exército em operação sob o comando em chefe do Exm. Sr. Marechal de exército Marquez de Caxias ... outubro. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1867. 42 p.

Caxias transformou-se em figura nacional por conta de suas operações durante a guerra. Sua saída da campanha, anterior ao encontro com o "caudilho Lopez" custou-lhe caro e sua figura foi afastada do centro de decisões do Império.

7. BRASIL. Ministério da Guerra. *Operações de guerra contra o governo do Paraguay* e sua terminação sob o comando em chefe de S. A. R. Sr. Conde D'Eu de 16 de abril de 1869 a 1° de março de 1870. Rio de Janeiro: Laemmert, [S. d.] 48 p.

Apesar da oposição feita pela princesa Isabel, seu marido, o conde D'Eu, assumiu o comando das operações de guerra após a retirada de Caxias. Ele teria ficado conhecido como aquele que "caçou" Lopez e dizimou o que restava do enfraquecido exército paraguaio.

8. TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle Taunay, Visconde de. *A retirada da Laguna*. Trad. De Salvador de Medonça. Rio de Janeiro: Typ. Americana, 1874. 279 p.

9. TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle Taunay, Visconde de. *La Retraite de Laguna*. Rio de Janeiro: Typ. Univ. de E & H. Laemmert, 1868. xiv, [15], 64p.

Esse testemunho constitui documento básico para a compreensão dos impasses vivenciados no calor da batalha que marcou os destinos do Segundo Reinado.

d) Abolição

10. NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo*. Londres, Abraham Kingdon, 1883. 256 p.

Nabuco ficou guardado na memória nacional como o grande defensor das idéias abolicionista. Esse texto, por sua vez, se converteria em uma espécie de "bandeira" do movimento, que tomava uma direção única a partir da década de oitenta.

11. *Abolicionista*; orgão da Sociedade Brasileira contra a Escravidão. Rio de Janeiro, n. 1, 1 de nov. de 1880. Typ. da Gazeta de Notícias, 1880.

A partir da década de oitenta uma série de associações passam a encampar a luta pela abolição definitiva da escravidão. A Sociedade Brasileira contra a escravidão assumirá uma espécie de liderança nesse processo.

12. BRASIL. *Decreto da Assembléia Geral sancionado pela Princesa Imperial Regente, declarando extinta a escravidão no Brasil*. Paço, 13 maio 1888. Manuscrito original. 1 f.

Esse foi sem dúvida o decreto mais importante e curto da história nacional. O Brasil seria o último país a abolir a escravidão e o fazia de maneira breve: sem indenizações, compensações ou reflexões sobre a incorporação dessa população no território nacional.

13. A LEI Áurea. *Diario Popular*. São Paulo: 14 maio 1888. p. 1.

Um dia após a abolição, o jornal Diário Popular *estampa a medida e revela a popularidade do ato.*

14. REBOUÇAS, André. *Abolição Immediata e sem indemnisação*. Rio de Janeiro: Evaristo R. da Costa, 1883. (Confederação Abolicionista, panfleto n. 1).

Rebouças, um dos grande nomes do Império e da própria campanha abolicionista, reflete sobre a importância da medida, sua urgência, assim como analisa a questão mais "espinhosa": a necessidade de não indenizar os proprietários de escravos.

15. GOBINEAU, José Artur Gobineau, Conde de. *Carta a D. Pedro II*. Roma: 17 abr. 1886. Original. Manuscrito, 4f. Em francês.

Ministro da França no Brasil o conde de Gobineau, mais conhecido por sua idéias contrárias à miscigenação racial, odiou tudo que viu durante sua estada no Império. Da experiência guardou, com bons olhos, apenas as relações que travou com d. Pedro II, cujo registro ficou bem preservado por meio da intensa troca de cartas que estabeleceram.

16. PEDRO II, imperador do Brasil, 1825-1891. *Bilhete ao Ministro José de Alencar, concedendo perdão a vários réus.* [S.l.], 18 jan. 1869. Original. Manuscrito, 1f. Coleção Senador Alencar.

D. Pedro II usou de seus direitos garantidos por meio do poder moderador também no sentido de comutar penas ou diminuir as sanções.

17. PEDRO II, imperador do Brasil, 1825-1891. *Diário escrito por D. Pedro II.* [S.l.], 31 dez. 1861. Cópias, 14f. Cópia manuscrita por d. Hermínio da Silva Costa Lisboa e cópia datilografada por Octavio da Silva Costa, 1923. Coleção Tobias Monteiro.

D. Pedro legou uma série de diários que acompanham diferentes momentos de seu reinado e, sobretudo, suas viagens a partir dos anos 1870. Nesse caso, porém, trata-se de um relato anterior à Guerra do Paraguai e que reflete a estabilidade do momento e a vontade de abrir mão de sua posição de mando político. Não há como esquecer, porém, que o diário de um imperador é sempre um peça pública, pensada como peça para a posteridade.

18. *TRATADO matrimonial entre S.M. o Imperador do Brasil e Sua Alteza Real a Princesa D. Theresa Christina Maria, das duas Sicilias.* Viena, 20 maio 1842. Original. Manuscrito, 6f.

São famosos os relatos que revelam as dificuldades que se impuseram na hora de encontrar uma esposa para o jovem monarca d. Pedro II: a fama do pai ainda corria solta e o Brasil era um império distante, exótico e sem destaque financeiro. Tereza Cristina era uma Bourbon, mas de um ramo afastado, o que não impediu as "negociações cuidadosas", procedimentos necessários nesse tipo de casamento, entendido como um "negócio estratégico do Estado".

19. PEDRO II, imperador do Brasil, 1825-1891. *Cartas a Paulo Barboza da Silva.* [São Paulo, s.d.]. Original. Manuscrito, 2 docs., 48f. Coleção Tobias Monteiro.

Paulo Barboza, mordomo-mor e figura central, sobretudo nos primeiros anos do Segundo Reinado, foi uma influência constante tanto na educação como no comportamento político de d. Pedro II.

20. PEDRO II, imperador do Brasil, 1825-1891. *Cartas da condessa de Barral.* [S.l.], mar. 1884/fev. 1887. Original. Manuscrito, 15 docs., 44f. Coleção Tobias Monteiro.

Muito se tem comentado sobre as relações entre a condessa de Barral e d. Pedro II. Tutora das filhas do monarca, após o casamento destas viu suas atividades se restringirem. Passa a viajar ao exterior como dama da imperatriz e datam dessa época suas relações mais próximas com o soberano. A intensa e íntima correspondência revela uma amizade duradoura e, talvez, uma das poucas relações em que o imperador tenha ultrapassado a mera oficialidade.

21. Eponine Octaviano. Carta a D. Pedro II. [S.l.], 23 fev. [18]. 1 bifol. Mss. com vinheta floral a 2 cores. Original. Coleção Tobias Monteiro (Fotografar e Expor).

Nessa carta uma reconhecida amante de d. Pedro II insinua-se e revela como a vida amorosa do segundo monarca não foi, nesse sentido, tão distante da do pai.

22. Projeto de um túnel ligando a cidade do Rio de Janeiro a Niterói. Londres, jul. 1877. Pelo engenheiro inglês H. Lindsay-Bucknall. Oferecido a S.M.I. pelo autor, compõe-se de um texto com especificações sobre a obra e urbanização dos terminais, duas plantas e cópia de carta dos engenheiros Peter W. Barlow e Peter W. Barlow Jr., opinando favoravelmente ao projeto (Londres, 30 nov. 1876). Encadernação em veludo com a coroa imperial. Autógrafo. 4 doc., 18p., 2f.

23. Folhinha Nacional Brasileira do ano de MDCCCXXXVII.

VI O Negro no Brasil Escravista

Mariza de Carvalho Soares

Nos primeiros anos de ocupação da colônia do Brasil os engenhos de cana-de-açúcar de Pernambuco e Bahia combinaram o uso de escravos índios e africanos. Desde então, juntos ou separados, enfrentaram a sociedade escravista promovendo fugas, ataques, ou optando pelo difícil aprendizado da negociação com seus algozes. No final do século XVI, a população africana e afrodescendente da colônia não devia passar de 15 mil indivíduos. No século XVII, especialmente nos engenhos, o trabalho indígena começou a ser progressivamente substituído pelo trabalho dos escravos africanos. Em 1640, finda a União das Coroas, a dinastia de Bragança teve como uma de suas maiores preocupações abastecer de africanos a colônia do Brasil que recebeu, ao longo do século, em torno de 400 mil escravos. Em diferentes proporções e dependendo da atividade e da região, a escravidão africana conviveu com a escravidão (ilegal) indígena.

Na primeira metade do século XVIII, a extração do ouro redimensionou o tráfico de escravos entre a África e o Brasil, levando ao desembarque de 1.700.000 africanos vindos, principalmente, de Angola, Congo, Benguela e Ajudá. No século XIX o tráfico, extinto em 1850, atingiu suas maiores cifras. Nesses cinqüenta anos entraram no Brasil pelo menos 1.350.000 africanos. Em sua quase totalidade, os africanos aqui desembarcados se destinavam às fazendas de café do Vale do Paraíba, na Província do Rio de Janeiro.

Somadas as importações regulares ao tráfico clandestino e ao contrabando posterior a 1850, a sociedade colonial e depois o Império do Brasil assistiram ao desembarque de aproximadamente quatro milhões de africanos. Distribuídos pelos engenhos, plantações de tabaco e café, lavras de ouro e diamantes; vivendo em senzalas ou trabalhando ao ganho nas cidades, fugindo de seus senhores, freqüentando calundus, batuques, rezando nas irmandades ou defendendo ideais liberais esses africanos e afrodescendentes –fossem eles escravos, forros ou mesmo livres – construíram variados caminhos para sua inserção na sociedade escravista. A documentação da Biblioteca Nacional ora exposta nos permite entrever uma pequena mostra desses percursos, cujo traçado é tarefa do historiador reconstituir.

a) A escravidão em obras do século XVIII ao XIX:

1. ROCHA, Manuel Ribeiro da. *Etiope resgatado...* Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1758.

Resgatar as almas dos povos gentios foi uma das justificativas mais aceitas para a escravidão e o tráfico negreiro, fazendo do tema alvo de interesse para muitos religiosos. No Brasil, antes de Manuel Ribeiro da Rocha o grupo dos jesuítas Antonil e Jorge Benci já havia-se dedicado a ele. Enquanto os primeiros tratam da conversão associada a outros temas da sociedade colonial, esta obra se dedica exclusivamente à escravidão, dando-lhe ainda uma abordagem juridica, constituindo esta sua novidade em relação às anteriores.

2. DUARTE, José Rodrigues de Lima. *Ensaio sobre a hygiene da escravatura no Brasil.* Rio de Janeiro: Laemmert, 1849.

Tese baseada na teoria das raças e apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1849. O autor divide sua argumentação em duas partes. Na primeira trata da higiene física, argumentando, por exemplo, sobre a necessidade de adaptação dos africanos antes de serem usados nos trabalhos pesados; na segunda trata da higiene moral onde, entre outros temas, adverte sobre os motivos que levam muitos escravos ao suicídio.

3. PESSOA, Miguel Tomás. *Manual do elemento servil.* Rio de Janeiro: Laemmert, 1875.

O autor é bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo e advogado na cidade de Vitória. O texto apresenta de forma simplificada os principais temas da legislação referente ao tratamento dos escravos. Fala sobre as ações de liberdade movidas pelos escravos contra seus senhores e também sobre as normas juridicas e religiosas relativas a casamentos entre escravos, abandono de escravos por seus senhores, sociedades de emancipação e outros temas da época.

4. MALHEIRO, Perdigão. *A escravidão no Brasil.* Ensaio histórico, jurídico, social. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1866-1867.

Agostinho Marques Perdigão Malheiro (1824-1881), jurista, político é considerado o primeiro historiador da escravidão no Brasil. No ano de 1866, quando da publicação do primeiro volume desta obra, foi eleito presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. O ensaio está dividido em três partes que equivalem a três volumes. A primeira é referente ao Direito do Império sobre escravos e libertos de procedência africana (1866), a segunda trata da escravidão e catequese dos indigenas do Brasil (1867) e a terceira da escravidão africana, do tráfico atlântico e da extinção da escravidão (1867).

b) A escravidão nas letras e artes do século XIX:

5. GAMA, Luís. *Trovas burlescas.* Rio de Janeiro: Pinheiro & C., 1861.

Luis Gonzaga Pinto da Gama (1830-1882) foi jornalista, poeta e escritor romântico. Nasceu na Bahia, filho de uma africana. Nunca revelou o nome do pai, homem de posses que o vendeu como escravo quando ainda menino. Trazido para São Paulo, acabou formado em Direito, vindo a ser importante liderança do movimento abolicionista. Foi diretamente responsável pela libertação de mais de quinhentos escravos.

6. CRUZ E SOUSA. Poema "Emparedado". In: *Evocações*. Rio de Janeiro, Aldina, 1898.

João da Cruz e Sousa (1861-1898), filho de africanos alforriados, nasceu na vila do Desterro, hoje Florianópolis, e inaugurou a escola simbolista no Brasil. Negro, arrojado em suas idéias escritas em prosa e verso, foi muito perseguido no meio literário da época. O livro Evocações no qual está incluído o poema "Emparedado" está entre suas obras póstumas.

7. GOMES, Carlos. Partitura da ópera *O escravo*.

Antônio Carlos Gomes (1836-1896), compositor e maestro, o maior nome do romantismo musical brasileiro foi autor de várias óperas onde destaca os temas nacionais, entre elas, O Guarani, *sobre os primeiros anos da presença portuguesa no Brasil. Em 1889 compôs* O escravo, *onde deu destaque à problemática da escravidão.*

8. ALVES, Castro. Poesia "Navio negreiro". Publicada em *O Myosote*. RJ, nº 1. 1869. pp. 19-28

Antônio Frederico de Castro Alves (1847-1871), poeta da fase final do romantismo, foi um abolicionista devotado, chamado "cantor dos escravos". Seu poema "Navio negreiro" foi publicado pela primeira vez no primeiro número do O Myosote, *no Rio de Janeiro, em 1869. O longo poema – com a narrativa do transporte de escravos da África para o Brasil – foi publicado na integra e ocupou dez páginas do periódico.*

9. ASSIS, Machado de. "Pai contra mãe" In: *Relíquias de casa velha*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1906.

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) foi contemporâneo dos últimos românticos, mas sua obra, de difícil enquadramento, inaugura a ficção e o realismo brasileiro. Em seus romances retrata a cidade do Rio de Janeiro nas últimas décadas da escravidão. Conhecido como autor de Dom Casmurro *e* Memórias póstumas de Brás Cubas, *escreveu também* Relíquias de casa velha, *do qual faz parte o texto aqui apresentado.*

10. GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1875.

Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (1825-1844) escreveu este romance em 1875. A personagem Isaura foi internacionalmente notabilizada numa novela da TV Globo. A jovem escrava branca e educada que sofria nas mãos de seu cruel senhor conquistou os telespectadores, reavivando o debate sobre a escravidão e o racismo em amplas camadas da população brasileira.

11. RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1932.

Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) era médico-legista, professor da Faculdade de Medicina da Bahia onde ocupou a cátedra de medicina legal. Ao lado de Sílvio Romero foi um dos primeiros estudiosos das populações africanas no Brasil. Defendia a superioridade da raça branca e a impossibilidade da civilização dos negros, o que o levou ao estudo dos africanos na cidade de Salvador, dando origem à presente obra. O trabalho - realizado entre 1890 e 1905 – só veio a público em 1932, por iniciativa de Homero Pires que reuniu e publicou os originais na Coleção Brasiliana.

B) O universo da escravidão nos documentos manuscritos
b) 1. Tráfico de escravos

12.a - Relação de escravos da Costa da Mina (1791)-

12.b - Mapa com escravos de Angola 1795 –

12.c - Tráfico ilegal em Mangaratiba (1851)

Os dois primeiros documentos mostram o controle do tráfico legal na década de 1790. Anteriormente a esta década são escassas ou pouco estudadas as fontes que permitem a quantificação das importações. O tráfico de africanos perdurou até 1850, quando foi proibido em todo Império do Brasil. A partir de então, apenas desembarques ilegais foram realizados, boa parte deles no litoral sul do Rio de Janeiro, especialmente em Mangaratiba, de onde se tinha fácil acesso à área de maior atração de mão-de-obra escrava da época: as plantações de café do vale do Paraiba.

b)2. Formas de organização de escravos, forros e livres: quilombos e rebeliões

13.a - Quilombo de Jaguaribe/BA (1771)

13.b - Quilombo de São Gonçalo

13.c - Rebelião escrava de 1807/Bahia

O quilombo foi a forma de organização escrava mais divulgada pela historiografia e pode ser encontrado ao longo de toda a vigência da escravidão. Parte integrante da correspondência do conde de Valadares, governador da Capitania de Minas Gerais a documentação sobre a expedição ao quilombo de São Gonçalo é a mais rica hoje disponível, incluindo descrições detalhadas e mapas. Ao lado dos quilombos merecem também destaque as revoltas escravas que já são freqüentes no século XVIII e se estendem ao longo do XIX. A revolta de 1807 é a primeira de uma série delas ocorridas na Bahia até 1835.

b) 3. Formas de organização de escravos, forros e livres: irmandades, folias e batuques

14. Regra ou estatutos por modo de hum dialogo onde, se dá noticia das Caridades e Sufragaçoes das Almas que uzam os pretos Minnas, com seus Nacionaes no Estado do Brazil, expecialmente no Rio de Janeiro, por onde se hao de regerem e governarem fora de todo oabuzo gentilico e supersticiozo; composto por Francisco Alves de Souza pretto e natural do Reino de Makim, hum dos mais excelentes e potentados daquêla oriunda Costa da Minna.

Ao lado de iniciativas arrojadas como quilombos e revoltas, uma parcela considerável dos escravos permanece sob controle de seus senhores, sem por isso abrir mão de formas próprias de organização. Dentre as mais conhecidas estão as irmandades católicas freqüentadas por escravos e forros. O estatuto da devoção das Almas dos pretos minas do reino de Makim mostra como grupos étnicos africanos se reuniam nas igrejas para, através da devoção aos santos, fortalecerem seus laços de identidade étnica.

15. a – Rei negro

15. b – Batuques

As folias são conhecidas como cortejos de rei e rainhas que saem às ruas cantando e dançando sendo, com freqüência, tomadas como simples festejos. Na verdade estão previstas pela legislação eclesiástica desde o século XVIII e são organizadas no interior das irmandades para coletar esmolas para a realização das festas anuais em honra dos santos. Também os batuques – onde a música e a dança aparentemente profana são sua face mais conhecida – muitas vezes encobrem grupos religiosos que exprimem sua crença através da dança. Como não estavam regulamentados e tiveram existência num universo pouco letrado foram menos registrados.

b) 4. Instrumentos de controle da sociedade escravista

A existência de um livro próprio para o assentamento dos batismos de escravos indica que além de conferir ao escravo a possibilidade de salvação, o batismo é também um mecanismo de inserção diferenciada do escravo no universo católico. Este livro é o mais antigo livro de batismo de escravo do Rio de Janeiro hoje disponível. Devido à sua importância, foi transcrito e publicado nos Anais da Biblioteca Nacional.

17.a - Carta régia (1696)

17.b - Passaporte de escravo (1860)

17. c - Compra e venda de escravos

17. d - Carta de liberdade (1814)

Ao longo dos séculos, para além dos atos de violência, a sociedade escravista criou uma série de mecanismos de controle da população escrava. As cartas régias foram instrumento usual na administração do modo de vida dos escravos. Como mostra esta carta, já no final do século XVII proibe-se aos escravos o uso de ouro e prata. Destacam-se ainda entre outros instrumentos de controle os passaportes usados para autorizar deslocamentos de escravos de um lugar a outro e os recibos de compra e venda. Merecem destaque as chamadas cartas de liberdade, adquiridas pelos escravos por doação ou compra.

ETHIOPE
RESGATADO,
EMPENHADO, SUSTENTADO,
Corregido, instruido, e liberrado.
DISCURSO
THEOLOGICO-JURIDICO,
EM QUE SE PROPOEM O MODO
de comerciar, haver, e possuir validamente, quanto a hum, e outro foro, os Pretos cativos Africanos, e as principaes obrigações, que correm a quem
CONSAGRADO
A'
SANTISSIMA VIRGEM
MARIA
NOSSA SENHORA.
Pelo Padre
MANOEL RIBEIRO ROCHA,
LISBOA:
Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno
M. DCC. LVIII.

1

...IO OFICIA...

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

ORDEM E PROGRES...

...BLICA — N. 257 — CAPITAL FEDERAL — QUARTA-FEIRA, 10 DE NOVEMBRO D...

...pública dos Estados Unidos do Brasil:

...as aspirações do povo brasileiro á paz poli-
...te perturbada por conhecidos factores de
...crescente aggravação dos dissidios partida-
...ropaganda demagogica procura desnaturar em
...xtremação de conflictos ideologicos, tendentes,
...do natural, a resolver-se em termos de violen-
...o sob a funesta imminencia da guerra civil;

...tado de apprehensão creado no paiz pela infiltra-
...se torna dia a dia mais extensa e mais profunda,
...e caracter radical e permanente;

...ue, sob as instituições anteriores, não dispunha o
...rmaes de preservação e de defesa da paz, da segu-
...lar do povo;

...das forças armadas e cedendo ás inspirações da opi-
...nas e outra justificadamente aprehensivas deante
...ameaçam a nossa unidade e da rapidez com que se
... a decomposição das nossas instituições civis e poli-

...egurar á Nação a sua unidade, o respeito á sua honra
...ndencia, e ao povo brasileiro, sob um regimen de paz
...as condições necessarias á sua segurança, ao seu bem
...speridade;

...Constituição, que se cumprirá desde hoje

...DO BRASIL

assumirá no Estado as funcções que pela sua Constituição...
rem ao Poder Executivo, ou as que, de accordo com as...
cias e necessidades de cada caso, lhe forem attribuidas...
dente da Republica:

a) para impedir invasão imminente de um paiz es...
territorio nacional ou de um Estado em outro, bem co...
pellir uma ou outra invasão;

b) para restabelecer a ordem gravemente altera...
em que o Estado não queira ou não possa fazel-o;

c) para administrar o Estado, quando, por qualq...
dos seus poderes estiver impedido de funccionar;

d) para reorganizar as finanças do Estado que...
mais de dois annos consecutivos, o serviço de sua...
ou que, passado um anno do vencimento, não houv...
prestimo contrahido com a União;

e) para assegurar a execução dos seguintes...
tucionaes:

1 — forma republicana e representativa de...
2 — governo presidencial;
3 — direitos e garantias asseguradas na...

f) para assegurar a execução das leis e...

Paragrapho Unico — A competencia par...
ção será do Presidente da Republica nos cas...
da Camara dos Deputados no caso das lettr...
da Republica, mediante requisição do Supre...
caso da lettra f.

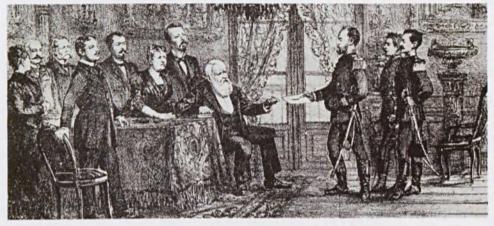
Art. 10 — Os Estados têm a obrigação...
phera da sua competencia, as medidas nece...
tados commerciaes concluidos pela União...
a competencia legislativa para tae...
...lei, quando de inicia...

A Utopia Republicana

VII A Primeira República

Américo Freire e Lincoln Penna

O período que se estende de 1889 a 1930, relativo à Primeira República brasileira, foi um processo que combinou afirmação, conformação e agitação do regime republicano. No primeiro caso, a proclamação não havia assegurado de pronto o funcionamento da República. Foi necessário que algumas crises se sucedessem para que se alcançasse uma relativa estabilidade, a partir do sistema americano de Campos Sales, a Política dos estados, ou, como ficou popularizada, a dos governadores.

A conformação deu-se em razão da dificuldade de se implantar o Federalismo em sua forma clássica, resultando daí experiências mais ou menos heterodoxas quanto ao sistema de administração da República. Nesta conformação, algumas expectativas frustraram-se em meio a diversidade de demandas cujo resultado foi o surgimento dessa política a contrair práticas, vícios e expedientes de períodos que derivam desde nossa formação histórica colonial.

A Família Real recebe do representante do Governo Provisório da recém-proclamada República o comunicado do seu exílio. Litografia de Frias A. de Silveira. *Galeria Histórica da Revolução Brasileira de 15 de Novembro de 1889.* Rio, 1890

A agitação marcou igualmente os tempos dessa Primeira República, plena de insatisfações, interrogações e desafios permanentes, tudo isso a motivar intervenções com vocações salvadoras. Durante o período aqui examinado, além dos operários imigrantes, quase todos, também a jovem oficialidade manifestou-se, todos na crença de que tais assédios ao poder o tiraria da sanha gananciosa das oligarquias. Sem dúvida, a presença política desse grupo assinalou o período cujo desfecho acabou por integrá-lo, após 30, aos remanejamentos adotados com vistas a modernizar o país.

1. BARBOSA, Rui. *Cartas de Inglaterra*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1896.

Por ocasião da renúncia forçada de Deodoro, coube constitucionalmente a seu vice-presidente, Floriano Peixoto, assumir o mandato presidencial, em 23 de dezembro de 1891. Teve início, então, uma série de discussões a respeito da interpretação do texto constitucional. Neste quadro, deu-se o exílio de Rui, que não parou de pronunciar-se sobre os rumos do regime republicano. Parte dessas considerações foram publicadas com o título de Cartas de Inglaterra, *peça de grande valia para que o estudioso do Brasil daqueles tempos possa aquilatar tanto o governo de Floriano quanto o evoluir das instituições brasileiras.*

2. MOREL, Edmar. *A revolta da chibata*. Rio de Janeiro: Graal, 1960.

Obra de jornalismo histórico, porquanto utiliza-se do expediente do jornalismo político retrospectivamente. Edmar Morel, repórter de grandes recursos e profundamente sensível às questões sociais que afligem, até hoje, o povo brasileiro, conseguiu dar ao episódio ocorrido no Rio de janeiro, no ano de 1910 e a seu líder, o marinheiro João Cândido, o "Almirante Negro" um tratamento ao mesmo tempo descritivo e candentemente trágico, que marcou em profundidade a Marinha de Guerra brasileira.

3. Prédicas e Discursos de Antônio Conselheiro. In: NOGUEIRA, Ataliba. *Antônio Conselheiro e Canudos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional,

A Obra do Jurista e Conselheiro do IHGB, Ataliba Nogueira, é uma referência para os estudos das manifestações messiânicas que se desenrolaram na Primeira República brasileira. Além do mérito de tornar acessível o manuscrito de Conselheiro, contendo suas prédicas, isto é, os pronunciamentos de cunho filosófico e de sentido salvacionista do chefe da resistência sertaneja no interior da Bahia, ao longo de boa parte da década de 1890. Canudos, como ficou conhecida a Aldeia de Belo Monte, organizada por Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, construtor de cemitérios e igrejas, era um povoado às margens do rio Vaza-Barris.

4. FLORIANO. *Memórias e Documentos*. Rio de Janeiro: MEC, 1939.

O MEC publicou em 1939, centenário de nascimento do presidente Floriano Peixoto, um conjunto de documentos alusivos à trajetória militar e política do alagoano que, juntamente com seu conterrâneo, Deodoro da Fonseca, possibilitaram a experiência republicana no Brasil. A firme determinação de Floriano valeu-lhe o epíteto de Consolidador da República e o de " Marechal de Ferro".

5. BEVILAQUA, Clóvis. *Cód.* Civil dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1917.

Em 1916 o jurista Clóvis Beviláqua legou ao país o novo Código Civil Brasileiro. *Determinado pela Constituição de 1824, o Código Civil só entrou em vigor em primeiro de janeiro de 1917. Em vigor até hoje, foi o primeiro texto legal de relevo – depois da Constituição de 1891 – introduzido pela República na ordem jurídica brasileira.*

6. LINS, Álvaro. *Rio Branco*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

Publicado em 1945 sob os auspícios do Ministério das Relações Exteriores em comemoração ao centenário de nascimento do Barão do Rio Branco, o livro do embaixador Álvaro Lins notabiliza-se, entre outras razões, pela larga utilização da documentação do arquivo do Barão do Rio Branco depositado no Itamarati. José Maria da Silva Paranhos Júnior (Barão do Rio Branco) aparece na obra como o principal responsável pela condução da política externa brasileira nas primeiras décadas republicanas, em que foram assinados importantes tratados de limites com os países limítrofes.

7. SILVA, Ciro. *Pinheiro Machado*. Rio de Janeiro: Liv. Tupã, 1951.

Em sua obra, Ciro Silva faz a apologia do prócer político gaúcho. Pinheiro Machado foi um fiel representante da principal corrente do republicanismo do Rio Grande do Sul agregada em torno do Partido Republicano Rio-grandense (PRR). Dominou com mão de ferro o Senado Federal e exerceu enorme influência política entre os anos de 1906 e 1915, quando morreu assassinado no Rio de Janeiro.

8. FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Rodrigues Alves: apogeu e declínio do presidencialismo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

A obra representa o principal estudo até hoje produzido sobre a carreira política deste homem público de enorme influência na vida política paulista e brasileira entre as décadas de 1880 e 1920.
Em seu livro, Afonso Arinos examina a maneira pela qual um conselheiro do Império, membro destacado do Partido Conservador, se transformou em figura de proa do regime republicano, assumindo sucessivamente cargos como o Ministério da Fazenda, a presidência do Estado de São Paulo e a Presidência da República.

9. SILVA, Gastão Pereira da. *Prudente de Moraes, o Pacificador*. Rio de Janeiro: s/d.

O livro destaca um traço que marcou a presença do primeiro presidente civil brasileiro. Este traço é precisamente a conduta conciliatória de Prudente, o que lhe valeu a denominação de Pacificador da República.
A razão para que Prudente se destacasse por essa particularidade é explicada pela sua ascensão à Presidência, após o fim do mandato de Floriano. Ao término deste último governo, a situação política brasileira era tensa, em virtude dos acontecimentos da Revolta da Armada que ainda ecoavam em fins do ano de 1894, e as pressões de grupos civis e militares que desejavam, através de expediente golpista, a continuidade de Floriano no poder.

10. SENNA, Ernesto. *Deodoro –* Subsídios para a História – Notas de um repórter. Rio de Janeiro: Imp. Nacional, 1913.

Deodoro da Fonseca assumiu a Proclamação da República muito mais por camaradagem corporativa do que por convicções ideológicas. A propaganda republicana não o entusiasmara, muito embora a visse como instrumento favorável contra os políticos dos gabinetes do Segundo Reinado, especialmente contra seus desafetos.

11. TAUNAY, Visconde de. *O encilhamento*. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1923.

Publicado originalmente em folhetins da Gazeta de Notícias *em 1893, o romance de Taunay registra a febre especulativa que marcou o início da República brasileira, quando Ruy Barbosa exercia o Ministério da Fazenda no Governo Provisório chefiado pelo marechal Deodoro da Fonseca. O livro de Taunay serviu para popularizar uma imagem negativa a respeito do então chamado "encilhamento", que, até os dias de hoje, tem sido alvo de intenso debate entre os historiadores.*

12. Manifesto Republicano. Jornal *A República*. Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1870.

Foi em meio à crise político-partidária do final da década de 1860, que surgiu o Partido Republicano. Reunindo um conjunto expressivo de lideranças, o novo partido divulgou suas principais teses no Manifesto Republicano, entre as quais a defesa da constituição de uma República Federativa no país, como nos moldes dos Estados Unidos da América.

13. FARIA, Antão Gonçalves de. Ofício do Governador Provisório do Estado do Rio Grande do Sul ao Dr. Antão Gonçalves de Faria, ministro e secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, referindo-se ao seu aviso circular nº 4, de 25 de dezembro de 1891 que ordenou a *destruição dos documentos sobre o extinto elemento servil existentes nos archivos das antigas repartições provinciaes*... A bordo da Canhoneira de Guerra Marajó, 6 de fevereiro de 1892.

Sabe-se que o não cumprimento da indenização aos ainda proprietários de escravos, de cuja Abolição da Escravatura retirou-lhes esta propriedade, o aspecto mais surpreendente daquele processo de liberação ao qual se encontrava submetido um contingente de brasileiros negros, os afro-brasileiros assim considerados hoje em dia. Para que os escravocratas não pudessem argüir suas perdas junto à Justiça, vários expedientes foram usados. O mais comum foi a queima ou destruição de documentos que comprovassem a existência do vinculo entre escravos e seus senhores.

14. ASSIS, Machado de. *Esaú e Jaco*. Rio de Janeiro: Liv. H. Garnier, 1904.

Publicado em 1904, o romance Esaú e Jacó é o penúltimo da vasta obra de Machado de Assis. Em seu estilo inconfundível, Machado de Assis conta a história de dois gêmeos em eterna disputa. O pano de fundo é a passagem do regime monárquico para a República. Por meio do narrador conselheiro Aires – personagem que também esteve presente em sua última obra, Memorial de Aires, *Machado de Assis produz um relato elegante e cético em que entrecruza as desavenças entre os irmãos com as intrigas que marcaram a implantação do regime republicano.*

15. MENDES, Raimundo Teixeira. Benjamin Constant. Rio de Janeiro: Apostolado Positivista, 1891-1894.

Publicada logo após o falecimento de Benjamin Constant, o livro de Teixeira Mendes é referência obrigatória para todos os interessados na vida de um dos personagens centrais da implantação da República brasileira. É também importante obra de consulta sobre as teses do Apostolado Positivista, do qual Teixeira Mendes foi um dos principais doutrinadores e divulgadores. A obra reúne um conjunto considerável de documentos do acervo pessoal de Benjamin Constant.

16. CAMPOS SALES, Manuel Ferraz de. *Da Propaganda à Presidência*. São Paulo: Typographia "A Editora", 1908.

Publicado seis anos depois de deixar a Presidência da República, o livro de Campos Sales é, em primeiro lugar, um importante testemunho de um dos artífices da República. Trata-se também de um valioso documento sobre os padrões políticos vigentes na primeira experiência republicana brasileira.

17. Diário de Floriano Peixoto, peça da coleção de Sílvio Peixoto doada à Biblioteca Nacional. Cadernos de Notas I – 32, 26, 8 (Presidente 1893).

As anotações de Floriano sobre assuntos os mais variados constituem o conteúdo deste Diário. Sua consulta permite que o estudioso possa ter uma idéia do caráter e da personalidade daquele que foi o primeiro presidente a angariar popularidade no Brasil. Desde decisões refletidas na solidão do poder até comentários acerca de particularidades da vida na capital do país, o Diário é uma fonte interessante de pesquisa do homem público mais enigmático da política brasileira até então, a ponto de Euclides da Cunha tê-lo denominado de " Esfinge ", cuja decifração caberia aos historiadores do futuro.

18. SILVEIRA, Urias Antônio da. *Galeria historica da revolução brazileira de 15 de novembro de 1889 que ocasionou a fundação da Republica dos Estados Unidos do Brazil*. [Rio de Janeiro]: Typ. Universal de Laemmert & C., 1890. 323 p.

Proclamação da República em o "Campo da Aclamação" no dia 15 de novembro de 1889 e Entrega da mensagem à D. Pedro II, pelo major Solon, no dia 16 de novembro de 1889. Litografia concebida por Nicola Antônio Facchinetti.

19. Retratos do Brasil: oposição na República através da caricatura. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1990.

VIII Modernização da Arte e Cultura na Primeira República

Beatriz Resende

Proclamada a República, o novo país precisa ser revelado pela modernização do Rio de Janeiro, "Cartão-Postal". Pereira Passos, o Haussmann tropical, saneia e embeleza. O Rio moderniza-se! O fotógrafo oficial, Augusto Malta, documenta a abertura da Avenida Central, a instalação do Obelisco, as senhoras, senhoritas e cavalheiros que circulam pela Avenida Beira-Mar e pelo Passeio Público, tudo iluminado pela Light & Power.

São Paulo enriquece e começa a discutir os rumos da arte nacional. No Nordeste e em Minas as revistas literárias reúnem intelectuais.

Melindrosas e almofadinhas descobrem o grande novidade do século: o cinema. Surgem os *sky-scrapers*. Na era da velocidade em três dias se vai do Rio a São Paulo numa baratinha! Aproxima-se o Centenário da Independência e o Brasil todo colabora para a realização da Exposição Internacional do Centenário.

Manuel Bandeira proclama a libertinagem poética. Di Cavalcanti desenha seus Fantoches da Meia-Noite e ilustra capas de livros vendidos em muitos milheiros. Os caricaturistas registram as novidades e fazem a crítica dos poderosos.

1922 completa, durante a Semana de Arte Moderna, em São Paulo, a revolução artística. Villa-Lobos rege o coro da *Paulicéia desvairada* acompanhado por Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Mário de Andrade e outros jovens intelectuais. No Rio de Janeiro a influência americana junta-se ao Art-Déco na sofisticada Copacabana com sua Avenida Atlântica.

AYRES, Emilio. *O chá da Cavé*

Mas o Brasil de *Macunaíma* não é apenas Rio e São Paulo. Acontece a Revolução de 30 e os gaúchos amarram seus cavalos no Obelisco da cosmopolita Avenida Central. Os frenéticos anos 20 tinham chegado ao final.

1. Manuscrito original do *Diário do Hospício*, de Lima Barreto. Páginas finais do manuscritos, escritas a lápis em papel do Hospício Nacional fornecido por Juliano Moreira.

Apontamentos feitos pelo escritor Lima Barreto durante o periodo em que esteve internado no Hospício Nacional, na Praia Vermelha, de dezembro de 1919 a fevereiro de 1920, em papel cedido pelo diretor, Juliano Moreira.

2. Cartas de Monteiro Lobato a Lima Barreto.
Selecionar a de 02/set/1918 e de 15/nov/1918 em papel da *Revista do Brasil*, a de 04/12/18

À frente da Revista do Brasil *e criando sua própria editora, Monteiro Lobato pretende introduzir os métodos fordistas na produção de livros no Brasil.*

3. Originais de Manuel Bandeira
Cartas, Cartões e Fotografias

a) Livros:

4. BANDEIRA, Manuel. *Carnaval. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1919.*

Mário de Andrade afirma ter sido a publicação de Carnaval*, em 1919, "um clarim de era nova, cantando já sem incertezas e rouquidões".*

5. RIO, João do. *Cinematógrapho.* Porto: Chardron,1909.

Crônicas de João do Rio (Paulo Barreto) falam da modernização da cidade e *do cotidiano*

6. ARANHA, Graça. *Canaã.* Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

7. PICCHIA, Menotti del. *O homem e a morte.* Capa de Anita Malfatti. São
Paulo: Nacional, 1929.

8. ANDRADE, Mário de. *Paulicéa desvairada.* São Paulo: Casa Mayença,1922.

9. COSTALLAT, Benjamin.
9.1 *A luz vermelha*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1922.

9.2 *Arranha-céu*, chronicas. São Paulo: Nacional, 1929.
Loc.: og I 311,4,34 (1929)
Med.: 18x12
Capas desenhadas por Di Cavalcanti.

Benjamin Costallat foi o autor mais vendido durante a Primeira República. Capa ilustrada por Di Cavalcanti mostra que dos EUA começam a vir novas influências.

9.3 *Mutt, Jeff e Cia*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1922.

9.4 *Modernos...* Contos. Rio de Janeiro: N. Viggiani, 1920.

O cuidado com as capas mostra a preocupação de Costallat com o livro como um objeto moderno com capas desenhadas por Chin.

10. MACHADO, Gilka. *Crystais partidos.* Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1915.

Em 1915, Gilka Machado distingue-se pela escrita desafiante dentre as autoras mulheres.

11. ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia.* Belo Horizonte: Pindorama, 1930

b) Revistas:
12. *Revista Careta*, de 22/07/1922. Crônica "Futurismo" de Lima Barreto.

13. *Revista Paratodos*, com capas de J. Carlos, tendo carnaval como tema.

Paratodos destaca-se pelo especial cuidado gráfico e ricas ilustrações.

14. *Revista de Antropofagia*.

Fac-símile da Revista de Antropofagia, *principal veiculo de divulgação dos manifestos dos Modernistas paulistas.*

15. *Revista Scena Muda* (sobre cinema).

O cinema é a nova mania. Surge a Cinelândia *no Rio e as revistas que falam dos astros do cinema-mudo.*

16. *Revista Fon-fon*.

17. *Revista Kosmos*.

Dentre os principais colaboradores da luxuosa Kosmos *está Olavo Bilac, cronista do pais que se moderniza.*

c) Partituras:
18. Partitura do *Trenzinho Caipira* de Villa-Lobos

d) Jornal:
19. *Correio da Manhã*, 18/03/1924
Manifesto da Poesia Pau-Brasil, de Oswald de Andrade.
Republicado na *Revista do Livro*. Rio: INL, dezembro de 1959, n. 16.
Correio da Manhã: per 4 – 017,03,02
Revista do Livro: per 1 – 232,04.14

20. Estudos decorativos para o Teatro Municipal (80 anos)

João do Rio apresenta, em 1913, o elegante Teatro Municipal, construído à semelhança do Opera de Paris, com pano de boca criado por E. Visconti.

21. DI CAVALCANTI. *Fantoches da Meia-Noite.*

Di Cavalcanti foi um dos principais participantes da Semana de Arte Moderna, em São Paulo, em 1922. Editada em 1921 por Monteiro Lobato & Cia., esta obra do artista carioca é apresentada por Ribeiro Couto.

**22. Xilogravuras de Oswaldo Goeldi para o livro *Cobra Norato* do poeta
modernista Raul Bopp.** Pp. 28-29.

23. Prancha original de J. Carlos para a *Revista Paratodos*. 211-357-1954 –c. 25 de maio de 1929

Nos anos 20, as revistas ilustradas inovam nas artes gráficas graças aos ilustradores que nelas colaboram, em especial J. Carlos .

24. Prancha de Tarsila do Amaral. Álbum apresentado por Sérgio Milliet. Prancha X "Antropofagia".

Depois de um almoço, em que comeram rãs, a pintora Tarsila do Amaral e o escritor Oswald de Andrade começam, em tom de blague, a elaborar a teoria antropofágica. Em 1929, Tarsila pinta o quadro Antropofagia.

25. FERREZ, Marc. *O álbum da Avenida Central.* Rio de Janeiro: 1903-1906.

Em março de 1904 são inauguradas as obras de abertura da Avenida Central, principal dos projetos de "obras e embelezamento da cidade"

do prefeito Pereira Passos, nomeado por Rodrigues Alves com a função de transformar o Rio de Janeiro em "cartão-postal".

26. MALTA, Augusto. Morro do Castelo: com todos seus predios, Igreja [sic] de S. Sebastião, interiores, Col. dos Jesuítas, Panoramas do Morro etc. Rio [de Janeiro], 1922. 98 fotos

Derrubado em 1921, o morro do Castelo abre espaço no Rio de Janeiro para a Exposição do Centenário, em 1922.

27. AYRES, Emílio. O chá da Cavé. In: ______ . *Caricaturas: tipos e costumes do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1910-1912.

Emílio Ayres foi um dos mais expressivos nomes da caricatura da sociedade carioca. Nesta imagem aparecem dentre outros Bento de Barros Pimentel, C. Fonseca Costa, Francisco Pereira Passos, Ataulfo de Paiva, Humberto Gotuzzo, Pedro Leão Velloso, J. M. Leitão da Cunha, Hortênsia Mello.

9.2

IX A Era Vargas: dos Anos 30 aos Anos 50

Maria Celina D'Araujo

Conforme está vastamente documentado na Biblioteca Nacional, a *era Vargas* está associada a mudanças estruturais na sociedade brasileira. Foi marcada por planejamento estatal, legislação social, investimentos estatais, precariedade das liberdades públicas, desenvolvimento econômico, controle sobre trabalhadores e sindicatos e, principalmente, pelo papel atribuído ao Estado como agente econômico e social.

Sob a *era Vargas*, o Brasil deixou de ser um país agrário-exportador para se transformar em uma sociedade urbano-industrial. Essa mudança veloz é atribuída ora à qualidade da liderança de Getúlio ora à conjuntura internacional que o beneficiou, ora a tudo isso associado às potencialidades do país e de seu povo. O legado de Getúlio Vargas também é polêmico: por vezes se releva seu interesse pelo desenvolvimento nacional e por outras destaca-se seu pouco apreço pela lei e pelas instituições democráticas. Não faltam também avaliações eminentemente negativas: demagogia, estadolatria, populismo, corporativismo e ojeriza ao mercado.

A *era Vargas* caracterizou-se ainda pela presença dos militares na política. Com Vargas, os militares ganharam notoriedade inédita e se tornaram atores políticos de todas as horas. Nessa escalada, nem Vargas foi poupado: os militares que o sustentaram no poder o depuseram por duas vezes: 1945 e 1954.

A REMISSÃO DO CAUDILHO

O holocausto de Vargas coloca-o acima de intrigas e discussões. Ele soube ser lógico, quis levar até o fim a arrancada que começara com o Movimento de 30.

Como sua vida não foi de paz, não podia ser de paz a sua morte.

A carta de Vargas é um dos maiores documentos de nossa História política contemporânea. É um testemunho da extraordinária habilidade desse condutor de homens. De um golpe, ele força a História e propõe a redenção de todas as suas possíveis faltas e pecados.

Um documento tão alto encerra admiravelmente a existência de todas as faltas que lhe imputaram. Fere ele alguns pontos extremamente importantes do momento nacional, particularmente quando conclama à luta contra os imperialismos.

Aponta ele assim, em testamento, um caminho que deve ser seguido — o da luta pela emancipação nacional.

Oswald de Andrade

No velório no Catete, uma pensativa (e magra) Ivete Vargas debruçada sobre o caixão.

20

11

1.1 *Getúlio Vargas – estadista, orador, homem de coração.* Rio de Janeiro: Ed. Século XX, 1942.

Publicado no auge do Estado Novo (1937-1945), este livro é uma obra típica da exaltação a Getúlio. Repleto de citações de terceiros, visa a mostrar as qualidades intelectuais de Getúlio Vargas associadas a sua bondade pessoal e a seu talento de estadista.

1.2 *Getúlio Vargas, história de um menino de São Borja.* Rio de Janeiro: DNP, 1939.

Publicado na fase de consolidação do Estado Novo (1937-1945), esta história ilustrada, voltada para o público infantil, é uma da muitas que procuraram exaltar, junto aos jovens e às crianças, os méritos excepcionais de Getúlio Vargas aqui retratado como um predestinado a unificar o país e a comandá-lo pessoalmente através de sua liderança.

O Presidente Vargas ouvindo Heitor Villa-Lobos

1.3 SILVA, José Pereira da. *Getúlio Vargas, as melhores páginas... leituras cívicas: problemas sociais, militares, econômicos, educacionais, evocação histórica etc.* Rio de Janeiro: A. Marçal, 1940.

Este livro é classificado como obra educativa e didática voltada para professores e mestres. Está dividida em pequenos capitulos abordando temas variados como educação, indústria, religião, pátria etc. sempre reproduzindo o que seriam as opiniões de Getúlio.

1.4 SILVA, Gastão Pereira da. *Getúlio Vargas e a psicanálise das multidões.* Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1941.

Baseado em Le Bom, Freud e em conceitos como "libido", "inconsciente das massas", "Édipo social" e outros, o livro justifica a legitimidade de Getúlio como "chefe" e compara-o a outros líderes como Mussolini, Hitler, Salazar, Mustafá Kemal e Roosevelt.

1.5 QUEIROZ JR., José. *222 anedotas sobre Getúlio Vargas, anedotario popular, irreverente e pitoresco.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira de Artes, 1955.

Organizada logo após a morte Getúlio por um jornalista amigo seu, esta obra é uma coletânea de piadas sobre Vargas que quase sempre enaltecem sua habilidade para preservar o poder, dissimular intenções, simular objetivos e isolar inimigos.

1.6 LESSA, Origenes. *Getúlio Vargas na literatura de cordel.* São Paulo: Ed. Moderna, 1982.

Esta minuciosa pesquisa na literatura de cordel evidencia uma imagem popular positiva construida em torno de Vargas e especialmente dedicada a elogiar sua "obra social". Sintomaticamente a maior parte dessa literatura aborda sua morte e seus assassinos e fala de seu "encontro" com Deus.

2. *La Razon*, mayo de 1935, Homenaje al Brasil.

Este número especial do jornal argentino La Razon *faz a propaganda do esforço de cooperação entre Brasil, Uruguai e Argentina numa época em que as rivalidades entre esses países eram mais conhecidas do que suas amizades recíprocas.*

3. *A revolução de 1930 e seus antecedentes:* Coletânia de fotografias, org. pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, FGV; coord. Ana Mª Brandão Murakami. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

Este álbum inova ao reproduzir uma iconografia pouco conhecida sobre o movimento civil-militar que levou à Revolução de 1930. Aqui populares e soldados voluntários malvestidos dividem a cena com tropas regulares. Vencedores e vencidos são retratados sem os tons glamorosos ou caricatos que a Era Vargas *lhes imputou.*

4. REALE, Miguel. *Perspectivas integralistas.* São Paulo: Odeon, 1933.

O autoritarismo contou com a colaboração teórica e doutrinária de alguns expoentes da intelectualidade nacional que fizeram, a exemplo deste livro, a crítica ao liberalismo e ao comunismo e justificaram a emergência do integralismo como uma via adequada ao Brasil e a suas tradições.

5. RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere.* Rio de Janeiro: J. Olympio, 1953.

O livro, um dos clássicos da literatura brasileira, retrata o início da repressão policial e militar ao comunismo depois do Levante de 1935. Adaptado para o cinema, tornou-se paradigmático da descrição das prisões políticas, seus horrores e nonsenses.

6. BALDESSARINI, Hugo. *Crônica de uma época* (de 1950 ao atentado contra Carlos Lacerda), *Getúlio Vargas e o crime de Toneleros.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

Explicando a liderança de Vargas em meio às transformações estruturais do país, dois terços do livro é dedicado ao segundo governo Vargas (1951-1954) principalmente a seus escândalos policiais e políticos. Em tom jornalístico, reproduz grande parte do que a imprensa publicou sobre a crise do governo.

7. ALMEIDA, José Américo de *Ocasos de sangue.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

No calor do noticiário acerca da morte de Getúlio, o autor, ex-ministro e ex-opositor de Vargas, reúne relatos sobre a morte violenta de três políticos brasileiros: Getúlio Vargas, Virgílio de Mello Franco e João Pessoa, todos diretamente vinculados à Revolução de 1930.

8. LIMA, Hermes. *Lições da crise.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

Escrito por um socialista, o livro invoca a crise do governo Vargas para defender algumas teses em defesa da política nacionalista do petróleo, do nacionalismo de Vargas, e sobre a exaustão do presidencialismo e do voto proporcional no Brasil.

9. VIANA, José de Segadas. *O sindicato no Brasil.* Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1953.

Um dos principais assessores do governo Vargas em assuntos trabalhistas, o autor dedica este livro a descrever e explicar os direitos sindicais e o funcionamento dos sindicatos. Nele se descrevem os direitos dos sindicalizados e se faz a defesa da política sindical corporativa no Brasil.

10. CAÓ, José. *Dutra, o presidente e a restauração.* São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949.

Em meio à vasta literatura sobre Getúlio Vargas, pouco se escreveu sobre o governo Dutra (1946-1951) que foi um interregno em meio à Era Vargas. Esta obra faz a biografia de Dutra até chegar à Presidência, biografia essa construida com a montagem do poder getuliano.

11. VARGAS, Getúlio. *Ao ódio respondo com perdão.* Rio de Janeiro: MLG Editora & Distribuidora Ltda., 1983.

Este pequeno livro contém quatro dos mais importantes documentos relativos ao segundo governo Vargas (1951-1954): o Memorial dos Coronéis e o Manifesto dos Generais, de 1954, são as principais evidências das tensões entre o governo e os militares. A Carta Testamento e O Legado da Morte são os dois escritos finais de Vargas que selaram a versão que Getúlio construiu sobre sua morte e seus inimigos.

X Brasil Contemporâneo

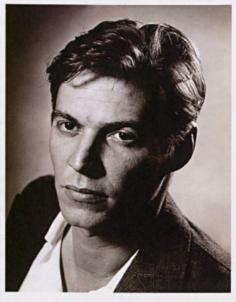
Os Anos JK

Marieta de Moraes Ferreira e Cláudia Mesquita

Hoje evocados como os "anos dourados" da nossa história recente, os Anos JK tornaram-se paradigmáticos para a cultura política e o imaginário coletivo da sociedade brasileira, por conjugarem estabilidade política e crescimento econômico, somando ao clima de efervescência cultural, daí decorrente, mas, sobretudo, por constituírem um período ímpar de crença no Brasil como "país do futuro".

Esse clima de esperança e euforia, embalado pela dissonância de *Chega de Saudade*, ou pelo som uníssono de "com o brasileiro não há quem possa" para saudar a vitória da "seleção canarinha" na Suécia, foi sustentado pela política desenvolvimentista de JK, responsável pela maciça criação de empregos e, especificamente, no âmbito do Programa de Metas, com a implantação da indústria automobilística e a fundação de Brasília – cidade-síntese de uma época tão próspera em sonhos quanto em contradições reais.

Situado entre dois momentos extremamente críticos – suicídio de Vargas (1954) e a renúncia de Jânio Quadros (1961), e marcado por crises militares no começo e fim do governo, Jacareacanga (1956) e Aragarças (1959), os Anos JK representaram um caso singular de estabilidade constitucional depois de 30, com um civil assumindo a Presidência e transferindo-a ao sucessor no dia marcado pela Constituição.

A democracia política e o modelo de desenvolvimento implantado por JK se confundem com sua personalidade otimista e criativa, fixada num sorriso largo e cordial, marca registrada de uma época, que, na perspectiva do presente, se torna ainda mais emblemática como imagem do progresso e de esperança.

Tom Jobim

1. *Comissão de Estudos do Planalto Central*. Missão Cruls, 1895.

A planta demostra o adiantamento dos trabalhos topográficos realizados por Luis Cruls e sua equipe de engenheiros, até o fim de 1895, demarcando o quadrilátero onde, 60 anos mais tarde, seria construída Brasília.

2. ALMEIDA, Theodoro Figueira. *Brasilia, a cidade histórica da América*.1930.

Um dos muitos projetos urbanísticos destinados à futura capital federal, esse mapa de 1930 expõe um desenho arrojado para a época, que pretende ser um aspecto da funcionalidade da nova capital. A peculiaridade da obra é reforçada pela nomeação das principais vias da cidade.

3.1 *Plano-Piloto de Lúcio Costa*. 1960.

3.2 Novo Distrito Federal. Desenho de Clóvis Magalhães sobre o Plano Piloto de Lúcio Costa.

O plano-piloto de Lúcio Costa, junto à arquitetura de Niemeyer, é o marco principal do projeto urbanístico de Brasilia, projetada para refletir, com grandiosidade, o entusiasmo e o arrojo dos Anos JK.

4. Atlas da Comissão de Estudos do Planalto Central. 1894.

Parte integrante do Relatório da Comissão de Estudos do Planalto Central, o atlas reúne os principais trabalhos topográficos na demarcação de terras circunvizinhas ao quadrilátero central, além de desvendar áreas abrangentes do Planalto, que passou a ser conhecido e estudado a partir do pioneirismo de Luis Cruls.

5. *Relatório Cruls*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Typ. Lith. C. Schmidt, 1896.

O histórico relatório da Comissão chefiada por Luis Cruls foi o resultado de mais de 3 anos de um trabalho que mobilizou uma grande equipe de engenheiros, botânicos e sanitaristas, revelando uma levantamento preciso do clima, relevo e vegetação em uma área de 14.400 km², considerada ideal, por sua localização e condições naturais, para a construção da nova capital federal.

6. KUBITSCHECK, Juscelino. *Meu caminho para Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch, 1976.

"Meu caminho para Brasília" revela a importância daquilo que se convencionou chamar de "meta-síntese" do programa de Juscelino. De fato, a antiga idéia de transferência da capital ganha novo fôlego através do espirito empreendedor de JK que, com o apoio da emergente industrialização do país, reuniu as condições para a mais importante realização de seu governo, considerada uma das principais obras do século XX.

7. CONY, Carlos Heitor. *JK – Memorial do exílio*. Rio de Janeiro: Bloch, 1982.

A trajetória de uma das principais personalidades de nossa vida politica, escrita durante os últimos anos de vida de Juscelino, ganha registro nessa obra de quatro volumes, co-escrita por Carlos Heitor Cony. A evocação de um passado glorioso e o contraste com a amargura de seus anos de exílio são as marcas desse trabalho, densa e detalhadamente elaborado.

8. BENEVIDES, Maria Vitória. *O governo Kubitscheck*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

Obra referencial para a historiografia dos anos JK, o livro de Maria Vitória Benevides resume os principais aspectos do fascinante jogo político na era de Juscelino, além de abordar a dinâmica da industrialização e da economia de seu governo.

9. KUBITSCHECK, Juscelino. *A marcha do amanhecer*. São Paulo: Bestseller, 1962.

Reúne, no discurso de Juscelino, as principais idéias do chamado "nacional-desenvolvimentismo", base de um ambicioso plano de modernização, que extrapolava a esfera do politico e tomava conta dos mais variados setores da sociedade nos anos 50.

10. *Comissão de Exploração do Planalto Central* – Artigos Publicados na Imprensa. Rio de Janeiro: H. Lobaerts & C., 1894.

A publicação traz a repercussão do relatório Cruls em diversos órgãos da imprensa nacional e publicações científicas estrangeiras, demonstrando a boa aceitação da iniciativa da Comissão e o desejo, por parte da maioria da imprensa, pela transferência da capital nos conturbados primeiros anos da República.

11. *Manifesto Neoconcreto*. *Jornal do Brasil*, Suplemento Dominical. 21 e 22/03/59.

De relevante papel na revolução da imprensa brasileira nos anos 50, o Jornal do Brasil *e em particular seu Suplemento Dominical eram espaços destinados à divulgação das vanguardas artísticas, numa época de grande inserção das discussões sobre o papel da modernidade na produção cultural de um novo país.*

12.1 *Revista Quatro Rodas*. Nº.01, agosto de 60.

Publicação nascida junto ao agressivo desenvolvimento da indústria automobilística nacional, Quatro Rodas *vem atender à demanda de um público consumidor cada vez mais exigente, interessado em conferir os principais lançamentos de veiculos, e viajar pelas recém-inauguradas rodovias, através dos mapas e roteiros turísticos publicados pela revista.*

12.2 *Revista Senhor*. No. 01

Revista voltada para um público pensante, formador de opinião e sintonizado com as questões culturais e os movimentos de vanguarda artística. Possuía uma respeitável equipe de colaboradores, entre os quais, Clarice Lispector, Anísio Teixeira, Paulo Francis e Darcy Ribeiro.

12.3 *Revista Maquis*. No. 21. Ano III.

Órgão de feroz oposição ao governo de Juscelino, Maquis *era o veiculo dos udenistas em sua combativa campanha contra o que consideravam ser o "Sindicato de Ladrões" presente no Executivo. Suas principais críticas se dirigiam a supostos esquemas de favorecimento e corrupção dentro do governo.*

12.4 *Revista Alterosa.*

A revista mineira de variedades é um exemplo do tipo de publicação que sucumbiu ao processo de reformulação da imprensa nos anos 50. De cunho regional e conservador, a revista voltava-se para um público de classe média em transformação, que exigia publicações onde a tônica fosse de agilidade e dinamismo em suas linhas editoriais.

12.5 *Revista O Cruzeiro* No.17. 11 - 02 - 1956 .

Publicação mais popular do Brasil nos anos 50, O Cruzeiro *deteve, ao longo de suas cinco décadas de existência, enorme prestígio junto ao público de todas as camadas sociais. Sua grande qualidade era a de dar uma dimensão de espetáculo aos assuntos de suas reportagens, seja pela ágil linha editorial, seja pelo arrojo de suas fotografias.*

12.6 *Revista Manchete.* Edição Histórica – Inauguração de Brasília.21-04-60.

A Revista Manchete, *nascida no início da década de 50, viveu o seu auge durante o governo Kubitscheck, traduzindo, como nenhuma outra publicação, as esperanças e os anseios que se concentravam na política e no ideal juscelinista, sendo porta-voz de suas realizações mais importantes.*

12.7 *Revista Jóia.* No. 03.

Revista feminina de imponente aspecto visual, Jóia *está inserida no rol das revistas consideradas modernas em sua época. A figura da capa era escolhida sempre como um modelo feminino dentro desse espírito de modernidade e, através do Ektracrome – técnica de fotografia que realçava suas cores – detinha um glamor que seduzia seus leitores.*

13. *Revista Status.* Entrevista. Juscelino Kubitscheck: "Com mulher feia só danço em véspera de eleição." Rio de Janeiro: jan. 76, Editora Três p. 11 a 20.

Esta foi a última entrevista prestada pelo presidente Juscelino Kubitscheck antes de sua morte trágica.

Dos Anos de Chumbo à Globalização Carlos Fico

Época historicamente tão próxima, a ditadura parece, entretanto, muito distante. Talvez porque o regime militar, sombrio, tenha sido simbolicamente superado por campanha tão solar, a das "Diretas". Porém, o período deixou marcas profundas em nossas vidas, que repercutem ainda hoje. Economia, sociedade, política – em todas essas esferas ecoa o passado próximo/distante. Como recuperar esse tempo? Alguns vestígios não são apenas reminiscências: podem ser pistas para se decifrar a história, meios de acesso ao entendimento mais difícil: o da nossa trajetória no tempo.

FOLHA DE S.PAULO

São Paulo faz o maior comício

Figueiredo envia emenda e apela por negociação

Folha de S. Paulo, 17 abr. 1984

1. Editoriais "Basta!" (31/3/64), "Fora!" (1/4/64) e "Basta e Fora!" (2/4/64, p. 6) do *Correio da Manhã*.

As arbitrariedades iniciais do regime militar assustaram até mesmo alguns setores que, antes do golpe, clamavam pela deposição de Goulart.

2. *Ato Institucional.* 9 abr. 1964. *Diário Oficial*, 9 abr. 1964; Ato Institucional nº 2. 27 out. 1965. *Diário Oficial*, 27 out. 1965. Ato Institucional nº 5. 13 dez. 1968. *Diário Oficial*, 13 dez. 1968.

O primeiro ato institucional, decretado pela Comando Supremo da Revolução, não tinha número. Ficou conhecido como AI-1 por causa de outros, como o segundo, que estabeleceu nova temporada de punições, ou o quinto, que tornou perene os poderes arbitrários.

3. ALVES, Márcio Moreira. *Torturas e torturados*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1964.

A tortura ampliou-se muitíssimo depois do AI-5, mas existiu desde 1964. Castelo Branco foi obrigado a mandar apurar as denúncias que Márcio Moreira Alves publicou na imprensa.

4. *Intimação do coronel Gérson de Pina a Nelson Werneck Sodré* Coleção de Nélson Werneck Sodré.

Os inquéritos policiais militares (IPMs) eram usados para intimidar as pessoas. Os encarregados dos IPMs compunham a "linha-dura", embrião da comunidade de segurança e informações.

5. Livretes oficiais com discursos de Médici: *O jogo da verdade*. [s.l.]. Impresso pelo Departamento de Imprensa Nacional, em junho de 1970, para a Secretaria de Imprensa da Presidência da República. ________. *A verdadeira paz*. [s.l.]. Impresso pelo Departamento de Imprensa Nacional, em março de 1971. ________. *O povo não está só*. [s.l.]. Impresso pelo Departamento de Imprensa Nacional, em fevereiro de 1972.

A propaganda política era o outro lado da censura. O milagre econômico e a conquista da copa do mundo de futebol auxiliaram a construção da imagem do presidente Médici como um homem popular que fazia discursos poéticos.

6. *Revista Manchete*, número posterior a 4 de abril de 1968, data da missa de sétimo dia do estudante Edson Luís. Destacar cobertura fotográfica da saída das pessoas da Candelária sendo atacadas por policiais montados.

Mesmo antes do AI-5, a polícia agia com truculência, marchando contra o povo. Estudantes foram uma de suas maiores vítimas.

7. *O Estado de S. Paulo*, 24 out. 1974, p. 1. (Canto de *Os lusíadas* substituindo notícia censurada)

O povo não sabia da censura. Alguns a pressentiam, pois jornais como O Estado de S. Paulo *publicavam poesia, receitas ou orações no lugar das notícias censuradas.*

8. *Charge de Millôr Fernandes na contracapa de Pasquim*, nº 288 (túnel).

Sem saída, à beira do abismo, não vendo a luz no fim do túnel, foi difícil manter a esperança durante a ditadura.

9. BUARQUE, Chico, GUERRA, Rui. *"Você vai me seguir"*. Música da peça *Calabar*. São Paulo: [1974?]. Partitura.

Vítimas do terror cultural, da censura, da polícia e de grupos de extermínio, a música, o teatro, a literatura e o cinema ainda assim sobreviveram – e produziram obras que permaneceriam.

10. *Jornal do Brasil*, capa de 14 mar. 1979. Cobertura do greve dos metalúrgicos. Há foto em que Lula aparece num pequeno palanque rodeado por milhares de pessoas.

Novos e renovados sujeitos históricos não pediram licença para entrar em cena e muito colaboraram para dinamizar o projeto de remocratização do país.

11. Contracapa de *Pasquim*, nº 559, mar. 1980, [apreendido]. Montagem sobre foto com ministros e Figueiredo.

O deboche da imprensa nanica atraia o ódio dos generais-presidentes, mas também aliviava os que temiam manifestar-se.

12. Volta de Leonel Brizola, anistiado. *Jornal do Brasil*, 18 maio 1980.

A Campanha da Anistia abriu uma nova temporada de manifestações sociais no Brasil que terminariam por levar multidões de volta às ruas.

13. *O Globo*, 14 jun. 1981. Cronologia dos atentados ocorridos entre mar. 1978 e set. 1980. OAB relaciona atentados entre março de 78 e setembro de 80. *O Globo*, 14 jun. 1981, p. 5.

A "linha-dura" tudo fez para sabotar a redemocratização, promovendo atentados, explodindo bombas, seqüestrando e matando.

14. *Folha de S. Paulo*, 17 abr. 1984 (foto do comício das "Diretas Já", do dia 16).

Não apenas um clamor pela escolha livre do presidente, as "Diretas, Já!" foram um indiscutível marco simbólico do esgotamento do regime militar.

15. *Brasil: nunca mais.* Petrópolis: Vozes, 1985.

A sociedade perdoou os torturadores?

16. *Revistan Manchete*, número posterior ao funeral de Tancredo Neves, em 21 abr. 1985.

A melancólica trajetória política brasileira nunca esteve tomada de tantos sobressaltos quanto no periodo 1985/1992.

17. Anúncio do "Plano Cruzado" capa do *Jornal do Brasil* do dia 1 mar. 1986.

Muitos zeros foram cortados, muitos nomes foram dados à moeda. "Tablitas", congelamentos e planos tentam decifrar o enigma econômico brasileiro.

18. Constituição de 1988 e O Exmo Sr. Presidente da República, José Sarney, discursando... (retratos coletivos – Seção de Iconografia)

As tentativas de refundação do pais sempre passaram pela promulgação de novas leis que, muitas vezes, são esquecidas, abandonadas ou novamente formuladas.

19. Revista Veja. *Pedro Collor conta tudo.* São Paulo, 27/05/92. ano 25, nº 22.

A redemocratização e a imprensa livre tornariam freqüentes as denúncias de corrupção ensejando um processo traumático de depuração da vida política brasileira.

20. Foto de leilão de empresas de telecomunicações na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro (1998)

Cada vez mais, funções públicas passam a ser desempenhadas por setores não estatais. Menos Estado e mais... celulares?

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

DIÁRIO OFICIAL

SEÇÃO I — PARTE I

DECRETO N.º 46.237 — DE 18 DE JUNHO DE 1959

ANO CIII — N.º 206 CAPITAL FEDERAL QUARTA-FEIRA, 27 DE OUTUBRO DE 1965

À NAÇÃO

A Revolução é um movimento que veio da inspiração do povo brasileiro para atender às suas aspirações mais legítimas: erradicar uma situação e um govêrno que afundava o País na corrupção e na subversão.

No preâmbulo do Ato que iniciou a institucionalização do movimento de 31 de março de 1964 foi dito que o que houve e continuará a haver, não só no espírito e no comportamento das classes armadas, mas também na opinião pública nacional, é uma autêntica revolução. E frisou-se que:

a) ela se distingue de outros movimentos armados pelo fato de que traduz, não o interêsse e a vontade de um grupo, mas o interêsse e a vontade da Nação;

b) a Revolução investe-se, por isso, no exercício do Poder Constituinte, legitimando-se por si mesma;

c) edita normas jurídicas sem que nisto seja limitada pela normatividade anterior à sua vitória, pois graças à ação das Fôrças Armadas e ao apoio inequívoco da Nação, representa o povo e em seu nome exerce o Poder Constituinte de que o povo é o único titular.

Não se disse que a Revolução foi, mas que é e continuará. Por isso o seu Poder Constituinte não se exauriu, tanto é êle próprio do processo revolucionário que tem de ser dinâmico para atingir os seus objetivos. Pelo contrario, traçou-lhe, no esquema daqueles conceitos, traduzindo uma realidade incontestável de Direito Público, o poder institucionalizante de que a Revolução é dotada para fazer vingar os princípios em nome dos quais a Nação se levantou contra a situação anterior.

A autolimitação que a Revolução se impôs no Ato Institucional de 9 de abril de 1964 não significa, portanto, que tendo podêres para limitar-se, se tenha negado a si mesma por essa limitação, ou se tenha despojado da carga de poder que lhe é inerente como movimento. Por isso se declarou, textualmente, que "os processos constitucionais não funcionaram para destituir o Govêrno que deliberadamente se dispunha a bolchevizar o País", mas se acrescentou, desde logo, que "destituído pela Revolução, só a esta cabe ditar as normas e os processos de constituição do novo Govêrno e atribuir-lhe os podêres ou os instrumentos jurídicos que lhe assegurem o exercício do Poder no exclusivo interêsse do País".

A Revolução está viva e não retrocede. Tem promovido reformas e vai continuar a empreendê-las, insistindo patriòticamente em seus propósitos de recuperação econômica, financeira, política e moral do Brasil. Para isto precisa de tranqüilidade. Agitadores de vários matizes e elementos da situação eliminada teimam, entretanto, em se valer do fato de haver ela reduzido a curto tempo o seu período de indispensável restrição a certas garantias constitucionais, e já ameaçam e desafiam a própria ordem revolucionária, precisamente no momento em que esta, atenta aos problemas administrativos, procura colocar o povo na prática e na disciplina do exercício democrático. Democracia supõe liberdade, mas não exclui responsabilidade nem importa em licença para contrariar a própria vocação política da Nação. Não se pode desconstituir a Revolução, implantada para restabelecer a paz, promover o bem-estar do povo e preservar a honra nacional.

Assim, o Presidente da República, na condição de Chefe do Govêrno Revolucionário e Comandante Supremo das Fôrças Armadas, coesas na manutenção dos ideais revolucionários,

Considerando que o País precisa de tranqüilidade para o trabalho em prol do seu desenvolvimento econômico e do bem-estar do Povo, e que não pode haver paz sem autoridade, que é também condição essencial da ordem;

Considerando que o Poder Constituinte da Revolução lhe é intrínseco, não apenas para institucionalizá-la, mas para assegurar a continuidade da obra a que se propôs,

Resolve editar o seguinte:

ATO INSTITUCIONAL Nº 2

Art. 1º A Constituição de 1946 e as Constituições Estaduais e respectivas emendas são mantidas com as modificações constantes dêste Ato.

Art. 2º A Constituição poderá ser emendada por iniciativa:

I — dos membros da Câmara dos Deputados ou do Senado Federal;
II — do Presidente da República;
III — das Assembléias Legislativas dos Estados.

§ 1º Considerar-se-á proposta a emenda se fôr apresentada pela quarta parte, no mínimo, dos membros da Câmara dos Deputados ou do Senado Federal, por mensagem do Presidente da República, ou por mais da metade das Assembléias Legislativas dos Estados, manifestando-se cada uma delas pela maioria dos seus membros.

§ 2º Dar-se-á por aceita a emenda que fôr aprovada em dois turnos, na mesma sessão legislativa, por maioria absoluta da Câmara dos Deputados e do Senado Federal.

§ 3º Aprovada numa, a emenda será logo enviada à outra Câmara, para sua deliberação.

Art. 3º Cabe à Câmara dos Deputados e ao Presidente da República a iniciativa dos projetos de lei sôbre matéria financeira.

Art. 4º Ressalvada a competência da Câmara dos Deputados e do Senado e dos Tribunais Federais, no que concerne aos respectivos serviços administrativos, compete exclusivamente ao Presidente da República a iniciativa das leis que criem cargos, funções ou empregos públicos, aumentem vencimentos ou a despesa pública e disponham sôbre a fixação das Fôrças Armadas.

Parágrafo único. Aos projetos oriundos dessa competência exclusiva do Presidente da República não serão admitidas emendas que aumentem a despesa prevista.

Art. 5º A discussão dos projetos de lei de iniciativa do Presidente da República começará na Câmara dos Deputados e sua votação deve estar concluída dentro de 45 dias, a contar do seu recebimento.

§ 1º Findo êsse prazo sem deliberação, o projeto passará ao Senado com a redação originária e a revisão será discutida e votada num só turno, e deverá ser concluída no Senado Federal dentro de 45 dias. Esgotado o prazo sem deliberação, considerar-se-á aprovado o texto como proveio da Câmara dos Deputados.

§ 2º A apreciação das emendas do Senado Federal pela Câmara dos Deputados se processará no prazo de dez dias, decorrido o qual serão tidas como aprovadas.

§ 3º O Presidente da República, se julgar urgente a medida, poderá solicitar que a apreciação do projeto se faça em 30 dias, em sessão conjunta do Congresso Nacional, na forma prevista neste artigo.

§ 4º Se julgar, por outro lado, que o projeto, não sendo urgente, merece maior debate pela extensão do seu texto, solicitará que a sua apreciação se faça em prazo maior, para as duas casas do Congresso.

Art. 6º Os artigos 94, 98, 103 e 105 da Constituição passam a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 94. O Poder Judiciário é exercido pelos seguintes órgãos:
I — Supremo Tribunal Federal;
II — Tribunal Federal de Recursos e juízes federais;
III — Tribunais e juízes militares;
IV — Tribunais e juízes eleitorais;
V — Tribunais e juízes do trabalho."

"Art. 98. O Supremo Tribunal Federal, com sede na Capital da República e jurisdição em todo o território nacional, compor-se-á de dezesseis ministros.

Parágrafo único. O Tribunal funcionará em plenário e dividido em três turmas de cinco ministros cada uma."

"Art. 103. O Tribunal Federal de Recursos, com sede na Capital Federal, compor-se-á de treze juízes nomeados pelo Presidente da República, depois de aprovada a escolha pelo Senado Federal, oito entre magistrados e cinco entre advogados e membros do Ministério Público, todos com os requisitos do artigo 99.

Parágrafo único. O Tribunal poderá dividir-se em câmaras ou turmas."

"Art. 105. Os juízes federais serão nomeados pelo Presidente da República dentre cinco cidadãos indicados na forma da lei pelo Supremo Tribunal Federal.

§ 1º Cada Estado ou Território e bem assim o Distrito Federal constituirão de per si uma seção judicial, que terá por sede a capital respectiva.

§ 2º A lei fixará o número de juízes de cada seção bem como regulará o provimento dos cargos de juízes substitutos, serventuários e funcionários da Justiça.

2

XI Rebelião, Secessão, Revolução: das Inconfidências aos Golpes de Estado

Afonso Carlos Marques dos Santos

A ausência de uma autêntica revolução na História do Brasil, nos moldes da Revolução Francesa ou da Revolução de Independência das colônias inglesas da América do Norte, é tema recorrente na nossa historiografia. As grandes transformações políticas, como a própria Independência ou a República, teriam nascido sob a marca das reformas institucionais ou a partir de golpes de Estado; ao passo que movimentos autodenominados de revolução, como o de 1930, não passariam de remontagens oligárquicas do poder. Numa história sempre redefinida pelas elites, o povo teria estado ausente das grandes decisões, constituindo-se num espectador passivo.

Contudo, uma visita ao acervo documental da Biblioteca Nacional pode-nos revelar uma outra dimensão dessa história. Da contestação ao domínio colonial na América portuguesa às instabilidades políticas da República no século XX, insatisfações sociais emergiram como motivadoras de conspirações e insubordinações. Contradições e tensões entre o poder central e as elites regionais estiveram na base dos movimentos que ameaçaram a unidade do Império, que precisou ser pacificado para se consolidar. Portanto, a inexistência de rupturas radicais não significou ausência de lutas pela liberdade e não foram poucos os brasileiros, das várias gerações e tendências ideológicas, que desejaram e procuraram intervir na história e nos destinos do Brasil.

DIÁRIO OFICIAL
ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

16

Inconfidência, rebelião, secessão
a) 1720 – Minas Gerais
1. *Discurso histórico e politico sobre a sublevação que nas Minas Gerais houve no ano de 1720.*

Narrativa acerca da Rebelião de Felipe dos Santos, ocorrida em 1720, na Capitania de Minas Gerais.

b) 1789 – Minas Gerais
2. Observações que mostram não so o Crime de rebelião, que, temerária, e sacrilegamente, intentaram alguns moradores da Capitania de Minas, no Brasil, mas a legítima posse que tem os Senhores Reis de Portugal daquelas Conquistas. *Dedicadas a Sua Alteza Real o sereníssimo Príncipe do Brasil por Domingos Alvares Branco Munis Barreto, Capitão de Infantaria do Regimento de Estremós.* *s.l. / s.d.* 69fls.

Narrativa sobre a Conjuração Mineira de 1789.

c) 1794 – Rio de Janeiro
3. Devassa Ordenada pelo Vice-Rei Conde de Resende, em 1794, contra a Sociedade Literária do Rio de Janeiro.

Documentação acerca da prisão dos letrados do Rio de Janeiro acusados, em 1794, do crime de inconfidência, publicada pela Biblioteca Nacional. O principal indiciado foi o poeta e professor régio de retórica e poética Manuel Inácio da Silva Alvarenga.

d) 1798 – Bahia
4. Autos da Devassa da Inconfidência Baiana/Revolta dos Alfaiates.
Auto para perguntas ao réu João de Deus do Nascimento, pardo forro, com tenda de Alfaiate, na rua direita do Palácio, e preso nas cadeias da Relação.
Salvador, 4 de setembro de 1798.

Documentos que integram os Autos da Devassa da Revolta dos Alfaiates, de 1798, ocorrida em Salvador. Este movimento também é conhecido como "Inconfidência Baiana".

e) 1801 – Pernambuco
5. *Devassa de 1801, em Pernambuco*

Documentos relativos à Conspiração dos Suassunas, ocorrida em Pernambuco em 1801, publicados pela Biblioteca Nacional.

f)1817 – Pernambuco
6.1 Defesa de Frei Joaquim do Amor Divino [Frei Caneca] e Frei José Maria Brainer.

6.2 *Relação dos Réus da Revolução de 1817*

6.3 Relação dos Revolucionários da Capitania do Ceará

Conjunto de documentos relativos à Revolução de 1817, em Pernambuco, com irradiações em outras províncias do Nordeste do Reino do Brasil. Destacam-se as referências a Frei Caneca.

g) 1824 – Pernambuco – Confederação do Equador

7.1 Camaradas: *Folheto impresso de autoria de D. Pedro I, de 27 de julho de 1824.*

7.2 *Manifesto de Manuel de Carvalho Paes de Andrade, Presidente da Provincia de Pernambuco aos habitantes das Provincias do Norte do Império do Brasil, em 1° de maio de 1824.*

7.3 *Sublevação de Pernambuco em 1824*, à testa da qual se apresentou Manuel de Carvalho Paes D'Andrade. Apêndice ao Bosquejo Histórico do Brasil, por J.A.B.M.B. Rio de Janeiro: 1838, 32p.

7.4 CANECA, Frei Joaquim do Amor Divino Rabelo (Frei Caneca). Obras.

7.5 *Tífis Pernambucano.* Jornal publicado por Frei Caneca entre 1823 e 1824.

Conjunto de documentos relativos à Confederação do Equador, em 1824, e que sublevou as províncias do Nordeste do Império do Brasil. Destaca-se a atuação de Frei Caneca, o grande ideólogo e publicista do movimento.

h) 1821-1835 – Pará
8.1 Motins Políticos ou história dos principais acontecimentos políticos da província do Pará, desde o ano de 1821 até 1835.
Rio de Janeiro: Maranhão e Pará: 1865-1890, 5 volumes.

8.2 *Sedição militar ocorrida no Pará em Março de 1823*, que deu em resultado a prisão dos membros da Junta governativa da província. Documento relativo à luta pela Independência no Pará, sem nome do autor e data. 4 f.

As sublevações no Pará, da Independência às crises do período regencial.

i) 1837-1838 – Sabinada
9.1 Peças do Processo de Francisco Sabino Álvares da Rocha Vieira e outros implicados na rebelião conhecida pelo nome de *Sabinada*. Bahia, 1838.

9.2 VIANA FILHO, Luís. *A Sabinada.* A república baiana de 1837. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1938.

9.3 *Autos do processo de Francisco Sabino Álvares da Rocha Vieira e outros, implicados na revolta denominada – da Sabinada – de 7 de novembro de 1837 na Bahia.* *1838. 5 v.*

A República Baiana de 1837.
j) 1842 – Minas Gerais
10. SOUSA, Bernardo Xavier Pinto de. *História da Revolução de Minas Gerais em 1842*. Rio de Janeiro: Tip. de Barroso e Comp., 1843.

A Revolução Liberal de Minas Gerais em 1842.

k) 1842-1845 – Rio Grande do Sul – Farrapos
11.1 Guerra dos Farrapos: *Ordens do dia do General Barão de Caxias.*

11.2 VARELA, Alfredo. *História da grande revolução: o ciclo farroupilha no Brasil.* Edição Comemorativa do Centenário. Porto Alegre: Globo, 1933, 6 volumes.

11.3 *Proclamação aos Rio-Grandenses* *[Guerra dos Farrapos:* documentos impressos]. Alegrete / Piratini / Cassapava: Typ. Republicana, 1838-1843. 1 v.

A República Farroupilha.
l) 1848-1849 – Pernambuco – Praieira
12.1 *Ofício de Honório Hermeto Carneiro Leão, governador de Pernambuco, ao ministro dos Negócios do Império, visconde de Mont'Alegre, de 31 de julho de 1849, informando a situação da província de Pernambuco, as áreas pacificadas e as áreas sob controle dos revoltosos sob a liderança de Pedro Ivo.*

12.2 Ofício de Honório Hermeto Carneiro Leão, de 20 de agosto de 1849.

12.3 Ofício de Honório Hermeto Carneiro Leão, de 7 de dezembro de 1849.

12.4 ARAÚJO, José Tomás Nabuco de. *Justa apreciação do predomínio do partido Praieiro; ou História da dominação da Praia*. Pernambuco: Tipografia União, 1847.

12.5 MELO, Jerônimo Martiniano Figueira de. *Chronica da rebelião Praieira em 1848-1849*. Rio de Janeiro: Tipografia do Brasil de J. J. da Rocha , 1850.

A Revolução Praieira em Pernambuco.

m) 1893 – Revolta da Armada
13.1 FREIRE, Felisbelo Firmo de Oliveira. *História da revolta de 6 de setembro de 1893*. Rio de Janeiro: Cunha & Irmão, s.d.

13.2 MELLO, José de. *O governo provisório e a revolução de 1893*. São Paulo: Nacional, 1938.

A Revolta da Armada.

Golpes de Estado
n) 1840 – Golpe da Maioridade
14. *Declaração da Maioridade de S. M. Imperial o Senhor Dom Pedro II*, desde o momento em que essa idéia foi aventada no Corpo Legislativo até o ato de sua realização. Rio de Janeiro, Tip. da Assoc. dos Deputados, 1840.

O Golpe da Maioridade.

o) *1937 - Golpe do Estado Novo*
16. *Diário Oficial* do dia 10 de novembro de 1937, com a publicação do decreto que institui o Estado Novo.

O Golpe do Estado Novo.

p) *1964 – Golpe Militar*
17. A primeira página dos seguintes jornais, do dia 1 de abril de 1964:

17.1 *Correio da Manhã*

7.2 *Diário de Noticias*

17.3 *O Globo*

17.4 *Jornal do Brasil*

17.5 *Última Hora*

17.6 Comando da Revolução edita *Ato Institucional* em vigor até 1966.
Jornal do Brasil de 10 de abril de 1964.
O Golpe Militar de 1° de abril de 1964 e a Queda do Governo Constitucional.

q) 1968 – Golpe do AI5
18. *Diário Oficial* com a publicação do ATO INSTITUCIONAL N° 5 e a publicação da Lista de Cassações

O Ato Institucional N° 5: o Golpe dentro do Golpe e o endurecimento da Ditadura Militar.

XII A Mulher na Sociedade Brasileira

Mary del Priore

O livro e a leitura comprovam que a história da mulher brasileira não é só dela. É também a história de seus sentimentos, medos e amores. É a história das imagens que a projetam na literatura. E aquela de sua capacidade de traduzir a complexidade e a diversidade de suas vivências e experiências em textos literários. O texto impresso, assim como a história, é um instrumento fundamental para enfocar as mulheres através das tensões e contradições que se estabeleceram em diferentes épocas, entre elas e seu tempo, entre elas e a sociedade em que estavam inseridas. Ao longo de quinhentos anos, nos domínios do público ou do privado, em todos os recônditos de sua existência material ou espiritual –, livros e suas leitoras, escritoras e seus livros deram-se as mãos na ciranda da história. As letras, os livros e todas as carreiras e trajetórias que daí decorrem foram, todavia, árduas para as mulheres brasileiras. Hilda Hilst ainda, hoje, queixa-se de que a atividade de escrever requer muito esforço. Em *Anarquistas graças a Deus* (1982), Zélia Gattai pega-se pensando na reação de sua mãe ao ler o livro: "Que menina atrevida! O que não vão dizer!?" Essa conquista, essa luta fora travada desde Nísia Floresta por algumas mulheres que não colocaram em primeiro lugar "o que os outros vão dizer" e que tentaram se livrar da tirania do alfabeto, tendo que primeiro aprendê-lo para depois deslindar os mecanismos de dominação nele contido. "Antes – diz Lígia Fagundes Telles, em *As meninas* –, a mulher era explicada pelos homens. Agora é a própria mulher que se desembrulha, se explica."

Count de Affonso Celso.

BELL, Alured Gray. *The Beautiful Rio de Janeiro*
Caricaturas de Rian

1. Ana Neri
MIRANDA, Ruy. *A enfermagem na prática e na história*. Curitiba: UFPR, Setor de Ciências da Saúde, 1983.

Ana Néri trabalhou como enfermeira por ocasião da Guerra do Paraguai, junto ao comando das tropas brasileiras. Contava, então, 50 anos e no campo de batalha tinha dois filhos e um irmão. Serviu na guerra durante cinco anos. Foi condecorada pelo imperador d. Pedro II com uma pensão anual e as medalhas "Humanitária de Prata" e "Campanha".

2. PEREIRA, Lúcia Miguel.
Prosa de ficção (de 1870 a 1920). Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.

Uma das pioneiras da crítica literária feminina, jornalista e escritora, autora de renomada biografia sobre Gonçalves Dias, tradutora de Proust entre outros, mulher, enfim, de cultura refinada. Era casada com Otávio Tarquínio de Souza, ao lado de quem morreu num desastre de avião.

3. Maria Bonita
PEIXOTO, Afrânio. *Maria Bonita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914.

Companheira de Lampião, o mais famoso cangaceiro do Brasil e fonte de incontáveis canções, versos e lendas populares. Abandonou o marido para seguir seu amor. Sua lealdade e devoção a Lampião a redimiram, aos olhos do público em geral, do papel convencional da submissa mulher nordestina.

4. Nise da Silveira
GULLAR, Ferreira. *Nise da Silveira: uma psiquiatra rebelde*. Rio de Janeiro: Relumé-Dumará/RIOARTE, 1996.

Reconhecidamente a maior psiquiatra brasileira. Sua longa vivência em hospitais a levou a constatar que o mundo interno do esquizofrênico encerra insuspeitas riquezas e as conserva mesmo depois de muitos anos de doença.

5. Olga Benário
MORAIS, Fernando. *Olga*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986.

Esposa de Luís Carlos Prestes, foi entregue pela ditadura Vargas ao governo da Alemanha nazista por ser judia e comunista. Faleceu num campo de concentração.

6. Patrícia Galvão (Pagu).
PAGU: Patrícia Galvão. *Vida–obra (organização de Augusto de Campos)*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Patrícia Galvão, Pagu, ou ainda Mara Lobo, escritora, feminista e comunista dos anos 30, foi uma das poucas mulheres a descrever no romance Parque industrial *a vida difícil das operárias de seu tempo.*

7. Princesa Isabel
Conselhos (de d. Pedro II, imperador do Brasil) a princesa Isabel como melhor governar.
Edição fac-similar do manuscrito. São Paulo: GRD, 1985.

Depois de ter dado apoio ao ministério Cotegipe, que era o mais terrível adversário da escravidão, a princesa Isabel para não desgostar os fazendeiros que viam seus escravos libertando-se pela fuga, assinou, em oito dias, a lei que aboliu a escravidão (13/05/1888). Freqüentava um clube abolicionista instalado numa chácara nas imediações de Ipanema, na qual se cultivavam camélias. Era conhecida como "a dama das camélias".

8. Chiquinha Gonzaga
DINIZ, Edinha. *Chiquinha Gonzaga. Uma história de vida*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

9. Tia Ciata
MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Música, 1983.

Mulata baiana, moradora da Gamboa, vivia da venda de quitutes. Preocupada com o branqueamento da cultura negra, fundou rodas de samba que foram verdadeiros embriões das escolas de samba e de valorização das raízes africanas.

10. Cecília Meirelles

11. Dª.Leopoldina
11.1 Exposição das exéquias de Sua Majestade a Imperatriz do Brasil de sua saudosa memória que fez o Senado da Câmara da Cidade de Fortaleza, capital da província do Ceará.

11.2 Correspondência da imperatriz Leopoldina dirigida à sua tia. Vários lugares, 16 de janeiro, 1814.

11.3 Correspondência da imperatriz Leopoldina com a condessa Lazansky. Vários lugares, 4 de junho, 1817.

11.4 Cartas (27) de d. Leopoldina, dirigidas a uma amiga, sobre assuntos íntimos. Florença, etc. 1817.

Consorte de d. Pedro I, a rechonchuda arquiduquesa Leopoldina, mulher dotada de grande inteligência, foi de fundamental participação no movimento da Independência. Deu a noticia a José Bonifácio de que seria nomeado ministro do reino e dos negócios estrangeiros e acompanhou de perto os desdobramentos políticos entre 1821-1822.

12. Tarsila do Amaral
AMARAL, Tarsila do. *Tarsila, 1918 – 1968*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, 1969.

"Quero ser a caipirinha de São Bernardo brincando com bonecas de mato." Assim Tarsila definia sua brasilidade e o apego às cores e formas de nossa natureza. Participou com Vicente do Rego Monteiro e Di Cavalcanti da Semana de 22 em São Paulo, fazendo, segundo críticos de arte, uma pintura "antropofágica".

13. Chiquinha Gonzaga

13.1 "Sympathia: Modinha."

13.2 "Desalento: romance de Estrella: do drama em 3 actos; 1 acto. O perdão." Opereta.

13.3"Teus olhares: Canção brasileira."

13.4"Collegio de Senhoritas: opereta em 3 actos: Duetto dos Pombos."

Pianista e maestrina, destacou-se na luta pela República e Abolição. Fez campanha contra o regime monarquista até em lugares públicos. Proclamada a República, Chiquinha seguia criticando os rumos do governo. Durante o estado de sítio,

decretado em 1893 por Floriano Peixoto, escreveu a música Aperte o botão, *considerada irreverente. Recebeu ordem de prisão só escapando porque tinha parentes no poder.*

14.1 Bidu Sayão
Bidu Sayão: Interpretações inesquecíveis (Em homenagem do 35 aniversário de sua estréia no Metropolitan Opera House). S.l:Odyssey-1973.

Bidu Sayão, ou Balduina de Moreira Saião, foi a maior cantora lírica brasileira. Jovem, era conhecida como Pequeno Rouxinol. Apresentou-se nos teatros municipais do Rio de Janeiro e Colón, de Buenos Aires. Atuou no Scala de Milão e na Academia Santa Cecilia, de Roma, no Town Hall. Foi contratada por Toscanini para a Orquestra Filarmônica de Nova Iorque onde consagrou-se definitivamente.

14.2 Guiomar Novaes
Noturnos – Chopin. Vols 1 & 2.

Valsas de Chopin (Coleção Completa).

24 Prelúdios, op.28 – Chopin.

Pianista desde os quatro anos apresentava-se no jardim da infância da escola, quando compôs a valsinha Jardim da infância. *Estudou na França e apresentou-se em vários países até apresentar-se no Municipal de São Paulo, durante a Semana de 22, quando interpretou Villa-Lobos. Considerada uma das maiores intérpretes de Chopin, Guiomar Novaes gravou inúmeros discos no exterior e no Brasil.*

14.3 Clementina de Jesus
Clementina, cadê você? MIS.

Filha de um violeiro e capoerista, aos 12 anos saia como pastorinha no bloco carnavalesco Moreninha das Campinas. Aos poucos começou a freqüentar rodas de samba e o G.R.E.S da Portela. Casou-se com o mangueirense Albino Pé Grande, trabalhou vinte anos como doméstica. Em 1965 é lançada como cantora por Herminio Belo de Carvalho.

14.4 Dolores Duran
MPB Compositores. Dolores Duran – Vol.28. Localização: 000645
História da Música Popular Brasileira – Vol.35. São Paulo: Abril Cultural – 1983.

Dolores Duran ou Adiléia Silva da Rocha, cantora e compositora, autora de inúmeras músicas de "dor-de-cotovelo", como a bela Noite do meu bem *(1959). Lançou-se em disco, contudo, gravando sambas para o carnaval de 1953. Apresentava-se na boate Vogue e no Beco das Garrafas e fez grande sucesso nacional e internacional. Suas músicas foram várias vezes rememoradas.*

14.6 Elis Regina
Presença de Elis Regina. Columbia.

Elis Regina. Columbia – 1971.

Elis Especial. Philips – 1968.

Elis Regina foi aos 12 anos contratada pelo programa da Rádio Farroupilha, O Clube do Guri. *Após algumas apresentações na televisão, gravou em 1961* Viva a Brotolândia. *Em 1964, vai para São Paulo, participando de vários shows de bossa nova. De 1965 em diante lança inúmeros sucessos (*Menino das laranjas, Lunik 9, Lapinha, Casa de campo, Mestre-sala dos mares, Ponta de areia*). Desapareceu precocemente deixando uma discografia irretocável.*

15. A ciência, a política, a arte
Berta Lutz

15.1 LUTZ, Berta. *A nacionalidade da mulher casada*. 1993.

15.2 _________. Homenagem a ... 1925.

Bióloga e advogada de São Paulo, animou o movimento "sufragista" cujo climax foi atingido em 1932 com a concessão do voto às mulheres. Fundadora da Legião da Mulher Brasileira, organizou, em 1922, o 1° Congresso Internacional Feminino que lutou pela melhoria das condições de trabalho feminino nas indústrias, com instalação de creches, igualdade de salários, fiscalização sanitária etc.

16. Nair de Teffé (Rian)
16.1 SANTOS, Paulo César dos. *Nair de Teffé: símbolo de uma época.*

16.2 Petrópolis – RJ: *Folha Serrana*, 1983

16.3 BELL, Alured Gray. *The Beautiful Rio de Janeiro*. Caricaturas de Rian. 1914.

Primeira dama durante a Presidência de Hermes da Fonseca, seu marido, Nair foi excelente cartunista e assinava como Rian (Nair invertido). Amiga de Chiquinha Gonzaga, abriu as portas do palácio do governo à música popular brasileira.

17. A condição da mulher na escrita feminina
17.1 Hercília Nogueira Cobra

1 Reprod: Sépia; In Calendários (In: 1985. Década da Mulher... Cons. Est. Da Condição Feminina

Escritora feminista, abordava assuntos malditos como o prazer sexual, o adultério e a prostituição, defendendo o amor livre e plural para ambos os sexos.

17.2 ALMEIDA, Júlia Lopes de.
A herança. 1909.

Foi jornalista e autora de livros de sucesso. Trabalhou como redatora em A semana, *ao lado de Olavo Bilac, Artur Azevedo e Filinto de Almeida – com quem casaria. Preocupada com urbanização, tinha por modelo a "cidade jardim", cheia de flores; bateu-se pelo modelo da* Nova Mulher, *misto de mãe-esposa e rebelde.*

17.3 DÉLIA (pseudônimo) BORMANN, Maria Benedita. *Uma vitima*. Rio de Janeiro: Typ. Central, 1884.

Maria Benedita Bormann também conhecida pelo pseudônimo "Delia" com o qual assinava textos nos jornais como A Gazeta da Tarde *e* O Paiz. *Além de abolicionista, lutava pela independência financeira e sexual da* Nova Mulher, *criticando a insistência da sociedade no casamento como única opção possível.*

17.4 REIS, Maria Firmina dos.
Ursula. San Luiz: Typ. do Progresso, 1975.

Filha ilegítima, ganhava a vida como professora. Participou do meio intelectual maranhense, colaborando na imprensa local e publicando livros e antologias. É pioneira em dar tratamento diferenciado aos seus personagens escravos, denunciando a vida terrível a que estavam submetidos.

17.5 MOURA, Maria Lacerda de. *Religião do amor e da beleza*. São Paulo: O Pensamento, 1929.

Anarquista e feminista de classe média, professora e escritora mineira, ativista política radical. Nascida em 1877, Maria Lacerda escreveu livros polêmicos como A mulher é uma degenerada? *(1924),* Religião do amor e da beleza *(1926),* Amai e não vos multipliqueis *(1932),* Hans Ryner e o amor plural *(1933), entre outros; publicou também a revista* Renascença *em 1932, e fez inúmeras palestras nos meios intelectuais e nos círculos operários da época. Foi uma das raras pontes entre o mundo operário e o mundo das elites intelectuais e artísticas do país.*

17.6 CAMPOS, Narcisa Amália de. *Nebulosas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1872

"Guiava-se por idéias européias liberais, como as do escritor francês Victor Hugo que colocara sua pena a serviço de idéias democráticas e progressistas. Lutou pela República e Abolição, acreditando que essa era uma condição ética para o literato".

18. FLORESTA, Nisia. *Conselhos à minha filha*. Rio de Janeiro: F. de Paula Brito, 1845.

Nisia Floresta Brasileira Augusta era o pseudônimo adotado por Dionísia de Faria Rocha, nascida num pequeno sítio em Papari, Rio Grande do Norte. Publicou, em 1832, Direitos das mulheres e injustiças dos homens, *texto no qual criticou os preconceitos da sociedade patriarcal brasileira. Viajou pela Europa onde foi apreciada por figuras de renome como Alexandre Herculano e o positivista Augusto Comte.*

19. Mitos femininos: Paraguaçu, Moema, Marília, Chica da Silva, d. Beja de Araxá, Iracema, Maria Quitéria, Capitu, Anita Garibaldi, Carmen Miranda, Leila Diniz, Zuzu Angel.

19.1 ABREU, Francisco Bonifácio de. Barão da Villa da Barra: *Moema e Paraguaçu*. Rio de Janeiro: Typ. Regenerador de Just. J. da Rocha, 1860.

Concubina de Diogo Álvarez, o Caramuru, com quem se casou na França, na corte de Catarina de Médicis, depois de ter sido batizada com o nome de Luiza.

19.2 NUNES, Carlos Alberto da Costa. *Moema*. São Paulo: Atena, 1950.

Retratada por Vítor Meirelles, Moema é personagem do livro Caramuru, *de frei José de Santa Rita Durão.*

19.3 FRANCO, Affonso Arinos de Mello. *Dirceu e Marília*. São Paulo: Martins, 1942.

Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, musa, amada e destinatária da obra Marília de Dirceu, *publicada em Lisboa 1792, de autoria de Tomás Antônio Gonzaga, poeta pertencente à plêiade mineira representante do Arcadismo no Brasil Colonial.*

19.4 SANTOS, João Felício dos. *Chica da Silva*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

Escrava no arraial do Tijuco, alforriada a pedido do contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira de quem se tornou amante. Morava num edifício em forma de castelo, com capela particular e teatro ao pé da serra de São Francisco.

19.5 ALENCAR, José de. *Iracema: lenda do Ceará*. Rio de Janeiro: Typ. de Vianna, 1865.

Personagem central do romance de José de Alencar publicado em 1860. Sacerdotisa dos tabajaras, filha do pajé Araquém, cujas mãos tanto feriam quanto curavam, apaixonou-se pelo guerreiro branco Martim. Abandonando seu grupo, passa a viver com ele, o que a faz perder gradativamente seus poderes. Morre ao dar à luz ao filho Moacir, emblema do nascimento da nova nação brasileira.

19.6 GONÇALVES, Osvaldo de Sales. *Honra e glória a Maria Quitéria*. Feira de Santana: Radami, 1995.

Heroína do movimento de Independência, Maria Quitéria de Jesus disfarçou-se de homem e foi combater os portugueses na Bahia. Vestia-se como um soldado de um dos batalhões do imperador com a adição de um saiote escocês.

19.7 ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1899.

Capitu: Era mulher por dentro e por fora, mulher à direita e à esquerda, mulher por todos os lados. *Assim a descrevia Bentinho, seu marido traído e personagem de Machado de Assis, em* D. Casmurro. *Capitu representa o contraste no modelo subordinado de mulher imposto pelo Romantismo.*

19.8 VALENTE, Valentim. *Anita Garibaldi: heroína por amor.* Rio de Janeiro: Pongetti, 1949.

19.9 SILVA, Maro. *Anita Garibaldi*. Porto Alegre: Tchê!, 1985. (ilustrado)

Anita Ribeiro da Silva conheceu o célebre guerrilheiro italiano Garibaldi, por ocasião da Revolução Farroupilha. Na primeira batalha naval contra os "Farrapos", tomou parte na luta e manobrou canhões. Acompanhou Garibaldi à Itália, que veio a adotar como sua segunda pátria.

19.10 MIRANDA, Carmen. *Foto. Rev. Paratodos*. Ano 12, nº 600, p. 21. 14 jun 1930.

19.11 SAIA, Luiz Henrique. *Carmen Miranda* (caricatura – Emilio Damiani) São Paulo: Brasiliense, 1984.

Costumava cantar com as irmãs, na pensão da mãe, sempre freqüentada por músicos. Foi levada, em 1929, para a Rádio Sociedade. Gravou inúmeras marchas de carnaval, entre as quais Taí. *Participou de revistas musicais no Brasil e exterior, participou em filmes (*Voz do carnaval*), apresentou-se no cassino da Urca. Seguiu para os EUA em 1939, estreando com o bando da Lua no musical* Streets of Paris, *na Broadway, onde cantava* Mamãe eu quero... *Em 1941, assinou contrato para trabalhar em Hollywood onde veio a falecer aos 46 anos. Era a* Pequena Notável: *turbante à cabeça, tamancos altíssimos e muitos balangandãs.*

19.14 LACERDA, Luiz Carlos. *Leila para sempre Diniz*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

19.15 GOLDENBERG, Miriam. *Toda mulher é meio Leila Diniz*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

*Excelente atriz de teatro, televisão e cinema (*Todas as mulheres do mundo, Os paqueras, O mundo alegre de Helô*) falecida tragicamente em desastre de avião. Em 1969 deu bombástica entrevista ao* Pasquim, *em que falava de amor livre, virgindade e relações afetivas numa linguagem considerada chocante. Perseguida em nome da "moral e dos bons costumes" pela ditadura, nunca perdeu a alegria de viver.*

19.16 *Eu, Zuzu Angel, procuro meu filho.* Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

Gosto que a mulher fale, se expresse, *assim a estilista manifestava sua insubordinação contra a colonização cultural no modo de vestir da brasileira. Misturando renda e chita e estampas com motivos tropicais, Zuzu conquistou nos anos 70 um espaço internacional. Teve o filho assassinado nos porões da ditadura, passando a mover uma guerra surda contra o governo Médici. Tudo indica que sua morte foi um assassinato político.*

Dr. Assis. Brazil.

16.3 Senador Guimarães. Natal.

Retrato da Invenção do Brasil

XIII A Tipografia, o Livro, o Jornal, a Revista, a Charge

Cybelle de Ipanema

Há coisas axiomáticas, mas nem por isso impedidas de serem reveladas ou repetidas. Uma linha gritante separa os conceitos e suas conseqüências, de uma sociedade com letras, de outra, delas privada. "Quem não lê mal ouve, mal fala, mal vê."

O analfabetismo, que ainda é indicador, maior ou menor, em todos os continentes, marcava esmagadoramente a sociedade brasileira com um peso hoje significativamente amenizado, porém não erradicado. Mulheres, crianças e escravos – compulsoriamente – e parte do contingente masculino traçavam, do Brasil de até a tipografia, um perfil naturalmente pouco lisonjeiro.

A introdução da tipografia no Brasil vai permitir reverter o quadro, com a difusão e comercialização do livro, o espraiamento da notícia, através dos periódicos, a abertura de estabelecimentos de ensino, a vinda de professores estrangeiros, com a liberalização dos portos, a expansão e o gosto do hábito da leitura, a montagem de bibliotecas particulares, a freqüência às públicas, a formação, enfim, de uma sociedade nos moldes da dos países que estavam à vanguarda.

Os temas aqui enfocados trazem à tona a reflexão do que teria faltado ao Brasil no hiato de 300 anos sem tipografia.

Gazeta do Rio de Janeiro, 10 / 09 / 1808

GAZETA DO RIO DE JA- NEIRO.

QUARTA FEIRA 2 DE JANEIRO DE 1811.

N.º 1.

QUARTA FEIRA 2 DE JANEIRO DE 1811.

Doctrina . . . vim promovet insitam,
Rectique cultus pectora roborant. HORAT.

Rio de Janeiro 2 de Janeiro.

HE pena que vão decorrendo huns dias apôz outros, e não tenhamos o gosto de apresentar ao Público noticias veridicas e exactas sobre a grande crise, que provavelmente decidio a sorte do Reino de *Portugal*. Rodeados de hum tropel de incertezas entre a esperança e temor, perdemo-nos em conjecturas, abandonamo-nos a calculos, e hum qualquer vislumbre de noticia, mesmo destituido de verisimilhança, nos parece huma verdade demonstrada: repetimo-la huns aos outros, e em hum instante apparece com seu augmento, com outras feições, e exaggerada. Não deixa comtudo de nos causar hum grande prazer o observar, que estes boatos quasi todos são huma sentença de ruina, e morte aos nossos aggressores despiedados, o que prova quanto e quão grande seja o Patriotismo deste fiel Povo, e o apego sincero que o tem afferrado ao interesse da Patria, honra do Principe, e manutenção do Culto.

Entre as noticias que vogão tem alguma possibilidade a seguinte, que veio da *Ilha Grande*.

Chegou ali no dia 24 do mez passado huma Embarcação vinda de *Itamaracá*, donde sahio no dia 8 do memo mez. Ella dá por noticia, que no dia 6 tinha entrado em *Pernambuco* hum Navio vindo de *Lisboa* com breve viagem, o qual participára que os *Francezes* forão batidos, e *Massena* ficára prisioneiro.

Ora bem se vê que aqui falta a data da partida do Navio de *Lisboa*, o seu nome, e o dia da batalha: póde porém acontecer que hum Navio chegasse a *Pernambuco* em 30 dias, e communicasse ali aquella noticia, a qual passando a *Itamaracá*, para assim dizer em grosso, e destituida das circumstancias, como vulgarmente a gente rude costuma expressar-se, não deixe por isso de ser mui veridica e segundo nós todos a desejamos. Desculpe-nos o Público a anticipação de

a) Impressos

1. *Relação da entrada que fez ... d. f. Antonio do Desterro Malheiro ...* doutor Luiz Antonio Rosado da Cunha – é o impresso da Oficina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1747

Primeiro impresso produzido no Brasil, em 1747, da Oficina de Antônio Isidoro da Fonseca, no Rio de Janeiro. Praticamente, uma reportagem sobre a chegada do bispo, d. fr. Antônio do Desterro Malheiro, ao Rio de Janeiro.

2. *Ao il^{mo} e ex^{mo} sn^{or} Pedro Maria ... calcografia do pe. Viegas de Meneses;*

Em Vila Rica, o padre José Joaquim Viegas de Meneses abriu em chapas de cobre o poema de Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos, intitulado Canto. *Em homenagem ao governador de Minas Gerais, Pedro Maria de Ataíde e Melo. Ano de 1807.*

3. Decreto de 13 de maio de 1808 – *Cria a Impressão Régia*
Decreto do Governo Intruso... 1808 – 1813

Assinado pelo príncipe regente d. João, criou a Impressão Régia, abrindo ao Brasil a possibilidade sem fronteiras do aumento da educação e da cultura. Da maior importância para a vida brasileira, assumindo vários nomes, e, aos 192 anos, a Imprensa Nacional.

4. *Relação dos despachos ... Estrangeiros e da Guerra ...*
Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 13 de maio de 1808.

No dia mesmo da criação da Impressão Régia, primeira peça produzida pela tipografia oficial, na sua vertente de instrumento da administração, iniciando a longa trajetória a serviço da divulgação nacional.

5. *Manual de deputados ... Luís Rafael Soyé.* Rio de Janeiro: Tip. de Silva Porto, 1822.

A oficina de Manuel Joaquim da Silva Porto, desde 1822, é marca no panorama cultural da cidade, inclusive por sua atuação de mercador de livros que vinha de 1812. Foi muito ligado à geração da Independência.

6. *Reforço patriótico ou Censor Lusitano na interessante tarefa que se propôs de combater os periódicos.* Bahia, na Tip. da Viúva Serva, e Carvalho, 1822.

A viúva e filhos de Manuel Antônio da Silva Serva prosseguiram a ativa empresa do fundador da tipografia e da imprensa na capitania da Bahia. No seu desaparecimento, em 1819, a tipografia Silva Serva apresentava uma bela folha de impressões de livros, periódicos e peças oficiais.

b) Jornais

7. *Correio Braziliense ou Armazem Literario.* 1° periódico brasileiro, redigido por Hipolito da Costa. Londres: Officina de W. Lewis, junho de 1808 a dezembro de 1822.

De 1808 a 1822, livre de censura, o brasileiro da Colônia do Sacramento, Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, edita em Londres o Correio *para ilustração de seus compatriotas. Algumas vezes proibido, contribuiu, exilado para a Independência do Brasil.*

8. *Gazeta do Rio de Janeiro.* 1° periódico publicado no Brasil, redigido, sucessivamente, por frei Tibúrcio José da Rocha, Manuel Ferreira de Araújo Guimarães e cônego Francisco Vieira Goulart. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 10/9/1808 a 31/12/1822.

A Gazeta do Rio de Janeiro *inaugura, em 10 de setembro de 1808, a imprensa no Brasil, com seus pioneiros jornalistas. Encerrou-se em 1822. Não em oficial, mas oficiosa, e reinou, suprema, até 1821 quando se inicia o jornalismo político no Brasil.*

9. *Idade d'Ouro do Brazil.* 1° periódico provincial e impresso em uma tipografia particular, redigido por Diogo Soares da Silva de Bivar e pelo padre Inácio José de Macedo. Bahia: Typographia de Serva, 14/5/1811 a 18/4/1823.

Semelhante à Gazeta do Rio de Janeiro, *a* Idade d'Ouro *é iniciativa de Manuel Antônio da Silva Serva, na cidade do Salvador (1811-1823). É a Bahia segunda unidade brasileira a ter permitido o funcionamento de tipografia.*

10. *Jornal do Commercio.* Principal jornal brasileiro da primeira metade do século XIX, a cargo de Pierre Plancher e Emil Seignot. Rio de Janeiro: Typographia de Seignot-Plancher, 1/10/1827 até hoje.

Devido a Pierre Plancher, é o mais antigo jornal carioca em circulação, com o 1° número em 01.10.1827. Em mais de 170 anos vem acompanhando a vida nacional, como órgão de grande expressão. Já foi chamado de Ata da vida brasileira.

11. *Diário do Rio de Janeiro*

Primeiro jornal diário do Brasil, iniciou-se em 01.06.1821, criação de Zeferino Vito de Meireles. Viveu até 1878 e acolheu grandes figuras do cenário político e literário. De anúncios, inicialmente, crescem de tamanho e de importância sendo olhado como mais velho que o Império.

12. *Diário de Pernambuco*- prc- spr 8(1)- microfilme 1825

De 1825 (7 de novembro), detém o galardão de mais antigo órgão brasileiro em circulação. Criado em Recife por Antônio José de Miranda Falcão. Totalmente vinculado à vida pernambucana.

13. *A Província de S. Paulo* – 1875.

Fundada por Francisco Rangel Pestana e Américo Brasilico de Campos, em 4 de janeiro de 1875, mudou o nome, com o advento da República, para O Estado de S. Paulo, *em circulação. Dos grandes veículos nacionais.*

14. *Correio do Povo* – Porto Alegre.

Importante marca da imprensa gaúcha, fundado por Francisco Vieira Caldas Júnior, em Porto Alegre, permaneceu na família até 1984, quando foi fechado. Dava credibilidade às notícias: senão saiu no Correio, não é verdade.

c) Revistas

15. *O Patriota* – Rio de Janeiro, 1813.

Primeira revista do Rio de Janeiro (1813-1814) e segunda do Brasil, precedida por As Variedades *(1812),*

de Silva Serva, na Bahia. Em três tomos de pequeno formato, publicou estudos de alto valor.

16. *O Auxiliador da Industria Nacional* – Rio de Janeiro, 1833
Órgão da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, voltado às classes produtivas. Circulou no Rio de Janeiro, de 1833 a 1896. Acolhendo matérias sobre inventos, patentes, enriquecido de ilustrações, e divulgando legislação vigente.

d) Almanaques
17. *Almanaque Laemmert*

Almanack Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte do Rio de Janeiro, ampliado para da Corte e Província, depois estendendo-se ao país inteiro. De 1843 a 1942. Fundado por Eduardo e Henrique Lammert sua imprensa com editora, livraria e tipografia prestou os maiores serviços à grande parte do Império e da República.

e) Charges
18. Angelo Agostini
18.1 Por cima e por baixo do rio Paraguai (*A Vida Fluminense* 4/4/1868)

18.2 De volta do Paraguai (*A Vida Fluminense* 11/6/1870)

18.3 Capa do 1º número da *Revista Ilustrada* 1º de janeiro de 1876.

18.4 O coveiro dos sexagenários
(*Revista Ilustrada* 30/6/1885).

18.5 Capa do D. Quixote
(18/5/1895)

Do traço de Angelo Agostini (1843-1910), tornou-se a mais famosa revista de charge politica e social do século passado, de larga aceitação em todo o Brasil, com assinantes até do Amazonas. Fez rir o Rio de Janeiro e o país, de 1876 a 1878.

19. J. Carlos – A Careta
HERMAN, Lima. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

José Carlos de Brito Cunha principiou no Tagarela, *em 1902. Colaborou em muitas revistas do Rio de Janeiro, em especial* Careta, Revista da Semana, O Cruzeiro. *Criador da "melindrosa" e outros tipos, satirizando a vida carioca.*

20. NÁSSARA, Antônio Gabriel. Charge *Welcome ao Cantagalo.*
Aquarela original (Coleção Edmar Morel).

ESTATUTOS

DA

REAL

BIBLIOTHECA.

MANDADOS ORDENAR POR SUA MAGESTADE.

RIO DE JANEIRO.

NA REGIA TYPOGRAPHIA.

1821.

XIV A Construção da Imagem do País

A Cartografia: a Constituição do País como Território

Max Justo Guedes

No último quartel do século XV, a escola cartográfica lusa tornou-se a primeira da Europa, notadamente porque as viagens pioneiras da Carreira da Índia e a ação dos nautas portugueses no Oriente forneciam-lhe conhecimentos de primeira mão e notável acuidade.

Esta primazia foi mantida durante todo o século XVI, mas sofreu forte abalo quando Províncias Unidas, na sua guerra de independência contra Castela, iniciaram suas expedições marítimas no rumo das terras e ilhas asiáticas.

Apoiada por magnífico conjunto de artistas, gravadores e homens de ciência, a escola cartográfica holandesa rapidamente superou a congênere portuguesa e predominou na Europa até o espetacular desenvolvimento ocorrido na França, após a fundação da Academia de Ciências de Paris

HONDIUS, Jodocus (1563 – 1612)
Nieuwe Caerte van het wanderbaer ende gondrijcke landt Guiana, 1598

ALBERNAZ, João Teixeira
(oficina).
Pequeno atlas do Maranhão e Grão-Pará, I, c. 1629

(reinado de Luís XIV) e a solução de problema crucial à cartografia: a determinação astronômica das longitudes. Tendo como base os estudos e descobertas de Galileu e as tábuas de outro italiano, Cassine, a cartografia francesa alcançou níveis altíssimos que veio mostrar os gigantescos avanços que os portugueses haviam realizado nos territórios hoje brasileiros, burlando a linha de Tordesilhas. O alarme na corte lusitana obrigou a Coroa a contratar, no estrangeiro, técnicos que reavivassem os estagnados estudos matemáticos, geográficos e astronômicos em Portugal; havia que ser totalmente refeito o mapa do Brasil e negociados os limites americanos com os vizinhos castelhanos. Nas academias militares portuguesas e na do Rio de Janeiro, formou-se notável plêiade de geógrafos e astrônomos que, a princípio, acompanhando os estrangeiros contratados, reformularam totalmente a cartografia do Brasil para as demarcações dos limites do Tratado de Madri (1750) e, posteriormente, do de Santo Idelfonso (1777).

A gigantesca produção cartográfica então surgida serviu de base para que, no Império e início da República, fossem solucionadas as nossas questões de fronteiras e organizada a Carta do Império do Brasil (1875); não foram menores os esforços no mar, pois permitiram que, nos dias atuais, a Diretoria de Hidrografia e Navegação construa cartas náuticas de excepcional qualidade.

1. PTOLOMEU. In: Johann Scholtus. *Tabula Terre Nove*. Publicada no *Suplementum* da edição de 1513.

No inicio do século XV a Geografia *foi conhecida no Ocidente e impressa, com mapas, pela primeira vez, em Bolonha, 1477.* O Descobrimento da América *tornou a obra momentaneamente desatualizada, pelo que só em 1507 foi feita nova edição, com introdução de seis* tabulae modernae*; outra notável edição é esta de 1513 (Estrasburgo, Johann Scholtus, com 20 novas cartas no* supplementum*), entre elas a* Tabula Terre Nove.

2. *Typus cosmographius universalis*, publicado no *Novus orbis regionum, Basilea*.

Publicado no Novus Orbis Regionum ac Insularum veteribus Incognitarum, *editado em Basiléia, 1532, por J. Hervagium, com a colaboração de J. Huttich e do célebre Simon Grynaeus, que redigiu o prefácio desta coleção de mapas das novas terras descobertas.*

3. GASTALDI, Giacomo. *Brasil.* 1544, Veneza: publicado em Ramusio, *Raccolta di Navigationi et viaggi*, 1550-9.

Foi publicado na célebre raccolta de Giambattista (Giovanni) Ramusio Navigationi et Viaggi *(Veneza, 1550-1559), importantíssimo marco nas relações de viagens e navegações. Este mapa ilustra o* Terzo *volume, sendo interessantes as cenas com costumes indigenas.*

4. ORTELIUS, Abraham (1527 – 1598). *Americae Sive Novi Orbis, Nova Descriptio*, 1570, publicado num dos *Additamentum* que, a partir de 1573, foram feitos ao *Theatrum Orbis Terrarum*.

Em 1570, Abraham Ortelius publicou, em Antuérpia, o Theatrum Orbis Terrarum, *que pode ser considerado o primeiro atlas moderno. Contendo 53 cartas, obteve retumbante sucesso em sucessivas edições, atualizadas pelos* Additamentum*; o mapa das Américas aqui apresentado foi introduzido nos de 1587.*

5. HONDIUS, Jodocus (1563 – 1612). *Nieuwe Caerte van het wanderbaer ende gondrijcke landt Guiana*, 1598.

Esta carta evidencia os novos conhecimentos geográficos adquiridos pela (fracassada) expedição de Sir Walter Raleigh (1595) ao reino da Guiana, em busca do Eldorado, *e ampliados nos dois anos imediatos por viagens de Laurence Keymis e Leonard Berry.*

6. LASSO, Bartolomeu e LANGREN, Henricus F. van. *Delineatio omnium orarum totius Australis partis Americae*, 1599, publicado na obra de Linschoten *Navigatio ac itinerarium* etc. Haia, 1599.

Este belo mapa, de autoria do cartógrafo português Bartolomeu Lasso, foi gravado por Henricus Florentius van Langren para a primeira edição (holandesa) da notável obra de Jan Huygen van Linschhoten Itinerario. Voyage ofte Schipvaert etc. *(Cornelis Claes, Amsterdam, 1596); traduzida para o latim, foi publicada, em Amsterdam, 1599, também por Cornelis Claes, com o titulo* Navigatio aa Itinerarium etc.

7. COCHADO, Antonio Vicente. *Descripção dos Rios Para Curupa e Mazonas*, c. 1623-24.

Após a expulsão dos franceses da França Equinocial (1615), foi enviado Francisco Caldeira de Castelo Branco à Jornada do Pará, *visando a também expulsar da região amazônica holandeses e franceses que ali se haviam estabelecido. Antonio Vicente Cochado foi o piloto da expedição, tornando-se profundo conhecedor da navegação das águas equatoriais, que utilizou na* Descripção *aqui mostrada.*

8. GERRITZ, Hessel. *Tlandt van Brasil met aengelegene Provincien*. Publi. no *Nieuwe Wereldt*, de Johannes de Laet, de 1625.

Desenhada pelo notável roteirista e cartógrafo Hessel Gerritsz, autor deste e mais nove mapas que Ioannis de Laet incluiu na sua obra Niewe Wereldt ofte Beschrinjvinghe van West-Indien, *ou seja, Novo Mundo ou Descrição das Índias Ocidentais, Leide, 1625.*

9. ALBERNAZ, João Teixeira (oficina). *Pequeno atlas do Maranhão e Grão-Pará*, I, c. 1629.

Esta seqüência de três cartas náuticas, de autor anônimo, mas seguramente da oficina de João Teixeira Albernaz I, demonstra os importantes conhecimentos náutico-geográficos obtidos pelos portugueses com a Jornada do Maranhão *(expulsão dos franceses) e ações portuguesas na Amazônia após a fundação do forte do Presépio, que daria origem à cidade de Belém. Notável é, também, a estrada mandada abrir por Bento Maciel Parente do Pará até o Maranhão para assegurar as comunicações entre ambos.*

10. ALBERNAZ, João Teixeira (oficina). *Atlas universal*. Anônimo – I, c. 1632.

Este atlas universal (truncado) é, seguramente, de autoria de João Teixeira Albernaz I; desenhado em pergaminho, é aberto por importantíssimo planisfério no qual o Brasil aparece em posição central, estendendo-se do equador ao rio da Prata.

9

11. VISSCHER [Piscator] (1618 – 1679), NICOLAS (1618 – 1679) PHARNAMBUCI, c. 1640

Incluído em belíssima estampa (mapa, vista panorâmica e texto), o mapa de Visscher, gravado por seu pai Claes Jansz. Visscher, retrata o ataque e tomada de Pernambuco pela esquadra da Companhia das Índias Ocidentais (W.I.C.), em fevereiro de 1630, após heróica mas inútil resistência de Matias de Albuquerque. É, provavelmente, baseado em planta do cartografo português Cristóvão Álvares e levantamentos do auxiliar de engenheiro Pieter van Beuren.

12. JANSSONIUS, Joannes. *Accuratissima Brasilae Tabula.* Amsterdam: s.d (?).

Incluída no Novus atlas sive theatrum orbis terrarum *(quatro volumes), impresso, em Amsterdam, na seqüência dos atlas da firma Mercator-Hondius. São mostradas, em insertos, a "Baya de Todos Santos" e a "Villa d'Olinda" de Pernambuco, de grande interesse para os holandeses, em face da ocupação batava do Nordeste.*

13. GOLIATH, Cornelis e SCHUT, Pieter H. *Perfecte Caerte der gelegentheyt van OLINDA de Pharnambuco MAVRITS STADT* ende t' RECIFFO, por Cornelis Goliath, 1648.

Trata-se da versão gravada de mapa manuscrito, hoje na Biblioteca Nacional de Viena, de autoria Cornelis Goliath, cartógrafo de Maurício de Nassau quando governava o Brasil Holandês; apresenta duas vistas, uma da cidade Mauricia e Recife, outra de Friburgo, corte do conde.
Gravura em cobre de Pieter H. Schut, impressa por Claes Jansz. Visscher.

14. WIT, Frederick de (1610 – 1698). *Nova Totius Americae Descriptio,* Frederick de Wit, 1660.

Embora o delineamento não difira muito do mostrado no mapa de Janssonius c. 1646-7, deve ser notado o alargamento longitudinal do território brasileiro e o enriquecimento da sua rede hidrográfica.
Notáveis são as seis vistas de cidades e vilas americanas da parte superior (inclusive Olinda) e a representação de indígenas americanos.

15. ALBERNAZ, João Teixeira II (anônimo). *Atlas do Brasil c/* 29 cartas, c. 1666.

Este atlas do Brasil (truncado, com 29 cartas) do qual falta a folha de rosto e as duas primeiras cartas parciais, é seguramente de autoria de João Teixeira Albernaz II, cosmógrafo-mor e prolífico cartógrafo atuante em Portugal na segunda metade do século XVII. Deve ter aprendido o ofício com o avô Albernaz I, embora sua obra seja bem menos cuidada que a do mestre.

16. BLAEU, Joane (1596 – 1673). *Nova e Accurata Brasilaes totius Tabula,* p.1.650.

Na vastíssima obra deste ilustre cartógrafo, editor do Atlas Major, *um dos mais importantes monumentos da geografia do século XVII, esta carta BRASILIA tem o mérito de apresentar a divisão de nosso território em capitanias do Pará a São Vicente, onde, a exemplo dos espanhóis, os holandeses consideravam findar a jurisdição portuguesa. Notável é a distribuição da população indígena.*

17. SANSON, Nicolas (1600 – 1667) e SANSON, Guillaume (1633(?) – 1703). Amerique Meridionale, 1679.

O mapa de Nicolas de 1650 foi revisto por seu filho Guillaume "levando em conta" as memórias mais recentes, segundo afirmou; o território brasileiro, a exemplo de Blaeu e Wit, é extremamente reduzido em latitude, de pouco ultrapassando, na costa, o trópico de Capricórnio.

18. FERNÁNDEZ DE MEDRANO, Sebastian e MENDOZA SANDOVAL, Joseph de. *Carta Geographica de una nueva Descripcion del gran rio y imperio de las Amazonas Americanas,* Bruxelas: c. 1700.

Fernández de Medrano (1646–1704), engenheiro militar, foi professor da Academia Real Militar de Bruxelas (Países Baixos espanhóis, onde foi impressa a CARTA), chegando ao posto de general de batalha; foi excelente geógrafo e especialista em fortificações; a CARTA GEOGRAPHICA é muito rica em relação aos territórios espanhóis da América do Sul, mas inferior às do conde de Pagan e Samuel Fritz no que concerne à bacia Solimões / Amazonas.

19. L'ISLE, Guillaume de (1675–1726). L'Amerique Meridionale – c. 1700.

Desenhada "para uso do sereníssimo duque de Borgonha" a carta foi, posteriormente, gravada em Amsterdam por I. Covens e C. Mortier.
É bastante superior aos mapas holandeses e franceses que a antecederam, embora mantendo os limites usuais para o território brasileiro, não obstante decorridos 20 anos desde a fundação de Paranaguá, da Colônia do Sacramento e do avanço dos luso-brasileiros no chamado Continente do Rio Grande (Rio Grande do Sul).

20. FRITZ, Samuel (1656 – 1725). *El Gran Rio Marañon o Amazonas Con la Mission de la Compania de Jesus.* Quito: 1707.

Esta importantíssima carta do rio Solimões-Amazonas e seus formadores foi desenhada em 1691, após o jesuíta Fritz haver descido a imensa caudal até Belém (1689), onde teve contato com seu colega padre A. Conrado Pfeil, autor de mapa do "Grande rio das Amazonas" hoje desaparecido, que deve ter dado preciosas informações a Fritz.
O mapa foi gravado em Quito e alcançou tal êxito que voltou a ser impresso na França e na Inglaterra dez anos depois; o original manuscrito está na Biblioteca Nacional de Paris, para onde foi levado pelo célebre La Condamine.

21. L'ISLE, Guillaume de (1675 – 1726). *Carte D'Amerique.* Paris: 1733.

Trata-se de edição póstuma da mais importante e fiel carta do continente americano até então desenhada; repete a de 1722, que acompanhou a dissertação que fez sobre a "Determination géographique de la situation et de l'etendue des differentes parties de la Terre", ambos golpes mortais nas falsificações cartográficas portuguesas visando a colocar a foz do rio da Prata na parte lusa da divisória de Tordesilhas. Em conseqüência, a Coroa portuguesa teve que reformular os estudos matemáticos, geográficos e astronômicos nas suas academias militares, com gigantesco benefício para o melhor mapeamento do território brasileiro (Tratados de Madri e Santo Ildefonso).

22. GUSMÃO, Alexandre de (coord.). *Mapa das cortes*. 1749.

Para as negociações do tratado de limites entre o Brasil e os territórios espanhóis vizinhos iniciadas no final de 1746 e, a partir de 1747, instruídas pela brilhante inteligência do brasileiro Alexandre de Gusmão, secretário de d. João V, fez-se necessária a elaboração de um mapa dos territórios em litígio, pois o interior do continente era precaríssimamente conhecido.
Coube a coordenação da elaboração deste mapa a Gusmão que, aproveitando-se daquele desconhecimento, fê-lo da forma mais favorável às pretensões portuguesas, conseguindo com isto a assinatura do Tratado de Madri, em 13 de janeiro (aliás, 14) de 1750.

23. FARIA, José Custódio de Sá (1710 – 1792). *Demonstração do curso do Rio Ygatemy e terreno adjacente*, José Custódio de Sá e Faria, s. l., c. 1754.

Para demarcação dos gigantescos limites do Tratado de Madri foram criadas duas comissões, a do Sul e a do Norte, das quais participaram uma plêiade de notáveis astrônomos, engenheiros, geógrafos e desenhadores; dela fez parte o sargento-mor José Custódio de Sá e Faria, encarregado de uma das três partidas da Comissão do Sul, que levaria a fronteira até o rio Jauru; o mapa apresentado é um dentre centenas então produzidos.

24. CIERA, Miguel (Michele) António (? – 1782). [Rio da Prata I], Miguel Ciera, 1758.

Ciera, nascido em Pádova (República de Veneza) foi contratado para astrônomo das demarcações do Tratado de Madri, trabalhando com Sá e Faria. Produziu valiosas peças cartográficas, entre elas a Tabula nova, atque accurata America Australis etc., *1772, também do acervo da Biblioteca Nacional.*
Concluídas as demarcações da Comissão do Sul regressou a Lisboa, onde foi lente da Academia Real de Marinha até seu falecimento.

25. BLASCO, Michelangelo (c. 1710 – c. 1772). *Documento 1º. Treslado de húa parte do Mappa Geral etc. ...*, c. 1758, Mss I, 28, 24, 14

Natural de Gênova, Blasco foi contratado para a demarcação de limites do Tratado de Madri; trabalhou na Comissão do Sul a partir de 1752 e produziu importante obra cartográfica; o mapa aqui apresentado serviu para apresentar as dúvidas dos geógrafos demarcadores. Tal era a capacidade de Blasco que, ao regressar definitivamente a Portugal, foi nomeado engenheiro-mor do reino.

26. GALLUZI, Henrique Antonio. *Mappa geral do Pará etc.*, 1759.

Galluzi, de origem italiana, foi contratado para as demarcações do Tratado de Madri, chegando ao Brasil na frota do Maranhão (1753), para trabalhar na Comissão do Norte; as comissões espanhola e portuguesa jamais se encontraram, mas os demarcadores portugueses não ficaram inativos, produzindo valiosos mapas da região amazônica; um deles, de autoria de Galluzi, é aqui mostrado.

27. CANO y OLMEDILLA, Juan de la Cruz (1734–1790). *Mapa Geografico de America Meridional*, s. l. [Madri], 1775.

Ao contrário do que ocorrera quando das negociações do Tratado de Madri, ao preparar-se o de Santo Ildefonso (1777) já dispunham as autoridades espanholas de notável peça cartográfica, o mapa de Cano y Olmedilla, gravado em 1775 especialmente para as negociações. Trata-se, indubitavelmente, do melhor mapa geral da América do Sul até então produzido, embora os pequenos erros que apresenta, obrigando a correções nas chapas e originando segunda tiragem.
A Biblioteca Nacional, em seu riquíssimo acervo, possui exemplares de ambas, raríssimas, diga-se.

28. CARVALHO, José Simões de. *Carta do Rio Branco e suas confluentes*, 1787.

Para as demarcações de limites do Tratado de Santo Ildefonso (1777) foram criadas quatro comissões conjuntas luso-espanholas. A quarta e última delas trabalhou no rio Negro e afluentes do norte do rio Solimões; chefiou a parte portuguesa o governador de Mato Grosso João Pereira Caldas, sendo um dos astrônomos o doutor José Simões de Carvalho.
Esta quarta comissão produziu abundante cartografia, notadamente dos rios Negro, Branco e Japurá, em busca das ligações entre eles.

29. Anônimo e SERRA, Ricardo Franco de Almeida (? – 1798). *Mappa da parte do rio Guaporé, e dos rios Sararé, Galera, S. João e Branco*, c. 1795.

Almeida Serra, notável astrônomo e engenheiro militar brasileiro, foi designado para trabalhar na terceira comissão, havendo chegado à Vila Bela em 1782, tornando-se notável conhecedor de toda a região percorrida desde o rio Madeira até o Jauru e baía Negra.
A região aqui cartografada era de capital importância em razão das minas auríferas do Mato Grosso, alcançadas navegando-se pelos rios representados.

30. FERREIRA, João da Costa (1750 – 1822). Carta náutica do litoral brasileiro entre as proximidades da baía da ilha Grande e ilha de Santa Catarina (c. 23° 20' S e 28° 00' S), p. 1793.

Costa Ferreira, engenheiro militar, veio para o Brasil, em 1788, para participar das demarcações dos limites do Tratado de Santo Ildefonso; mandado servir em São Paulo, ali adquiriu grande fama elaborando, com seu ajudante A. Rodrigues Montesinho, a carta "Corographica e Hidrographica de toda a Costa do mar da Capitania de São Paulo", com latitudes e longitudes observadas pelo astrônomo real Francisco d'Oliveira Barbosa; além desta, executou cartas dos portos de Santos, Cananéia, Paranaguá e Guaratuba.
A carta mostrada é de excelente elaboração e foi básica para os levantamentos do barão de Roussin, quase três décadas mais tarde.

31. NIEMEYER, Jacob Conrado de (1788 – 1862). *Carta Corographica do Imperio do Brazil dedicada ao Instituto Histórico e Geográfico brazileiro*. Rio de Janeiro: Heaton e Rensburg, 1846.

Litografado no Rio de Janeiro por Heaton & Rensburg, o mapa do então coronel Niemeyer constituiu notável esforço, se considerados os recursos da época; dela já constam os limites brasileiros àquela data e os entre as várias províncias do Império.
Nada menos de 10 insertos mostram as plantas do Rio de Janeiro, ilha do Maranhão e oito capitais de províncias.

32. Comissão da Carta Geral (1864 – 1878). *Carta do Império do Brasil organizado pela Comissão da Carta Geral sob a presidência do General Henrique de Beaurepaire Rohan*, [Rio de Janeiro], Inst. Heliographico A. Henschel, 1875.

Gravada no Rio de Janeiro pelo Instituto Heliographico A. Henschel, foi o resultado prático dos demorados trabalhos da Comissão da Carta Geral nos seus 14 anos de atividade; planejada para ser feita em 42 folhas, o número jamais foi alcançado; em 1871 estavam prontas 31, mas foram consideradas insatisfatórias; novo planejamento, reduzindo aquele número para 30, jamais foi cumprido, o que levou o ministro Cansansão de Sinimbu a extinguir a comissão, em razão dos gastos que acarretava.

Do Nascimento da Fotografia ao Livro Fotográfico: um Retrato da Formação do Brasil

Joaquim Marçal Ferreira de Andrade
e Késiah Pinheiro Viana

A fotografia foi o resultado de um processo que se desenvolveu durante séculos e recebeu impulso decisivo à época do Renascimento italiano, quando tomou forma a *camera obscura*, logo provida de lentes que vieram amplificar o desejo humano de reproduzir visualmente sua própria realidade. Pouco depois de sua descoberta, já no século XIX, a fotografia logo começa a ser apropriada pelos mais diversos campos do conhecimento.

Ademais, segue o mesmo rumo da gravura, incorporando-se às páginas do livro impresso. Surgem então os *livros fotográficos*, onde a imagem deixa de ser um elemento meramente ilustrativo e passa a ocupar o lugar principal, ficando o texto a ela subordinado. Posteriormente, a fotografia é incorporada às publicações periódicas, onde termina por conquistar, também – já no século XX – um papel preponderante com o advento da *reportagem fotográfica*.

Tomando como ponto de partida o acervo fotográfico histórico da Biblioteca Nacional, onde destacamos algumas imagens marcantes, pertencentes em sua maior parte à Coleção d. Thereza Christina Maria, formada pelo imperador d. Pedro II no século XIX e consistindo no melhor testemunho do período inicial da fotografia em nosso país, pretendemos traçar em seguida, em linhas gerais, um percurso do livro fotográfico brasileiro e/ou acerca do Brasil, desde suas origens até os nossos dias.

Fotografias originais do século XIX

1. CALCAGNO, Luiz Bartolomeu. *Tiradores de esmolas para a festa do Divino, na paroquia de N. S. da Abadia de Bom Sucesso*. Minas Gerais, 1875. 1 foto.

Típica cena do interior do Brasil no periodo, dentre muitas realizadas por Luiz Calcagno, este grupo musical tinha participantes de diversas faixas etárias e cumpria importante função nas festas religiosas. O longo tempo de exposição, necessário para a realização da fotografia, justifica a postura pouco natural dos retratados.

2. CHRISTIANO JUNIOR. *Escravos*. Rio de Janeiro, entre 1864 e 1866. 6 fotos em 3 cartões.

É bastante provável que Christiano Junior tenha realizado a mais extensa série de retratos de escravos dos anos 1860, no Rio de Janeiro, trazendo-os ao seu estúdio e fotografando-os em frente a cenários nem sempre condizentes com a realidade. Há imagens de caráter puramente etnográfico e outras onde os negros de ganho demonstram suas

1

habilidades. Seu objetivo era comercializá-las entre os estrangeiros

3. CORRÊA, J. A. *Secca de 1877-78.* Ceará, 1877-1878. 14 fotos.

*Este impressionante conjunto de fotografias de vítimas da seca do Ceará de 1877-78, a mais terrível do século XIX, deu origem àquela que talvez seja a primeira utilização da fotografia na imprensa brasileira com um caráter de denúncia, de comprovação de fatos até então negados pelo poder central do país (*O Besouro*, 20 de julho de 1878).*

4. DIETZE, Albert Richard. Pinheiro brasileiro. In: _____. *Colônias de imigrantes europeus.* Espírito Santo, [entre 1869 e 1878]. 53 fotos, foto 9.

Dietze foi talvez o mais importante pioneiro da fotografia capixaba, mas só agora começa a receber o devido reconhecimento e o merecido lugar na história da fotografia brasileira. Seu trabalho de documentação dos primeiros colonos chegados à colônia de Santa Leopoldina tem valor estético e documental.

5. FERREZ, Marc. Rua Larga de São Joaquim [e] Pavilhão da República. In: _____. *Festejos por ocasião da posse do Presidente Prudente de Moraes.* Rio de Janeiro, 15 nov. 1894]. 13 fotos, fotos 5 e 9.

Marc Ferrez é unanimemente considerado o principal mestre da fotografia brasileira oitocentista. Estes dois instantâneos dos festejos da posse de Prudente de Moraes estão entre os primeiros que conseguiram captar o clima da ocasião, o que os reveste de um significado todo especial.

6. FERREZ, Marc. Revolta da Armada. In: _____. *Revolta da Armada.* Rio de Janeiro, 1894. 20 fotos, fotos 12 e 19

Marc Ferrez era Fotógrafo da Marinha Imperial, *sendo capaz de preparar chapas com sensibilidade suficiente para 'congelar' as embarcações em suas fotografias. Na Revolta da Armada, realizou uma verdadeira reportagem fotográfica, acompanhando os diversos estágios e situações do 'drama' dos navios envolvidos no conflito.*

7. FIDANZA & Cia. Arco da Companhia do Amazonas, visto da terra e do rio. In: _____. *Festejos no Pará por ocasião da visita de D. Pedro II.* Belém, 7 set. 1867. 3 fotos, fotos 1 e 2.

Curioso observar a preocupação de Fidanza – rara, para a época – em registrar os dois pontos de vista, diametralmente opostos, do arco construído por ocasião dos festejos. Trata-se de um 'preciosismo' que vai nos mostrando o rumo que a fotografia documental e jornalística tomará, décadas à frente.

8. FRISCH, August. Amaúas, indiens antropophages ... In: _____. *Tipos humanos e aspectos naturais.* Amazonas, c. 1865. 14 fotos, foto 7.

August Frisch teria sido o primeiro fotógrafo a penetrar no Amazonas. Para obter cenas como esta, fotografou um índio em estúdio, provavelmente improvisado, para depois superpô-lo à cena da mata, num evidente recurso de fotomontagem. Um instrutivo exemplo do 'olhar europeu', suas fotos foram premiadas na Europa.

9. FROND, Victor. *Brazil pittoresco.* Paris: Lemercier, 1861. Pr. 47: Le départ pour la roça, gravura de F. Sorrieu. Pr. 74: Fazenda de Quissaman pris de Campos, gravura de Jacottet.

Estas litografias foram produzidas a partir de fotografias de Victor Frond e fazem parte da obra "Brazil pittoresco. Album de vistas, panoramas, paisagens, monumentos, costumes, etc., com os retratos de Sua Magestade Imperador Don Pedro II et da familia imperial, photographados por Victor Frond, lithographiados pelos primeiros artistas de Paris, (...) e acompanhados de três volumes in-4o, sobre a historia, as instituições, as cidades, as fazendas, a cultura, a colonisação, etc., do Brazil, por Charles Ribeyrolles".

10. MULOCK, Benjamin R. Passenger station at Bahia being erected for the Bahia & San Francisco Railway, 5 jan. 1861. In: _____. *Cidade de Salvador e construção da ferrovia Bahia and S. Francisco Railway. Salvador, 1861.* 59 fotos, foto 53.

Benjamin Mulock foi contratado pelo empreiteiro da estrada de ferro Bahia & San Francisco Railway para documentar a sua construção. Realizou, então, algumas das mais belas fotografias panorâmicas de obras de engenharia que se conhecem em nosso país.

11. NIEMEYER, Louis. Serraria de S.A.R. o Principe de Joinville. In: _____. *Vistas photographicas da Colonia Dona Francisca.* [Joinville], 1866. 18 fotos, foto 6.

Otto Louis Niemeyer, fotógrafo de apurado senso estético, foi um pioneiro da colonização alemã no sul do Brasil, tendo ofertado o álbum que inclui esta foto ao imperador d. Pedro II em 1866. O dono da serraria, príncipe de Joinville, havia se casado com d. Francisca de Bragança e Áustria, filha de d. Pedro I, recebendo como dote grandes extensões de terra naquela região, nas quais surgiu a nova colônia.

12. PACHECO, Joaquim Insley *Pedro II e Teresa Cristina Maria.* Rio de Janeiro, 1883. 2 fotos. Platinotipia.

É bastante provável que este par de retratos imperiais não encontre similar

11

em todo o mundo – em especial a imagem do imperador d. Pedro II, fazendo uma pedra de trono, em meio a um cenário tropical. Pacheco era também pintor e participou de diversos salões nacionais de belas-artes.

13. PLANTAS parasitas. In: *Plantas parasitas*. Pará?, 18—. 3 fotos, foto 2.

Este é um exemplo ancestral da utilização da fotografia na documentação das espécies vegetais, podendo ser considerado um marco da progressiva substituição do ilustrador botânico pelo fotógrafo. Na verdade, esta substituição nunca se concretizou na sua totalidade e o trabalho do ilustrador botânico tem o seu espaço e o seu valor até os nossos dias.

14. RIEDEL, Augusto. Lavra de diamantes do Sr. Comor. Felisberto d'Andrade Brant, São Joáo da Chapada, Minas Gerais. In: ____. *Viagem de S.S.A.A. Reaes Duque de Saxe e seu augusto irmão D. Luís Philippe ao interior do Brasil no anno 1868*. Brasil, entre 1868 e 1869. 1 álbum (41 fotos), foto 24.

São mais de trinta trabalhadores, em diferentes locais, posando para o fotógrafo – talvez um dos mais arrojados retratos de grupo realizados até então. Esta fotografia faz parte de um álbum especialmente preparado pelo fotógrafo Augusto Stahl para o imperador d. Pedro II.

15. STAHL & Cia. *Cachoeira de Paulo Afonso, Rio São Francisco*. Alagoas, 186-. 1 foto.

O fotógrafo paisagista alemão Augusto Stahl chegou a Recife PE em 1853, mudando-se na década seguinte para o Rio de Janeiro. Realizou um dos mais notáveis trabalhos de fotografia paisagística do período.

16. VIEIRA, Valério. *Os trinta Valérios*. S.l., c. 1890. 1 foto.

Além de dominar vários processos fotográficos, o fotógrafo paulistano Valério Vieira era um profissional habilidoso e criativo, tendo participado com esta genial fotomontagem da exposição Louisiana Purchase Exhibition *em St. Louis, EUA, onde recebeu a medalha de prata.*

Livros Fotográficos (sécs. XIX E XX)

17. AMADO, Jorge, DAMM, Flávio, CARIBÉ. *Bahia boa terra Bahia*. [Rio de Janeiro] : Image, [19—].

A obra é dedicada a Pierre Verger. Segundo o colofão, a idéia do livro foi de Jorge Amado que logo teve o apoio entusiástico de Carybé e Flávio Damm. Na feitura do roteiro trabalhou também Luiz Vianna Filho. Segundo depoimento do fotógrafo Flávio Damm, depois de editadas as fotografias, com desenhos e paginação Carybé, o trabalho foi apresentado a Jorge Amado, recém-chegado de uma viagem, tendo só então nascido o texto que a acompanha.

18. ARBORETUM Amazonicum : 1ª decada. [Belém] : Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia, 1900.

Em 1900, o botânico suíço Jacques Hubner, fundador da Seção de Botânica do Museu Goeldi, do qual se tornou depois diretor, lançou o Arboretum Amazonicum, *coletânea bilingüe (português-francês) de alguns dos mais interessantes aspectos de nossa flora, documentados em fotografias provavelmente de sua própria autoria. Impresso na Suiça, objetivava a divulgação nacional e internacional de aspectos pouco conhecidos da floresta tropical amazônica.*

19. AZEVEDO, Orlando. *Jardim de anões*. Curitiba: Fotografia Comunicação e Ed., 1992. [124] p.

Orlando Azevedo documenta um curioso aspecto da influência marcante dos imigrantes poloneses e alemães na cidade de Curitiba, PR, onde a figura dos anões se esconde nos jardins, representando "a cultura céltica viva e presente". No que se refere às suas dimensões, trata-se de um dos menores – senão o menor – livros fotográficos já produzido no Brasil.

20. CACCAVONI, Arthur. *Album descrittivo anuario dello stato del Pará*. Belém: [s.n.], 1898.

Anuário do Estado do Pará *referente ao ano de 1898, realizado pelo empresário de origem italiana Arthur Caccavoni, destinado aos estabelecimentos financeiros, industriais e comerciais e aos viajantes de uma linha de transportes náuticos. A obra alterna breves textos informativos e farta publicidade com vistas fotográficas de Belém e arredores, que se apresentam com absoluta regularidade ao longo de todo o volume.*

21. CRAVO NETO, Mário. *Salvador*. Salvador: Aires, 1999. 242 p.

Mário Cravo Neto é considerado um dos grandes nomes da fotografia brasileira contemporânea. Em alguns de seus ensaios mais divulgados, conjuga de maneira peculiar o caráter documental á sua expressão pessoal e artistica. Este livro fotográfico sobre a cidade de Salvador foi idealizado e editado por ele, em parceria com outros profissionais.

22. FUSS, Peter. *Brasil*. Berlim: Atlantis-Verlag, [c. 1937]. 304 p.

"A escolha das photographias que ornam este livro obedeceu a duas ordens de considerações: o esplendor panoramico do paiz e as características ou peculiaridades que o

assignalam." Assim inicia-se o preâmbulo da obra, que é seguido de um texto informativo, de cunho histórico-geográfico e que tenta dar conta do pais em seis páginas. Impresso em rotogravura, os textos e legendas estão em português, alemão, espanhol, inglês e francês.

23. HESS, Erich Joachim. *Isto é o Brasil!* [São Paulo]: Melhoramentos, [1959]. [120] p.

A obra tem prefácio e legendas de Rachel de Queiroz, além de uma introdução de Rodrigo M. F. de Andrade, amigo de Hess, que trabalhou como fotógrafo do IPHAN durante longos anos. Traz uma visão do Brasil tão em voga naquele período histórico.

24. KLUMB, Revert Henrique. *Doze horas em diligência*: guia do viajante de Petrópolis a Juiz de Fora ... Rio de Janeiro: J. J. da Costa Pereira Braga, 1872.

Entre outras iniciativas pioneiras, Klumb foi também o autor do primeiro livro ilustrado com fotografias inteiramente produzido, litografado e impresso no Brasil – nas suas próprias palavras, "o primeiro guia do viajante, feito no pais". Segundo Pedro Vasquez, trata-se de "um dos marcos maiores da história da fotografia no Brasil. Livro que tem seu valor incrementado pelo fato de documentar as condições de viagem naquela que foi a primeira rodovia brasileira, importante fator de integração e consolidação da identidade nacional".

25. MANZON, Jean. *Flagrantes do Brasil*. Rio de Janeiro: Bloch, [1950]. 196 p.

A obra tem apresentações de Manuel Bandeira e Cândido Portinari e legendas de Origenes Lessa. Segundo a pesquisadora Helouise Costa, o fotógrafo Jean Manzon, que trabalhou durante longos anos em parceria com o jornalista David Nasser na revista O Cruzeiro, *de Assis Chateaubriand, "deu concretude visual a um conjunto de idéias preconcebidas sobre o Brasil, provenientes de várias fontes: do programa do Estado Novo, das diretrizes da arte de cunho social e das idéias engendradas no seio da intelectualidade modernista".*

26. RIBEYROLLES, Charles. *Brazil pittoresco*: album de vistas, panoramas, paisagens, costumes, etc., com os retratos de Sua Magestade Imperador Don Pedro II et da familia imperial. Paris: Lemercier, 1861.

Antes de Klumb, o fotógrafo francês Victor Frond, então radicado no Rio de Janeiro, já editara aquele que é considerado o primeiro livro de fotografias da América Latina, o Brazil pittoresco. *No entanto, as litografias que o ilustram não foram realizadas no Brasil e sim na França, na Imprimerie Lemercier, a melhor oficina gráfica parisiense da época. Além disso, não fazem parte do corpo do livro propriamente dito, sendo apresentadas em separado num portafólio de grande formato. Ressalte-se que o texto de Ribeyrolles foi produzido sob encomenda de Victor Frond.*

27. RIO BRANCO, José Maria da Silva Paranhos, Barão do. *Album de vues du Brésil exécuté sous la direction de J. M. da Silva-Paranhos Baron de Rio-Branco*. Paris: Imp. A. Lahure, 1889.

Segundo o Barão do Rio Branco, "O Álbum de Vistas do Brasil *se destina a acompanhar o texto da segunda edição de* Brésil, extrato da Grand Encyclopédie, *trabalho com o qual eu tive a honra de colaborar, sob a direção de M. E. Levasseur, do Instituto". Sob este aspecto, então, não se trata precisamente de um livro fotográfico, embora a obra se sustente como tal. O Barão compara-a ao* Brazil pittoresco, *afirmando que "a presente coleção é a mais completa que foi publicada até aqui".*

28. RIO BRANCO, Miguel. *Silent book*. São Paulo: Cosac & Naify, 1997.

Silent Book *é um livro de artista, que é também um livro fotográfico. Neste caso, como diz o titulo, não há texto algum – sequer uma apresentação ou prefácio – o que representa o outro extremo da proposta do livro fotográfico, aqui já liberto do texto.*

29. SALGADO, Sebastião. *Terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 143 p.

Embora os livros fotográficos de Sebastião Salgado – hoje, o fotógrafo brasileiro de maior projeção internacional – venham abordando temáticas universais, com fotografias dos quatro cantos do planeta, este é inteiramente dedicado ao Brasil e trata de um dos temas mais palpitantes de nossa atualidade, tendo exercido forte influência no recente processo de conscientização nacional e internacional acerca do problema dos sem-terra. Ressalte-se o diálogo estabelecido com a prosa do escritor português José Saramago e com a música do compositor Chico Buarque.

30. SLOMP, Vilma. *Dor*. São Paulo: DBA,1998. [33] p.

Experimentando um dos possíveis territórios da expressão pessoal no livro fotográfico, Vilma Slomp expõe toda a sua dor através de fotografias cuja realização, segundo a crítica de arte Angélica de Moraes, "coincidiu com momentos pessoais especialmente difíceis da autora. Para exorcizá-los, a fotógrafa se armou de sua câmara e, para além da terapia pessoal, construiu um conjunto de trabalhos dotados de valor artistico. (...) Como na pintura holandesa antiga, a luz é a grande protagonista de tudo, delineando com precisão todas as formas. Uma luz-lucidez que, sob a aparência falsamente agradável de uma foto bonita, investiga e escava a ferida".

31. *Travels in Brazil.* [Rio de Janeiro: s.n., 1939]. 198 p.

Idealizada e editada pela S.A.V.I. (Sociedade Anônima de Viagens Internacionais), visava à propaganda do Brasil, especialmente no sentido turístico. Segundo o prefácio da obra, o tráfego internacional de turistas naqueles anos indicava claramente uma preferência pela América do Sul, o que criava a necessidade de se produzir material de divulgação não apenas para seduzir o visitante, mas orientá-lo. Após situar o pais no globo terrestre, seguem dois breves textos: 'Historical sketch' e 'Some facts about Brazil'. A seguir, as fotografias legendadas, separadas por região e sempre antecedidas por pequenos mapas.

O Saber e o Sabor do Brasil

XV Letras e Artes no Brasil

A Poesia

Alexei Bueno

MARILIA
DE
DIRCEO.
POR T. A. G.

LISBOA:
NA TYPOGRAFIA NUNESIANA
ANNO M. DCC. XCII.
Com Licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

5

Herdeiro, por seu descobrimento, de uma grande tradição lírica vazada em uma admirável língua românica — que ainda em seu primeiro século como país alcançaria o apogeu sob o gênio de Camões —, o Brasil não poderia deixar, através da sua história, de ser marcado pelo signo da poesia. Cinco séculos dela se encontram nesta exposição. Das primeiras tentativas diretamente ligadas à metrópole até o aparecimento do elemento nacional no barroco satírico ou religioso de um Gregório de Matos e nas cenografias arcádicas dos poetas da Inconfidência Mineira, encaminhamo-nos lentamente para a plena eclosão da alma nacional no Romantismo. Do Gonçalves Dias dos grandes poemas indianistas até o Castro Alves da revolta abolicionista e do lirismo amoroso, reencontramos essa plêiade de artistas que, espantosamente jovens, se inscreveram no mais fundo da alma brasileira: Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, entre outros. Após um interregno parnasiano, onde alcançamos o requintado cuidado formal de um Raimundo Correia e de um Olavo Bilac, Alberto de Oliveira ou Vicente de Carvalho, mergulhamos novamente na essência profunda do fenômeno poético com o Simbolismo trágico de um Cruz e Sousa e a altitude mística de um Alphonsus de Guimaraens, chegando finalmente ao estranho e apocalíptico expressionismo de Augusto dos Anjos. Em plena eclosão da modernidade, vemos o surgimento desse extraordinário conjunto de poetas formado por Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, João Cabral de Melo Neto, para omitirmos tantos nomes. Se a velha e geral idéia de uma epopéia nacional acabou por não se materializar na nossa poesia, antes se cumprindo nesses dois monumentos que são como que a *Ilíada* e a *Odisséia* brasileiras, *Os sertões* e *Grande sertão:veredas*, ambos em prosa; se esse quase poema nacional que é o *Romanceiro da Inconfidência* se afirma na verdade, antes de tudo, como um poema universal sobre a História e seus mecanismos trágicos, não podemos deixar de nos emocionarmos e orgulharmos com esse fabuloso patrimônio lírico criado em nosso meio milênio de busca por uma nação, patrimônio a cada dia enriquecido, em meio à luta diária contra os equívocos e extravios estéticos, pela geração presente.

1. TEIXEIRA, Bento. *Prosopopéia.* 1ª edição. Lisboa: Antônio Álvares, 1601.

Impressa em Lisboa em 1601, a Prosopopéia, *de Bento Teixeira, é considerada a primeira produção poética de um autor radicado no Brasil. Nela o autor faz o elogio de Jorge de Albuquerque Coelho, governador de Pernambuco, em estilo camoniano.*

2. MATTOS, Gregório de & Guerra. In: Manoel Pereira Rabello. *Vida e morte do Doutor Gregório de Mattos & Guerra.* Códices produzidos entre os séculos XVII e XIX.

Toda de publicação póstuma, a obra de Gregório de Matos, o maior poeta do nosso período barroco, sobreviveu em numerosos códices apógrafos, como estes da Biblioteca Nacional. Pelo seu número e dispersão, dão origem a um dos maiores problemas textuais da poesia brasileira.

3. COSTA, Cláudio Manuel da. *Obras.* 1º edição. Coimbra: Offina de Luiz Seco Ferreira, 1768.

A primeira edição das Obras *de Cláudio Manuel da Costa, um dos dois maiores poetas do nosso período arcádico, foi impressa em 1768, em Coimbra, e traz no frontispício uma das mais espantosas gralhas da história da tipografia em nossa língua, sendo por isso vulgarmente conhecida como "Orbas".*

4. DURÃO, Santa Rita. *Caramuru.* Lisboa: Régia officina typográfica, 1781. Manuscrito autógrafo

Raro manuscrito do Caramuru, *de Santa Rita Durão, composto e impresso em Portugal, em 1781, representando uma tentativa de épica sobre modelo camoniano com assunto brasileiro.*

5. GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu.* 1ª edição. Lisboa: Nunesiana 1792, 1799, 1802, 1811; Impressão Régia, 1812.

Primeiras edições de Marília de Dirceu, *da princeps de 1792 até a primeira brasileira, da Impressão Régia, em 1812. O célebre livro de Tomás Antônio Gonzaga foi a mais popular obra poética desse período em nossa língua.*

6. GAMA, Basílio da. *O Uraguai.* Lisboa: Regia Officina Typographica, 1ª edição. 1769.

Primeira edição de O Uraguai, *de Basílio da Gama, de 1769. Talvez, nos seus cinco cantos em decassílabos brancos, a mais original das tentativas épicas da nossa poesia colonial.*

7. DIAS, Gonçalves. *Primeiros cantos. Últimos cantos.* Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1846. 1ª edição.

Se nos Primeiros cantos, *de 1846, Gonçalves Dias surge como o primeiro grande nome da nossa poesia romântica, nos* Últimos cantos, *de 1851, ele alcança o apogeu de seu gênio, em poemas como o insuperável "I-juca-pirama".*

8. AZEVEDO, Álvares de. *Obras de Manuel Antônio Álvares de Azevedo.* Rio de Janeiro: Tip. Americana de J. J. da Rocha. 1ª edição, 2 vols., 1853 – 1855. Primeiro volume.

A primeira edição das Obras de Álvares de Azevedo *tornou-se, como é comum em livros que alcançaram grande popularidade, uma raridade bibliográfica. Com ela a poesia brasileira atingiu uma nova sensibilidade, através de um poeta morto com apenas vinte anos de idade.*

9. FREIRE, Junqueira. *Inspirações do claustro.* Bahia: Typographia de Camilo de Llelis Masson & C. 1ª edição. 1855.

Em sua relação dramática com a vida religiosa, registrada nas Inspirações do claustro, *de 1855, o baiano Junqueira Freire consagrou-se como outro dos grandes nomes da poesia romântica no Brasil.*

10. ABREU, Casimiro de. *As primaveras.* 1ª edição. Rio de Janeiro: Typ. de Paulo Brito, 1859.

Com As primaveras, *publicadas aos vinte anos, em 1859, livro de uma profunda e irrepetível simplicidade, Casimiro de Abreu tornou-se um dos dois ou três poetas mais populares da nossa poesia em todos os tempos.*

11. VARELA, Fagundes. *Cantos do ermo e da cidade.* Rio de Janeiro: B. L. Garnier, s/d.

Cantos do ermo e da cidade, *de 1869, é o último livro publicado em vida por Fagundes Varela, o nosso romântico com mais agudo sentimento da natureza e o autor da mais alta elegia da poesia brasileira, "O cântico do Calvário".*

12. ALVES, Castro. Manuscrito do poema "A cachoeira de Paulo Afonso".

Manuscrito autógrafo de A cachoeira de Paulo Afonso. *Publicado postumamente em 1876, este último ciclo de poemas de Castro Alves reúne vários dos maiores momentos da poesia brasileira.*

13. ALVES, Castro. *Espumas flutuantes.* Bahia: Camilo de Lellis Masson, 1870. 1ª edição.

Primeira edição das Espumas flutuantes, *de 1870, único livro publicado em vida por Castro Alves, último e maior nome da poesia romântica no Brasil.*

14. ASSIS, Machado de. Manuscritos do poema "Mundo interior".

Manuscrito autógrafo do poema "Mundo interior", de Machado de Assis. Embora a sua obra de poeta não se compare à de prosador, o nosso maior ficcionista do século XIX compôs não poucos poemas admiráveis, sobretudo em Ocidentais, *onde se encontra este soneto.*

15. SOUSA, Cruz e. *Broquéis.* 1ª edição. Rio de Janeiro: Magalhães, 1893. (Versos)

Com a edição de Broquéis, *em 1893, Cruz e Sousa dá início ao Simbolismo no Brasil. Embora os seus maiores poemas se encontrem nos livros póstumos* Faróis *e* Últimos sonetos, *pertence a* Broquéis *a posição de grande marco histórico do movimento.*

16. GUIMARAENS, Alphonsus de. *Dona Mística.* Rio de Janeiro: Typ. de Leuxinger & C., 1899. 1ª edição.

Primeira edição de Dona Mística, *1899, de Alphonsus de Guimaraens, o outro grande nome da poesia simbolista no Brasil, um dos maiores sonetistas e um dos grandes místicos da língua portuguesa.*

17. CORREIA, Raimundo. *Versos e versões.* Rio de Janeiro: Typ. e Lith. Moreira Maximino & C. 1887. 1ª edição.

Em Versos e versões, *de 1887, Raimundo Correia, o mais "artista" dos nossos parnasianos, cria, entre traduções e poemas próprios, um dos títulos fundamentais da escola.*

18. BILAC, Olavo.
18.1 ***Poesias.*** Rio de Janeiro: São Paulo: Teixeira & Irmão, Porto, Typ. da Empr. Litt. E Typographica, 1888. 1ª edição.

18.2 Manuscrito original do poema *Na estrada da vida.*

Com a primeira edição das Poesias, *em 1888, Olavo Bilac se consagra como o mais popular e admirado poeta brasileiro da passagem do século XIX para o XX, exercendo uma avassaladora influência que só começará a ser abalada com o Movimento Modernista.*

19. OLIVEIRA, Alberto de. Manuscrito do poema "O rio azul".

Manuscrito autógrafo do poema "O rio azul", de Alberto de Oliveira, o mais longevo e o mais ortodoxo dos membros da famosa Trindade Parnasiana.

20. ESTRADA, Osório Duque. Manuscrito original da letra do "Hino Nacional Brasileiro".

Poeta medíocre e crítico intransigente, coube a Osório Duque Estrada a incancelável glória de ser o autor da letra do Hino Nacional brasileiro, da qual vemos aqui o manuscrito original.

21. ANJOS, Augusto dos.
21.1 ***Eu.*** Rio de Janeiro: s/d. 1912.

Aparecido em 1912, como uma bomba no meio da poesia da nossa belle époque, *o* Eu *de Augusto dos Anjos, obra de um expressionismo torturado e extremamente original, tornou-se, após ser ignorado por uma crítica esteticamente despreparada, o livro de poemas mais reeditado da literatura brasileira.*

21.2 Confissão sobre a obra poética de Augusto dos Anjos escrita por Carlos Drummond de Andrade, especialmente para a Exposição Comemorativa do Centenário de Nascimento do mencionado poeta, organizada pela Biblioteca Nacional. Original. 1 pág.

22. BANDEIRA, Manuel. *Cinza das horas.* Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commércio, 1917.

Em 1917, com A cinza das horas, *livro ainda basicamente neo-simbolista, dá-se a estréia de Manuel Bandeira, uma das maiores e mais amadas vozes da poesia modernista no Brasil.*

23. ANDRADE, Drummond de. *Rosa do povo.* Rio de Janeiro: J. Olympio, 1945.

Com A rosa do povo, *de 1945, Carlo Drummond de Andrade se consagra como a grande voz coletiva e social da poesia brasileira na metade do século XX, inclusive numa série de admiráveis poemas da Guerra.*

24. MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência.* Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1953.

Obra máxima de Cecília Meireles, a maior poetisa brasileira de todos os tempos, o Romanceiro da Inconfidência, *publicado em 1953, revela-se, para além do seu sentido de poema histórico e poema nacional, um magnífico poema sobre a própria História.*

25. MENDES, Murilo. *História do Brasil.* Rio de Janeiro: Ariel, 1937.

Apesar de depois repudiada pelo seu autor, a História do Brasil, *de Murilo Mendes, publicada em 1932, é uma das obras mais exemplares da irreverência iconoclasta do Modernismo no Brasil.*

26. MELO NETO, J. Cabral de. *Cão sem plumas.* Barcelona: O Livro Inconsútil, 1950.

Publicado em 1950, em Barcelona, pelo próprio autor, em sua oficina O Livro Inconsútil, O cão sem plumas *aponta para uma série de caminhos que levariam o seu autor para uma vertente construtivista muito pessoal, abrindo uma nova fase na poesia brasileira depois do Modernismo.*

27. RICARDO, Cassiano. *Martim-Cererê.* São Paulo: Nacional, 1936.

Com Martim-Cererê, ou o Brasil dos meninos dos poetas e dos heróis, *publicado 1928, Cassiano Ricardo, que depois passaria pelas mais variadas vertentes poéticas, alcançou uma imediata e consagradora presença dentro do Movimento Modernista.*

28. BOPP, Raul. *Cobra Norato.* São Paulo: Irmãos Ferraz, 1931.

Publicado em 1931, Cobra Norato, *do gaúcho Raul Bopp, tornou-se, por seu amazonismo e seu folclorismo, um dos livros icônicos do Modernismo brasileiro em sua vertente nacionalista, ainda que de um autor irrealizado no resto de sua obra.*

29. LIMA, Jorge de. *Invenção de Orfeu.* Rio de Janeiro:1952.

Monumental, barroca, hermética e complexa, a Invenção de Orfeu, *última obra de Jorge de Lima, publicada em 1952, traz, no seu tecido de poemas de todas as formas, alguns dos grandes momentos da poesia brasileira moderna.*

Ficção em Prosa

Ivo Barbieri, Dau Bastos
e Marcus Vinicius Nogueira Soares

De olho nos títulos constantes do acervo da Biblioteca Nacional, o trabalho considera a literatura ficcional produzida no Brasil desde o início da colonização até a atualidade. Inscritas nessa moldura bastante ampla, recebem enfoque mais forte as obras que, tendo resistido ao tempo, à crítica e à historiografia literária, hoje continuam lidas e apreciadas. Correndo na linha cronológica, o texto se detém em quatro momentos. O primeiro desentranha a ficcionalidade embutida em documentos do período colonial, como na *Carta* de Pero Vaz de Caminha, nos *Diálogos das grandezas do Brasil*, e no *Compêndio do peregrino da América*, de Nuno Marques Pereira. O segundo momento se ocupa do surto da ficção romântica, privilegiando o trio Macedo-Almeida-Alencar, quando a ficcionalidade se emancipa de outras modalidades de escrita e adquire consciência de sua autonomia. O terceiro momento trata da ficção realista, quando, sobrepondo-se a todos os escritores brasileiros, avulta a figura ímpar de Machado de Assis. Consideram-se, em seguida, perspectivas de análise abertas pelo naturalismo em romances de Inglês de Sousa, Aluísio Azevedo e Adolfo Caminha. O quarto momento focaliza, primeiro, rupturas de vanguarda, radicalizadas na prosa do *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e nos fragmentos do *Miramar* e do *Serafim*, de Oswald de Andrade. Deslocando-se para o Nordeste, dá-se, a seguir, atenção ao surto do romance na década de trinta com destaque para José Lins do Rego e Graciliano Ramos. Por fim, o olhar se detém na originalidade da prosa de Clarice

Lispector e de Guimarães Rosa. Embora elaborem linguagens muito diferentes e construam universos ficcionais distintos, esses dois escritores elevam a prosa narrativa de ficção no Brasil a culminâncias rarissimamente alcançadas. A transfiguração do regionalismo sertanejo de um lado e a escavação nas profundezas do humano de outro, longe de contraporem duas vertentes igualmente poderosas na história de nossa novelística, parecem fazê-las convergir numa espécie de coroamento da trajetória da invenção ficcional brasileira.

1. PEREIRA, Nuno Marques. *Compêndio narrativo do peregrino da América*. Lisboa Occidental: officina de Manuel Fernando da Costa, 1728.

Considerada a primeira obra de ficção escrita no Brasil por um brasileiro, Compêndio do peregrino da América *registra, entre longas lições de doutrina moral e religiosa, flagrantes curiosos da vida dos habitantes da colônia durante o século XVIII.*

2. MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha*. Rio de Janeiro: 10 ed., H. Garnier, 1899.

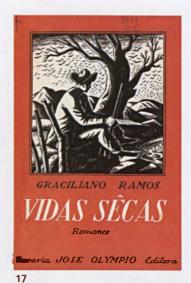
Novela despretensiosa, A moreninha *é a primeira matriz em prosa moderna da nossa ficção e inaugura uma longa série de perfis da mulher brasileira. Recebida com simpatia pelos contemporâneos, prolonga o sucesso até hoje, contando mais de cem edições.*

3. ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Rio de Janeiro: typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro,1854-55.

Escrito em linguagem corrente e gênero cômico, Memórias de um sargento de milícias *imortalizou-se graças à vivacidade da narrativa e ao sabor de muitos achados que até hoje divertem os seus leitores.*

4. ALENCAR, José de. *O Guarani*. Rio Grande: Typ. do Diário 1857.

Inaugurando, entre nós, a prosa de ficção com sotaque brasileiro, O Guarani *põe em cena o índio como símbolo heróico de um país livre e soberano.*

17

5. GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*.Rio de Janeiro: B. L. Garnier,1875.

Libelo melodramático contra o preconceito racial, A escrava Isaura *mexe com o inconsciente social brasileiro. Muito popular aqui e lá fora, a versão televisiva conheceu extraordinário sucesso na China onde o romance teve tiragem de 500.000 exemplares.*

6. TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. *Inocência*.Rio de Janeiro: s/ed.,1872. 1872.

Jóia do romantismo tardio, Inocência *é romance muito lido no Brasil e um dos mais traduzidos no exterior para línguas como: francês, italiano, espanhol, alemão, dinamarquês, sueco, polonês e japonês.*

7. AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Rio de Janeiro: Garnier,1890.

Através de grandes painéis representando deserdados sociais no Rio do fim do século XIX, O cortiço *põe em cena novos atores que, determinados pelo meio e sujeitos à tirania do sexo, fervilham, sem saídas, na promiscuidade desse caldeirão étnico.*

8. ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1881.

Memórias póstumas de Brás Cubas *é grande evento revolucionário na ficção brasileira. Tendo provocado perplexidade em espíritos lúcidos da época em que foi lançado, só na segunda metade do século XX começa a ser lido e avaliado em suas reais dimensões.*

9. POMPÉIA, Raul D'Ávila. *O Ateneu*.Rio de Janeiro: Gazeta de Notícias 1888.

A singularidade de O Ateneu *decorre das sutilezas de observação e análise psicológica, do refinamento artístico da escrita, da contundência retórica de suas sátiras e do desmonte da montagem organicista da narrativa de românticos e naturalistas.*

10. LOPES NETO, Simões. *Contos gauchescos*.Pelotas: Echenique, 1912.

Durante a voga dos diversos regionalismos, nas primeiras décadas deste século, sobressai a figura de Simões Lopes Neto pela felicidade da síntese realizada entre elementos de um gauchismo local e valores humanos que os transcendem.

11. BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1915

Policarpo Quaresma *é um caso bem-sucedido de obra literária empenhada em dar corpo ficcional ao compromisso do escritor que ousa encarar de frente os problemas sociais e políticos do seu tempo.*

12. RIO, João do. *A correspondência de uma estação de cura*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Murillo, 1918.

Personificação do dandismo no Rio da Belle Époque, *João do Rio (pseudônimo de Paulo Barreto) em* Correspondência de uma estação de cura, *atualiza com toques impressionistas a forma clássica do romance epistolar.*

13. LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Revista do Brasil, 1918.

Com Urupês, entra na cena ficcional brasileira a figura do caipira Jeca-Tatu, personagem até aqui esquecido.

14. ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. São Paulo: Of. Graf. de E. Cupolo, 1928.

Síntese do popular e do erudito, Macunaíma *é uma espécie de suma da cultura brasileira, reelaborada em linguagem moderna e em forma de narrativa de vanguarda.*

15. ALMEIDA, José Américo de. *A bagaceira*. Rio de Janeiro: Castilho, 1928.

Trazendo para o espaço literário o mundo dos engenhos de açúcar do Nordeste, a chegada de A bagaceira *é saudada como o abre-alas do romance social da década de 30.*

16. REGO, José Lins. *Fogo morto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

Coroamento do ciclo de romances da cana-de-açúcar, Fogo morto *narra a decadência dos engenhos e dramatiza a ruína da sociedade patriarcal nordestina.*

17. RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

Compondo, em quadros pungentes, a situação de abandono de uma família de retirantes acossados pela seca, Graciliano traça com mão de mestre o destino daqueles que, tendo perdido tudo, inclusive a palavra, são privados até do que não têm.

18. MACHADO, Dionélio. *Os ratos*. São Paulo: Nacional, 1935.

Apartado da prosa neo-realista de cunho regional, o gaúcho Dionélio Machado aprofunda em Os ratos *contradições do homem conflitado com o meio social que o cerca e confina.*

19. LISPECTOR, Clarice.

19.1 *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: A Noite, 1942.

19.2 Carta manuscrita original dirigida às irmãs.

O primeiro romance de Clarice Lispector não provocou, de imediato, reações significativas. Só algumas décadas mais tarde a autora será descoberta e valorizada, embora a novidade de sua escrita já estivesse toda naquelas páginas de estréia.

20. VERÍSSIMO, Érico. *O tempo e o vento. O continente*. Porto Alegre: Globo, 1950.

O primeiro volume de O tempo e o vento *destaca-se dentro da obra de Érico Veríssimo pela dimensão épica conferida aos feitos narrados e pelo enraizamentio mítico de personagens plantados na tradição de lutas da história gaúcha.*

21. PENA, Cornélio. *A menina morta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

Romance ainda não devidamente apreciado, Menina morta *constrói um mundo, permeado de imagens e símbolos trans-históricos, sobre um fundo histórico e social preciso: o declínio da sociedade patriarcal-escravocrata brasileira.*

22. ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

No mesmo ano em que lança Grande sertão: veredas, *Guimarães Rosa publica* Corpo de baile, *alentado volume de novelas do sertão mineiro que, pela magia da palavra, ganha significados universais. É a explosão do maior talento verbal em língua portuguesa.*

23. CALLADO, Antônio. *Quarup*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

Publicado em plena ditadura militar, Quarup *é recebido como gesto de resistência ao autoritarismo e como um sopro de alento utópico na atmosfera asfixiante daqueles anos de chumbo.*

24. *Correio mercantil*: I cap. de *Memórias de um sargento de milícias*. 27/jun/1852. Último cap. 31/jul/1853.

Divulgado no interior do suplemento dominical "A pacotilha" do Correio Mercantil *sob o pseudônimo: "um brasileiro",* Memórias de um sargento de milícias *é o único romance publicado por Manuel Antônio de Almeida.*

25. *Diário do Rio de Janeiro:* I cap. de *O Guarani*. 20/Abr/1857.

Marco do indianismo romântico, O Guarani, *de José de Alencar, quando publicado pela primeirea vez no* Diário do Rio de Janeiro, *alcançou grande êxito junto aos leitores, recepção que não se repetiria na primeira edição em livro no mesmo ano.*

26. *Revista brasileira*: I cap. de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 15/Mar/1880.

O romance que efetuou uma ruptura radical na ficção brasileira, Memórias póstumas de Brás Cubas *aparece primeiramente na* Revista Brasileira, *periódico para o qual também contribui Sílvio Romero, mais tarde crítico ferrenho da obra machadiana.*

27. *A estação*: I cap. de *Quincas Borba*. 15/jun/1886; último cap. 15/set/1891.

Publicado durante cinco anos na sofisticada revista de variedades A Estação, Quincas Borba *sofreu muitas modificações na versão em livro.*

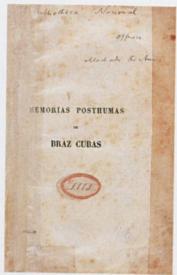
28. *A estação*: I cap. de *O alienista*. Rio, 15/outubro/1891.

Sátira contundente às instituições do fim do século XIX, O alienista, *de Machado de Assis, foi divulgado na revista* A estação, *antes de integrar a coletânea de contos* Papéis avulsos.

MEMORIAS POSTHUMAS

DE

BRAZ CUBAS

8

O Teatro Décio de Almeida Prado

Mas, dentro desse quadro de âmbito universal, é inegável que o teatro, no Brasil, passa por um dos seus períodos de maior vitalidade criadora – o mais fecundo talvez de toda a sua história. Pela primeira vez, desde João Caetano, demos aos nossos atores a possibilidade desenvolver vocações dramáticas ou trágicas, de representar, por exemplo, Sófocles e Shakespeare. Em relação ao espetáculo, diminuímos consideravelmente a distância que nos separava da Europa: se nem sempre as nossas representações são primorosas, ao menos não nos falta, como antes, informação estética. Porque, após tanto decênios, praticamente um século, de preponderância de formas e fórmulas comerciais, voltamos a uma concepção mais larga, mais nobre, mais generosa, mais literária, e sobretudo mais ligada aos destinos do Brasil, do que seja teatro.
A situação histórica atual não deixa de apresentar semelhanças marcantes com a que vigorou no alvorecer do teatro nacional, aproximadamente de 1840 a 1870. Repetem-se, em termos diversos, as mesmas esperanças, as mesmas aspirações, o mesmo empenho em criar um teatro expressivo do ponto de vista social e moral, que pense e exprima cenicamente a nacionalidade. Se os autores do Romantismo e do chamado Realismo têm muito maior significação literária global (Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Macedo, Alencar, Castro Alves), os atuais ganham possivelmente em vocação teatral específica. São homens de teatro – e não poetas e romancistas que às vezes também escrevem peças.

5

1. PENA, Martins. *Quem casa quer casa* (encenada em 1845). *O juiz de paz da roça* (encenada em 1838). *O juiz de paz da roça*. Comédia (farsa) de Luís Carlos Martins Pena. S. l., 1837. 22 f. S. (Rio de Janeiro, RJ, 5 nov. 1815 – Lisboa, 7 dez. 1848)

Criador da comédia de costumes brasileira, Martins Pena se caracteriza pela simplicidade do entrecho e do diálogo, que surpreendem, contudo, em desfechos de um insólito caricatural que arrebata a platéia, composta pelo mesmo tipo social de suas personagens: a classe média de um país recentemente emancipado, que ia consolidando linguagem e costumes próprios.

2. FRANÇA JÚNIOR. *As doutoras* (encenada em 1889). Edição de Edwaldo Cafezeiro. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1985.

Faro aguçado em redações de vários jornais do Rio de Janeiro, França Júnior, continuador da comédia de costumes de Martins Pena, fazia do dia-a-dia fluminense a matéria para suas peças e folhetins, o que é bem o caso da notícia de que se formava a primeira mulher da Faculdade de Medicina, criando a partir do fato um de seus maiores êxitos teatrais, As doutoras.

3. AZEVEDO, Artur. *A Capital Federal* (encenada em 1897). São Luís, MA, 7 jul. 1855 – Rio de Janeiro, RJ, 22 out. 1908.

A veia satírica que fez com que Artur Azevedo perdesse seu cargo oficial no Maranhão, após críticas em jornais, acompanhou-o na mudança para o Rio de Janeiro, em 1873, cidade sobre a qual escreverá a peça em que ironiza o mito de civilidade da então jovem Capital Federal, pólo de atração de uma iludida gente do interior, como a família do fazendeiro que protagoniza a peça.

4. ANDRADE, Oswald de. *O rei da vela* (São Paulo, SP, 11 jan. 1890 – 22 out. 1954)

Na redentição da Antropofagia operada pelo Tropicalismo, O rei da vela encontrou finalmente seu encenador, José Celso Martinez Corrêa, exatas três décadas depois de escrita por Oswald de Andrade, tornando a peça, ontologicamente, a primeira do moderno teatro brasileiro, condição que é conferida, por critério cronológico de montagem, a Vestido de noiva, de Nélson Rodrigues.

5. RODRIGUES, Nélson. *Vestido de noiva*. Rio de Janeiro: 1945 (encenada em 1943). (Recife, PE, 23 ago. 1912 – Rio de Janeiro, RJ, 22 dez. 1980)

De uma só vez o autor, o público e o teatro brasileiros saíram consagrados da estréia de Vestido de noiva: o autor, porque superava todas as expectativas criadas por sua peça anterior; o público, porque se mostrava capaz de ir além do riso da sociedade que então roubava a cena; e o teatro, porque contradizia o severo juízo de José Veríssimo: "Produto do Romantismo, o teatro brasileiro finou-se com ele." Mais do que renovação, Vestido de noiva foi uma revolução teatral.

6. ANDRADE, Jorge. *A moratória* 1955. (Barretos, SP, 21 mar. 22 São Paulo, SP, 13 mar. 1984)

A moratória, como outras peças do seu "ciclo paulista", assinala, para Jorge Andrade, "a morte de um Brasil que não tem mais razão de ser", com repercussão na temática, que passará ao "ciclo do presente", e na própria linguagem do autor, que explorará com sucesso a teledramaturgia, como na adaptação da sua peça Os ossos do barão.

7. GOMES, Dias. *O pagador de promessas*. 1960 (encenada em 1960). Salvador, BA, 19 out. 1922 – São Paulo, SP, 18 mai. 1999.

A "tentativa de um Teatro Popular", plataforma estética de Dias Gomes, encontrou em O pagador de promessas sua realização, através de temática e linguagem genuinamente populares, que imortalizaram – em livro, no teatro, no cinema e na tevê – a personagem Zé-do-Burro, que só morto conseguiu entrar na igreja para cumprir sua promessa a Santa Bárbara/ Iansã, nos braços da multidão que se confrontou, em seu favor, com o padre e a polícia.

8. VIANA FILHO, Oduvaldo. *Rasga coração*. Rio de Janeiro, Serviço Nacional de Teatro, 1980 (escrita em 1974, encenada em 1979). Rio de Janeiro, RJ, 4 jun. 1936 – 16 jul. 1974.

Testamento do autor, concluído em leito hospitalar, Rasga coração sintetiza a sua visão de mundo, onde ética e estética se integram em um teatro compromissado com os destinos da sociedade, como quando traça, na peça, um painel da vida brasileira ao longo de quatro décadas de lutas, da Revolução de 30 ao AI-5, razão por que é interditada por cinco anos pelo regime militar.

Os Explicadores do Brasil

Sérgio Paulo Rouanet

"Explicar" vem de um verbo latino que significa desdobrar. Os professores de retórica ou de filosofia, em Roma, explicavam a sabedoria antiga, desdobrando rolos de papiro. Foi isso que os explicadores do Brasil, desde Caminha, tentaram fazer, descrevendo e interpretando, isto é, desenrolando o que estava dobrado. E é isso o que a Biblioteca Nacional está querendo fazer com os explicadores, expondo obras, desdobrando rolos. Não é um empreendimento frívolo. Falsa ou verdadeira, toda explicação, quando se difunde, modifica o objeto que se quer explicar. Em parte, passamos a ser o que nossos explicadores achavam que éramos. Por isso, estaremos vendo a nós mesmos quando virmos nossos explicadores. Somos tudo isso: mulatos neurastênicos do litoral, Hércules-Quasímodos, heróis sem nenhum caráter, brasileiros cordiais, Jecas-Tatus, Caetés, meigos habitantes do mundo que o português criou. Mas no avesso dessa multiplicidade absurda, abre-se a perspectiva de uma multiplicidade possível, em que todas essas identidades se interpenetrarão, formando a figura de um brasileiro plural, multiidentitário, que se evade a todas as explicações, porque todas elas pretendem congelá-lo num esquema, numa história, numa identidade. Para toda longa jornada, há sempre um primeiro passo, e o primeiro passo é que os explicados venham olhar os explicadores. É para isto que existe este módulo.

Caricatura de Gilberto Freire por Alvarus

1. CELSO, Afonso. *Por que me ufano do meu país*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901.

Espécie de manual de civismo destinado aos jovens e sem pretensões literárias ou científicas, Por que me ufano do meu país *teve enorme influência na formação de muitas gerações de brasileiros, além de dar origem à palavra* ufanismo, *designativa de um traço da psicologia de segmentos do povo. O otimismo e nacionalismo exagerados do autor, intensamente criticados pelos modernistas, podem ser exemplificados por afirmações, familiares, como: "Não há no mundo país mais belo que o Brasil", "Amemos apaixonadamente o Brasil, pelas suas lindezas sem par" ou, ainda, pelo inventário de suas riquezas naturais e de suas glórias, como as vitórias militares e os inúmeros e notáveis heróis.*

2. CUNHA, Euclides da.

2.1 *Os sertões*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902.

2.2 CUNHA, Euclides da. Manuscrito de um capítulo inédito de Os sertões. [S. L., s.d.]. 40 p.; autógrafo; contém dedicatória a Aloísio de Carvalho; texto escrito em vermelho e preto.

Ainda que interpretasse o Brasil dentro de paradigmas racistas e deterministas em vigor na Europa, como os de que as sociedades se explicam pelo jogo entre raça e meio geográfico e as "raças" mistas são inferiores e degradadas, Euclides da Cunha consegue criar em Os sertões *uma obra-prima em muitos sentidos: qualidade literária, aguda visão humanista na descrição da terra, do homem e da luta de Canudos, intensidade dramática, além de traçar uma história etnológica do brasileiro em que, talvez pela primeira vez em nossa literatura, se valoriza o sertanejo – "rocha viva de nossa raça" –, pondo em xeque os pressupostos racistas da ciência da época.*

3. FERNANDES, Florestan. *Integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Dominus, 1965.

A obra em geral de Florestan Fernandes assinala a emergência da análise social científica no Brasil, calcada não apenas em exaustivas fontes documentais, mas também em rigor teórico e metodológico, terminologia apurada, e, sobretudo, na descoberta ou retomada em novas bases conceituais, por parte de uma equipe ou de novos e brilhantes pesquisadores que o tomaram, no dizer de Carlos Guilherme Motta, como "verdadeiro ponto de referência". Este livro, em particular, ao estudar a situação do negro numa sociedade de classes inicia, de certo modo, a procura de respostas objetivas para a situação racial do Brasil, a qual, ao contrário das conclusões veiculadas nas "explicações" anteriores, está imbricada à situação social (econômica, política e ideológica) em que o negro, como qualquer outro grupo étnico, está inserido.

4. FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. Rio de Janeiro: Maia & Schimidt, 1933.

4.1 DIAS, Cícero. *Casa grande do Engenho Noruega, antigo engenho dos bois, Pernambuco*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964. Desenho original.

Não para poucos estudiosos do pensamento social brasileiro, Casa grande & senzala, *1º volume da* Introdução à sociedade patriarcal no Brasil *(os outros são* Sobrados e mocambos, *1936, e* Ordem e progresso, *1950), é o ensaio mais importante publicado no país no século XX, e Gilberto Freyre seria, nas palavras, por exemplo, de Sérgio Rouanet, "o maior 'explicador' que o Brasil já conheceu". A revolução operada pela obra pode ser evidenciada, entre outros aspectos, por inaugurar no país uma ciência compreensiva, interpretativa, em oposição ao positivismo e ao naturalismo deterministas, por introduzir a teoria culturalista, em contraposição às concepções etnocêntricas e evolucionistas e por uma original e precursora valorização do estudo da vida privada e do cotidiano, com a decorrente ampliação da noção de fontes documentais. Talvez a principal inflexão realizada por* Casa grande & senzala *tenha sido sobre as relações étnicas no Brasil, consideradas essencialmente como troca cultural (e não como o encontro de "raças" "superiores" e "inferiores"), o que foi fundamental para a compreensão e valorização da diversidade cultural do país.*

5. HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio: 1936.

Considerado por Antônio Cândido um dos três livros fundadores da análise social brasileira moderna (os outros são Casa grande & senzala, *de Gilberto Freyre, e* Formação do Brasil contemporâneo, *de Caio Prado Júnior),* Raízes do Brasil, *embora escrito por um historiador, introduz entre nós as contribuições da sociologia de Max Weber e da história social francesa, contribuindo decisivamente para se romper com as descrições naturalistas e o evolucionismo linear e etnocêntrico. Uma de suas inovações, como observa Antônio Cândido, é o emprego de "admirável metodologia dos contrários, que alarga e aprofunda a velha dicotomia da reflexão latino-americana", temperada "por uma visão mais compreensiva, tomada em parte a porções de tipo hegeliano", dinâmica, portanto. Muitos desses contrastes, porém, referem-se a características psicológicas dos brasileiros (a polemizada idéia do "homem cordial", por exemplo), o que denota o vínculo ainda com a ensaística tradicional.*

6. NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1900.

Nesta obra, como também em O abolicionismo *(1883), Joaquim Nabuco questiona a existência de uma unidade do povo brasileiro. Prova em contrário são a dualidade e a instabilidade originárias da escravidão e "sua obra", tanto no plano das instituições e da mentalidade, quanto entre os antigos senhores e os antigos escravos. Em época de predomínio de concepções racistas, Nabuco antecipava a visão, mais tarde desenvolvida por Gilberto Freyre, de que a inferioridade do negro decorria de sua condição de escravo, e não de suposta inferioridade racial.*

7. PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1945.

Ao oferecer uma interpretação do Brasil que iria inspirar grande parte dos modernos estudos históricos e sociológicos produzidos no país nas últimas décadas, este livro é um dos marcos iniciais – ao lado de análises como as de Celso Furtado e Nélson

Werneck Sodré – das nossas ciências sociais e histórica. Seus pressupostos teóricos, materialistas e dialéticos são de que a organização e a dinâmica das sociedades devem ser buscadas nos interesses, ações e relações dos grupos sociais – os agentes econômicos, as classes e camadas sociais, as forças políticas –, e não mais em forças originárias do clima ou das raças formadoras. No caso do Brasil, o sentido da colonização – produzir gêneros tropicais e metais para o mercado externo, segundo a conjugação dos interesses mercantilistas do Estado absolutista, dos grupos mercantis portugueses e dos colonos que viravam senhores de terra e escravos – , *tornou-se o núcleo conceitual do qual se partiu para a investigação dos múltiplos aspectos da vida material e social brasileira, fazendo desabrochar uma cada vez mais prolífica e densa análise do Brasil.*

8. PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil.* São Paulo: Duprat-Mayença, 1928.

Publicado no mesmo ano que Macunaíma *– que Mário de Andrade dedica a Paulo Prado, mecenas dos modernistas –,* Retrato do Brasil *também tem como objeto de reflexão o "caráter nacional", constituindo-se, segundo Dante Moreira Leite, na "primeira interpretação rigorosamente psicológica de nossa história e de nosso caráter nacional". Para o autor, o povo brasileiro foi marcado por três traços que constituem a nossa maneira de ser:* luxúria, cobiça e tristeza *(o livro começa e termina com a frase: "Numa terra radiosa, vive um povo triste"), os dois primeiros verdadeiras obsessões que perturbavam o espirito e o corpo, ocasionando abatimento físico e moral, abulia, tristeza. A novidade deste esquema interpretativo é a rejeição às concepções racistas, mas parcial, pois o autor ainda admite que o mestiço degenera depois das primeiras gerações.*

9. ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira.* Rio de Janeiro: Ed. B. L. Garnier, 1888.

*Na opinião de Dante Moreira Leite (*O caráter nacional brasileiro, *1983), Silvio Romero ofereceu "a versão porventura mais ampla do Brasil, por volta dos fins do século passado" – versão que tinha como objeto de análise o "caráter nacional" de um povo, definido a partir das características, do meio físico e dos traços psicológicos. O núcleo de sua reflexão – que irá constituir-se num dos pólos do pensamento brasileiro na virada do século – é que o "caráter brasileiro" é "mestiço" e está em formação, causa de certa instabilidade moral pela desarmonia das índoles e das aspirações no povo, dificultando assim a formação de um ideal nacional comum.*

10. VIANNA, Oliveira. *Populações meridionais do Brasil.* São Paulo: Monteiro Lobato, 1922.

A inclusão de uma obra de Oliveira Vianna entre as dez mais importantes do pensamento social brasileiro deve-se mais, como é o caso também de Por que me ufano do meu país, *à influência que exerceu num dado momento da história do Brasil – o período de influxo das idéias fascistas na Europa e no Brasil – do que à agudeza ou, menos ainda, à atualidade de sua explicação do Brasil. Se* Populações meridionais do Brasil *é um dos primeiros estudos sociológicos feitos no país, baseia-se, no entanto, em pressupostos de uma ciência já atrasada para a época, como as teorias raciais e psicologizantes, além de crenças como as de que a aristocracia latifundiária brasileira constitui a matriz positiva de nossa nacionalidade; os mestiços que ascendem o fazem enquanto parcialmente arianos (e não como mestiços); índios e negros são povos inferiores, que precisam de um governo forte para se ajustar ao mundo civilizado e branco.*

A Historiografia da História do Brasil

Arno Wehling

A historiografia expressa a cultura e a *persona* de uma coletividade, sociedade ou país. Em seus diversos momentos, nossa historiografia cumpriu esse papel, refletindo as diferentes circunstâncias da formação brasileira, tanto no plano geral, como no regional ou no local.

Por esse motivo, conhecer a historiografia brasileira é conhecer os valores que embasaram os comportamentos de grupos sociais, instituições e indivíduos, ajudando a entender suas opções e atitudes. Com ela, também percebemos as luzes e sombras do processo histórico, bem como os destaques e os esquecimentos dos cronistas, dos historiadores e dos testemunhos.

A escrita da história – e não ocorreu de outro modo no caso brasileiro – pode ser feita com caráter descritivo, problematizador ou polêmico, mas o vigor de sua contribuição estará na capacidade perceptiva do autor, na qualidade de suas fontes e na retidão de suas intenções. Atendidos estes requisitos, a obra historiográfica, quaisquer que sejam suas limitações, deixará entrever a humanidade dos sujeitos históricos e os traços mais marcantes de sua identidade coletiva. É o que se dá com algumas das melhores expressões da historiografia sobre o Brasil que integram a exposição "500 anos de Brasil na Biblioteca Nacional".

Historia da prouincia sãcta Cruz
a que vulgarmete chamamos Brasil feita por Pero de
Magalhães de Gandauo, dirigida ao muito Ill. sñor Dom Li
onis Pereira gouernador que foy de Malaca & das mais partes
do Sul na India.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães.
História da provincia Santa Cruz

1. GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *História da província Santa Cruz.* Lisboa: Officina de A. Gonsalvez, 1576.

Primeira história do Brasil a ser publicada, em 1576, narra os acontecimentos referentes à colonização portuguesa, descrevendo também costumes indígenas, a flora e a fauna.

2. SALVADOR, Frei Vicente de. *História do Brasil.*

Inédita até fins do século XIX, a História do Brasil *foi concluída em 1627, distinguindo-se pelo caráter fidedigno e por certo espirito critico em relação ao governo metropolitano e ao comportamento dos colonos.*

3. PITA, Sebastião da Rocha. *História da América Portuguesa.* Lisboa Occidental: Officina de Joseph Antonio da Silva, 1730.

Publicado em 1727, a História da América portuguesa *caracteriza-se pela grandiloqüência barroca, mas baseia-se em séria pesquisa de arquivos e coleta de depoimentos.*

4. VILHENA, Luís dos Santos. *Notícias soteropolitanas e brasilicas.*

Professor régio na capitania da Bahia em fins do século XVIII, Vilhena narra a evolução histórica do país e traça um quadro rico da sociedade e instituições de sua época.

5. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História geral do Brasil.* Rio de Janeiro: E. e H. Laemmert, 1854.

A História geral do Brasil, *baseada em sólida pesquisa arquivistica, cumpriu o programa sugerido por Karl von Martius ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sendo redigido dos pontos de vista da unidade nacional, da monarquia constitucional e do predominio português na colonização.*

6. SOUTHEY, Robert. *História do Brasil.* Rio de Janeiro: Liv. B. L. Garnier, 1862.

A História do Brasil, *de Robert Southey, que pretendia ser o Heródoto do Brasil, foi primeiramente publicada na Inglaterra, sendo bem documentada e apresentando interpretações fecundas para o conhecimento do passado, sobretudo antes da divulgação da obra de Varnhagen.*

7. ABREU, Capistrano de. *Capítulos de História colonial.* Rio de Janeiro: M. Orosco & C. , 1907.

Os Capítulos de história colonial *é trabalho de síntese fundamentado em amplo domínio das fontes documentais e com notável percepção dos traços profundos da formação brasileira.*

8. SIMONSEN, Roberto. *História econômica do Brasil.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

A História econômica do Brasil, *trabalho contemporâneo dos de Gilberto Freyre, Caio Prado Jr. e Sérgio Buarque de Holanda, é exemplo de preocupação em desvelar as estruturas econômicas do periodo colonial.*

9. RODRIGUES, José Honório. *Conciliação e reforma no Brasil.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

Conciliação e reforma no Brasil *constitui-se em análise histórica que procura estudar o desenvolvimento da sociedade e da vida política no país, tomando como base a natureza dos conflitos e as estratégias de sua resolução.*

HISTORIA
DA
AMERICA
PORTUGUEZA,
DESDE O ANNO DE MIL E QUINHENTOS
do ſeu deſcobrimento, até o de mil e ſetecentos
e vinte e quatro.
OFFERECIDA
A' MAGESTADE AUGUSTA
DELREY
D. JOAÕ V.
NOSSO SENHOR,
COMPOSTA
POR SEBASTIAÕ DA ROCHA PITTA
FIDALGO DA CASA DE SUA MAGESTADE, CAVALLEIRO
Profeſſo da Ordem de Chriſto, Coronel do Regimento da Infanteria da Ordenança da Cidade da Bahia, e dos Privilegiados della, e Academico Supranumerario da Academia Real da Hiſtoria Portugueza.

LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de JOSEPH ANTONIO DA SYLVA,
Impreſſor da Academia Real.
M. DCC. XXX.
Com todas as licenças neceſſarias.

3

A Música Clássica

Vasco Mariz

Carlos Gomes

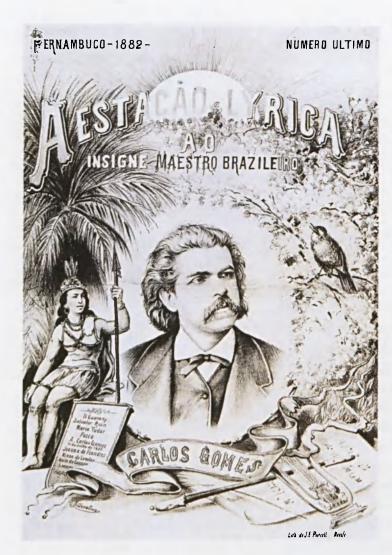
O Brasil pode orgulhar-se de haver produzido o maior compositor das Américas no século XIX – Carlos Gomes – e também o maior gênio musical do continente no século XX – Villa-Lobos. No entanto, a partir dos anos sessenta o Brasil se fez notar e aplaudir no exterior mais pela música popular. Embora tenhamos hoje excelentes compositores clássicos, nenhum deles conseguiu o mesmo destaque internacional de Carlos Gomes e Villa-Lobos em suas respectivas épocas.

O curioso é que também no século XVIII o Brasil teve notável produção musical, das melhores nas Américas, embora ainda pouco conhecida fora do Brasil. A música em Minas Gerais e depois no Rio de Janeiro, até o regresso de d. João VI a Portugal, em 1821, atravessou um período de extraordinária atividade no setor da música sacra. As cidades coloniais da Terra do Ouro organizaram verdadeiros sindicatos de músicos, as irmandades, que atuavam intensamente nas numerosas igrejas da região e nas residências de ricos comerciantes da época. No último quartel do século XVIII havia mais de mil músicos em atividades em Minas Gerais. Dois grandes nomes ressaltam nesse período: Emerico Lobo de Mesquita e José Maurício Nunes Garcia. Viajantes estrangeiros de passagem pelo Brasil elogiaram as atividades da Capela Real no Rio de Janeiro e as óperas encenadas no Teatro São João, como equivalentes em qualidade às suas melhores congêneres na Europa. Depois foi o silêncio, por falta absoluta de dinheiro após a Independência, até a Maioridade de d. Pedro II e o despontar de Carlos Gomes.

Hoje em dia oferecemos ao nosso público e ao mundo musical as obras de uma centena de compositores que trilham com sucesso os caminhos das mais avançadas experiências musicais de vanguarda. Na entrada do século XXI, nossos músicos clássicos estão rigorosamente atualizados e informados de todas as novidades musicais que surgem na Europa e nos Estados Unidos da América e estão participando com êxito nos mais importantes festivais internacionais com as suas obras.

Hymno á Bandeira Nacional

Versos de Olavo Bilac

Musica de Francisco Braga

a) Vitrina com obras raras e partituras originais

1. D. Pedro I – *Hino da Independência*

Não é verdade que o príncipe tenha composto a música na tarde de 7 de setembro de 1822. O mais provavel é que d.Pedro tenha ajustado o seu hino, dias depois, às palavras de Evaristo da Veiga.

2. GOMES, Carlos. Partitura da ópera *O guarani.*

Esta ópera foi o primeiro e o maior sucesso de Carlos Gomes.A ópera correu o mundo e ainda recentemente foi encenada com êxito em Bonn e Washington.

3. NAZARETH, Ernesto. – *Odeon.*

Compositor essencialmente carioca, era considerado por Villa-Lobos como "a verdadeira encarnação da alma musical brasileira". Darius Milhaud julgava "genial" o criador do tango brasileiro Odeon.

4. BRAGA, Francisco. – *Hino à Bandeira.*

A pedido do prefeito Pereira Passos, o compositor escreveu um pequeno hino, com versos de Olavo Bilac, para ser utilizado nas cerimônias de hasteamento da bandeira nas escolas públicas do Rio de Janeiro. Foi depois adotado pelas Forças Armadas como o Hino à Bandeira.

5. VILLA-LOBOS, Heitor. *Choros n° 12.*

A série dos Choros, utilizando conjuntos instrumentais diferentes, foi a mais importante contribuição do nosso maior compositor para a música moderna internacional.

6. FERNANDEZ, Lorenzo. *Sinfonia n° 2.*

Lorenzo foi um dos lideres da primeira geração do movimento musical nacionalista brasileiro. Esta obra é programática, inspirada no "Caçador de Esmeraldas", de Olavo Bilac, e foi escrita pouco antes de sua prematura morte.

7. MIGNONE, Francisco. *Maracatu do Chico Rei.*

Mignone foi o músico mais completo que o Brasil já produziu. Celebrizou-se pelos seus painéis orquestrais baseados no folclore afro-brasileiro e esta é, talvez, a sua obra-prima.

8. GUARNIERI, Camargo. *Ponteio n° 8.*

Guarnieri foi o líder da segunda geração nacionalista, destacando-se pelo seu estilo autêntico e refinado. A série dos "Ponteios" é representativa de sua obra pianística.

b) Vitrina com as grandes obras de musicologia brasileira.

9. *Arte da Música* (1823) – primeiro livro sobre música publicado no Brasil.

A presente edição é uma curiosidade gráfica e histórica, a primeira obra de nossa musicologia após a Independência.

10. SILVA, Francisco Manuel da. *Compêndio de música prática,* publicado em 1832.

O autor do nosso Hino Nacional foi um bom compositor e notável professor. Esta obra parece ser a primeira no gênero. Graças a ele foi fundado o primeiro conservatório de música no Brasil, em 1855.

11. ANDRADE, Mário de. *Ensaio sobre a música brasileira.*

Esta foi a obra da musicologia brasileira que maior influência teve em sua época e orientou duas gerações de compositores no sentido da música de caráter nacionalista, baseada no estudo do folclore.

c) Vitrina com revista brasileira de música

12. *Revista brasileira de música*

Esta foi a revista musical de maior prestigio nacional e de melhor divulgação no periodo de 1934/44. Seu diretor era Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, depois chefe da seção de música da Unesco em Paris.

13. *Música viva*

Essa famosa revista foi porta-voz do grupo do mesmo nome, dirigido por H.J.Koellreutter, e que obteve excelente divulgação no periodo 1945-55 e muito influenciou a nova geração de compositores no sentido de uma modernização da música brasileira.

14. SANTORO, Cláudio. *Sonata n° 3.*

Nosso melhor sinfonista, que tanto sucesso obteve na Europa nos anos 60 e 70, escreveu também numerosas peças para piano-solo, como esta Sonata n° 3.

15. PEIXE, Guerra. *Roda de amigos.*

Esta é uma das melhores obras de câmara do nosso maior artesão musical, escrita para pequena orquestra e solistas de instrumentos de sopro.

Villa-Lobos

XVI A Ciência no Brasil

Ronaldo Rogério de Freitas Mourão

Durante o período colonial, ao contrário da Espanha e da Inglaterra, Portugal não estimulou em suas colônias o estudo das ciências nem criou universidades, bibliotecas ou escolas de ensino superior. Assim, até o século XIX quase toda a atividade científica no Brasil vai limitar-se às missões estrangeiras que observavam, coletavam e classificavam os nossos recursos naturais. Todos os viajantes e exploradores que vieram pesquisar no Brasil, não deixaram seguidores nem modificaram a condição cultural do país.

Com a vinda da família real em 1808, foram tomadas uma série de medidas que contribuíram para o nosso desenvolvimento científico: ensino superior, museu de história natural e jardim botânico. Antes de nossa Independência, poucos brasileiros se destacaram no campo das ciências naturais; dentre eles, podemos citar José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838) e as importantes missões exploradoras de Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815), a *Viagem filosófica*, e a de João Barbosa Rodrigues (1842-1909), *Exploração e estudo do vale do Amazonas* (1875), cujos originais se encontram também na Biblioteca Nacional.

No Segundo Império, as iniciativas de d. Pedro II muito incentivaram as ciências. Em 1874, a Escola Central foi dividida em Escola Politécnica e Escola Militar, possibilitando, assim, pela primeira vez que fosse conferido o grau de bacharel em ciências.

No início do século XX, a situação crítica de saúde pública provocou o aparecimento do Instituto

ELEMENTOS
DE
ASTRONOMIA
PARA USO DOS ALUMNOS
DA
ACADEMIA REAL MILITAR
ORDENADO
POR
MANOEL FERREIRA DE ARAUJO GUIMARÃES
Sargento Mor do Real Corpo de Engenheiros, e Lente do quarto anno da referida Academia.

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSAM REGIA.
ANNO M. DCC. XI
Por Ordem de S. A. R.

GUIMARÃES, Manuel Ferreira de Araújo. *Elementos da astronomia*

de Manguinhos e de uma plêiade de homens voltados à pesquisa científica, dentre eles Oswaldo Cruz (1872-1917), Carlos Chagas (1879-1934) e Manuel de Abreu (1894-1962). Todavia, o ensino permaneceu inteiramente afastado da renovação científica que se operava nos países industrializados. Em meados dos anos 1930, a criação das faculdades de ciências, em São Paulo e no Rio de

Janeiro, deu uma nova dimensão ao ensino científico no Brasil.

A primeira contribuição científica à civilização, elaborada por um natural das Américas, foi o feito realizado, em 1709, pelo brasileiro Bartolomeu Lourenço de Gusmão (1685-1724) que conseguiu a ascensão em alguns metros de um pequeno balão cheio de ar quente, a *Passarola*, cujo desenho original encontra-se na Biblioteca Nacional. Esta experiência que precedeu a utilização prática de um balão tripulado, pelos irmãos franceses Joseph e Etienne Montgolfier (1740-1810 e 1745-1799), em 1783, cuja dirigibilidade seria conseguida, em 1901, pelo brasileiro Alberto Santos-Dumont (1873-1932) que, em 1906, com uma nave mais pesada que o ar, daria início ao domínio do espaço.

a) Livros

1. ALMEIDA, Francisco Antônio de. *A paralaxe do Sol e as passagens de Vênus*. Rio de Janeiro: Typ. do Apóstolo, 1878.

Francisco Antônio de Almeida foi o astrônomo brasileiro responsável pela utilização do revólver fotográfico – invento do astrônomo francês Jules Janssen (1824-1907), que deu origem ao cinema – durante a passagem do planeta Vênus sobre o disco solar, em Nagasaki, Japão, em 9 de dezembro de 1874.

2.1 ALPOYM, José Fernandes Pinto. *Exame de bombeiros*. Madrid: Officina de Francisco Martinezabad, 1748. Res.

2.2 ALPOYM, José Fernandes Pinto. *Exame de artilheiro*. Lisboa: Officina de José Antônio Plates, 1744.

Engenheiro militar português José Fernandes Pinto Alpoim (1700-1765) – um dos mais importantes nomes da engenharia colonial no Brasil – publicou dois valiosos tratados destinado ao ensino de engenheiros – Exame de artilheiro *(1744) e* Exame de bombeiros *(1748). No Rio de Janeiro, executou vários projetos que alteraram o panorama arquitetônico da capital do vice-reinado, como o Palácio dos Vice-Reis (atual Paço Imperial) e o famoso Arco do Teles.*

3. CHAGAS FILHO, Carlos. *Meu pai*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 1993.

Médico brasileiro Carlos Ribeiro Justiniano das Chagas (1879-1934), famoso pela descoberta da doença que leva o seu nome. Teve em seu filho, o cientista Carlos Chagas Filho (1910-2000) – pioneiro no estudo da bioeletro-gênese – um minucioso biógrafo.

4. Coleção Freire Alemão. *Estudos botânicos*.

O médico brasileiro Francisco Freire Alemão (1797-1874), notável botânico e hábil desenhista, elaborou Estudos botânicos *(1834-1866), em 17 volumes, nos quais se encontram reunidos as mais preciosas descrições da flora brasileira.*

5. CORREIA, Manuel Pio. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1926.

O botânico brasileiro Manuel Pio Correia (1874-1934) reuniu a mais valiosa descrição das plantas úteis, exóticas cultivadas do Brasil em um monumental dicionário, ainda hoje, uma das mais importantes fontes de referência sobre a flora brasileira.

6. COUTO, Carlos de Paula. *Paleontologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Dep. Imprensa Nacional, 1953.

O paleontologista brasileiro Carlos de Paula Couto (1910-1982) pioneiro na descoberta da fauna de mamíferos pré-históricos que viveram no Brasil.

7. GOELDI, Emil August. *Álbum de aves amazônicas*. Rio de Janeiro: Liv. Clássica de Aves, 1854-1900.

O naturalista brasileiro de origem suíça Emil August Goeldi (1859-1917) descreveu e desenhou com grande precisão e arte a fauna do Brasil, em especial as aves da região amazônica.

8. GUIMARÃES, Manuel Ferreira de Araújo. *Elementos da astronomia* (primeiro livro de astronomia publicado no Brasil). Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1814.

O militar, político, jornalista e astrônomo brasileiro Manuel Ferreira de Araújo Guimarães (1777-1838) – professor da Academia Real da Marinha de Lisboa e da Academia Real Militar no Rio de Janeiro – escreveu o primeiro livro de astronomia publicado no Brasil.

9. IHERING, Rodolpho von. *Dicionário dos animais do Brasil.* São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, diretoria de Publicidade Agrícola, 1940.

O zoólogo brasileiro Rodolpho von Ihering (1883-1939) elaborou o mais completo dicionário dos animais do Brasil. Suas descrições são até hoje fundamentais, haja vista a nova edição desta valiosa obra que deverá sair ainda este ano.

10. RODRIGUES, João Barbosa. *Sertum palmarum brasiliensium.* Bruxelles: Imprimerie Typographique veuve Monnom, 1903.

O botânico brasileiro João Barbosa Rodrigues (1842-1909) – pioneiro no estudo sobre palmeiras e orquídeas no Brasil – escreveu várias obras-primas sobre a flora brasileira. Deixou também valiosos relatos sobre suas viagens às regiões amazônicas e às nações indígenas.

11.1 RUSCHI, Augusto. *Aves do Brasil.* São Paulo: Ed. Rios, 1979.

11.2 RUSCHI, Augusto. *Beija-flores do Estado do Espírito Santo.* São Paulo: Ed. Rios, 1982.

11.3 RUSCHI, Augusto. *Orquídeas do Estado do Espírito Santo.* Rio de Janeiro: Expressão e Cultura,1986.

O naturalista brasileiro Augusto Ruschi (1915-1986) – notável por seus estudos sobre os beija-flores e as orquídeas – foi um ardoroso defensor da natureza no Brasil. Transformou sua residência, construída no século XIX por seu avô num terreno de 80 mil metros quadrados da mata, em um museu de história natural que doou ao governo federal.

12.1. Santos-Dumont, Alberto. *Dans L'Air.* Librairie Charpentier et Fasquelle, Paris, 1904

12.2 Santos-Dumont, Alberto. *O que eu vi, o que nós veremos.* São Paulo, 1918 (com dedicatória de Santos-Dumont ao dr. Coelho Neto).

O aeronauta brasileiro Alberto Santos-Dumont – pai da aviação –, após assegurar a dirigibilidade dos balões, em 1901, conseguiu, mais tarde, em 1906, realizar o primeiro vôo documentado do mais pesado que o ar na história da aviação.

13. SICK, Helmut. *Ornitologia brasileira.* cód.

O ornitólogo brasileiro de origem alemã Heinrich Maximiliam Friedrich Helmut Sick (1910-1991) – pioneiro na descrição das aves brasileiras ameaçadas de extinção – deixou os mais belos livros sobre as aves brasileiras editados no Brasil.

14. CRULS, Luís. *Carta de Luís Cruls ao Imperador do Brasil, D. Pedro II, prestando informações para que este pudesse observar o aparecimento de um cometa nos céus de Petrópolis.* Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1887.

O astrônomo brasileiro de origem belga Luís Ferdinando Cruls (1848-1908), além de chefiar a comissão que delimitou a região onde seria construída a cidade de Brasília, determinou as nascentes do rio Javari, cuja localização foi fundamental na solução da questão acreana, disputa de fronteira entre o Brasil e a Bolívia.

15. AZEVEDO, Fernando de. *As ciências no Brasil.* [Rio de Janeiro] Melhoramentos [1956] 2 v. il.

O sociólogo e educador brasileiro Fernando de Azevedo (1894-1974), além da obra-prima A cultura brasileira *(1956), coordenou a mais completa coletânea de ensaios sobre as ciências em nosso país:* As ciências no Brasil *(1955).*

16. GUSMÃO, Bartolomeu Lourenço de. *A Passarola.* [1709]

O religioso e aeronauta brasileiro Bartolomeu Lourenço de Gusmão (1685-1724), um dos pioneiros da aeronavegação, que em virtude de suas experiências com um balão de ar quente – A Passarola – foi apelidado de Padre Voador.

XVII A Paixão do Brasileiro

A Música Popular

Ricardo Cravo Albin

A história da música popular brasileira nasce no exato momento em que, numa senzala qualquer, os índios (quem sabe se os mesmos registrados por Jean de Léry, que os viu cantando ao tempo da França Antártica de Villegagnon?) começam a acompanhar as palmas dos negros cativos, enquanto os colonizadores brancos se deixam penetrar pela magia do cantarolar das negras de formas curvilíneas. Esse almágama, maturado sensual, lentamente, por mais de quatro séculos, daria uma resultante definida há cerca de cem anos, quando é criado, no Rio, o choro e quando surgem o maxixe, o frevo e o samba.

Daí para cá, o último século, aberto tanto pela Abolição da Escravatura (1888) quanto pela Proclamação da República (1889), assistiu à consolidação de uma renovação cultural que nos redimiu: a dramática ascensão e formatização da civilização mulata no Brasil. E com ela, a consolidação de sua filha primogênita, a mais querida e a mais abrangente, a MPB.

Alias, a extraordinária capacitação brasileira de incorporar, de deglutir, de ruminar as mais várias culturas – a meu ver, de resto, a contribuição mais original do Brasil para a história das civilizações, neste milênio – vai encontrar, justamente no nosso cancioneiro, seu espelho mais veemente, provocador e estimulante.

Devo observar que as músicas populares de outros países como Alemanha, França, Portugal, Rússia, Itália, toda Escandinávia e tantos outros (à exceção dos Estados Unidos, onde o *jazz* se desenvolveu com vigor diferente) são muitíssimo mais discretas e – aí sim – avaliadas em modesto patamar cultural. Por quê? Porque a elas faltam as labaredas rejuvenescedoras tanto da miscigenação, quanto as de um país jovem, como o Brasil.

Chiquinha Gonzaga

1. BARBOSA, Domingos Caldas. *Viola de Lereno*. Lisboa: Na Officina Nunesiana, Anno 1798.

O modinheiro Domingos Caldas Barbosa espalhou suas canções pelo Rio colonial nas décadas derradeiras do século XVIII. As cantigas, no mais das vezes de amor, estruturadas em versalhada opulenta, quase sempre exagerada, tinham ancestralidade plantada nas fontes portuguesas das canções medievais.

2. GARCIA, Padre José Maurício Nunes. Partitura "Beijo a mão que me condena".(edição organizada por Aluísio de A. Pinto)

Peça raríssima, datada de 1830, esta modinha, cuja forma se enquadra nos parâmetros do gênero musical popular, é um derradeiro suspiro d'amore *(sua última composição) do nosso primeiro grande compositor, geralmente considerado o maior autor de música sacra das Américas no século XVIII.*

3. SILVA, Francisco Manuel da. Partitura "A Marrequinha de Iaiá" (lundu).

O lundu é considerado, ao lado da modinha, o gênero musical inicial em que foi vazado o início da MPB, justamente sua face miscigênica, em que o ritmo negro e a descontração literária são observadas. Esta partitura é, especialmente, significativa porque foi escrita pelo mesmo severo autor do Hino Nacional Brasileiro, em 1840.

4. GONZAGA, Chiquinha. Partitura "O abre-alas".

A maestrina Chiquinha Gonzaga pode ser considerada o primeiro grande autor, no sentido mais amplo e verdadeiro do termo, da história da MPB. A marcha "O abre-alas"foi a música mais cantada no carnaval que abriu o século XX (1889-1900), enquanto a modinha "Lua branca", extraída da peça "Forrobodó", é até hoje uma das modinhas mais marcantes do mesmo século.

5. BAHIA, Xisto. *Isto é bom*. Lundu. Disco 78 com Eduardo das Neves.

Este disco é duplamente importante. Primeiro, por conter a gravação do lundu de Xisto Bahia (1838-1885), a peça mais famosa do lunduzeiro mais reconhecido do país no século XIX. Eduardo das Neves, o célebre Nego Dudu gravou o disco, para a Odeon Talking Machine, que retomou nos anos 10 o pioneirismo de Fred Figner e sua Casa Edison, que começaram a fabricar os discos iniciais (em 78 RPM) a partir de 1902.

6. ROSA, Noel. Partituras originais de "Com que roupa?".

Noel Rosa estreou com "Com que roupa", no carnaval de 1931. O maior poeta da MPB, cognominado "o filósofo do samba", faria, além das músicas de referência biográfica, algumas peças em que louvava a sedução do Rio de Janeiro, como a rara "Cidade mulher".

7. PINTO, Alexandre Gonçalves (o Carteiro). *Choro*

Considerado o primeiro livro sobre o gênero musical carioca, o choro, criado pelo flautista J. A. da Silva Callado a partir de 1870, este volume tem valor histórico qualificado. Apesar da irregularidade e até precariedade, por vezes, do texto.

Pixinguinha e Copinha

8. BARBOSA, Orestes. *Samba*, sua história, seus poetas, seus manuscritos e seus cantores. Rio de Janeiro: Livraria Educadora, 1933.

Orestes Barbosa não foi apenas o grande poeta da obra-prima "Chão de estrelas". Foi jornalista qualificado nas melhores redações do seu tempo e ainda autor deste belo livro, em que são passados em revista personagens e fatos relevantes ligados ao início do samba, considerado hoje por muitos como o gênero nacional, em música popular

9. BABO, Lamartine & IRMÃOS VALENÇA. Partitura de "O teu cabelo não nega".

Esta marchinha bem pode ser considerada a mais célebre e significativa da história do carnaval brasileiro. Escrita por Lamartine Babo e pelos Irmãos Valença (autores de frevo do Recife), ganhou os corações brasileiros a partir do carnaval de 1932, sendo exaltada até hoje como abertura e encerramento dos bailes carnavalescos.

10. SINHÔ. Partitura *Jura*.

Se Donga foi historicamente o primeiro sambista, o Sinhô (José Barbosa da Silva) terá sido o pioneiro a profissionalizá-lo, embora em torno do nome. O sucesso de Sinhô (1920-1930) teve seu apogeu com o samba "Jura", gravado quase simultaneamente por Aracy Cortes e Mário Reis, que então iniciava carreira pelas mãos do autor, também seu professor de violão.

11. Partitura "Valsa de uma cidade" – Antônio Maria e Ismael Neto (1954)

Se a marcha "Cidade Maravilhosa" (de André Filho, 1933) é o hino oficial da cidade do Rio de Janeiro, a valsa do poeta e cronista Antônio Maria e do músico e criador do conjunto "Os cariocas", Ismael Neto, é o outro hino da cidade. Um terno, lírico hino-valsa, em que a modernidade que seria introduzida pela bossa-nova já se antecipa.

12. "Modinhas imperiais" – Mário de Andrade – 1930

Esta primeira edição de Mário de Andrade é fruto de exaustivo trabalho de pesquisas que lhe tomou vários anos. O resultado, contudo, é opulento, como informação e como definição das modinhas por ele recolhidas. Trata-se do primeiro grande livro editado no Brasil sobre tema ligado à música popular brasileira, a modinha.

13. DONGA. Partitura de "Pelo telefone".

A partitura original de "Pelo telefone" não representa apenas a certidão de batismo do samba, em 1917, apesar da palavra já existir muito antes, inclusive sendo ligada, aqui e acolá, a algumas outras músicas. Contudo, seu autor, Donga (Ernesto dos Santos), correu à Biblioteca Nacional para registrá-la, o que significava uma intenção muito clara de preservar os direitos que dela poderiam ser absorvidos posteriormente.

14. CERNICCHIARO, Vincenzo. *Storia della musica nel Brasile.* Milano: Fratelli Riccioni, 1926.

Esta rarlssima edição (datada de 1926) é considerada fundamental para a história da nossa música popular, porque qualifica pela primeira vez a MPB em livro editado fora do Brasil. Fato a considerar-se aqui é que este livro jamais foi traduzido para o português, o que configura um quase absurdo editorial.

15. JOBIM, Tom & MORAES, Vinícius de. Partitura original de "Chega de saudade".

Esta música pode ser considerada "peça de ruptura" da MPB. A ruptura provocada pela bossa-nova de Tom Jobim e Vinícius de Moraes – sem, é claro – esquecer-se do violão do seu principal intérprete, o baiano João Gilberto. Juntos eles três fizeram a revolução da bossa-nova, internacionalizando a música popular do Brasil a partir de 1960. Um caminho hoje sem volta e que qualifica a MPB como o mais bem-sucedido produto de exportação cultural de que dispõe o pais.

Ari Barroso

A Imagem do Carnaval Brasileiro: do Entrudo aos Nossos Dias

Fred Góes

O carnaval é uma das manifestações que melhor expressam a pluralidade cultural da gente brasileira. Descendente das festas pagãs de tempos imemoriais, foi aqui reinventado, ao miscigenar elementos sacros e profanos de diversas origens, especialmente, portuguesa, negra e ameríndia.

É nesse período, em que a linearidade da cronologia cotidiana se redimensiona e a estratificação social se torna mais maleável, que melhor revelamos a exuberância de nossa criatividade em vários campos artísticos, por meio da música, da dança, da indumentária, de diferentes expressões das artes plásticas e das artes cênicas. Somos, enfim, os produtores da mais monumental festa do planeta. Isso porque o conceito genérico de carnaval abarca uma infinidade de manifestações que desvelam a fisionomia múltipla dos nossos caracteres regionais. Não comemoramos, portanto, um carnaval, mas muitos deles, e diferenciados. Do Rio de Janeiro, as Escolas de Samba se espalharam pelo Brasil, tornando-se a expressão mais conhecida. Mas além delas, há as Escolas de Samba paulistas que se originam, muitas vezes, das torcidas organizadas dos clubes de futebol. Em Pernambuco, a festa destaca-se pelo vigor das orquestras de frevo, nas suas diversas modalidades, pelas troças e blocos, maracatus, caboclinhos e pelos bonecos gigantes de Olinda. Na Bahia, contrastam os afoxés percussivos, de origem religiosa, com a fúria sonora do Trio Elétrico, caminhão da alegria, de onde surge a sonoridade antropofágica, que mistura frevo "trieletrizado" com *rock* e samba duro com *reggae*, denominada de axé.

Durante pelo menos trinta anos, na era áurea do rádio, nossa música popular dividia-se entre a música de meio de ano e a de carnaval, momento em que a marchinha e o samba reinavam absolutos. Com o advento da televisão, o desfile das Escolas de Samba cariocas tornou-se, junto com o futebol, o produto cultural de exportação que melhor nos identificava no exterior. Assistimos neste momento, tempo de globalização, virtualidade e aceleradas transformações, ao carnaval ultrapassar os limites dos dias precedentes à quaresma, nas versões carnas/folias fora de época, ao ano inteiro, por todo o país. A marchinha, o samba e o frevo tornam-se axé-*music* e a fantasia é substituída pelo abadá.

1. Dois croquis dos figurinos da Escola de Samba Estácio de Sá do carnaval de 1992, de autoria de Chico Feitosa (ala "os acadêmicos").

A Escola de Samba Estácio de Sá foi campeã no ano de 1992 com enredo de autoria do carnavalesco Chico Feitosa em homenagem à Semana de Arte Moderna. Junto aos croquis das fantasias Graça Aranha e Guilherme de Almeida há um recorte de tecido usado na confecção do figurino.

2. PEDERNEIRAS, Raul. *Carnaval de outrora*: cenas da Vida Carioca. Caricaturas. Rio de Janeiro: Off. graph. do Jornal do Brasil, 1924.

Obra doada à FBN pelo autor em 1924. Estão representadas as fantasias características dos carnavais de rua do Rio que nos anos 20 já não eram mais usadas.

3. PEDERNEIRAS, Raul. *Carnaval de outrora*. cenas da vida carioca. Desenho. Bigodinho: História carnavalesca. Rio de Janeiro: Off. graph. do Jornal do Brasil, 1924.

Obra doada à FBN pelo autor em 1935. História em quadrinhos que retrata uma cena do carnaval do passado.

4. JULIÃO, Carlos prancha XXXVI

5. JULIÃO, Carlos prancha XXXVII

Festa de Reis em aquarelas de Carlos Julião, século XVIII, em que são retratados o cortejo e a coroação de uma rainha negra. Esta é uma das formas de expressão religiosa absorvidas pelo carnaval.

6. Partitura de "Mamãe Eu Quero".

Uma das músicas mais executadas no carnaval, desde seu lançamento em 1937. Marchinha exemplarmente popular e carnavalesca tanto em termos de música, quanto de letra da autoria de Vicente Paiva e Jararaca (José Luiz Calazans).

7. ALENCAR, Edigar de. *O carnaval carioca através da música*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1965.

Obra panorâmica da evolução da música carnavalesca, dos primórdios ao final dos anos 70, em sua 3ª edição de 1979. O autor indica os grandes sucessos ano a ano.

8. Eneida. *História de carnaval carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

O livro de Eneida de Morais, lançado em 1958, é referência básica para os que estudam o universo carnavalesco. Além de cronista, poetisa e contista, era a promotora do Baile do Pierrot que se tornou uma tradição do carnaval carioca.

9. FONYAT, Bina. *Carnaval*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

Homens solitários, fantasiados de índio, eram personagens comuns que foram desaparecendo do carnaval de rua do Rio de Janeiro.

10. PILÓ, Manuel. Quarteto. *Figuras do Carnaval*. ico – 48 cartas color.
Fantasia
Carnaval

Fantasias recorrentes nos carnavais dos anos 50.

11. J. Carlos. *Revista Paratodos* 8/05/26. Desenho original.

Desenho original de J. Carlos (arte final) para a capa da Revista Paratodos de 8-05-1926. A melindrosa foi a protagonista do traço do autor, tornando-se uma fantasia freqüente em todos os carnavais.

12. Dom Quixote ano 2 n.52 p.4/5 de 22/02/1896.

Angelo Agostini propõe uma brincadeira carnavalesca ao leitor, no desenho que retrata o carnaval de 1896. Diz a legenda: "Por uma arte ainda mais diabólica do que a carnavalesca, enorme quantidade de confetes e serpentinas caiu sobre este desenho que representava as proezas do carnaval e os belos préstitos das três principais sociedades. Os Tenentes e Democráticos ficaram completamente sacrificados! Todavia, é bom declarar: Quem tiver curiosidade de querer vê-los, poderá satisfazer seus desejos tirando, um por um, todos os confetes".

13. DOM QUIXOTE p.8

Angelo Agostini representa duas situações de fim de festa: a 4ª feira de cinzas na rua e num salão.

14. AL [José de Alencar]. *Ao correr da penna* (revista). *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, 14 jan. 1855.

José de Alencar noticia a grande novidade para o carnaval de 1855, a saída da Grande Sociedade Congresso das Sumidades Carnavalescas, *da qual foi um dos fundadores. O desfile ocorreu no dia 18 de fevereiro de 1855, saindo às 15 horas do Largo D. Manuel , recolhendo-se no Teatro de S. Pedro.*

15. RIO, João do. Elogio do cordão. *Kosmos*. Rio de Janeiro, fev. 1906. não paginado.

Em seu Elogio do cordão *de 1906, João do Rio afirma: "O cordão é o carnaval, é o último elo das religiões pagãs, é bem o conservador do sagrado dia do Deboche ritual." Os desenhos que ilustram o texto são de Kalisto. Há , entre eles, um travesti, vestido de baiana, cheio de tatuagens.*

16. ANDRADE, Carlos Drummond de. Um homem e seu carnaval. *Revista leitura*. Rio de Janeiro, n. 8, ano XVI, fev. 1958. p.11

O poeta revela sua perplexidade diante da louca folia carnavalesca. Sente-se abandonado por Deus.

17. LIRA, Mariza. Relíquias cariocas: carnaval, as grandes sociedades, cordões e ranchos carnavalescos, escolas de samba. *Vamos Ler!* Rio de Janeiro. p. 51-53, 9 fev. 1939.

Marisa Lira , musicóloga e folclorista, foi uma das pioneiras dos estudos da música popular urbana.

18. J. CARLOS. *Revista Paratodos* 23/02/23 (CAPA)

Desenho caricatural de J. Carlos que retrata com fidelidade o clima de folia do carnaval, em que se vê um homem travestido de bailarina e a figura de Carlitos.

19. *Revista Paratodos* 23/02/23 (a mesma revista) pp. 22/23

Baile dos Artistas no ano de 1923, realizado no Palácio Teatro.

20. *Revista Paratodos* 23/02/23 (a mesma revista) pp. 24/25

Flagrantes do carnaval de 1923 : Bailes de Clubes, o corso e préstitos da 3ª feira gorda em que se vêem os carros alegóricos ou "carros de crítica" de algumas das mais famosas Grandes Sociedades: Tenentes do Diabo, Fenianos e Democráticos.

21. Foto de Alair Gomes: Carnaval de Rua

Fotografia do acervo de Alair Gomes doado à FNB em que o tema central é o amor mascarado, o amor fugaz de carnaval.

22. Foto de Alair Gomes : Carnaval de Rua

Fotografia do acervo de Alair Gomes doado à FBN em que o Bloco Cacique de Ramos e flagrado em plena evolução na Av. Rio Branco no ano de 1971.

Brasil do Futebol: a Produção de Milhões de Reis em um Século de Paixão

Simoni Lahud Guedes

Dentre as múltiplas dimensões da brasilidade construídas ao longo da história, pós e pré-cabralina, uma das mais vigorosas é, sem dúvida, a que se consolida no último século através do futebol. Nos campos de futebol, os brasileiros têm colocado em jogo inúmeros significados, com níveis de abrangência e referências diversas. A honra nacional não é o menor deles. De fato, como nos lembra o gênio de Nélson Rodrigues, é o futebol que tem a possibilidade de nos transformar, de um momento para outro, através dos caprichos de uma bola e do desempenho do selecionado, em milhões de reis, vestidos com o manto da bandeira nacional brasileira, milagrosa e simultaneamente individualizados e irmanados por nossa emoção. Mas é também pelas mesmas razões que nos sentimos "vira-latas", que esquadrinhamos minuciosamente o que representamos como a "nossa formação étnica" para compreender os determinantes de nosso fracasso.

Esporte mais popular do mundo, o futebol tem um segredo: é sempre o mesmo e é sempre diferente. É mágico. Apropriado como uma das principais referências sobre o Brasil e os brasileiros, tem-se constituído no mais importante espaço simbólico no qual cristalizamos e negociamos nossa identidade nacional, permitindo que exaltemos as nossas glórias e driblemos os nossos fracassos.

1. FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

Estréia "Acadêmica" do Futebol

2. MÁRIO FILHO. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Pongetti, 1947

O livro mais importante acerca do futebol brasileiro, enriquecido com um prefácio famoso de Gilberto Freyre.

3. MAZZONI, Thomaz. *História do futebol no Brasil*: 1894-1950 São Paulo: Edições Leia, 1950.

Também um livro fundamental, totalmente construido com arquivos do autor.

4. LYRA FILHO, João. *Introdução à sociologia dos desportos*. Rio de Janeiro: Bloch; Brasilia: Instituto Nacional do Livro, 1973

João Lyra Filho foi o pioneiro na sociologia dos esportes no Brasil.

5. RODRIGUES, Nélson. *À sombra das chuteiras imortais*. Seleção e notas de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

__________________. *'A Pátria em chuteiras*. Seleção e notas de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

Do "complexo de vira-latas" à "pátria de chuteiras", o futebol brasileiro deve a Nélson Rodrigues a autoria de suas maiores jogadas nas letras.

6. ANDRADE, Carlos Drummond de. Poema dedicado à equipe brasileira vencedora da Copa do Mundo de Futebol de 1970, publicado no *Jornal do Brasil* de sábado, 20 de junho de 1970.

Tributo do poeta à paixão nacional.

7 MENDONÇA, Marcos Carneiro de. Álbuns de recortes (2)
Contém, além de recortes de jornais de 1910 a 1919, em suas mais de quinhentas páginas, referentes aos jogos de que o autor participou, uma série(nomes, lembretes, gracejos) de observações do próprio punho de Marcos e, ainda, fotografias.

Legado do atleta-historiador à posteridade: preciosidade guardada pela Biblioteca Nacional.

8. *Jornal dos Sports*

Este jornal fundado em 1931 é ainda o maior existente dedicado ao jornalismo esportivo que é parte fundamental do fenômeno do futebol brasileiro.

9. *Manchete esportiva*

Textos e, principalmente, imagens que popularizaram e divulgaram o futebol no Brasil, através desta importante revista.

10. MARTINS, Aldemir. *Brasil futebol-rei*. Rio de Janeiro: Imago, 1965.

O estilo brasileiro de futebol: o drible, o jogo de cintura, a finta ...

XVIII Olhares Sobre o Rio de Janeiro

Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha

É quatro vezes centenária a atração que a região da baía de Guanabara e do Rio de Janeiro sempre exercem sobre os que a ela aportaram.

Desde que a frota de Martim Afonso de Souza, entre 1530-1532, passou pela região ainda desconhecida, que as manifestações entusiásticas sobre a paisagem com exuberante vegetação tropical enchem páginas e páginas de muitos dos mais conhecidos livros sobre a terra fluminense, registrando impressões de franceses, ingleses, alemães, suecos, dinamarqueses, russos, além dos portugueses colonizadores. Da simples descrição textual às impressões expressas com sensibilidade por artistas ou amadores com formação nas técnicas de pintura, desenho, aquarela e gravura (não esquecendo a partir dos meados do século XIX a fotografia) que se registram nestes quatros séculos as mudanças ocorridas na região.

A expansão da cidade do Rio de Janeiro, de pequeno núcleo no morro Cara de Cão (1565), transferido dois anos depois para o morro mais protegido e a cavaleiro da baía – morro do Castelo – em 1567 – e daí avançando para a várzea e para o interior e circunvizinhanças, numa potente e visível conquista da terra, tomada paulatinamente aos charcos e pântanos; a instalação e desenvolvimento do núcleo urbano (de arquitetura típica colonial) e o aumento populacional (com a variedade de raças e cores) estão fixados nos inúmeros documentos iconográficos e cartográficos que até hoje são objeto de interesse por parte de estudiosos e colecionadores.

A visão romântica da paisagem no século XIX, levando os europeus a viajar para conhecer e contemplar o exótico e o pitoresco de terras distantes, canalizou para o Rio de Janeiro grande número desses aficionados , testemunhas oculares que, posteriormente, de volta a seus países legaram aos contemporâneos suas impressões. Conhece-se pela opulenta bibliografia o quanto de fascínio a paisagem e os costumes da cidade do Rio de Janeiro exerceram sobre os europeus.

Os testemunhos reunidos nesta mostra dão a medida exata do interesse pela cidade do Rio de Janeiro, através dos documentos iconográficos e cartográficos, bem como os preciosos e profusamente ilustrados livros de viajantes que atualmente fazem parte do acervo da Biblioteca Nacional.

ADALBERT, príncipe da Prússia. *Skizzen zu den Tagebuch.*

1. ADALBERT, príncipe da Prússia. *Skizzen zu den Tagebuch*. Berlim: Dekersche Geheime Ober Hofuchdruckerei, 1847. 44 est.

ADALBERT, príncipe da Prússia, 1811-1873. Alemão, o príncipe de Wied-Neuwied viajou pelo Brasil na década de 1840, percorrendo a Bahia, Espirito Santo. Chegando de navio à cidade, desenhou algumas das mais belas visões do Rio de Janeiro reproduzidas a aguatinta no seu famoso álbum intitulado "Do meu diário". O recorte das montanhas, a luminosidade do raiar do dia, a lua refletida nas águas da baía de Botafogo ou a silhueta do gigante adormecido visto do alto-mar tornam as aguatintas de seu álbum um dos mais preciosos conjuntos iconográficos publicados no século XIX.

2. A.P.D.G. *Sketchs of Portuguese Life, Manners and Costume and Character*. Illustrated by twenty coloured plates by A.P.D.G. London : B. Withaker, 1826. 346 pr. aguatinta color.

A. P. D. G. Sob estas iniciais se esconde o autor de uma das mais interessantes obras que retrata em estampas e textos costumes portugueses. Escrito nos primórdios do século XIX por um inglês que serviu no exército em Lisboa e acompanhou a corte ao Brasil. Mordaz e satírico nas observações registradas e nos traços caricaturais das estampas que, nas peças referentes ao Brasil, enfocam cenas: o beija-mão real no Palácio de São Cristóvão e uma cena de recepção em residência particular, onde eram comum os saraus musicais sempre com a presença dos castrati – raríssimos documentos da vida social no Rio de Janeiro entre 1808 e 1821.

3. BERTICHEN, Pedro Godofredo. *O Brasil pitoresco e monumental*. Publicado por Rensburg. Rio de Janeiro : Lith Imperial de Rensburg, 1856. 46 est.

BERTICHEN, Pedro Godofredo, 1796-1866. Artista holandês radicado no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. Além de quadros a óleo, dedicou-se à litografia preparando um conjunto de 45 pranchas de aspecto arquitetônicos da cidade, editado em 1856.

4. CHAMBERLAIN. *Views and Costumes of City and Neighbourhood of Rio de Janeiro, Brazil, 1819-1820*. London : Mowlet and Brinner, 1822. 36 est. aguatinta color.

CHAMBERLAIN, Henry, 1796-1844. Oficial da marinha inglesa, sediado no Rio de Janeiro entre 1815 e 1829. Artista amador, de seus esboços e desenhos realizados foi editado na Inglaterra um álbum de aguatinta – tipos populares, panoramas, costumes locais. Fazem parte do documentário que intitulou Vistas e costumes da cidade do Rio de Janeiro *que já mereceu neste século duas edições fac-similares.*

5. DEBRET, Jean-Baptiste. *Voyage pittoresque et historique au Brésil; ou Séjour d'un artiste français au Brésil depuis 1816 jusqu'en 1831 inclusivement*. Paris : Firmin-Didot frères, 1834-39. 3 v. color.

DEBRET, Jean-Batiste, 1768-1848. Francês, com formação acadêmica na Academie des Beaux-Arts de Paris, aluno do famoso pintor David de quem recebeu influências marcantes. Veio para o Brasil como membro da Missão Artistica Francesa. Colaborou em 1816 na ornamentação da cidade por ocasião dos festejos da coroação de d. João VI, rei de Portugal e também da recepção à princesa Leopoldina, princesa austríaca e esposa do príncipe real d. Pedro. Além de vários quadros a óleo, reuniu valioso documentário social – tipos, aspectos e costumes, acontecimentos históricos que ocorreram na cidade entre 1816 e 1831 editados em litografias que compõem três volumes. Nomeado professor de Pintura Histórica na Imperial Academia de Belas-Artes, voltou à França em 1831.

6. DESMONS. *Panorama da cidade do Rio de Janeiro*. Coleção de 13 vistas do Rio de Janeiro desenhadas por Desmons. Rio de Janeiro: Banco do Estado da Guanabara, 1963. Reprodução do original.

DESMONS, Iluchar, 1803-1858, post. Francês, com formação artística, se transfere para o Rio de Janeiro em 1840 tendo fixado aspectos da cidade que compõem o álbum editado por Lemercier em 1855 com treze aspectos paisagísticos.

7. ENDER, Thomas. *Zeichnungen von Schiffer...und figuren mit 71 Seiten*. 1817. 244 des. originais.

ENDER, Thomas, 1793-1875. Austríaco de formação acadêmica, foi aluno da Escola de Belas-Artes de Viena. Participou da Missão Científica Austríaca que acompanhou em 1817

12

6

2

a princesa Leopoldina, recém-esposada do príncipe real d. Pedro. Permaneceu um ano no Brasil produzindo cerca de 800 aquarelas que levadas para a Áustria, atualmente enriquecem a Biblioteca da Academia de Belas-Artes. A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro possui um precioso conjunto de esboços a lápis e aquarelas de sua autoria, onde estão fixados aspectos da cidade, costumes de escravos e panoramas.

8. HASTREL, Adolfo d'. *Rio de Janeiro ou Souvenirs du Brésil dessinés d'après nature*. Paris : F. Delarue; London : Hambart Junior L. Co., 1859.
HASTREL, Adolphe d', 1802-1870. Artista francês que visitou a cidade na década de 1840-1850, fixando em litografias de espírito romântico aspectos da paisagem, o pitoresco da arquitetura com pequenas figuras de costumes em seu álbum impresso depois de sua volta.

9. JULIÃO, Carlos. *Riscos illuminados de figurinhos de brancos e negros dos uzos de Rio de Janeiro e Serro do Frio*. Aquarelas.

JULIÃO, Carlos, 1740-? Italiano de Turim, contratado pelo exército português, participou de viagens às colônias – Índia e Brasil. Além de mapas de fortalezas, reuniu num álbum de aquarelas testemunhos de costumes do Rio de Janeiro e Serro do Frio em número de 43 folhas. O conjunto compreende também vários desenhos de deuses da Índia, acompanhados de explicações e desenhos de objetos da prata do Peru encontrados num navio naufragado nas costas de Perriche (em Portugal). Todo álbum é de propriedade da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, tendo merecido edição fac-similar em 1960.

10. LUDWIG AND BRIGGS, *Brazilian Souvenir, a Selection of the Most Peculiar Costumes of the Brazils*. Rio de Janeiro : Lith. Ludwig e Briggs, 1845. 30 lit. aquar.

LUDWIG, Pedro & BRIGGS, Frederico Guilherme. Sócios da firma que no Rio de Janeiro se dedicou a trabalhos de caráter comercial de reprodução litográfica.
Briggs estudou na Imperial Academia de Belas-Artes e se aperfeiçoou em litografia na oficina da Day and Haghe *em Londres. É deles o álbum de costumes do Brasil editado naquela firma e que mereceu edição fac-similar pela Biblioteca Nacional, acompanhado de estudo histórico sobre o artista e sua oficina.*

11. MARTINET, J. Alfred. *O Brasil pittoresco, histórico e monumental*. Rio de Janeiro : Typ. Laemmert, 1847. 21 p., 4 lit. aquar.

MARTINET, J. Alfred, 1821-post. 1872. De família francesa dedicada às artes gráficas por várias gerações, desde o século XVII – veio para o Brasil na década de 1840, trabalhando como pintor e litógrafo deixando óleos e litografias de pontos pitorescos da cidade, reunidas em álbum acompanhado de descrição. Sua atuação foi estudada e publicada nos Anais da Biblioteca Nacional, *vol. 98, onde está levantada toda sua obra gráfica que inclui também registros de santos.*

12. MOREAUX, Louis Auguste. *Rio de Janeiro pitoresco*. por L. Buvelot e Auguste Moreaux. Rio de Janeiro : Lith. de Heaton e Rensburg, 1845. 18 litog.

MOREAUX, Louis Auguste, 1818-1877. De origem francesa, veio com seu irmão François René, viajaram por várias regiões do Brasil e participaram da Exposição Geral de Belas-Artes em 1841, obtendo medalhas de ouro. Pintaram temas religiosos e desenhos de festas populares. Destaca-se na obra de Louis Auguste o álbum de litografias preparado em colaboração com Louis Buvelot, artista que partiu para Austrália onde se radicou.

13. FERREZ, Gilberto (Texto e organização). *A muito leal e heróica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro : Ed. por R. de Castro Maya, C. Guinle de Paula Machado, F. Machado Portella e Banco Boavista, 1965.

A muito leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, *organizada para marcar as comemorações dos quatrocentos anos de fundação da cidade, a obra se constitui num dos marcos dos festejos que se realizaram no ano de 1965.*

Síntese histórica dos quatros séculos através de textos eruditos valorizados pelas inúmeras ilustrações a cores selecionadas em livros, peças avulsas raras e preciosas. É importante obra de referência para os estudiosos do Rio de Janeiro.

14. OUSELEY, William Gore. *Views in South America from Original Drawings Made in Brazil, the River Plate, the Parana*. London : T. MacLean, 1852. 26 est. color.

OUSELEY, William Gore, 1797-1866, inglês, veio para o Brasil em 1834-1835, exercendo cargos na diplomacia da legação britânica. Viajou também à Argentina. Deixou-nos um álbum de litografias coloridas que inclui várias pranchas do Rio de Janeiro, impressa na Inglaterra em 1852.

15. PLANITZ, Carlos Roberto, barão de. *12 vistas do Rio de Janeiro*, desenhadas por C.B. de Planitz e lithographadas por *Speckter* e Cia. Hamburgo : Roberto Kitter; Rio de Janeiro : Ed. Laemmert [*circa* 1840]. 12 litogr.

CARLOS ROBERTO, barão de Planitz, 1806-1847. Alemão de origem radicou-se no Brasil exercendo cargo de professor do Colégio D. Pedro II tendo-se naturalizado brasileiro. Conhecem-se de sua autoria os desenhos litografados de 12 aspectos da cidade e um panorama tirado da ilha das Cobras, em 4 partes. Homem de grande cultura, desenhou também um Atlas Genealógico da Família Imperial e textos elaborados em latim, italiano e alemão.

16. RUGENDAS, Johann Moritz. *Malerische Reise in Brasilien*. Paris : Engelmann & Cia., 1835. 100 est.

RUGENDAS, Johann Moritz, 1802-1858. Natural da Alemanha, pintor e desenhista com formação acadêmica na Academia de Belas-Artes de Munique, sendo influenciado também por seu pai e tios, também artistas. Veio ao Brasil em 1821 participando da Missão Científica russa, dirigida pelo barão de Langsdorff, porém desistiu de acompanhar o roteiro da expedição e independentemente produziu grande número de desenhos de regiões brasileiras. De volta a Europa editou na litografia de Engelmann com texto bilingüe o álbum Viagem de um pintor ao Brasil. *Em 1831 volta à América – ao México e Chile; em 1847 retorna ao Brasil sempre documentando os aspectos da paisagem , usos e costumes cujos desenhos atualmente enriquecem várias coleções brasileiras. Deixou ainda quadros a óleo e retratos de membros da Família Imperial Brasileira.*

17. SISSON, Sebastião Augusto. *Álbum do Rio de Janeiro moderno*. Rio de Janeiro : Lith. de A. Sisson, [18—]. 12 est.

SISSON, Sebastien Auguste, 1829-1898. Pintor, desenhista, caricaturista e litógrafo, veio ao Brasil em 1852, participando dos trabalhos litográficos de caráter satírico, publicados no Brasil Ilustrado *e retratos de brasileiros ilustres ligados à política. Editou na sua* Litografia Imperial de A. Sisson *o álbum citado nesta exposição e também uma revista de caráter satírico:* A comédia social.

18. STEINMANN, Johann. *Souvenirs do Rio de Janeiro*, dessinés d'après nature & publiés par J. Steinmann, 1839. 12 est. color.

STEINMANN, Johann Jacob, 1800-1844. Natural de Basiléia (Suíça) aperfeiçoou-se em litografia com Engelmann na Alsácia e com Senenfelder em Paris. Contratado para lecionar esta técnica aplicada à reprodução cartográfica no Arquivo Militar, chegou no ano de 1825. Trabalhou cinco anos para o governo imperial, desligando-se de seus compromissos, após o que deu continuidade aos trabalhos em oficina própria. De volta à Suíça, levou desenhos de vistas e aspectos do Brasil que foram gravados à aguatinta por Friederich Salathé e que ocorrem em álbum, cujas folhas são enquadradas em litografias de decoração naturalista. Este álbum, editado três vezes em fac-símile, teve no publicado em 1967 um estudo informativo sobre os litógrafos Steinmann e Salathé.

19. THEREMIN, Wilhelm Karl. *Saudades do Rio de Janeiro*. Berlim: L. Sachs e comp., 1835. 6 litogr. aquar.

THEREMIN, Karl Wilhelm, 1784-1852. De origem alemã, chega ao Brasil como cônsul-geral da Prússia encarregado dos assuntos comerciais. Além das atividades inerentes ao cargo, participou da Sociedade Filantrópica Beneficente, ligada aos suiços alemães e foi ativo participante da praça do comércio. Desenhista amador, levou para a Alemanha desenhos do Rio que foram editados em Berlim com o titulo Saudades do Rio de Janeiro.

20. VIDAL, Emeric Essex. *Picturesque Illustrations of Rio de Janeiro*. Texto de G. Ferrez e E. Martins. Buenos Aires : Libreria L'Amateur, 1961. 24 aquar.

VIDAL, Emeric Essex, 1791-1861. Membro da marinha inglesa, prestou serviços na esquadra do Atlântico Sul, ocasião em que fixou em desenhos aspectos do Uruguai, Argentina e Brasil, entre os anos 1836-1837. Suas magníficas aquarelas estão reunidas em álbum impresso au pochoir; conhecem-se aspectos inusitados dos arrabaldes da cidade – Tijuca, Botafogo, Laranjeiras e uma excepcional festa a bordo da fragata inglesa ancorada no porto do Rio.

16

Colégio de Consultores

PREFÁCIO
Francisco Weffort
Sociólogo e professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Foi professor convidado da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos. Atualmente, é o Ministro da Cultura.

APRESENTAÇÃO
Eduardo Portella
É ensaísta, diretor da *Revista Tempo Brasileiro*, Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, diretor de pesquisa do Colégio do Brasil. Autor de vários livros, entre os quais, *Dimensões I*, *Teoria da comunicação literária* e *O intelectual e o poder*. Tem exercido diversas funções públicas, nacionais e internacionais, sempre nos campos da educação, ciência, cultura e comunicação. Atualmente preside a Fundação Biblioteca Nacional.

INTRODUÇÃO
Paulo Roberto Pereira
Curador do evento "500 Anos de Brasil na Biblioteca Nacional", em comemoração dos 190 anos de criação da Biblioteca Nacional e do V centenário do descobrimento do Brasil.

I. BRASIL DOS VIAJANTES
A) Viajantes do século XVI
Paulo Roberto Pereira
Doutor em Letras pela UFRJ. Professor de Literatura Brasileira na Universidade Federal Fluminense. Curador Associado do módulo "Carta de Caminha" na "Mostra do Redescobrimento", da Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais. Entre outras publicações, é autor de *Os três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil* (1999).

B) Viagens e história natural dos séculos XVII e XVIII
Ronald Raminelli
Doutor em História pela Universidade de São Paulo. Professor da Universidade Federal Fluminense. Autor de *Imagens da colonização*. Rio/São Paulo: Jorge Zahar Ed./Edusp, 1996.

C) Viajantes e naturalistas do século XIX
Lorelai Kury
Doutora em Histoire et Civilisations. Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, EHESS, França. Atuação profissional na Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ; Fundação Oswaldo Cruz/FIOCRUZ. Autora de *La Nature des Voyages. Utopies, méthodes, collections* (France, 1780-1830). Paris: L'Harmattan, 2000.

D) O Brasil visto pelos artistas viajantes oitocentistas
Vera Beatriz Siqueira
Doutora em História Social pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. Especialista em História da Arte e da Arquitetura no Brasil pela PUC/RJ. Principais atividades profissionais: professora adjunta de História da Arte, UERJ, e curadora do módulo "Escritas de viagem", da exposição "A Paisagem Carioca", Museu de Arte Moderna – Rio de Janeiro.

E) Viajantes estrangeiros no século XX
Guillermo Giucci
Doutor pela Universidade de Stanford (USA), é autor de *Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo* (Companhia das Letras, 1992). Foi professor visitante na Albert-Ludwigs Universitat (Freiburg, Alemanha) e na Universidade de Stanford.

Beatriz Jaguaribe
É formada em Literatura Comparada pela Universidade de Stanford (1986). Foi professora visitante nos departamentos de espanhol e português de Dartmouth College e Stanford University. Desde 1988 leciona na Escola de Comunicação da UFRJ. Em 1998 publicou o livro *Fins de século: cidade e cultura no Rio de Janeiro* (Rocco).

Karl Erik Schøllhammer
Professor associado do Departamento de Letras, PUC-Rio. Doutorado em Semiótica Geral, Aarhus Universitet, Dinamarca. Co-autor do livro *As linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

II. A IGREJA NO BRASIL COLONIAL
A) A Companhia de Jesus
Luiz Felipe Baêta Neves
Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ. Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ. Curador no Centro Cultural Banco do Brasil em agosto de 1998. Autor de *Vieira e a imaginação social jesuítica: Maranhão e Grão-Pará no século XVII*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

Maria Cristina Gioseffi
Mestrado em Psicologia e Práticas Sócio-Culturais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ. Autora de *Cotidiano é um mito ou a precariedade da existência*. Pesquisadora: FAPERJ/DNL, Fundação Biblioteca Nacional.

B) Irmandades e ordens religiosas
Riolando Azzi
Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ e em História pela Universidade Federal Fluminense/UFF Pesquisador do Centro João XXIII, Rio de Janeiro. Membro da Comissão de Estudos de História da Igreja Latino-Americana (CEHILA). Autor, entre outros, de *A cristandade colonial Mito e ideologia*, Petrópolis, Vozes, 1987.

C) A Inquisição e o cristão-novo
Ronaldo Vainfas
Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Professor Titular em História Moderna na Universidade Federal Fluminense/UFF Membro do Comitê Assessor de História da CAPES, desde 1997. Pesquisador do CNPq, desde 1990. Com vários livros publicados.

III. A PRESENÇA ESTRANGEIRA NO BRASIL COLONIAL
A) A França Antártica, a França Equinocial e os corsários franceses do século XVIII
Paulo Knauss
Doutor em História (UFF), professor do Departamento de História e Coordenador do Setor de Iconografia do Laboratório de História Oral e Iconografia/LABHOI da Universidade Federal Fluminense. Entre outras publicações, é autor de *Rio de Janeiro da pacificação; franceses e portugueses na disputa colonial* (1991).

B) Brasil e Espanha: do descobrimento ao governo dos Felipes, rumo às novas fronteiras sul-americanas
Roseli Santaella Stella
Doutora em História pela Universidade de São Paulo, secretária-geral da Associação Internacional Anchieta (AIA). Desde 1983, dedica-se ao tema do Brasil Filipino e seus desdobramentos. Coordenadora científica do *Projeto Resgate Barão do Rio Branco – Seção Espanha*, autora de *O domínio Espanhol no Brasil durante a monarquia dos Felipes*. São Paulo, UNIBERO/2000.

C) O Brasil holandês
Heloisa Meireles Gesteira
Mestre em História Social da Cultura pela PUC/RJ. Doutoranda em História pela Universidade Federal Fluminense. Autora de *O jardim Maurício: conhecimento e colonização da América durante o domínio batavo no Brasil.*

IV. A TRANSIÇÃO: DE COLÔNIA À CORTE
A) D. João VI no Brasil
Ismênia de Lima Martins
Doutora em História pela Universidade de São Paulo. Professora do Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Na UFF foi coordenadora de pós-graduação e Pró-Reitora de Extensão. Foi membro de comissões do MEC relativas à extensão universitária e à memória nacional. Atualmente é presidente da Sociedade de Amigos do Museu do Ingá e do Centro de Memória Fluminense.

C) A documentação política, 1808 a 1840: a Independência (1808-1822), o Primeiro Reinado (1822-1831), o período regencial (1831-1840)

José Murilo de Carvalho

Ph.D. em Ciência Política, Stanford,1975. Professor de Ciência Política da UFMG, do IUPERJ e de História na UFRJ. Pesquisador do The Institute for Advanced Study, Princeton, professor convidado das Universidades de Londres, Oxford, Leiden, Califórnia, Stanford e da Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales. Autor, entre outros, de *Os bestealizados*, 1987, e *A formação das almas*, 1991.

Lúcia Maria Bastos P. das Neves

Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (1992). Professora do Departamento de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ Pesquisador do CNPq. Autora de *O Império do Brasil*. RJ: Nova Fronteira, 1999 (em co-autoria com Humberto F. Machado)

Marcello Basile

Doutorando em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestrado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Premiação: Prêmio de Melhor Trabalho (1° lugar) da *XVII Jornada Interna de Iniciação Científica* do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.

D) Da Real Biblioteca à Biblioteca Nacional

Ana Virginia Pinheiro

É bibliotecária da Fundação Biblioteca Nacional e professora da Escola de Biblioteconomia da Universidade do Rio de Janeiro (UNI-RIO); mestre em *Administração Publica* (FGV/EBAP). Em 1986, ganhou o Prêmio Biblioteconomia e Documentação, do Instituto Nacional do Livro pela obra *Que é livro raro?* (Rio de Janeiro: Editora Presença).

V. O BRASIL IMPERIAL DE D. PEDRO II E O SÉCULO XIX

Lilia Moritz Schwarcz

É professora livre-docente no Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP). É autora, entre outros, de *O espetáculo das raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil do século XIX* (São Paulo, 1993) e *As barbas do imperador – d. Pedro II, um monarca nos trópicos* (São Paulo, Companhia das Letras, 1998, Prêmio Jabuti/Livro do Ano).

VI. O NEGRO NO BRASIL ESCRAVISTA

Mariza de Carvalho Soares

Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (1997). Professora adjunta do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Autora de *Devotos da cor. Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro (século XVIII)*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira (no prelo).

VII. A PRIMEIRA REPÚBLICA

Américo Freire

Doutor em História pela UFRJ. Atividades profissionais: coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Rio de Janeiro do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas. Professor do Mestrado em História da Universidade Severino Sombra, Vassouras/RJ. Professor do Colégio de Aplicação da UFRJ. Autor do livro *Uma capital para a República*. Rio de Janeiro: Revan, 2000

Lincoln Penna

Doutor em História Social (USP). Autor de *Uma história da República*, Rio, Nova Fronteira, 1989. *República brasileira*, Rio, Nova Fronteira, 1999. Atividades docentes: coordenador-geral de Pós-Graduação da USS/Vassouras-RJ. Professor do Programa de Pós-Graduação em História Social do IFCS/UFRJ.

VIII. MODERNIZAÇÃO DA ARTE E CULTURA NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Beatriz Resende

Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora de Literatura Comparada e Teoria Literária da Faculdade de Letras da UFRJ e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura. Foi representante do ministro da Cultura no Rio de Janeiro, de 1996 a abril de 1998, dirigindo a Delegacia Regional do MINC/RJ. Publicou *Cronistas do Rio; Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*.

IX. A ERA VARGAS: DOS ANOS 30 AOS ANOS 50

Maria Celina D'Araujo

Pós-doutora em Ciência Política junto ao Center for Latin America Studies, Universidade da Flórida; doutora em Ciência Política pelo IUPERJ. Professora de Ciência Política na Universidade Federal Fluminense e na Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro CPDOC/FGV.

X. BRASIL CONTEMPORÂNEO

A) Os anos JK

Marieta de Moraes Ferreira

É doutora em História pela Universidade Federal Fluminense; pós-doutorado na Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales-EHSS, Paris. É diretora do CPDOC/FGV; professora de História do IFCS/UFRJ; presidente da Associação Internacional de História Oral–IOHA, desde junho/2000.

Cláudia Mesquita

É mestre em História da Cultura pelo Instituto de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desde 1989 exerce a função de pesquisadora e coordenadora do Núcleo de História Oral da Fundação Museu da Imagem e do Som, instituição da qual atualmente é vice-presidente. Tem apresentado trabalhos em encontros de história oral e museologia.

B) Dos anos de chumbo à globalização

Carlos Fico

É doutor em História pela Universidade de São Paulo, professor de Teoria e Metodologia da História da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dentre outros livros, publicou *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil* (FGV, 1997), *O regime militar* (Saraiva, 1999) e *Ibase: usina de idéias e cidadania* (Garamond, 2000).

XI. REBELIÃO, SECESSÃO, REVOLUÇÃO: DAS INCONFIDÊNCIAS AOS GOLPES DE ESTADO

Afonso Carlos Marques dos Santos

Doutor em Ciências Humanas pela USP. Professor titular de Teoria e Metodologia da História do IFCS/UFRJ. Destacam-se entre os seus trabalhos: *No rascunho da nação: Inconfidência no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Biblioteca Carioca, 1992; *O Rio de Janeiro de Lima Barreto*. Rio de Janeiro, RIOARTE, 1983. É o atual coordenador do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ. Conselheiro estadual de cultura do Rio de Janeiro, em dois mandatos.

XII. A MULHER NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Mary Del Priore

Formada em História pela PUC/SP. Pós-graduada pela USP, onde leciona História do Brasil Colonial desde 1989. Autora de vários livros sobre o período, foi vencedora do prêmio "Casa Grande & Senzala", por duas vezes seguidas, além de ter sido agraciada com o Prêmio Jabuti em 1998. Como professora e escritora, colabora para jornais e periódicos no país.

XIII. A TIPOGRAFIA, O LIVRO, O JORNAL, A REVISTA, A CHARGE

Cybelle de Ipanema

Livre-docente e doutora pela UFRJ. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro. Primeira secretária do Instituto

Histórico e Geográfico Brasileiro; Acadêmica de Número da Academia Portuguesa da História, Principais trabalhos com Marcello de Ipanema: *A imprensa na Bahia*. Rio de Janeiro: 1977; *Imprensa fluminense*. Rio de Janeiro: 1985.

XIV. A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO PAÍS:

A) A cartografia: a constituição do pais como território

Max Justo Guedes

Titular da diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural da Marinha, e contra-almirante em 1998. Autor de *O descobrimento do Brasil e Brasil costa norte. cartografia portuguesa vetustíssima*, IHGB. É membro da Academia Portuguesa de História, da Academia de Marinha (Portugal) e da Real Academia de la História (Espanha). Atualmente é presidente de honra do Comitê Internacional de História da Náutica e da Hidrografia.

B) Do nascimento da fotografia ao livro fotográfico: um retrato da formação do Brasil

Joaquim Marçal Ferreira de Andrade

Mestrando em *Design* do Departamento de Artes e *Design* da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor adjunto de Fotografia no Departamento de Artes e *Design* da PUC/RJ. Chefe da Divisão de Iconografia da Biblioteca Nacional, a partir de 1996. Curador da exposição "A coleção do imperador – fotografia brasileira e estrangeira no século XIX" – Rio de Janeiro, São Paulo, Buenos Aires, Porto e Lisboa.

Késiah Pinheiro Viana

Bacharel em Biblioteconomia e Documentação na Universidade Federal Fluminense. Bibliotecária na Divisão de Iconografia da FBN.

XV. LETRAS E ARTES NO BRASIL

A) A poesia

Alexei Bueno

Escritor, editor, tradutor. Poeta com vasta obra publicada, editor da Nova Aguilar, tendo organizado a obra completa de vários autores brasileiros e portugueses. Colabora em diversos órgãos de imprensa no Brasil e no exterior. É atualmente diretor do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro (INEPAC).

B) Ficção em prosa

Ivo Barbieri

Livre-docente em Literatura Brasileira (UFF, 1975). Professor Titular de Literatura Brasileira na UERJ desde 1995. Foi vice-reitor (1984-87) e Reitor (1988-92) da UERJ. É editor da EdUERJ desde 1994 e presidente do conselho Superior da FAPERJ desde 1996. Livros publicados: *Oficina da palavra*. Rio de Janeiro, Achiamê, 1980. *Geometria da composição*. Rio de Janeiro, Sete Letras, 1997.

Marcus Vinicius Nogueira Soares

Doutor em Literatura Comparada pela UERJ. Atualmente, trabalha como professor substituto de Literatura Brasileira na UERJ. A mais recente publicação é o ensaio *Memórias de um sargento de milícias: um romance único*, publicado na revista *Portuguese Literary and Cultural Studies*, 4, University of Massachusetts Dartmouth, 2000.

Dau Bastos

Doutor em Literatura Comparada pela UERJ, onde leciona Literatura Brasileira. Escreveu artigos para publicações acadêmicas e periódicos como *Jornal do Brasil* e *O Globo*. Publicou sete livros, entre eles, o romance *Das tripas, coração*. Traduz das línguas inglesa e francesa.

C) O teatro

Décio de Almeida Prado

Principal estudioso do teatro brasileiro, com vasta obra publicada sobre a dramaturgia nacional. Falecido recentemente.

D) Os explicadores do Brasil

Sérgio Paulo Rouanet

Cursos de pós-graduação em economia, na Universidade de George Washington; em ciência política, na Universidade de Georgetown; e em filosofia, na New School for Social Research. Doutor em ciência política pela Universidade de São Paulo (USP), 1980. Membro da Academia Brasileira de Letras. Diplomata de carreira, foi embaixador em Copenhague e Praga. Autor da lei de incentivo à cultura que leva seu nome.

E) A historiografia da história do Brasil

Arno Wehling

Professor titular de Teoria da História da UFRJ e diretor do Curso de História da Universidade Gama Filho. Professor titular de História do Direito Luso-Brasileiro da UNI-RIO. Pesquisador do CNPq. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Com publicações nas áreas de Teoria da História/Historiografia e Instituição/História do Direito.

F) A música clássica

Vasco Mariz

Representante junto à OEA e embaixador do Brasil no Equador, Israel, Chipre, Peru e Alemanha. Como musicólogo, historiador e ensaísta, foi presidente do Conselho Interamericano de Música; Chefe do Departamento Cultural do Itamaraty, titular da Academia Brasileira de Música (que presidiu de 1991 a 1993). Obras: *Heitor Villa-Lobos, compositor brasileiro* (1948-1989), onze edições; *História da música no Brasil*, cinco edições,

XVI. A CIÊNCIA NO BRASIL

Ronaldo Rogério de Freitas Mourão

Doutor pela Universidade de Paris, astrônomo no Observatório Nacional e pesquisador no CNPq. Já publicou mais de sessenta livros entre eles *Dicionário enciclopédico de astronomia e astronáutica*, com cerca de 20 mil verbetes, único em seu gênero no mundo, editado pela Nova Fronteira. Pertence a inúmeras associações astronômicas internacionais. Idealizou e fundou, em março de 1984, o Museu de Astronomia e Ciências Afins.

XVII. A PAIXÃO DO BRASILEIRO

A) A música popular

Ricardo Cravo Albin

Formado em Direito pela Universidade do Brasil. Foi o estruturador e o primeiro diretor do Museu da Imagem e do Som. Autor, entre outros, de "MPB – A história de um século", edição trilíngüe da FUNARTE (1998); ocupou a presidência da Embrafilme e do Instituto Nacional de Cinema (1970 – 1971), e criou vários prêmios culturais, como Golfinho de Ouro, Estácio de Sá e a Coruja de Ouro.

B) A imagem do carnaval brasileiro: do entrudo aos nossos dias

Fred Góes

É compositor, dramaturgo e professor/doutor em Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ. É membro do Conselho de Cultura do Estado do Rio de Janeiro. É autor dos seguintes livros: O país do carnaval elétrico, Salvador, Corrupio,1982; *Gilberto Gil*, São Paulo, Brasiliense,1984; *O que é geração beat*, com André Bueno, e *50 anos de trio elétrico*. Salvador, Corrupio, 2000.

C) Brasil do futebol: a produção de milhões de reis em um século de paixão

Simoni Lahud Guedes

Mestre em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ, com a dissertação "O Futebol Brasileiro: instituição zero". Doutora em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ. Professora do Departamento de Antropologia, UFF. Pesquisadora do CNPq. Membro do Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisas, UFF. Autora de *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: 1998.

XVIII. OLHARES SOBRE O RIO DE JANEIRO

Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha

Bibliotecária e museóloga trabalhando durante 50 anos na Biblioteca Nacional. Dirigiu as Divisões de Iconografia de 1950 a 1976 e de Acervos Especiais entre 1976 e 1990. Autora de, entre outros, *Riscos iluminados de figurinho de brancos e negros de usos do Rio de Janeiro e Serro do Frio*, 1960; *O Rio de Janeiro através das estampas antigas*, 1965. *Thomas Ender, o artista de missão cientifica austríaca*, 1968

Ficha técnica

CATÁLOGO

Curador e organizador
Paulo Roberto Pereira

Designer
Victor Burton

Designers assistentes
Adriana Moreno e Miriam Lerner

Pesquisador
Marcos Rohen Bastos

Revisor
José Bernardino C. M. Vieira

Secretária
Iolanda S. dos Santos

Reproduções fotográficas
Jaime Acioli

EXPOSIÇÃO

Projeto da exposição

Arquitetura
Fernando Sendyk

Design
Victor Burton

Assistentes de projeto
Adriana Moreno, Paulo Cesar Rocha e José Cláudio Travassos Bastos

Montagem

Coordenação
Fernando Sendyk

Assistente
José Cláudio Travassos Bastos

Cenotécnica
Adonai Sigma

Iluminação
Valmyr Ferreira

Praticáveis
Rohr

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Departamento de Processos Técnicos

Cordenadoria de Preservação
Jayme Spinelli

Divisão de Conservação e Restauração
Maria Aparecida de Vries Marsico

Laboratório de Restauração
Liamara Leite Fanaia

Centro de Conservação e Encadernação
Elizabeth Moraes da Costa

Departamento de Planejamento e Administração

Assessoria de Planejamento e Administração
Ubaldo Miranda

Coordenadoria de Administração
José Elano de Assis

Divisão de Manutenção Administrativa
Moacir Firmino da Silva

Coordeandoria de Planejamento
Maria Eva da Silva

Serviço de Informática
Júlio Barboza Castro

Departamento Nacional do Livro

Coordenadoria de Editoração e Difusão do Livro
Marcus Venicio Ribeiro

Departamento de Referência e Difusão

Coordenadoria de Acervo Especializado
Georgina Staneck

Divisão de Iconografia
Joaquim Marçal F. de Andrade

Setor de Cartografia
Maria Dulce de Faria

Divisão de Obras Raras
Rejane Benning

Divisão de Manuscritos
Carmen Tereza Coelho Moreno

Divisão de Música e Arquivo Sonoro
Glicia Campos

Coordenadoria de Acervo Geral
Anna Naudi

Divisão de Obras Gerais
Vera Maria da Costa Califfa

Seção de Referência
Marina Cavalcanti

Divisão de Publicações Seriadas
Maria Angélica Brandão Varella

Divisão de Informação Documental
Eliane Perez

Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional/SABIN
Paulo Fernando Marcondes Ferraz

Agradecimentos

O conjunto que forma este projeto – a Exposição, o Catálogo e o livro *Brasiliana da Biblioteca Nacional – Guia das fontes sobre o Brasil* – só se tornou possível graças ao apoio do Ministério da Cultura, ao empenho da Presidência da Fundação Biblioteca Nacional e às empresas patrocinadora e colaboradora. Como curador desta exposição, quero ainda expressar o meu agradecimento e reconhecimento, pela participação direta ou indireta neste evento, aos técnicos da Fundação Biblioteca Nacional e, especialmentre, às seguintes pessoas:

Andrea Jakobsson
Ana Faufa
Ana Lúcia de Abreu
Ana Rosa Ahrends
Carlos Martins
Carlos Alberto Sepúlveda
Carlos Roberto Maciel Levy
Cilene da Cunha Pereira
Cláudio de Carvalho Xavier
Cristina Fragoso Pires
Fabiano Mello Andion Batista
Fernanda Elisa da Cunha Pereira
Fernanda Soares
Franco Portella
Helder Homem
José Mauro Gonçalves
Laurent Vidal
Lilian Barreto
Lúcia Nolasco
Marcos Rohen Bastos
Massaud Moisés
Mônica Carneiro Alves
Oswaldo Campos Mello
Patríca Cunha
Paulo Celso da Cunha Pereira
Ricardo Oiticica
Ronaldo Menegaz.

HISTORIA NATVRALIS
BRASILIAE,
Auſpicio et Beneficio
ILLUSTRISS. I. MAVRITII COM. NASSAV
ILLIUS PROVINCIÆ ET MARIS SUMMI PRÆFECTI ADORNATA
In qua
Non tantum Plantæ et Animalia, ſed et Indigenarum morbi, ingenia et mores deſcribuntur et Iconibus ſupra quingentas illuſtrantur.

ISBN 85 - 333 - 0120 - 0

Patrocínio

Realização

Colaboração